



Clássicos
Betânia

A incrível
história de
um homem
que se tornou
agente secreto
de Deus,
levando Bíblias
para os
cristãos
da Igreja
Perseguida.



Editora
Betânia

O CONTRA BANDISTA DE DEUS

Irmão André
John e Elizabeth Sherrill

DIGITALIZAÇÃO: [PREGADOR JOVEM](#)

Irmão André
John e Elizabeth Sherrill

O CONTRA BANDISTA DE DEUS

Editora  Betânia

BELO HORIZONTE
2008

Do Original*God's Smuggler*

© 1967 by Irmão André e

John e Elizabeth Sherrill

© 2008 by Editora Betânia

Publicado originalmente porThe New American Library, Inc.,
for The Fleming H. Revell Company
Westwood, New Jersey, 07675, EUA

Tradução

Adiel Almeida de Oliveira

Capa

Inventiva Comunicação

Composição e Impressão

Editora Betânia

Ficha catalográfica elaborada por Ligiana Clemente do Carmo Damiano. CRB 8/6219

Irmão André.

O contrabandista de Deus / Irmão André, John e Elizabeth Sherrill;
tradução de Adiel Almeida de Oliveira. – 3. ed. – Belo Horizonte: Betânia,
2008.

336 p.; 18 cm.

Título original: God's smuggler, c1967.

ISBN 978-85-358-0239-9

1. Irmão André – Biografia. 2. Missão Portas Abertas. 3. Cortina de
ferro. 4. Missões. I. Título. II. Sherrill, John. III. Sherrill, Elizabeth.CDD 266
922

1.ª edição, 1970 • 2.ª edição, 2003 • 3.ª edição, 2008

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer
outros, sem permissão por escrito dos editores.

Todos os direitos reservados pela

Editora Betânia S/C**Rua Padre Pedro Pinto, 2435, Venda Nova****31570-000 Belo Horizonte, MG****Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG****www.editorabetania.com.br**

ÍNDICE

Prefácio	5
Prefácio da Segunda Edição	7
1. Fumaça e Crostas de Pão	9
2. O Chapéu de Palha Amarelo	25
3. Uma Pedrinha Dentro do Coco	40
4. Uma Noite Tempestuosa	46
5. O Passo do Sim	57
6. O Jogo à Moda do Rei	78
7. Atrás da “Cortina de Ferro”	100
8. O Cálice do Sofrimento	113
9. Os Alicerces São Lançados	124
10. Lanternas nas Trevas	136
11. A Terceira Oração	149
12. A Igreja Falsa	170
13. Às Portas do Círculo Interior	184
14. Abraão, o Matador de Gigantes	195
15. A Estufa do Jardim	211
16. A Obra Começa a Expandir-se	225
17. Rússia à Primeira Vista	245
18. Para a Rússia, com Amor	251
19. Bíblias Para os Pastores Russos	263
20. O Dragão Acorda	274
21. Doze Apóstolos da Esperança	291

Apêndice	312
Apêndice da Segunda Edição	315
Acerca dos Autores	333
A Missão Portas Abertas	335

PREFÁCIO

Ninguém desconhece que a Rússia e outros países comunistas são, hoje, bem diferentes do que eram alguns anos atrás. Estão mais abertos, mais receptivos a novas idéias, mais acessíveis ao turista.

O que ocasionou essa mudança? Embora os grandes temas econômicos e políticos estejam sendo analisados pelos peritos, um fator pequeno, mas muito significativo, tem sido esquecido pela maioria. É a obra eficaz de um pequeno grupo de homens e mulheres comuns – de um só homem, a princípio – que fizeram a sua parte para mudar o curso da história.

Logo que ficamos conhecendo André, sentimos, imediatamente, que desejávamos divulgar sua história. Havia só um problema: muito do que se narrava nela não podia ser contado ainda, pois significaria ameaça de perigo para algumas pessoas. Mesmo na parte em que os fatos eram do domínio público, certos detalhes precisavam ser alterados. Na maioria dos casos, os verdadeiros nomes não poderiam ser mencionados; certos lugares e algumas datas precisariam ser modificados. E, é claro, as verdadeiras técnicas usadas para atravessar as fronteiras e levar a cabo o contrabando não podiam ser reveladas.

Porém, mesmo com todas essas precauções, a história resultante mostrou-se tão incomum, tão humana, tão

cheia de significado para o futuro de todos nós, que sentimos fortemente que precisava ser escrita já. André foi criado em uma cidadezinha holandesa típica, e era filho de um ferreiro não muito próspero. Como todo mundo na década de 50, ele percebeu que um terço do mundo estar sob regime comunista era um desafio tremendo para a nossa geração. Como nós, ele sabia que o bloco comunista estava fechado para o Ocidente – e certamente, em particular, para um indivíduo sozinho, sem apoio, como ele. Como todos nós, ele sabia que não poderia entrar na Rússia, nem na Hungria, nem na Albânia, nem na China, e começar a pregar um modo de vida diferente.

Neste ponto, sua história torna-se diferente da de qualquer outra pessoa do mundo. . .

– *John e Elizabeth Sherrill*
GUIDEPOSTS
Carmel, Nova Iorque

Prefácio da Segunda Edição

O “CONTRABANDISTA” EM NOSSA CASA

Estávamos na sala de visita de nossa casa, conversando com o Irmão André, então com trinta e poucos anos. Na ocasião, recolhíamos material para o livro *O Contrabandista de Deus*, e o crivávamos de perguntas a respeito de seu trabalho. Em dado momento, nossa filha Liz, de oito anos, chegou da escola e entrou na sala correndo. Achávamos num momento importante da entrevista. Falávamos sobre a ocasião em que ele se encontrara com Petroff, em Sofia. Entretanto, quando Liz, ou outro de nossos filhos aparecia, ele voltava toda a sua atenção para eles.

“Liz”, disse ele chamando a garota, “como foi a aula de ortografia hoje?”

Todos os dias ele lhe fazia a mesma pergunta, rindo às gargalhadas. Em seguida, resolveu interromper nossa entrevista para dar um passeio com a menina. Como é holandês, para ele, as dificuldades que temos com a ortografia constituem motivo de muito riso. É que, na sua língua – como explicou para nossos filhos – é fácil demais escrever. Grafa-se cada palavra do mesmo modo que se pronuncia. Ele achava altamente estranho que a escrita fosse tão difícil em nosso idioma (inglês).

E nesse ponto – e em tudo o mais, aliás – Liz estava perfeitamente de acordo com ele. Nossos três filhos eram loucos pelo Irmão André. Por estar distante dos próprios

filhos, sempre que podia, ele procurava a companhia dos nossos.

Quando eles retornaram da caminhada, pudemos continuar com a entrevista, mas não sem certa relutância por parte dele. O Irmão André não conseguia entender por que tínhamos tanto interesse em escrever aquele livro.

“Não consigo imaginar por que querem fazer um livro a meu respeito. Afinal sou um homem simples, filho de um ferreiro. Nem terminei os estudos.”

E obviamente esse era o aspecto mais inusitado de sua história. Como fora que Deus pudera escolher um homem com pouca instrução, sem mantenedores, sem o apoio de uma organização missionária, e ainda por cima com sérios problemas na coluna? E como esse homem conseguira realizar façanhas que pessoas capacitadas e bem-assistidas diziam ser impossíveis? Era por essa razão que nós e outras pessoas comuns achávamos tremendamente fascinantes as aventuras do Irmão André.

Parece incrível que já se passaram trinta e cinco anos desde que terminamos aquelas entrevistas e publicamos o livro *O Contrabandista de Deus*. E mais incrível ainda é o fato de que já foram impressos dez milhões de exemplares, em trinta e cinco línguas.

“E tem mais”, explicou o Irmão André, numa visita que nos fez no início de 2001. “Alguns crentes, de países pobres, publicaram centenas de milhares de exemplares, sem uma permissão oficial da editora. E distribuíram esses livros entre os irmãos para incentivá-los no trabalho cristão.”

E aqui nosso amigo fez uma pausa, e nos olhou meio de lado, com uma expressão de culpa.

“É...”, continuou. “Eu dei permissão para eles. Foi errado?”

Foi. Mas achamos bom ele ter feito isso. E cremos que Deus também achou.

— John e Elizabeth Sherrill



XXXXXXXXXXXX

I

XXXXXXXXXXXX

FUMAÇA E CROSTAS DE PÃO

Desde a primeira vez em que calcei tamancos de madeira – nós os chamamos *klompen*, na Holanda – eu sonhava com feitos heróicos. Imaginava que era espião em serviço na retaguarda do inimigo; que era um batedor solitário em território adversário, que rastejava por debaixo de arame farpado, enquanto projéteis luminosos ardiavam no ar, perto de mim.

É claro que não tínhamos inimigos verdadeiros, na minha cidade natal, em Witte – quando eu era pequeno – por isso, “brincávamos” de inimigo. Nós, garotos, utilizávamos os tamancos para lutar: qualquer menino que fosse atingido com um daqueles sapatos de madeira, o fora apenas porque não pegara o seu próprio, suficientemente rápido. Lembro-me do dia em que quebrei um tamanco na cabeça do meu amigo-inimigo Kees. O que nos deixou aterrorizados não foi o enorme galo que surgiu na testa dele, mas o tamanco quebrado. Eu e Kees esquecemos nossa guerra, para tentar consertá-lo. Porém, essa habilidade é coisa que só se consegue com o tempo, e naquela noite, o meu pai, que trabalhara arduamente como ferreiro o dia inteiro, teve de se tornar sapateiro também. Naquele dia papai já havia se levantado às cinco da madrugada, para regar e cuidar da horta que ajudava a alimentar seus seis filhos. Depois, pedalara

seis quilômetros até à ferraria, em Alkmaar. E agora, precisava passar boa parte da noite nesse conserto; fez um sulco na parte do tamanco que ficava no peito do pé, amarrou o arame ao redor do sulco, e repetiu o processo no salto, tudo para que eu pudesse ir à escola calçado.

“André, você precisa tomar mais cuidado!”, disse em voz bem alta. Papai era surdo, e em vez de falar, gritava. Eu o compreendia perfeitamente: ele não se referia a meus ossos e sangue, mas a bens que se conseguiam com dificuldade.

Havia uma certa família que freqüentemente fazia o papel do inimigo em minhas fantasias infantis. Era a família Whetstra.

Porque eu os escolhera como inimigos, não sei; talvez por terem sido eles os primeiros que começaram a falar em guerra com a Alemanha – assunto que não era popular em Witte. Além disso, eles eram bons crentes evangélicos. Os seus “Deus o abençoe” e “Se Deus quiser” demonstravam uma submissão por demais repugnante para um agente secreto da minha estatura. Por isso, na minha mente infantil, eles eram inimigos.

Lembro-me de uma vez em que passei diante da janela da cozinha, no momento em que a Sra. Whetstra estava pondo biscoitos no forno, para assar. Encostado na parede na frente da casa havia um pedaço de vidro novo, e eu tive uma idéia. Ali estava a minha oportunidade de ver se a sorridente família Whetstra era ou não capaz de ficar tão zangada como os outros holandeses. Peguei o pedaço de vidro e encaminhei-me furtivamente pelas “linhas inimigas” até à sua retaguarda. A casa dos Whetstra, como todas as da aldeia, tinha uma escada que levava ao telhado de sapé. Tirei o *klompen*, e subi. Silenciosamente, coloquei o pedaço de vidro sobre a chaminé; depois, esgueirei-me escada abaixo, e atravessei a rua, colocando-me fora do alcance da vista deles, atrás do carrinho de um peixeiro.

Não há dúvida de que a fumaça voltou chaminé abai-

xo. A cozinha encheu-se de fumaça que começou a sair pela janela aberta. A Sra. Whetstra correu para a cozinha, gritando, abriu a porta do forno, e começou a abanar a fumaça com o avental. O Sr. Whetstra correu para fora e olhou para a chaminé. Se eu esperava uma enxurrada de palavras holandeses, fiquei desapontado, mas a expressão do seu rosto, ao subir escada acima, demonstrava claramente seu aborrecimento, e considerei aquela uma tremenda vitória contra inimigos poderosíssimos.

Outro de meus inimigos favoritos era Ben, meu irmão mais velho. Como um típico irmão mais velho, Ben era apaixonado por trocas. Seu canto, em nosso dormitório do sótão, estava cheio de coisas que haviam pertencido a mim ou aos outros; algo que fora trocado por coisas de que nem nos lembrávamos mais. Seu maior tesouro era um cofre-porquinho, que pertencera à nossa irmã Maartje. Nele, Ben guardava os trocados que ganhava levando recados para o prefeito, ou cortando grama para a Srta. Meekle, nossa professora. Os acontecimentos da Alemanha estavam, então, nas manchetes dos jornais mais do que nunca, e em minhas fantasias, Ben se transformava em um alemão muito rico, fabricante de munições. Um dia, quando ele estava fora, ganhando mais uns trocados, tirei o porquinho da prateleira, introduzi uma faca na abertura, e virei o porquinho de cabeça para baixo. Depois de cerca de quinze minutos de fuga, em que escapei por pouco dos guardas de camisa marrom que patrulhavam seus domínios, eu consegui quase um florim do inimigo.

Aquela parte fora fácil. Muito mais difícil era a questão de o que fazer com o produto da pilhagem. Um florim valia bastante – era uma fortuna para uma criança de nossa cidadezinha. Chegar com todo aquele dinheiro na confeitaria, certamente levantaria suspeita.

Eureka! E se eu dissesse que havia achado? No dia seguinte, na escola, dirigi-me à professora e estendi a mão.

– Veja o que achei, Srta. Meekle.

A Srta. Meekle respirou fundo.

- André! Quanto dinheiro para um menino!
- Posso ficar com ele?
- Você não sabe a quem pertence?

Nem com muita tortura, eles arrancariam a verdade de mim.

– Não senhora. Achei na rua.

– Então você precisa levá-lo à polícia, André. Eles dirão a você o que fazer.

A polícia! Era algo com que eu não contava. Naquela tarde, com medo e tremendo, levei o dinheiro à própria fortaleza da lei e da justiça. Se nossa delegacia fosse realmente o quartel-general da Gestapo, eu não teria ficado mais amedrontado. Parecia-me que dinheiro roubado tinha uma aparência diferente, que revelaria sua origem. Contudo, aparentemente, eles creram na minha história, pois o comissário escreveu meu nome em um envelope, colocou o dinheiro dentro, e me disse que se ninguém o reclamasse dentro de um ano, ele seria meu.

Então, um ano depois, fiz minha viagem à confeitaria. Ben nunca deu falta dos trocados. Aquilo fez com que a brincadeira perdesse a graça; em vez do prazer de uma sabotagem de retaguarda, o doce tinha o gosto sem graça de um roubo comum.

Mais do que tudo, penso que meus sonhos de ação emocionante e minhas fantasias infundáveis eram uma forma de escapar do rádio de mamãe. Ela era semi-inválida. Seu coração fraco forçava-a a passar grande parte do dia sentada em uma cadeira, onde o seu consolo era o rádio. Mas ela o deixava sintonizado em uma só estação: a emissora evangélica de Amsterdã. Algumas vezes irradiavam hinos, outras vezes, pregação; para os meus ouvidos, aquilo era sempre enfadonho.

Mas para mamãe, não. Religião era a sua vida. Éramos pobres, mesmo segundo os padrões de Witte. Nossa casa era a menor da aldeia. Porém, à nossa porta afluía uma torrente interminável de mendigos, pregadores itinerantes, ciganos, pessoas que sabiam que seriam bem-

vindas à nossa mesa. Nessas noites, o queijo seria cortado em fatias mais finas, a sopa aumentada com água, mas o hóspede nunca seria rejeitado.

A economia era tão importante na religião de mamãe, quanto a hospitalidade. Com quatro anos eu era capaz de descascar batatas sem desperdiçar um milímetro. Quando eu tinha sete anos, as batatas passaram para meu irmão menor, Cornélio, e eu fui promovido para a alta responsabilidade de engraxar os sapatos. Não os *klompen* de todos os dias, mas os sapatos de couro, que usávamos aos domingos. E seria um desastre econômico se um par não durasse quinze anos. Mamãe dizia que eles deveriam brilhar muito, a ponto de o pregador fazer pala com as mãos, para proteger os olhos.

Pelo fato de mamãe não poder carregar peso, Ben lavava a roupa, toda semana. Realmente, ele apenas a colocava e tirava da tina, mas ela era lavada por umas pás que giravam, movidas por uma manivela de madeira. Aquela maravilha tecnológica era o orgulho da família. Revezávamo-nos, substituindo Ben no manejo da manivela, até ficarmos com os braços doendo.

O único membro da família que não trabalhava era o filho mais velho, Bastian. Dois anos mais velho do que Ben, e seis anos mais velho do que eu, Bastian nunca aprendera a fazer nenhuma das coisas que as outras pessoas faziam. Passava o dia sentado debaixo de um olmo, na estrada da represa, olhando o povo passar. Os habitantes de Witte se orgulhavam dos seus olmos. No meio de uma região pobre em árvores, havia uma em cada casa, e seus ramos se encontravam no alto, formando um arco verde sobre a rua. Por alguma razão desconhecida, Bastian nunca ficava sob a nossa árvore. O seu posto de observação era debaixo da terceira depois da nossa, e ele ficava ali o dia inteiro, até que um de nós o levasse para casa, na hora do jantar.

Depois de mamãe, penso que eu amava Bastian mais que qualquer outra pessoa. Quando os aldeões passavam

pelo olmo, chamavam-no, recebendo como resposta o seu sorriso acanhado e simpático.

“Ei, Bas!”

Durante anos ele ouviu essa frase tantas vezes, que por fim começou a repeti-la; as únicas palavras que ele aprendeu a falar.

Todavia, embora Bastian não fosse capaz de falar e nem mesmo de se vestir sozinho, tinha um talento estranho e notável. Em nossa pequena sala de estar, como na maioria das casas da Holanda, por volta de 1930, havia um pequeno órgão de foles. Papai era a única pessoa da família que conhecia música, e então, à noite, ele se assentava no pequeno banco, pedalando os foles, e fazendo soar os hinos de um velho hinário, enquanto todos nós cantávamos.

Todos menos Bastian. No instante em que a música começava, Bastian jogava-se no chão e se colocava sob o teclado, onde ele se agachava, fora do alcance dos pés de papai, e se comprimia contra o órgão. Papai tocava rudemente, cometia muitos erros, não só porque não podia ouvir bem a música, mas também porque o trabalho de manejar o martelo sobre a bigorna havia feito com que seus dedos se tornassem duros e grossos. Algumas noites, parecia que ele tocava tantas notas erradas quanto as que tocava certas.

Para Bastian, porém, aquilo não importava. Ele se comprimia contra a madeira, que vibrava, com uma expressão de êxtase estampada na face. De onde estava, não dava para ver que notas papai tocava, ou que botões ele puxava. Porém, de repente, Bastian se colocava de pé, e dava uns tapinhas no ombro de papai.

“Ei, Bas! Ei, Bas!” dizia ele.

Papai se levantava, e Bastian tomava lugar no banco. Ele sempre folheava um pouco o hinário, como vira papai fazer, e geralmente colocava o livro de cabeça para baixo. Depois, apertando os olhos, como papai fazia, começava a tocar. Tocava os hinos que papai tocara naquela noite, do começo ao fim. Mas não como papai os tocara — hesitante-

mente, toscamente, cheios de discordâncias. Bastian os tocava perfeitamente, sem um erro, com tão maravilhosa beleza que parava gente na rua para ouvir. Em noites de verão, quando a porta ficava aberta, uma pequena multidão se reunia em frente da nossa casa, muitos com lágrimas escorrendo pelo rosto. Quando Bastian tocava, era como se um anjo tivesse se assentado ao órgão.

O grande acontecimento da semana, sem dúvida, era a igreja. Witte está na região dos polders da Holanda — terra que gerações de holandeses roubaram ao mar, construindo diques — e como todas as aldeias dos polders, está situada ao longo de um dique. Tem só uma rua, que é a estrada que se dirige do norte para o sul, sobre o dique. As casas são verdadeiras ilhas, cada uma construída sobre uma elevação de terra, ligada à estrada por uma pinguela que passa por cima do canal de drenagem. Nas extremidades da cidade, nas elevações mais imponentes e mais altas de todas, há duas igrejas.

Ainda há muito ressentimento na Holanda entre católicos e protestantes, herança da época da ocupação espanhola. Durante a semana, o peixeiro conversa alegremente com o ferreiro, mas aos domingos o peixeiro se encaminha para o norte, com sua família, para a igreja romana, enquanto que o ferreiro leva a sua família para o sul, à igreja protestante, e quando passam um pelo outro na rua, nenhum deles parece notar o outro, nem para acenar um cumprimento.

Nossa família era exageradamente orgulhosa de suas tradições protestantes. Meu pai alegrava-se, penso eu, com o fato de nossa casa coincidir de estar exatamente na parte norte da cidade, pois isso lhe dava a oportunidade de demonstrar, por toda a extensão da aldeia, que estávamos indo na direção certa.

Devido à surdez de papai, sempre nos assentávamos no primeiro banco da igreja. O banco era pequeno demais para toda a família sentar-se junta, e eu dava um jeitinho de ficar para trás, deixando mamãe, papai e meus

irmãos entrarem primeiro. Então eu precisava ir para os bancos de trás, e “procurar um lugar ali”! Geralmente, o lugar que eu achava era do lado de fora da igreja. No inverno, eu esquiava nos canais congelados, com meus *klompen* de madeira. No verão, eu ficava sentado nos campos, tão quieto, que gralhas selvagens pousavam em meu ombro e bicavam minha orelha de leve.

Por uma espécie de instinto, eu sabia precisamente quando o culto terminaria, e me esgueirava de volta para um canto da igreja, no vestíbulo, exatamente quando os primeiros sofredores começavam a sair. Ficava perto do pregador – que nem uma vez deixou de notar a minha presença – e ouvia os comentários da congregação a respeito do sermão. Dessa forma, eu ficava sabendo qual fora o texto, o tema, enfim; algumas vezes até uma ilustração.

Isso era muito importante, porque se eu não ouvisse aquilo não poderia gozar a parte mais deliciosa da minha aventura semanal. Na Holanda, é costume as pessoas se reunirem nos lares, depois dos trabalhos da igreja. Três ingredientes sempre precisam estar presentes: café, fumaça de charutos, e uma discussão detalhada do sermão. Os homens de nossa aldeia só tinham possibilidade de fumar aqueles charutos compridos uma vez por semana. Todo domingo, enquanto as esposas coavam café bem forte, eles os desentocavam, e os acendiam com grande cerimônia. Até hoje, onde quer que eu sinta o cheiro de café e de fumaça de charutos, meu coração bate mais depressa; esse odor está associado a medo e emoção: será que mais uma vez eu conseguiria enganar meus pais, levando-os a pensarem que eu estivera na igreja?

“Parece-me que o pregador já usou Lucas 3.16 no mês passado”, dizia eu, sabendo muito bem que ele não usara, mas expondo dessa forma o fato de que eu sabia qual fora o texto da mensagem.

Ou então: “Não foi ótima aquela história a respeito

dos políticos?” usando um farrapo de conversa que eu ouvira. “Acho que o prefeito deve estar furioso.”

A técnica sempre dava certo. Hoje tremo ao pensar quão raramente eu assistira aos cultos, quando criança. Tremo ainda mais quando me lembro de que a minha família simples, confiadamente, jamais suspeitou.

Em 1939, o país inteiro viu o que os Whetstra já haviam visto: os alemães estavam empenhados em uma conquista da Europa que incluía a Holanda. Em nossa casa, raramente pensávamos nisso. Bastian estava doente; o médico dissera que ele estava com tuberculose. Mamãe e papai passaram a dormir em um colchão, na sala. Durante meses Bastian ficou no pequeno quarto deles, tossindo, tossindo, e seu corpo foi minguando, até que ele foi se transformando em um feixe de ossos e pele, na cama. O seu sofrimento era mais terrível do que o de uma pessoa normal, porque ele não podia nos dizer o que sentia.

Lembro-me de um dia, pouco depois do meu aniversário de 11 anos, em que me esgueirei para o quarto do doente, enquanto mamãe estava ocupada na cozinha. Era estritamente proibido entrar naquele quarto, pois a doença era contagiosa. Mas era isso mesmo que eu queria. Se Bastian ia morrer, então eu também queria morrer. Joguei-me sobre ele, e beijei-o inúmeras vezes na boca. Em julho de 1939, Bastian morreu, enquanto eu vendia saúde, como sempre. Senti que Deus me traíra duas vezes.

Dois meses depois, em setembro, nosso governo decretou mobilização geral. Pela primeira vez mamãe permitiu que se usasse o seu rádio para ouvir notícias. Nós o ligamos a todo volume, mas assim mesmo papai não conseguiu ouvir. Então minha irmãzinha Geltje ficava ao lado dele, gritando, em seu ouvido, as partes mais importantes das notícias.

“Todas as unidades de reservistas foram convocadas, papai!”

“Todos os carros particulares foram requisitados.”

À noitinha, o congestionamento de tráfego começara; o interminável congestionamento de trânsito que seria a nota característica dos meses antecedentes à invasão. Todos os automóveis da Holanda estavam na estrada. Parecia que havia tantos indo para o norte, quanto os que iam para o sul. Ninguém sabia para onde deveria ir, mas estava indo para lá o mais depressa possível. Dia após dia, vestido com minha calça larga e uma camisa folgada, eu ficava debaixo da árvore sob a qual Bastian costumava sentar-se e ficava observando. Ninguém falava muito.

Só o Sr. Whetstra parecia encontrar coragem para traduzir em palavras o que todos nós sabíamos. Não sei por que eu estava sendo atraído para a casa dos Whetstra desta vez, mas freqüentemente eu me surpreendia passando defronte à janela daquela cozinha.

– Boa-tarde, André.

– Boa-tarde, Sra. Whetstra.

– Fazendo um servicinho para sua mãe? É bom você comer um biscoito, que dá energia.

Ela pegava um prato de biscoitos e trazia até à janela.

O Sr. Whetstra, sentado à mesa da cozinha, levantava os olhos.

– É o pequeno André? Está querendo ver a mobilização pessoalmente?

– Sim, senhor.

Por alguma razão eu escondia o biscoito às costas.

– André, você precisa orar pelo nosso país todas as noites. Estamos para atravessar uma época muito difícil.

– Sim, senhor.

– O que é que alguns homens com espingardas podem fazer contra aviões e tanques?

– Sim, senhor.

– Eles devem chegar logo, André, com seus capacetes de aço e o seu “passo de ganso” e o seu ódio, e tudo o que temos é a oração.

O Sr. Whetstra chegava à janela, debruçava-se no parapeito:

– Você vai orar, André? Peça coragem para que façamos tudo que pudermos, e depois de termos feito tudo, ficarmos firmes. Você vai fazer isso, André?

– Sim, senhor.

– Você é um bom menino.

O Sr. Whetstra tirava a cabeça da janela.

– Agora vá fazer seu serviço.

Mas quando eu me virava e começava a descer rua abaixo, o Sr. Whetstra gritava para mim:

– Pode comer o biscoito. Oh, eu sei, algumas vezes aquele nosso velho forno faz muita fumaça. Mas ele está funcionando muito bem desde que coloquei vidro novo na janela.

Naquela noite, deitado na minha cama, no sótão, comecei a pensar no Sr. Whetstra. Então, ele sabia de tudo. Mas não havia contado ao meu pai, como qualquer outro adulto da cidade teria feito. Fiquei me indagando por quê. Também fiquei imaginando por que ele queria que eu orasse. Em que isso ajudaria? Deus jamais ouvia. Se os alemães realmente viessem, eu planejava prejudicá-los era ativamente, e não apenas com oração. Caí no sono, sonhando com os feitos heróicos que eu faria, sozinho, contra o invasor.

Em abril, Witte ficou apinhada de refugiados do pôlder que ficava a leste de nós. A Holanda estava bombardeando os seus próprios diques, inundando deliberadamente a terra que havia sido arrebatada do mar centímetro a centímetro, durante séculos, para retardar o exército alemão. Todas as casas, exceto a nossa, que era muito pequena, hospedava uma família desabrigada, proveniente da terra inundada; e a panela de sopa de mamãe fervia noite e dia.

Os alemães, porém, não vieram por terra. Os primeiros aviões sobrevoaram Witte na noite de 10 de maio de 1940. Passamos a noite na sala de estar, aconchegados um ao outro, incapazes de dormir. Durante todo o dia se-

guinte vimos aviões, e ouvimos a explosão das bombas no pequeno aeroporto militar, a quatro quilômetros, que estava sendo bombardeado. Era a data do meu décimo-segundo aniversário, mas ninguém se lembrou disso, nem mesmo eu.

Então os alemães bombardearam Rotterdam. O locutor da rádio de Hilversum, que estávamos escutando desde a mobilização, chorava ao ler a notícia. Rotterdam estava perdida. Em uma hora, uma cidade desaparecera do mapa. Era a *blitzkrieg*, um novo método de guerra. No dia seguinte a Holanda se rendeu.

Poucos dias depois, um pequeno tenente alemão gorducho, chegou em Witte em um carro militar, e estabeleceu-se na casa do prefeito. O grupo de soldados que o acompanhavam era, na maioria, de homens idosos: Witte não era suficientemente importante para ser ocupada por tropas de elite.

Durante algum tempo, eu realmente pus em ação as minhas fantasias de resistência. Muitas foram as noites em que eu me esgueirei da cama descalço, descí a escada do sótão, quando o relógio da cidade dava duas horas. Eu sabia que minha mãe me ouvira, por causa da mudança no ritmo regular da sua respiração, quando eu passava pelo quarto dela. Mas ela nunca me impediu. E na manhã seguinte, ela nunca perguntava o que acontecera ao nosso precioso açúcar, que era severamente racionado. Todo mundo na aldeia ficou alegre quando o carro do tenente começou a dar trabalho. As velas estavam sujas. O motor enguiçava. Alguém disse que havia açúcar no tanque de gasolina do carro do tenente; outros diziam que isso era impossível.

A comida nas cidades acabou antes de acabar em aldeias agrícolas como a nossa, e eu também usei esse fato na minha guerra de criança contra o inimigo. No primeiro verão, em certo dia quente, enchi uma cesta de repolhos e tomates, e andei os seis quilômetros, até Alkmaar. Uma loja, lá, ainda tinha um estoque de fogos juninos de

antes da guerra, e eu sabia que o proprietário queria verduras.

Pechinchei ao máximo, e enchi a minha cesta de bombinhas, colocando sobre elas as flores que eu apanhara com esse objetivo. O proprietário ficou olhando para mim, em silêncio. Depois, com uma decisão súbita, ele levou a mão debaixo do balcão e tirou uma bombinha mais forte.

– Não tenho mais comida.

– É melhor você ir para casa antes do toque de recolher.

Naquela noite em Witte, as tábuas do soalho do sótão rangeram outra vez, e novamente mamãe susteve a respiração. Saí descalço no meio da noite. Uma patrulha de quatro soldados de infantaria estava vindo para o norte, pela rua, em direção à nossa casa. A sombra das suas tochas tremulava em cada uma das casas, quando eles passavam por elas. Saí do portal, e me comprimi contra a parede do lado da casa, quando as passadas se aproximaram. No instante em que os soldados acabaram de passar, atravessei a pinguela entre nossa casa e o dique, e saí correndo pela estrada que havia sobre a represa, em direção ao sul, até à casa do prefeito. Seria simples acender a bombinha mais forte e deixá-la na porta, enquanto a patrulha estivesse na outra extremidade da cidade. Mas eu queria uma aventura mais emocionante. Eu era o corredor mais veloz da vila, e pensei que seria engraçado fazer aqueles velhos de botas pesadas correrem atrás de mim. Acho que nenhum deles tinha mais de cinquenta anos, mas para os meus olhos infantis eles pareciam anciãos.

Por isso, esperei até a patrulha virar-se para voltar pela rua. Pouco antes de eles chegarem à sede, acendi o pavio e corri.

“Alto!”

O facho de um farolete me focalizou, e eu ouvi o gatilho de um rifle ser armado. Eu não havia contado com as armas! Corri pela rua em ziguezague. Então a

bomba explodiu, e durante uma fração de segundo a atenção dos soldados foi desviada de mim. Corri pela primeira pinguela que encontrei, atravessei um jardim à toda, e me atirei num canteiro de repolho de uma horta. Durante quase uma hora eles me caçaram, gritando sílabas ásperas um para o outro, em alemão, até que por fim desistiram.

Estimulado por esse sucesso, comecei a disparar salvas de bombinhas mesmo durante o dia. Um dia, minha fuga terminou bem nos braços de um soldado. Correr seria admitir culpa. Mas em minhas mãos, eu tinha evidências claras: na mão esquerda, bombinhas; na direita, uma caixa de fósforos.

– *Du! Komm mal her!* (Você! Venha cá!)

Minhas mãos se fecharam, escondendo as bombinhas. Eu não tinha coragem de enfiá-las no bolso do paletó; certamente, seria o primeiro lugar em que ele iria olhar.

– *Hast du einen Feuerwerkskörper explodiert?* (Você está com foguetes aí?)

– *Feuerwerks?* (Foguetes?) Oh, não, senhor!

Agarrei as duas abas do paletó, com as mãos fechadas, e abri-o para que ele procurasse. O soldado me revistou dos pés à cabeça. Quando ele se virou, decepcionado, as bombinhas em minha mão estavam ensopadas de suor.

Contudo, à medida que a ocupação continuava, até eu me cansei das minhas brincadeiras. Em aldeias próximas à nossa, reféns estavam sendo enfileirados e mortos a tiros, e casas incendiadas até os alicerces; é que um verdadeiro movimento de resistência começou a tomar forma, e a enrijecer-se. As piadas a respeito dos alemães deixaram de ser engraçadas.

Por toda a Holanda havia *onderduikers* (literalmente, os escafandristas), homens e rapazes escondidos para escapar à deportação para os campos de trabalhos forçados da Alemanha. Ben, que tinha dezesseis anos quando

a guerra começou, escondeu-se em uma fazenda perto de Ermelo, logo no primeiro mês, e durante cinco anos não tivemos notícias dele.

A posse de um rádio foi declarada crime contra o novo regime. Escondemos o aparelho de mamãe em um vão que havia sob o telhado inclinado, e um a um nos enfiávamos ali para escutar as transmissões em holandeses, vindas da Inglaterra. Mais tarde, quando os ferroviários holandeses entraram em greve, chegamos a esconder alguns deles naquele lugar; e também sempre havia judeus que precisavam de esconderijo por uma noite em sua fuga para o litoral. Quando os alemães ficaram desesperados por falta de mão-de-obra, a pequena força de ocupação de Witte foi retirada. Então vieram as temidas *razzias*. Caminhões apareciam de repente nas aldeias, a qualquer hora do dia ou da noite, o dique era bloqueado em ambos os lados, enquanto esquadrões de soldados revistavam todas as casas, procurando homens fortes. Antes de completar quatorze anos, eu já fazia parte do grupo de homens e rapazes que fugia para os campos, ao primeiro sinal de um uniforme alemão. Corríamos através dos campos, agachados, pulávamos os canais, em direção ao pântano que ficava além da ferrovia. O dique da estrada de ferro era muito alto para se subir nele – poderíamos ser vistos – por isso mergulhávamos no largo canal que corria por debaixo da ponte da estrada de ferro, para sair do outro lado ensopados – arquejando e tremendo de frio. No fim da guerra, até o pequeno Cornélio e papai, embora surdo, estavam tomando parte na corrida para o pântano.

Entre uma *razzia* e outra, a vida era uma luta sem tréguas pela existência. A eletricidade era toda reservada para os alemães. Sem nada para mover as bombas, a água das chuvas formava poças profundas, estagnadas, nos campos. Em casa usávamos lamparinas a óleo, fazendo nós mesmos o óleo, com sementes de repolho. Não havia carvão; por isso, Witte cortou os seus olmos.

A árvore sob a qual Bastian costumava ficar foi cortada no segundo inverno.

Mas o principal inimigo, ainda pior do que o frio e os soldados, era a fome. Estávamos constante e interminavelmente famintos. Todos os alimentos eram requisitados para o *front*, tão logo eram colhidos. Meu pai cultivava a horta cuidadosamente como sempre, mas eram os alemães que levavam a maior parte do que se produzia. Durante anos, nossa família de seis membros viveu com a comida que dava para duas pessoas.

A princípio, podíamos aumentar esse quinhão desenterrando os bulbos de tulipa de nosso jardim, e comendo-os como batata. Depois, as tulipas também acabaram. Mamãe fingia que comia, mas muitas vezes eu a vi dividir a sua porção minúscula com os outros pratos. O seu único consolo era que Bastian não vivera para presenciar aquela situação. Ele nunca teria compreendido a razão da dor no estômago, a lareira apagada, a rua sem árvores.

Por fim, chegou o dia em que mamãe não conseguiu sair da cama. Se a libertação não viesse logo, sabíamos que ela iria morrer.

E então, na primavera de 1945, os alemães foram embora, e os canadenses tomaram o seu lugar. O povo aglomerou-se nas ruas, chorando de alegria. Mas eu não estava com o povo. Estava correndo com todas as forças para o acampamento canadense, a oito quilômetros de casa, onde consegui que me dessem um pouco de crostas de pão.

Pão! Literalmente, o pão da vida! Levei-o para casa, aos gritos de “Comida! Comida! Comida!” Quando mamãe fincou os dentes naquelas cascas secas de pão, lágrimas de gratidão a Deus rolaram pelas profundas rugas do seu rosto.

A guerra acabara.



=====

2

=====

O CHAPÉU DE PALHA AMARELO

Em uma tarde, no verão de 1945, vários meses depois da libertação, cheguei em casa e fui recebido por minha irmã menor, Geltje, com a notícia de que meu pai queria me ver.

“Ele está na horta”, disse ela.

Atravesei a cozinha escura, e saí para a horta, pisando devido à intensidade do Sol. Papai, com a enxada na mão, *klompen* nos pés, estava curvado sobre seus repolhos, arrancando as ervas daninhas com paciente amor. Dei a volta para ficar à sua frente, e gritei:

– O senhor quer falar comigo, papai?

Papai endireitou-se vagarosamente.

– Você tem dezessete anos, André.

Percebi imediatamente que direção a conversa ia tomar.

– Sim, senhor.

– O que é que você vai fazer na vida?

Eu gostaria que a sua voz não precisasse ser tão alta. Nem a minha, ao responder-lhe:

– Não sei, papai.

Agora papai iria perguntar-me por que eu não gostava de trabalhar como ferreiro. E perguntou mesmo. Depois, iria perguntar por que eu não continuava trabalhando de mecânico ajustador – profissão que eu tentara aprender durante a ocupação. Dito e feito. Eu sabia que

toda Witte estava ouvindo aquelas perguntas e as respostas vagas e evasivas com que eu procurava satisfazê-lo.

– Está na hora de você escolher uma profissão, André. No outono eu quero saber a sua decisão.

Meu pai encostou-se no cabo da enxada, e compreendi que a conversa terminara. Então eu tinha cerca de dois meses para decidir o que iria fazer na vida. Ora, eu já sabia o que queria: encontrar de alguma forma um modo de vida que fugisse do ordinário. Queria encontrar aventura. Sair de Witte, daquela mentalidade que parecia estar constantemente olhando para trás.

Mas eu também sabia que as minhas perspectivas não eram muito boas. A invasão alemã ocorrera quando eu estava na segunda série ginasial; haviam ocupado o edifício da escola, e aquilo fora o fim da minha instrução escolar.

A única coisa que eu sabia fazer bem era correr. Naquela tarde, saí descalço pelos pôlderes, correndo quilômetros seguidos pelas trilhas estreitas usadas pelos siti-antes. Depois de correr uns oito quilômetros, eu estava começando a esquentar. Atravessei correndo a cidadezinha onde eu havia comprado os fogos de artifício. Minha mente estava clara, agora, e funcionando bem.

Galguei o dique que me levaria de volta para Witte, com uma sensação crescente de que eu estava perto de achar a solução. Estava bem claro. Havia constante comentário nos jornais a respeito de rebelião armada nas colônias. As Índias Orientais Holandesas, recentemente recuperadas do Japão, estavam agora querendo proclamar sua independência da Holanda também. Diariamente éramos lembrados de que aquelas colônias eram solo holandês – tinham-no sido durante 350 anos. Por que é que os nossos exércitos não as reclamavam para a Coroa? Por quê?

Naquela noite eu anunciei à minha família que eu já sabia o que ia fazer na vida.

– O que é, André? perguntou Maartje.

– Ingressar no exército.

A reação de mamãe foi suster a respiração.

– Oh, André! Ela já havia visto exércitos demais. Será que sempre estaremos pensando em matar?

Mas meu pai e meus irmãos tinham uma opinião diferente. Na semana seguinte, tomei emprestada a bicicleta de papai, e pedalei até à Junta de Recrutamento, em Amsterdã. Quando a noite caiu, eu estava em casa de novo, muito diminuído aos meus próprios olhos. O exército só aceitava rapazes de dezessete anos no ano civil em que eles completavam dezoito. Eu só faria dezoito em maio de 1946!

Em janeiro, voltei, e desta vez fui aceito. Pouco depois eu estava me pavoneando em Witte, com minha farda nova, sem perceber que as calças eram pequenas demais, a jaqueta grande demais, e o efeito de conjunto, desequilibrado. Mas eu estava de viagem para retomar as nossas colônias para a rainha, e talvez agarrar alguns daqueles revolucionários imundos que todo mundo dizia que eram comunistas e bastardos. As duas palavras automaticamente andavam juntas.

As únicas pessoas que não me receberam com aplausos foram os Whetstra. Passei, desconjuntado, defronte à sua casa.

– Alô, André.

– Bom-dia, Sr. Whetstra.

– Como vão seu pai e sua mãe?

Será que ele não vira a farda? Virei-me, para que o Sol desse em cheio na fivela de bronze brilhante, à minha cintura. Por fim, deixei escapar:

– Eu me alistei, o senhor sabe. Vou para as Índias Orientais.

O Sr. Whetstra empertigou-se, como se para me observar melhor.

– Sim, estou vendo. Então, você vai em busca de aventuras. Vou orar por você, André. Vou orar para que a aventura que você encontrar o satisfaça.

Olhei para ele admirado. O que ele queria dizer com “aventura que satisfaça”? Qualquer tipo de aventura,

pensei, enquanto olhava para os campos planos que se estendiam a perder de vista em todas as direções; qualquer aventura satisfaria mais do que a longa hibernação daquela aldeia.

E então, saí de casa. Saí tanto emocional como fisicamente. Esforcei-me muito durante o treinamento básico, e senti que, pela primeira vez na vida, estava fazendo algo de que gostava.

Como eu gostava de ser tratado como adulto! Parte do meu treinamento fora feito na cidade de Gorkum. Todos os domingos eu ia à igreja não porque estivesse interessado no culto, mas porque depois podia contar com um convite para almoçar. Eu sempre gostava de contar aos meus hospedeiros que fora escolhido para um serviço especial na Indonésia.

“Dentro de poucas semanas”, eu dizia, empurrando dramaticamente a cadeira para trás, e dando uma profunda tragada no meu charuto domingueiro, “estarei em combate corpo-a-corpo com o inimigo.”

E depois, afetando um olhar distante, eu perguntava se eles se lembrariam de me escrever quando eu estivesse nas terras além-mar. Eles sempre diziam que sim, e antes de sair da Holanda, minha lista de correspondência continha setenta nomes.

Uma dessas pessoas era uma garota. Eu a conhecera da forma costumeira, depois de um culto, que nesse domingo, fora numa igreja reformada. Ela era a garota mais linda que eu já vira. Tinha mais ou menos a minha idade, pensei, era extremamente esbelta, com cabelos tão pretos que tinham um tom de azul. Mas o que me impressionou mais foi sua pele. Eu havia lido acerca de pele branca como a neve; mas era a primeira vez que via tal coisa. Depois de uma agradável soneca durante o sermão, fui pescar um convite. Parece que calculei o momento de sair com exatidão. A “Branca de Neve” estava à porta. Ela se apresentou.

– Meu nome é Thile, disse ela.

– O meu é André.

– Minha mãe quer saber se você gostaria de almoçar conosco.

– Gostaria muito, disse eu, e momentos depois eu deixava a igreja levando a princesa pelo braço.

O pai de Thile era peixeiro. Sua casa ficava sobre a peixaria, perto das docas de Gorkum, e durante o almoço o aroma agradável das docas se misturava com os odores de repolho cozido e presunto. Depois, sentamo-nos na sala de estar da família.

– Um charuto, André? perguntou o pai de Thile.

– Muito obrigado, senhor.

Escolhi um cuidadosamente, e rolei-o entre os dedos, como vira os homens de Witte fazer. Francamente, eu não gostava do sabor de charuto, mas a associação com a virilidade era tão íntima que eu poderia ter fumado corda, e teria gostado. Durante a hora do “café-e-charutos”, Thile sentou-se dando as costas para a janela, e o forte Sol de meio-dia fazia com que o seu cabelo parecesse mais azul do que nunca. Ela mal disse uma palavra, mas eu percebi que aquela garota iria ser uma das minhas correspondentes, e talvez, muito mais do que isso.

22 de novembro de 1946: meu último dia na pátria. Eu já me despedira de Thile, e das outras famílias de Gorkum. Agora estava na hora de me despedir da minha família.

Ah, se eu soubesse que era a última vez que veria mamãe! Eu teria agido de modo diferente do que agi. Não teria assumido aquela fachada de soldado valente partindo para a guerra. Mas eu não sabia, e dei um abraço em mamãe como se fosse uma obrigação. Eu achava que minha aparência era ótima. Por fim, tinha farda nas medidas certas, estava em excelente forma física, e o meu cabelo estava cortado curto, no estilo militar.

Quando eu estava para sair, mamãe tirou um pequeno livro de sob o seu avental. Percebi logo o que seria: a sua Bíblia.

– André, você leva isto com você?

Claro que eu disse “Sim”.

– Você vai lê-la, André?

Alguém é capaz de dizer “não” para a mãe? Pode-se deixar de fazer o que ela pede – mas ninguém é capaz de dizer “não”. Coloquei a Bíblia na mala de lona, o mais fundo que pude, e a esqueci.

Nosso navio de transporte, o *Sibajak*, ancorou na Indonésia pouco antes do Natal de 1946. Meu coração pulou de emoção, quando senti os fortes aromas tropicais, e vi os carregadores nus indo e vindo sobre as pranchas, sob o Sol inclemente. Eu nem imaginava que algumas semanas mais tarde estaria matando crianças e adultos desarmados iguais àquele povo que se aglomerava ao meu redor naquele dia.

Alguns mascates estavam vendendo macacos. Eles estavam amarrados, cada um a uma pequena corrente, e muitos haviam sido treinados para fazer piruetas. Fiquei fascinado com aquelas pequenas criaturas, e com suas faces sérias, enrugadas. Parei para ver um deles mais de perto.

“Não toque nele.”

Endireitei-me, e vi-me diante de um dos oficiais.

“Eles mordem, soldado.”

O oficial estava sorrindo, mas falava sério.

“A metade deles tem hidrofobia.”

O oficial se afastou, e eu encolhi a mão. O menino que estava vendendo os macacos saiu atrás do oficial, gritando com ele por ter estragado uma venda provável. Voltei para a fileira de soldados que desembarcavam, mas resolvi que haveria de possuir um macaco.

Os que eram qualificados foram separados do resto da tropa e enviados a uma ilha próxima, para serem treinados como guerrilheiros. Eu gostava de correr e saltar obstáculos difíceis, escalar muros, atravessar riachos pendurados em cipós, rastejar em bueiros, zigzaguear sob fogo de metralhadoras. Gostava ainda mais do treina-

mento de combate corpo-a-corpo, quando lidávamos com baionetas e facas, e treinávamos luta livre. Dávamos estocadas, e defendíamos-nos, tirando o corpo; avançávamos com os dedos enrijecidos, e enfrentávamos o inimigo com facas desembainhadas. Por alguma razão, nunca penetrou em mim o pensamento de que eu estava treinando para matar seres humanos.

Parte da instrução de um guerrilheiro militar era o desenvolvimento da autoconfiança. Mas para isso, eu não precisava de treinamento. Desde a infância eu tivera uma grande confiança – completamente infundada – na minha capacidade de fazer qualquer coisa que decidisse fazer.

Guiar uma carreta Bren, por exemplo. Eram pesados veículos blindados, montados sobre chassis de tratores. Guiá-los era difícil mesmo para alguém que soubesse guiar um automóvel – e eu não sabia. Mas todos os dias, quando saíamos para as manobras, eu ficava observando o motorista da carreta em que eu ia, até que concluí que já sabia como ela funcionava.

Sem o esperar, um dia tive a oportunidade de experimentar. Saindo do quartel da companhia, encontrei um oficial.

– Você é capaz de guiar uma carreta Bren, soldado?

Fiz continência apressada, e ainda mais apressado respondi:

– Sim, senhor.

– Bem, aquela ali precisa ir para a oficina. Vamos.

À nossa frente, junto à calçada, estava a carreta.

Trezentos metros além, estava a oficina. Mais sete carretas estavam estacionadas ali, uma junto à outra, esperando para serem consertadas. Subi rapidamente para o banco do motorista, e o oficial subiu para o assento ao meu lado. Olhei para o painel. À minha frente havia uma chave e eu me lembrei de que o motorista sempre dava uma volta nela, antes de tudo. De fato, o motor tossiu e depois pegou. Agora, qual daqueles pedais era o da embreagem? Apertei um deles, e ele foi até à tábua; acertara

duas vezes em seguida. Engatei uma marcha, tirei o pé da embreagem, e saltamos no espaço com um grande pulo, como um canguru.

O oficial olhou para mim de relance, mas não disse nada – nenhuma carreta Bren tem uma partida suave. Mas, enquanto eu rodava a toda velocidade pela rua do quartel, notei que ele estava se segurando com as duas mãos, e suas pernas estavam retesadas. Cobrimos os trezentos metros com apenas um quase-acidente – um sargento, que descobriu na mesma hora como era grande a velocidade das suas pernas – e então aproximamo-nos do grupo de carretas.

Foi aí que descobri que estava em apuros.

Eu não sabia onde era o freio.

Com as mãos e com os pés, tentei todos os botões e alavancas que pude encontrar. Entre as coisas que apercebi estava o acelerador, e com um novo ímpeto de energia, colidimos com a fila de carretas Bren que estavam estacionadas no meio-fio. Elas pularam para a frente, cada uma empurrando a outra, até que paramos, assobiando e fumegando; o motor por fim parara.

Olhei para o oficial. Ele estava olhando diretamente à sua frente, com os olhos arregalados, e suor ainda porejando do rosto. Saiu do carro, fez o sinal da cruz, e afastou-se sem ao menos se virar para olhar-me. O sargento correu para mim e tirou-me do banco do motorista.

– O que é que deu em você, soldado?

– Ele me perguntou se eu sabia guiar isto aqui, sargento. Ele não perguntou se eu sabia fazer parar!

Provavelmente, foi muita sorte minha que estivéssemos para sair na manhã seguinte, para realizar nossa primeira missão de combate. Estávamos sendo enviados, diziam, para substituir uma companhia de guerrilheiros cujas baixas haviam sido na proporção de três para cada quatro homens.

Ao alvorecer, estávamos voando para a frente de batalha. Logo percebi que estivera enganado a respeito daque-

la aventura. Não era pelo perigo – eu gostava de perigo – era o morticínio. Agora os alvos não eram mais pedaços de papel enfiados na terra, eram pais e irmãos como os meus. Muitas vezes os alvos nem eram militares.

O que é que eu estava fazendo? Como é que eu chegara ali? Eu estava mais desgostoso comigo mesmo do que pensara que poderia ficar.

E então, um dia, ocorreu o incidente que tem me perturbado desde então. Estávamos marchando por uma aldeia que ainda estava parcialmente habitada. Isso nos deixara despreocupados, pois achávamos que os comunistas não iriam minar uma aldeia em que ainda houvesse gente morando. Temíamos as minas mais que a qualquer outra coisa. Elas nos conservavam em um estado de medo perpétuo, pois temíamos que aqueles instrumentos mortíferos explodissem sob nossos pés e nos deixassem aleijados, condenados a nos arrastarmos pelo resto da vida. Havíamos estado em combate diariamente durante mais de três semanas, e os nervos de todos, na unidade, estavam à flor da pele. Então, quando a meio caminho daquela aldeia aparentemente pacífica, tropeçamos em um ninho de minas. A companhia inteira ficou frenética. Sem ordem, sem raciocínio, nós simplesmente começamos a atirar. Atiramos em tudo o que estivesse ao alcance da vista. Quando caímos em nós não havia ninguém vivo na aldeia. Cercamos a área minada, e passamos cuidadosamente pela aldeia, contemplando a desolação que havíamos criado. Nos limites da aldeia, eu vi um quadro que me deixou quase louco. Uma jovem mãe indonésia caíra ao chão, em uma poça do seu próprio sangue, com o filhinho ao seio. Ambos haviam sido mortos pela mesma bala.

Depois daquilo, creio que desejei morrer. Sei que nos dois anos seguintes, tornei-me famoso entre as tropas holandesas na Indonésia, por minhas loucas bravatas no campo de batalha. Comprei um chapéu de palha amarelo brilhante, e punha-o à cabeça quando em batalha. Era uma ousadia e um convite. “Estou aqui!” era como se dissesse.

“Atirem em mim!” Gradualmente reuni ao meu redor um grupo de rapazes que estavam agindo como eu, e nós inventamos um lema que pregamos no quadro de avisos do acampamento: “Seja esperto – perca a cabeça!”

Tudo o que fizemos durante aqueles dois anos, ou no campo de batalha, ou descansando no acampamento, era exagerado. Quando lutávamos, lutávamos como doidos. Quando bebíamos, bebíamos até perder os sentidos. Íamos juntos de bar em bar, arremessando as garrafas de gim vazias nas vitrinas das lojas locais.

Quando eu acordava, depois daquelas orgias, ficava imaginando por que estaria agindo daquela maneira, mas a pergunta sempre ficava sem resposta. Ocorreu-me certa vez que talvez o capelão pudesse me ajudar. Disseram-me que eu poderia encontrá-lo no bar dos oficiais, e quando o encontrei, ele estava tão embriagado e tagarela como todos os outros que estavam ali. Ele saiu para me atender, mas quando lhe falei por que viera, deu uma gargalhada e disse que eu precisava superar aquilo.

“Mas se você quiser, venha às reuniões religiosas antes da batalha, da próxima vez”, disse o capelão. “Dessa forma você poderá matar em estado de graça.”

Ele achou a própria piada muito engraçada, e voltou para dentro, para contá-la aos outros.

Assim, voltei-me para os meus correspondentes. Eu mantivera a palavra e escrevera para todas as pessoas a quem prometera. Tentei então falar da minha confusão com algumas delas. Em essência, todos responderam a mesma coisa:

“Você está lutando pelo seu país, André. Por isso, o resto não importa.”

Só uma pessoa disse mais do que isso. Thile. Ela me escreveu a respeito de culpa. Essa parte da sua carta tocou diretamente na minha ferida. Mas então, ela passou a falar de perdão. E foi aí que ela me perdeu. O meu senso de culpa estava me envolvendo como uma cadeia, e nada que eu fizesse – beber, lutar, escrever cartas, ou lê-las – nada parecia diminuir o aperto das suas garras em mim.

E então um dia, quando eu estava de folga, em Djakarta, andando pelo mercado, vi um pequeno gibão amarrado a um poste. Ele estava sentado no alto do poste, comendo uma fruta, e quando eu passei, ele pulou no meu ombro e me ofereceu um pedaço de laranja. Eu ri, e isso foi o suficiente para que o excelente vendedor indonésio viesse correndo.

– Parece que o macaco gosta do senhor.

Ri outra vez. O gibão piscou duas vezes, deliberadamente, e então mostrou-me os dentes no que poderia ser um sorriso.

– Quanto?

E foi dessa forma que adquiri um macaco. Levei-o para o acampamento comigo. A princípio, os outros rapazes ficaram fascinados.

– Ele morde?

– Só trapaceiros, disse eu.

Era uma brincadeira, que nada significava. Mas nem bem eu o dissera, o macaco pulou dos meus braços, balançou-se nos caibros do telhado, e aterrissou, dentre tantos lugares na sala que ele poderia ter escolhido, sobre a cabeça de um rapaz grandão que estivera ganhando no pôquer mais do que o normal. Ele deu um pulo de lado, agitando os braços, tentando tirar o macaco da sua cabeça. O acampamento inteiro ria às gargalhadas.

– Tire-o de mim! gritava Jan Zwart. Tire-o!

Estendi a mão, e o macaco correu para mim. Jan alisou o cabelo e arrumou a camisa, mas os seus olhos tinham um brilho assassino.

– Eu mato esse macaco, disse entre dentes.

Assim, no mesmo dia em que ganhei um amigo, perdi outro. Não fazia muito tempo que eu tinha o macaco quando notei que parecia que o seu estômago doía muito. Certo dia, enquanto o carregava, senti que parecia haver um fio, em torno da sua cintura. Coloquei-o na cama, e disse-lhe para ficar quieto. Cuidadosamente afastei o pêlo e vi o que era. Evidentemente, quando o gibão

era pequeno alguém o amarrara com um arame, e nunca mais o tirara. Quando o macaco cresceu, o arame enterrou-se na sua carne. Devia causar-lhe muita dor.

Naquela noite eu comecei a operação. Peguei minha navalha e cortei o pêlo do macaco numa faixa de dez centímetros de largura, em torno da sua cintura. O vergão descoberto era vermelho e de mau aspecto. Enquanto os outros rapazes na barraca olhavam, eu cortei a pele cuidadosamente, e o arame ficou exposto. O gibão ficou deitado, com uma paciência surpreendente. Mesmo quando eu o machucava, ele me olhava, como a dizer: “Eu compreendo”, até que por fim consegui tirar o arame. Instantaneamente ele pulou, deu uma pequena cambalhota, dançou no meu ombro, puxou o meu cabelo, para o deleite de todos os rapazes que estavam na barraca – exceto de Jan.

Depois daquilo, meu gibão e eu nos tornamos inseparáveis. Penso que me identifiquei com ele tanto quanto ele comigo. Acho que eu vi, no arame que o havia amarrado, uma espécie de paralelo com a cadeia de culpa que ainda era tão forte ao redor de mim mesmo – e na sua libertação, vi aquilo pelo que eu também ansiava. Sempre que não estava de serviço durante o dia, eu o levava a longos passeios pela floresta. Ele ia pulando atrás de mim, até ficar cansado. Então, com uma corridinha, ele me alcançava e, de um salto pendurava-se à minha bermuda, onde ficava balançando, até que eu o pegava e o colocava ao ombro. Juntos corríamos dezoito, vinte quilômetros, até que eu me jogava no chão, para dormir. Quase sempre havia macacos nas árvores, acima de nós. Meu pequeno gibão às vezes corria pelas copas das árvores para balançar-se e conversar com os outros. Da primeira vez que isso aconteceu, pensei que o havia perdido. Mas no instante em que me levantei para voltar, ouvi um guincho nos ramos acima da minha cabeça, um farfalhar de galhos, e o macaco jogou-se da árvore, caindo em meu ombro com um baque surdo.

Um dia, quando, cansado mas alegre, eu o trazia de

volta para o acampamento, encontrei uma carta do meu irmão Ben. Ele falava longamente de um funeral. Só aos poucos foi que entendi que era o de mamãe.

Aparentemente um telegrama fora enviado – mas nunca chegou. Percebi que ia chorar. Dei água ao macaco, e enquanto ele a estava bebendo, saí do acampamento. Eu não queria nem o gibão comigo. Corri durante muito tempo, até que comecei a sentir uma dor de lado. Percebi que eu sempre sentiria falta de mamãe.

E foi naquela semana que Jan Zwart vingou-se do macaco. Uma noite, quando voltei ao alojamento depois do meu quarto de guarda, fui recebido com a notícia:

– André, o macaquinho morreu.

– Morreu? ergui os olhos vagarosamente. O que aconteceu?

– Um dos rapazes pegou-o pelo rabo e ficou batendo-o na parede.

– Foi Jan?

O rapaz não respondeu.

– Onde está o macaco, agora?

– Lá fora. No mato.

Encontrei-o dobrado sobre um galho. O pior de tudo era que ele não estava bem morto. Peguei-o e levei-o de volta às barracas. O seu maxilar estava quebrado. Havia um grande talho no seu pescoço. Quando eu tentei dar-lhe água, ela saiu pelo talho. Jan Zwart observava-me cautelosamente, preparado para uma briga. Mas eu não briguei. Tantos choques seguidos haviam-me deixado abobalhado.

Durante os dez dias seguintes cuidei daquele macaco dia e noite. Costurei o seu pescoço, e dei-lhe a beber água com açúcar; massageei também seus pequenos músculos. Procurava conservá-lo sempre aquecido; coçava seu pêlo e conversava com ele. Era uma criatura que eu libertara da escravidão, e eu não iria deixá-lo morrer sem lutar.

Devagar, muito devagar, o gibão começou a comer, e depois a arrastar-se pela cama, e por fim a sentar-se e a ficar bravo comigo se eu me atrasava com suas refeições.

No fim de dois meses, ele estava correndo comigo outra vez, na floresta.

Mas ele nunca recuperou a confiança nas pessoas. Aquelas barracas eram um lugar de terror para ele. A única hora em que parava de tremer, quando havia alguém por perto, era quando ele estava bem agarrado ao meu braço, e com a cabeça escondida no meu peito.

Quando chegaram as notícias de que moveríamos um ataque de grandes proporções contra o inimigo, perguntei se alguém, que soubesse guiar, poderia levar a mim e ao meu gibão à floresta.

– Quero deixá-lo solto, e depois voltar depressa, disse eu. Alguém pode me levar?

– Eu vou.

Virei-me. Era Jan Zwart. Encarei-o por um longo tempo, mas ele não piscou.

– Está certo.

Enquanto entrávamos na floresta, expliquei ao macaco por que eu não podia mais ficar com ele. Por fim paramos. Quando o pus no chão, seus olhinhos espertos me olharam com uma expressão que parecia de compreensão. Ele não tentou pular de novo no jipe. Quando arrancamos, ficou lá sentado no chão, olhando para nós, até desaparecermos.

Na manhã seguinte, 12 de fevereiro de 1949, nossa unidade avançou ao alvorecer.

Foi bom eu ter deixado o macaco ir-se, pois nunca mais voltei ao acampamento.

Tentei, naquela missão, fazer as mesmas bravatas que fizera nas primeiras. Coloquei à cabeça o chapéu de palha amarelo, como antigamente. Gritei alto, xinguei, avancei com minha companhia dia a dia, mas minha rebeldia parecia ter-se evaporado.

E então, certa manhã, uma bala atingiu o meu tornozelo, e para mim a guerra acabou.

Aconteceu tão repentinamente e, a princípio, foi tão indolor, que eu não sabia o que havia acontecido. Haví-

amos todos caído em uma emboscada. O inimigo atacava de três lados, com uma força muitas vezes superior à nossa. Por que fui ferido no tornozelo, e não no chapéu de palha, não sei; mas quando estava correndo, de repente caí. Eu sabia que não havia tropeçado. Mas não podia me levantar. E então vi que minha bota direita tinha dois buracos. Estava saindo sangue de ambos.

“Estou ferido”, gritei calmamente.

Era simplesmente um fato, e eu o declarei como tal.

Um colega rolou-me para um buraco, fora das vistas do inimigo. Por fim, vieram os atendentes de primeiros socorros com uma padiola. Puseram-me nela, e começaram a levar-me dali, abaixados no buraco. Eu ainda estava com o chapéu amarelo, e recusei-me a tirá-lo, mesmo quando ele atraiu o fogo do inimigo. Uma bala chegou a atravessar sua copa, mas não me importei.

Horas depois, ainda com o chapéu de palha amarelo, fui levado para a mesa de operação em um hospital de campanha. Eles levaram duas horas e meia para costurar meu pé. Ouvi os médicos discutindo se deviam amputar ou não. A enfermeira pediu-me para tirar o chapéu, mas recusei.

“Você não sabe o que é isso?” perguntou o médico à enfermeira. “É o símbolo da unidade dele. Esses são os rapazes que ficaram espertos e perderam a cabeça.”

Mas eu não havia perdido a minha. Era a ironia final, o fracasso final. Eu nem conseguira fazer com que os meus miolos fossem estourados. Só um pé. Em toda a minha fúria de autodestruição eu nunca considerara essa possibilidade. Eu sempre me imaginara morrendo como que numa proclamação de desdém por toda a farsa humana. Mas viver – e aleijado! – era o pior de todos os destinos. Minha grande aventura fracassara. E o que era pior, eu estava com vinte anos, e descobrira que não havia nenhuma aventura verdadeira em parte alguma do mundo.

enfermaria do hospital, senti verdadeira agonia, procurando me lembrar exatamente do quê, em minha bebedeira, eu havia escrito. Bem, para essa amiga eu podia dizer adeus. O problema era que Thile não era apenas “uma amiga”. Era a melhor amiga que eu já tivera, e eu desejava que ela fosse muito mais do que isso.

Remexi-me na cama estreita – com a parte do corpo que podia mover – tentando desfazer o quadro de Thile lendo aquela carta.

E quando estendi o braço, minha mão caiu sobre o Livro.

Era a segunda coisa que os rapazes haviam feito por mim. Haviam encontrado a pequena Bíblia de minha mãe no fundo da mala de lona. Foi Jan Swart quem a trouxe, deixando-a acanhadamente no criado-mudo, pouco antes de sair.

“Este livro estava entre os seus pertences”, disse ele. “Não sei se você o queria.”

Agradei, mas não peguei o livro. Duvido que jamais o teria feito, se não fosse pelas freiras. O hospital ao qual eu fora levado era dirigido por irmãs franciscanas. Logo fiquei gostando de todas elas. Desde o alvorecer até à meia-noite, elas estavam ocupadas nas enfermarias, lavando urinóis, fazendo curativos em feridas, escrevendo cartas para nós, rindo, cantando. Nem uma vez ouvi-as queixarem-se.

Um dia perguntei à freira que viera me lavar como é que ela e as outras irmãs estavam sempre tão alegres.

“Bem, André, um bom rapaz holandês como você deve saber a resposta a essa pergunta. É o amor de Cristo.”

Ao dizer isso, seus olhos brilharam, e compreendi claramente que, para ela, aquela resposta era completa. Ela poderia ter falado a tarde inteira, mas não teria dito mais do que aquilo.

“Mas você está brincando comigo, não é?” perguntou ela, colocando a mão sobre a Bíblia, ali onde ela ficara, no criado-mudo. “A resposta está aqui.”

Assim, quando a minha mão inquieta se chocou novamente contra a Bíblia, eu a peguei. Durante os dois anos e meio que se haviam passado desde que minha mãe me havia dado a Bíblia, eu não a abrira nenhuma vez. Mas pensei nas irmãs, em sua alegria, sua tranqüilidade: “A resposta está aqui...” Apoiei o pequeno livro no peito, e com dedos inábeis virei as páginas até chegar a Gênesis 1.1.

Li a história da criação, e da entrada do pecado no mundo. Agora, não me parecia tão irreal como quando nossa professora primária lia em voz alta um capítulo toda tarde, enquanto, lá fora, os canais convidavam às travessuras. Continuei lendo, pulando grandes porções, folheando rapidamente para repetir a história lida. Por fim, muitos dias depois, cheguei ao Novo Testamento. Imóvel ali, engessado em uma bota coberta de autógrafos dos amigos, li todos os evangelhos, apreendendo, ainda que obscuramente, o seu tremendo significado. Será que tudo aquilo era verdade?

Quando eu estava no meio do Evangelho de João, chegou uma carta para mim. A caligrafia do envelope era conhecida. Thile! Com mãos trêmulas, rasguei a sobre-carta.

“Querido André”, eu li – Querido! A palavra que eu havia escrito tantas vezes para ela, mas nunca em uma carta que planejasse enviar – “Querido André, recebi uma carta de um rapaz que pensa que seu coração ficou duro. Mas seu coração já não está agüentando a amargura. Ele mostrou para mim um pouco daquela amargura, e fiquei orgulhosa com essa prova de confiança.”

Então seguia-se – quando, depois de sufocar a emoção, eu pude continuar lendo – (logo o quê!) um esboço de estudo bíblico! A Bíblia era o único lugar, escrevera Thile, onde a dor do coração humano podia ser compreendida em termos do amor de Deus.

Seguiram-se semanas maravilhosas, em que lemos a Bíblia juntos, um de cada lado do globo terrestre. Enchi inúmeras páginas com perguntas; Thile dirigiu-se a seu

pastor, à biblioteca, e às profundezas do seu próprio coração para encontrar as respostas.

Porém, à medida que os meses se passavam no hospital, quando o gesso ia sendo tirado pouco a pouco, e via a minha perna, agora encolhida, eu recordava as alegrias de correr, as quais eu jamais poderia gozar de novo, e descobri que estava me agarrando a uma profunda raiz de ressentimento, que era exatamente o oposto da alegria de que Thile e as freiras franciscanas estavam sempre falando.

Logo que pude andar, comecei a sair do hospital todas as noites, depois do jantar, para coxear dolorosamente até o bar mais próximo, e beber até o esquecimento. As freiras jamais falaram comigo a esse respeito. Pelo menos, não falaram diretamente. Mas, na véspera do dia em que eu deveria embarcar para a pátria, minha freira favorita, Irmã Patrícia, puxou uma cadeira para perto da minha cama.

– André, quero contar uma história para você. Você sabe como é que os nativos caçam macacos na floresta?

Minha face iluminou-se com a idéia de ouvir uma história de macacos.

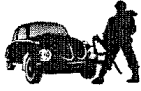
– Não. Conte-me.

– Bem, você sabe, os nativos sabem que um macaco jamais larga algo que deseja, mesmo que isto signifique perder a liberdade. Então, sabe o que eles fazem? Pegam um coco e fazem um buraco de tamanho suficiente apenas para a pata do macaco entrar. Depois eles jogam lá dentro uma pedrinha, e ficam atrás de uns arbustos esperando com uma rede. Mais cedo ou mais tarde, um mico curioso aparece. Ele pega o coco, e o chocalha. Olha pelo buraco. E então, por fim, enfia a pata no buraco, apalpa lá dentro, e encontra a pedra. Mas quando ele tenta tirá-la, descobre que não consegue passar a pata pelo buraco, sem deixar cair a pedra. E então, André, aquele macaco nunca largará o que pensa ser uma coisa preciosa. E a coisa mais fácil do mundo é apanhar alguém que age dessa forma.

A Irmã Patrícia levantou-se e colocou a cadeira junto à mesa. Fez uma pausa e olhou-me bem nos olhos.

– Você está segurando alguma coisa, André? Algo que está impedindo você de recuperar a liberdade?

E então ela foi embora. Eu sabia perfeitamente bem o que ela queria dizer. Eu também sabia que o seu sermão não era para mim. O dia seguinte ia ser grande em dois sentidos: era o meu vigésimo-primeiro aniversário, e era o dia em que o navio hospital partiria de volta à pátria. Para celebrar, reuni todos os sobreviventes que ainda podiam andar ou coxear, que haviam pertencido à companhia com a qual viera à Indonésia há três anos. Éramos oito. Divertimo-nos muito. Fizemos algazarra, gritamos, e nos embebedamos.



XXXXXXXXXXXX

4

XXXXXXXXXXXX

UMA NOITE TEMPESTUOSA

“André!”

Geltje atravessou correndo a pequena ponte, e abraçou-me com força. Virou-se e gritou:

“Maartje! Vá procurar papai! Diga-lhe que André chegou!”

Em um instante o pequeno jardim diante de nossa casa ficou cheio de gente. Maartje correu a beijar-me, antes de ir procurar papai. Ben estava ali, e a sua noiva também. Eles me disseram que esperaram para se casar quando eu pudesse estar na festa. Arie, marido de Geltje, juntou-se a nós. Cornélio, meu irmão mais novo, apertou-me a mão gravemente. Não podia tirar os olhos da minha bengala, e percebi que ele estava imaginando se eu estava gravemente ferido. Em meio a beijos e abraços, papai veio arrastando os pés pela casa; ele também já um pouco entrevado. Seus olhos castanhos estavam úmidos.

– Andrezinho! Que bom! Que bom que você está em casa de novo!

A voz de papai ainda era alta como sempre.

– Quando você quiser, André, disse Maartje depois que os primeiros cumprimentos acabaram, vou levar você para ver o túmulo de mamãe.

Eu disse que desejava ir imediatamente. O cemitério ficava apenas a uns quatrocentos metros de casa, mas até

para vencer aquela distância precisei tomar emprestada a bicicleta de papai, jogar a minha perna defeituosa sobre o selim, e impulsionar-me, meio a pé, meio de bicicleta.

– É bem ruim isso aí, não? perguntou Maartje.

– Eles acham que eu nunca mais vou andar direito.

A sepultura de mamãe ainda estava fresca. Havia flores novas em um pequeno vaso vermelho enterrado a meio no chão. Depois de algum tempo, Maartje e eu voltamos para casa em silêncio.

Naquela noite, porém, depois que escureceu, eu anunciei que queria tentar dar um passeio. Ninguém se ofereceu para ir comigo: todos sabiam o que eu ia fazer. Peguei a bicicleta outra vez, e saí saltitando e rodando rua acima. O cemitério estava banhado por um luar intenso, de lua cheia, e foi fácil encontrar o túmulo. Assentei-me no chão e disse as últimas palavras à minha mãe.

“Voltei, mamãe.”

Parecia natural conversar com ela.

“Eu não li a Bíblia, mamãe. A princípio não, mas li depois.”

Houve um longo silêncio.

“Mamãe, o que é que vou fazer agora? Eu não posso andar cem metros sem que a dor me faça parar. Você sabe que não sou bom para trabalhar de ferreiro. Há um centro de reabilitação no hospital, mas o que é que posso aprender lá? Sinto-me tão inútil, mamãe. E culpado. Culpado pelo tipo de vida que levei durante a guerra. Responda-me, mamãe.”

Porém não houve resposta nenhuma. O luar branco e frio caía sobre mim, sobre o túmulo e sobre todos os que estavam no cemitério: os mortos e os semimortos. Depois de meia hora, desisti de tentar voltar ao passado. Peguei a bicicleta e voltei para casa.

Geltje estava costurando, diante da mesa da cozinha.

“Estávamos conversando acerca de onde você pode-

ria dormir, André”, disse ela, sem levantar a cabeça. “Você acha que pode subir a escada?”

Olhei para o buraco no forro, acima de minha cabeça; então “ataquei” a escada. Galguei um degrau de cada vez, colocando na frente o meu pé bom e arrastando o outro atrás. A dor fez com que gotas de suor poressem na minha testa, mas virei a cabeça para que os outros não vissem. Minha velha cama estava esperando por mim, com lençóis limpos, arrumada convidativamente. Fiquei deitado durante muito tempo, olhando para o forro inclinado do sótão, e por fim – bem próximo das lágrimas, próximo demais para um homem de vinte e um anos – eu peguei no sono, me indagando o que acontecera à minha grande aventura.

Na manhã seguinte, tomando apenas minha bengala, saí coxeando, para reatar as relações com a aldeia. As pessoas que encontrei mostraram-se educadas, mas pareciam também embaraçadas. Olhavam desconfortavelmente para minha farda, e depois para o meu pé.

“Você se feriu nas Índias Orientais, não foi?” perguntavam.

Obviamente, a guerra não era popular na Holanda – suponho que as guerras perdidas nunca o são. Estava claro então que breve a Indonésia se tornaria independente, e assim era mais fácil fingir que sempre desejáramos que fosse. A volta dos veteranos tornava o fingimento mais difícil.

Por uma razão estranha que eu não podia compreender, a casa para a qual me dirigi foi a dos Whetstra. Encontrei a família em casa, e aceitei com prazer o convite para tomar um café. Sentamo-nos ao redor da mesa da cozinha, e o Sr. Whetstra me fez perguntas a respeito de Sukarno e dos comunistas, e por fim uma pergunta mais pessoal.

– Você encontrou a aventura que estava procurando, André?

Olhei para o chão.

– Não; na verdade, não, respondi.

– Bem, disse ele, só temos de continuar orando.

– Pedindo aventuras? Orando por mim? Senti um rubor de raiva subir por trás do meu pescoço. Claro. Eu serei um sucesso em qualquer aventura, agora. Quando ela aparecer, irei ao seu encontro, mancando.

Imediatamente, fiquei envergonhado. O que me levava a responder daquela forma? Saí de lá sentindo que havia estragado uma boa amizade.

Outra pessoa que eu estava ansioso para ver, era Kees. Encontrei-o em casa, no quarto, curvado sobre uma grande pilha de livros. Depois de um cumprimento um tanto forçado, peguei um dos livros e fiquei admirado de ver que era um tratado teológico.

– O que é isto? perguntei.

Kees tirou o livro de minhas mãos.

– Eu decidi o que vou fazer na vida.

– Você tem sorte. O que é? perguntei, mal crendo na resposta que eu sabia que ele iria me dar.

– Quero entrar para o ministério. O Pastor Vanderhoop está me ajudando.

Kees me fez ficar irritado, e eu saí de lá logo que pude, sem me mostrar mal-educado.

O hospital dos veteranos de Doorn era um enorme complexo de centros de tratamento, dormitórios, e unidades de reabilitação, mas sua qualidade principal era o enfado. Eu abominava os exercícios, detestava a escola profissional, mas a coisa que eu mais odiava era a terapia ocupacional.

Tínhamos de fazer vasos de barro grudento e duro. Eu nunca era capaz de acertar o ponto certo do barro. O truque era colocar o monte de barro precisamente no centro da roda de oleiro, e depois conservar a roda girando, enquanto os dedos davam a forma desejada à bola de barro. Não sei por que, eu nunca era capaz de descobrir

aquele centro. Ficava tão frustrado, que em mais de uma ocasião atirei minha bola de barro na parede.

Na primeira folga, em um fim de semana, fui ver Thile. No ônibus para Gorkum, fiquei pensando que poderia ser que ela não fosse tão bela como eu a lembrava. Então, quando entrei coxeando pela porta da peixaria do seu pai, vi que era. Seus olhos estavam mais negros, a pele mais linda do que a de qualquer outra moça do mundo. Mesmo com seu pai olhando para nós, nosso aperto de mão demorou mais do que o necessário.

– Bem-vindo, André.

O pai de Thile deu a volta no balcão, limpando escamas de peixe no avental. Sacudiu minha mão amistosamente.

– Fale-me das Índias!

Logo que pude, levei Thile para longe da peixaria. Passamos o resto da tarde conversando, sentados em um grande cabrestante, no cais. Contei-lhe acerca da minha volta ao lar, a respeito do marido de Geltje e do próximo casamento de Ben; contei-lhe a respeito do centro de reabilitação, como eu detestava ter de trabalhar com cerâmica; e embora eu soubesse que ela ficaria desapontada, contei-lhe que minha vida religiosa chegara a um ponto morto.

Thile estava olhando para a baía.

– Não obstante, disse ela suavemente, Deus não chegou a um ponto morto.

De repente, ela sorriu.

– Acho que você é como uma das suas bolas de argila, André. Deus tem um plano para você, e ele está tentando colocá-lo no centro desse plano, mas você continua se esquivando e saindo do lugar certo.

Ela voltou os olhos negros para mim.

– Quem sabe? Pode ser que ele deseje fazer de você algo maravilhoso!

Baixei os olhos e fingi grande interesse no toco de cigarro que eu estava esmagando contra o cabrestante.

– O quê, por exemplo? perguntei.

Thile olhou com desgosto para as muitas pontas de cigarro que eu jogara no quebra-mar, a nossos pés.

– Um cinzeiro, disse ela incisivamente. Quantos cigarros você fuma, André?

Eu já estava fumando três maços por dia.

– Não sei, menti.

– Bem, alguma coisa está fazendo você tossir. Acho que fumar não faz bem a você.

– Você está com planos de me aperfeiçoar, não é?

Eu não quisera dizer aquilo. Por que é que eu sempre estragava as coisas? Senti-me de repente muito longe de todo mundo – até de Thile. Ela não sabia o que era precisar morder os lábios com medo de que uma dor na perna fizesse a gente chorar; ou o que significava uma senhora se levantar em um ônibus para que a gente pudesse sentar. Despedi-me de Thile naquela tarde, sabendo que eu dissera todas as coisas que não quisera dizer, e nenhuma das coisas que quisera.

Passaram-se dois meses antes que alguém falasse comigo novamente a respeito de religião; não foi Thile, mas outra garota bonita.

Aconteceu em meio à manhã de um dia um tanto tempestuoso em setembro de 1949. Estávamos sentados na cama, lendo e escrevendo cartas, depois dos exercícios da manhã, quando a enfermeira entrou para anunciar uma visita. Não dei atenção, até que ouvi um assobio baixo sair dos lábios de vinte rapazes. Levantei os olhos. De pé, emoldurada pelos batentes da porta, meio sem jeito, apesar de parecer satisfeita, estava uma loura impressionante.

– Nada mal, sussurrou Pier, meu vizinho de cama.

– Eu não vou tomar muito do seu tempo, começou a moça. Só quero convidar vocês todos para participarem da reunião que teremos hoje à noite na tenda. Haverá um bom lanche.

– De que espécie? gritou alguém.

– E o ônibus sairá daqui às sete da noite; espero que vocês todos vão.

Os rapazes irromperam em aplausos frenéticos, exagerados, com gritos de “Bis! Bis!” enquanto a garota se retirava. Mas quando bateram as sete horas, todos nós estávamos esperando no saguão, bem limpos, com o cabelo duro de brilhantina. Pier e eu éramos os primeiros da fila. Estávamos tagarelas, não apenas por causa da noite que iríamos passar fora do hospital, mas também porque Pier correria até à cidadezinha e voltaria com a “nossa” resposta para a pergunta sobre que tipo de lanche iam servir. Quando o ônibus chegou ao terreno onde estava armada a tenda, a garrafa já estava meio vazia. Sentamo-nos no último banco da tenda, e acabamos de tomar o resto.

A maior parte dos rapazes achava que nossas palhaçadas eram engraçadas, mas as pessoas que estavam dirigindo a reunião não achavam graça. Finalmente, um homem de aparência diferente, de rosto magro e olhos profundos – o tipo de pessoa cuja aparência não me agradava – subiu à plataforma e anunciou que havia duas pessoas na congregação que estavam amarradas por forças que elas não podiam controlar.

Depois, fechando os olhos, começou uma longa e comovente oração, pelo bem-estar de nossa alma imortal. Reprimimos as risadas, a ponto de a garganta doer devido ao esforço. Mas quando por fim, como em um recitativo monótono, ele chamou-nos de “nossos irmãos sobre quem espíritos estranhos ganharam influência”, não pudemos segurar mais. Gritamos, vamos, debulhamo-nos em gargalhadas. Vendo que era impossível continuar orando, o homem mandou o coro cantar. O hino que eles cantaram foi “Deixa o meu povo ir”.

Logo, toda a congregação estava cantando o coro do hino: “Deixa o meu povo ir...” Repetidas vezes, essas palavras elevaram-se debaixo da grande tenda.

A reunião terminou, os veteranos marcharam para o

ônibus que os esperava, mas ainda dentro de minha cabeça as palavras continuaram soando: “Deixa o meu povo ir... deixa-me ir...”

Claro que é bobagem dizer que um simples hino – que eu apenas ouvira, e nem chegara a cantar – poderia tornar-se uma oração, e que Deus poderia atendê-la.

Não obstante, logo no dia seguinte, durante a temida aula de terapia ocupacional, aconteceu uma coisa estranha.

A despeito do fato de eu estar curtindo uma tremenda ressaca, não consegui fazer nada errado na minha roda. Sentei-me e atirei um pedaço de argila cinzenta na roda, e depois movi-o em direção ao centro, enquanto meu pé trabalhava devagar. Um vaso formou-se sob meus dedos.

Incrédulo, atirei outra bola de barro sobre a roda. Outra vez a vasilha tomou forma sem esforço, assumindo o formato que eu tivera em mente.

Naquele mesmo dia, mais tarde, uma coisa ainda mais esquisita aconteceu. Durante o período de descanso, à tarde, eu estava folheando as revistas que nos eram dadas, quando, de repente, minha mão agarrou a Bíblia que eu conservava no criado-mudo, como recordação da minha mãe. Eu não a lera desde que voltara para a Holanda. Mas naquela tarde, repentinamente, comecei a ler, e para minha admiração, eu a compreendi. Todas as passagens que haviam parecido tão confusas, quando eu lutara com elas anteriormente, surgiam agora diante de mim como uma história de ação em ritmo trepidante. Li durante todo o período de descanso, e tive de ser chamado duas vezes para o chá da tarde.

Eu ainda estava devorando a Bíblia quando, uma semana depois, a direção do hospital me disse que eu poderia começar a passar mais tempo nos fins de semana com minha família. Em casa continuei lendo, durante longo tempo, em minha cama no sótão. Geltje me trazia sopa, olhava-me para ver se tudo estava em ordem, e depois descia as escadas outra vez, sem dizer palavra.

O que estava acontecendo comigo? E então, comecei a ir à igreja. Eu, que nunca fora à igreja, comecei a frequentá-la com tal regularidade que toda a aldeia notou: não somente aos domingos de manhã, mas também aos domingos à noite e até nos cultos do meio da semana, às quartas-feiras, lá estava eu. Em novembro de 1949, dei baixa do exército. Com parte do meu soldo de despedida, comprei uma bicicleta nova e reluzente, e aprendi a pedalar impelindo o pedal com a perna boa. Ainda não era capaz de dar um só passo sem sentir dor, mas com duas rodas debaixo de mim, isso já não me importava muito. Então comecei a frequentar cultos em aldeias vizinhas também. Às segundas-feiras eu ia a uma reunião do Exército de Salvação, em Alkmaar. Às terças, pedalava até Amsterdã, para ir a uma igreja batista. Encontrei cultos em vários lugares, um para cada noite da semana. Em cada um eu tomava notas, cuidadosamente, do que o pregador dizia, e então passava a manhã seguinte procurando as passagens na Bíblia para ver se todas as coisas que ele dissera estavam realmente no Livro.

– André! Maartje subiu a escada, trazendo uma xícara de chá. André, posso ser franca com você?

Sentei-me na cama.

– Claro, Maartje.

– É só que estamos preocupados com o tempo que você está passando aqui em cima sozinho – sempre lendo a Bíblia. E indo à igreja todas as noites. Isto não é natural. O que aconteceu com você, André?

Sorri.

– Eu mesmo gostaria de saber!

– Não podemos deixar de nos preocupar, André. Papai também está preocupado. Ele diz... Ela parou, como se medindo as palavras. Papai diz que é neurose de guerra.

E com isso, ela recuou rapidamente escada abaixo.

Fiquei pensando no que ela dissera. Será que eu estava correndo o perigo de me tornar um fanático religioso?

Eu ouvira falar de pessoas que haviam perdido o juízo e ficavam andando à toa, repetindo versículos da Bíblia para todo mundo. Será que eu iria ficar assim?

Mas assim mesmo, aquele estranho impulso me fazia ir de bicicleta, de igreja em igreja, estudando, escutando, absorvendo. Pier me escreveu uma vez, pedindo-me para me encontrar com ele, sairmos para uma boa bebedeira à moda antiga, mas não respondi a carta. Eu pretendia fazê-lo, mas só fui encontrá-la várias semanas mais tarde, entre as últimas páginas de uma biografia de Hudson Taylor.

Por outro lado, comecei a passar cada vez mais tempo com Kees, e com a minha velha professora, a Srta. Meekle, e com os Whetstra, e é claro, mais do que nunca com Thile. Todas as semanas eu ia de bicicleta até Gorkum, para conversar com Thile a respeito das coisas que eu estava lendo e ouvindo. A essa época, estava muito frio para sentar no cais. Por isso, ficávamos tomando conta da peixaria, e entre um freguês e outro, conversávamos.

A princípio Thile ficou emocionada com as coisas que estavam acontecendo comigo, mas à medida que as semanas se transformaram em meses, e eu continuava a minha ronda incansável pelas igrejas, ela começou a ficar alarmada.

“Você não precisa ficar tão abrasado, André”, disse ela. “Você não acha que deve diminuir o ritmo um pouco? Leia alguns livros diferentes. Vá ao cinema de vez em quando.”

Não me incomodei. Nada no mundo me interessava, exceto a incrível viagem de descobrimentos em que eu estava empenhado. De tempos em tempos, também, Thile perguntava se eu havia encontrado um emprego. Este era um problema mais sério. Naturalmente, enquanto eu não tivesse emprego, não poderia sugerir a Thile o sonho que eu tivera havia muito tempo, para ela e para mim. Cheio de determinação comecei a procurar emprego.

Antes de encontrar um, todavia, um acontecimento-zinho sem importância mudou a direção da minha vida mais radicalmente do que a bala que havia arrebatado os ossos e músculos da minha perna há um ano. Foi numa noite tempestuosa no fim do inverno de 1950. Eu estava na cama. O granizo caía nos polders, como só acontece na Holanda, em meados de janeiro. Puxei as cobertas até o queixo, sabendo que lá fora, devido ao vento, o granizo estava caindo quase paralelo ao solo. Havia muitas vezes naquele vento. Ouvi a Irmã Patrícia: “O macaco jamais soltará...” Ouvi os cânticos debaixo da grande tenda: “Deixa o meu povo ir...”

O que é que eu estava segurando? Que é que estava me segurando? O que havia entre mim e a liberdade?

Toda a casa estava adormecida. Fiquei ali deitado de costas, com as mãos sob a cabeça, olhando para o forro escuro, e de repente, calmamente, rendi o meu “eu”. Havia uma nova nota no vento, que me gritava que não fosse tolo, mas entreguei-me a Deus – corpo, alma, e aventura. Não houve muita fé em minha oração. Eu só disse:

“Senhor, se tu me mostrares o caminho, eu te seguirei. Amém.”

Foi simples assim.



5

O PASSO DO SIM

Dormi naquela noite com os sons do vento tempestuoso gritando para mim. Curiosamente, embora eu tivesse atirado fora todos os resquícios de autodefesa, senti-me seguro de um modo que jamais sentira.

Pela manhã, acordei com uma alegria borbulhando em mim, que precisava contar a alguém. Eu não podia contar para minha família; eles já estavam preocupados demais comigo. Restavam os Whetstra e Kees.

Os Whetstra entenderam imediatamente.

“Louvado seja Deus!” gritou Filipe Whetstra.

Aquela frase me incomodou um pouco, mas o tom de sua voz aqueceu meu coração. Os Whetstra não pareciam pensar que eu fizera algo estranho ou anormal. Usaram palavras como “nascido de novo”, mas a despeito da linguagem esquisita, captei a idéia de que o passo que eu dera me situara em uma estrada onde muitos outros já haviam passado.

Kees também, quando lhe contei, reconheceu a experiência imediatamente. Ele estava sentado à sua escrivaninha, rodeado pelos seus inevitáveis livros. Olhou-me gravemente.

“Há um nome para o que lhe aconteceu”, disse ele, batendo em um volume de aspecto particularmente proibitivo. “É a chamada ‘crise de conversão’. Estou in-

teressado em ver, André, se modificações profundas se seguirão a isso.”

Para minha surpresa, porém, quando fui ver Thile, ela não pareceu tão contente como os outros.

“Não é isso o que o povo faz nas concentrações evangelísticas?” perguntou ela.

Pobre Thile, ela iria ter outro choque pior do que o primeiro. Algumas semanas mais tarde, no começo da primavera de 1950, fui a Amsterdã com Kees, para ouvir um conhecido evangelista holandês, Arne Donker. Perto do fim do sermão, o Pastor Donker interrompeu-o para falar outra coisa.

“Amigos”, disse ele, “esta noite, sinto que uma coisa muito especial vai acontecer nesta reunião. Há alguém no meio do auditório que deseja se entregar para o trabalho missionário.”

Sensacionalismo, pensei. Ele combinou com alguém que está no meio do povo, para levantar-se agora, e correr para a frente, adicionando um pouco de emoção ao culto. Mas o Sr. Donker continuou a perscrutar o auditório.

O silêncio do auditório, sob seu olhar penetrante, tornou-se opressivo. Kees também achava o mesmo.

“Detesto coisas assim”, disse ele num sussurro. “Vamos sair daqui.”

Começamos a andar para a ponta da fileira em que estávamos sentados. As cabeças de todos se voltaram ansiosamente. Sentamo-nos novamente.

– Bem, disse o Sr. Donker por fim. Deus sabe quem é. Ele sabe quem é essa pessoa a quem uma vida de riscos e perigos perpétuos está esperando. Penso que, provavelmente, é uma pessoa jovem. Um moço.

Agora, por todo o auditório, havia gente olhando para trás, para ver se achava a pessoa a quem o pregador se referia. E então, em obediência a um impulso que eu jamais compreenderei, tanto Kees como eu ficamos de pé.

– Ah, sim, disse o pregador. Aí estão vocês. Dois jovens! Esplêndido! Vocês querem vir à frente?

Com um suspiro, eu e Kees descemos pelo comprido corredor, até à frente do salão, onde nos ajoelhamos, como em um sonho, e ouvimos o Sr. Donker fazer uma oração por nós. Enquanto ele orava, eu só podia pensar no que Thile diria: “Realmente, André!” Ela ficaria chocada e magoada. “Você acabou indo até o altar!”

Mas o pior ainda estava para vir. Depois que terminou a oração, o pregador disse a Kees e a mim que queria ver-nos depois do culto. Relutantemente, e suspeitando um pouco que ele fosse um hipnotizador, ficamos. Quando o auditório ficou vazio, o Sr. Donker perguntou nosso nome.

– André e Kees, repetiu ele. Bem, rapazes, vocês estão prontos para a primeira tarefa?

Antes que eu tivesse a oportunidade de protestar, o pregador continuou:

– Ótimo! Quero que vocês voltem às cidades de onde vieram – de onde vocês vieram, rapazes?

– De Witte.

– Os dois de Witte? Excelente! Quero que vocês voltem a Witte e realizem um culto ao ar livre em frente à prefeitura. Vocês estarão seguindo o padrão bíblico; Jesus disse aos discípulos que espalhassem as boas-novas “começando em Jerusalém”. Eles tinham de começar a pregar nos próprios quintais.

As palavras explodiram uma a uma em meu cérebro, como morteiros. Será que aquele homem sabia o que estava pedindo?

– Oh, eu vou estar lá com vocês, rapazes! continuou o Sr. Donker. Não precisam ficar alarmados a esse respeito. É só questão de se acostumar. Eu falarei em primeiro lugar.

Eu mal escutava. Em vez disso, estava me lembrando de como eu detestava pregadores de rua, de qualquer tipo. Mais palavras penetraram em minha mente:

– Assim, então, temos um encontro marcado. Sábado à tarde, em Witte.

– Sim, senhor, disse eu, pretendendo realmente dizer não.

– E você, meu filho? perguntou o Sr. Donker a Kees.

– Sim, senhor.

Eu e Kees viajamos de ônibus para casa, em um silêncio sepulcral, cada um culpando secretamente o outro por nos ter colocado naquela situação.

Ninguém, em Witte, perdeu aquela reunião. Até os cachorros da aldeia apareceram para o *show*. Estávamos em uma pequena plataforma feita de caixotes, olhando para um mar de rostos conhecidos. Alguns estavam rindo abertamente, outros apenas sorrindo. Uns poucos, como os Whetstra e a Srta. Meekle, faziam sinais de encorajamento.

A meia hora seguinte foi um pesadelo. Não me lembro de coisa alguma que o Sr. Donker e Kees falaram. Só me lembro do instante em que o Sr. Donker virou-se para mim e ficou esperando. Dei um passo à frente, e um terrível silêncio baixou sobre a multidão. Outro passo, e eu estava na beira da plataforma, contente pelas largas calças holandesas, que escondiam meus joelhos trêmulos.

Não consegui me lembrar de nada do que preparara para falar. Então, tudo o que eu pude fazer foi contar como me sentira imundo e culpado, quando voltara da Indonésia. E como eu carregara o fardo do que eu era e do que desejava da vida, até que uma noite, durante uma tempestade, largara o fardo. Contei-lhes como eu me sentira livre desde então – isto é, até que o Sr. Donker, ali ao meu lado, me prendera na armadilha das suas palavras, dizendo que eu desejava tornar-me missionário.

“Mas vocês sabem”, disse eu ao povo de minha cidade natal, “pode ser que eu os surpreenda a esse respeito.”

Eu quase tremia de medo, ao pensar no meu próximo encontro com Thile. É difícil contar à garota com quem se espera casar, que a gente repentinamente decidiu ser missionário. Que espécie de vida seria a que eu ofereceria a ela? Trabalho árduo, salário baixo, e talvez desagradáveis condições de vida em algum lugar distante.

Como poderia eu sugerir uma vida assim para ela, a

não ser que ela também se dedicasse de corpo e alma à mesma idéia?

E assim, na semana seguinte, comecei minha campanha para transformar Thile em missionária. Contei-lhe a respeito do momento, na reunião, quando a convicção me empolgara, e como, desde então, eu tivera a certeza de que a mão de Deus estava naquela escolha.

Por estranho que pareça, o que era mais difícil de Thile aceitar, parecia não serem os rigores da vida missionária, mas o fato de que eu fora à frente diante de todo aquele povo.

“Em uma coisa, porém, eu concordo com o Sr. Donker”, disse ela. “O lugar certo para começar qualquer missão é em casa. Por que é que você não arruma um emprego perto de Witte, e considera aquela região como o seu campo missionário, a princípio? Logo você descobrirá se dá para ser missionário ou não.”

Aquilo parecia acertado. A maior indústria que havia perto de Witte era uma grande fábrica de chocolate, Ringers, em Alkmaar. Arie, o marido de Geltje, trabalhava lá, e quando falei com ele, disse-me que daria uma palavra a meu favor, na seção de pessoal.

Na noite anterior à minha ida a Alkmaar para solicitar o emprego, tive um sonho maravilhoso. A fábrica estava cheia de gente desesperada, infeliz, que notou imediatamente que eu tinha uma coisa diferente. Todos se aglomeraram ao meu redor, perguntando qual era o meu segredo. Quando eu lhes contei, a verdade começou a manifestar-se nas suas faces. Ajoelhamos juntos...

Eu fiquei muito triste quando tive de acordar.

Sentei-me no banco de madeira, do lado de fora da seção pessoal da fábrica Ringers. Um cheiro adocicado de chocolate, pesado e nada agradável, flutuava no ar.

– O seguinte!

Entrei porta adentro tão garbosamente quanto possível; eu havia deixado a bengala em casa. Andar ainda me era

penoso mas, a não ser quando estava cansado, eu conseguia me apoiar no tornozelo que tinha sido ferido, sem coxear. O diretor do departamento pessoal, de sobrolhos carregados, estava lendo o prontuário à sua frente.

– Baixa por ordem médica, leu ele em voz alta. Olhou para mim desconfiado. O que é que há com você?

– Nada, disse, sentindo o sangue afluir para o rosto. Posso fazer qualquer coisa que qualquer pessoa aqui pode fazer.

– Você é irritadiço, não?

Mas ele me deu emprego. Eu devia contar as caixas, no fim de uma das unidades de empacotamento, depois levá-las num carrinho até a expedição. Um rapaz de rosto inexpressivo guiou-me através de um labirinto de corredores e escadas, e por fim empurrou uma porta que dava para uma enorme sala onde talvez duzentas moças estavam enfileiradas ao redor de uma dúzia de correias transportadoras. Ele me deixou diante de uma delas.

– Meninas, este é o André. Divirtam-se.

Para o meu assombro, um coro de assobios saudou essa apresentação. Depois, insinuações em voz alta:

– Ei, Rute, que tal você achou?

– Não se pode dizer só olhando.

Depois seguiu-se uma conversa de banheiro, impublicável. Nem mesmo os meus anos no exército haviam me preparado para a linguagem que ouvi naquela manhã.

A líder das piadas, descobri logo, era uma garota chamada Greetje. Seu assunto favorito era sodomia: ela especulava em voz alta a respeito de que animal poderia fazer par comigo. Dei graças quando o meu carrinho ficou cheio, e pude escapar durante alguns minutos para o que parecia o santuário da companhia masculina, na expedição.

Depressa demais, o carrinho foi descarregado, e tive de voltar, e enfrentar, outra vez, o coro de assobios no salão. “Isto pode ser um campo missionário, Senhor”, pensei, enquanto pegava o recibo das caixas, no guichê

da apontadora, no centro da sala. “Mas não para mim. Eu nunca aprenderia a conversar com essas moças. Elas não aceitariam nada do que eu dissesse, e ...”

Parei. Sorrindo para mim através da repartição de vidro da cabine da apontadora, estavam os olhos mais ternos que eu já vira. Eram castanhos. Não, eram verdes. E ela era muito jovem. Loura, esbelta, ela não deveria ter vinte anos ainda, e tinha o cargo de maior responsabilidade daquele andar: o controle das ordens de trabalho e dos recibos do trabalho terminado. E quando estendi o meu recibo pelo guichê, seu sorriso tornou-se uma risada.

“Não se impressione com elas”, disse-me suavemente. “Esse é o tratamento que dispensam a todo empregado novo. Daqui a um ou dois dias, farão isso com outro.”

Meu coração transbordou de gratidão. Ela me estendeu uma nova ordem de expedição, tirada da pilha que estava diante dela, mas eu fiquei ali, olhando para ela. Em uma sala em que todas as mulheres usavam pó de arroz e ruge em quantidade suficiente para fazer a maquilagem de todo um circo, ali estava uma garota sem pintura nenhuma. Só o colorido natural da sua pele jovem se destacava daqueles olhos que nunca tinham a mesma cor duas vezes seguidas.

Quanto mais eu olhava para ela, mais se firmava em mim a certeza de que eu a vira antes. Mas perguntar-lhe isso pareceria chavão. Relutantemente, voltei para a linha de montagem.

As horas pareciam arrastar-se. Ao fim do longo dia que passei de pé, todo o passo que eu dava, apoiado naquele tornozelo, era uma agonia. Embora tentasse não mancar, não pude deixar de fazê-lo. Greetje notou-o imediatamente.

– O que é que há, André? gritou ela. Você caiu da cama?

– Índias Orientais, disse eu, esperando fazê-la calar-se.

O grito de triunfo de Greetje pôde ser ouvido por todo o salão.

– Temos um herói de guerra, meninas! É verdade o

que dizem a respeito de Sukarno, André? Será que ele gosta de mulheres jovens, mesmo?

Foi o pior erro que eu poderia ter cometido. Durante vários dias – muito depois de minha presença ter perdido o valor da novidade para elas – as garotas me interrogavam a respeito do que elas imaginavam ser a vida exótica do Oriente.

Mais de uma vez, tive vontade de deixar o trabalho, completamente chateado devido à conversa delas, sempre no mesmo assunto; não o fiz por causa dos olhos sorridentes que ficavam atrás daquela repartição de vidro. Comecei a ir ali, mesmo quando não tinha nenhum recibo para entregar. Algumas vezes, juntamente com o recibo, eu passava, disfarçadamente, um pequeno bilhete: “Você está muito bonita hoje”, ou “Meia hora atrás, você parecia zangada. Qual é o problema?” Eu ficava imaginando o que será que ela pensava da conversa que ouvia, e afinal de contas, o que ela estava fazendo em um lugar como aquele. E sempre, eu era assaltado pela idéia de que já a vira anteriormente.

Só quando já trabalhava na fábrica há um mês, foi que criei coragem de dizer para ela:

– Estou preocupado com você. Você é muito jovem e muito bonita para estar trabalhando com esta turma.

A garota jogou a cabeça para trás e riu.

– Puxa, vovô! disse ela. Que idéias quadradas você tem! Na verdade – ela encostou-se no guichê – elas não são uma turma ruim. A maioria delas só precisa de amigos, e elas não conhecem outra maneira de consegui-los.

Ela me olhou, como se pensando se podia confiar em mim.

– Sabe, disse ela suavemente, eu sou crente. É por isso que vim trabalhar aqui.

Engoli em seco, admirado com a minha colega missionária. E imediatamente lembrei-me de onde eu havia visto o seu rosto. O hospital dos veteranos! Esta era a garota que nos havia convidado para a reunião na tenda! E aquele fora o lugar onde...

Tropecei nas palavras, na minha ansiedade de contar-lhe tudo o que havia acontecido, e como eu viera trabalhar ali na fábrica Ringers com a mesma missão que ela. O seu nome, disse-me ela, era Corrie van Dam. E daquele dia em diante, eu e Corrie trabalhamos em equipe. Meu trabalho de apanhar as caixas prontas me obrigava a andar constantemente pelas filas de empacotadoras, e eu ficava de olho, procurando alguém que tivesse algum problema. Eu avisava Corrie, que podia conversar com a moça em particular, quando ela se dirigisse ao guichê para pegar outra ordem de trabalho.

Dessa forma nós finalmente encontramos um grupinho de pessoas interessadas nas mesmas coisas que nós. O evangelista inglês Sidney Wilson estava realizando “fins de semana para a mocidade” na Holanda, por essa ocasião, e nós começamos a comparecer às reuniões.

Uma das primeiras pessoas que foi conosco era uma moça cega e aleijada, que trabalhava junto à mesma correia transportadora que Greetje. Amy sabia ler em Braille, e mostrou-me como ela picotava letras, para outros cegos, com um pequeno picotador de mão. Eu também comprei um, e uma cópia do alfabeto Braille, e deixava notas em Braille na correia transportadora de chocolates, que os ágeis dedos de Amy encontravam.

Sem dúvida, isso era demais para que Greetje deixasse passar em branco.

– Amy! ela berrou do outro lado da fila de moças que trabalhavam. Quanto ele está oferecendo desta vez?

Durante muito tempo, Amy aceitou as zombarias com bom humor. Mas um dia, quando voltei da expedição, encontrei-a piscando os olhos opacos, como a reprimir lágrimas.

– Estou vendo, berrou Greetje, que você não tem certeza.

Ela deu uma olhada para mim e riu maliciosamente.

– Todos os homens são iguais no escuro, não é, Amy? gritou ela.

Parei de imediato na porta. Eu havia orado naquela manhã, como sempre fazia, enquanto pedalava para o trabalho, pedindo a Deus que me dissesse o que eu devia falar às pessoas. A ordem que eu parecia estar recebendo agora era tão inesperada, que eu mal podia crer nela, mas ela era tão clara que obedeci sem pensar.

– Greetje, gritei através da sala, feche essa boca! E fique calada!

Greetje ficou tão surpresa, que o seu queixo, literalmente, caiu. Eu mesmo estava surpreso. Mas eu tinha de continuar, ou perderia a oportunidade.

– Greetje, continuei, ainda gritando do outro lado da grande sala, o ônibus que vai para o local das conferências, sábado, sai às nove da manhã. Quero que você vá.

– Está bom.

A sua resposta veio imediatamente, em monossílabos. Esperei para ver se não se seguiria uma piada, mas notei que agora era Greetje quem estava piscando. Quando voltei ao meu trabalho de encher caixas, notei que toda a sala estava estranhamente silenciosa. Todos estavam um pouco espantados com os acontecimentos.

E no sábado, Greetje estava no ônibus. Aquilo me surpreendeu mais do que tudo. Não obstante, ela estava agindo da maneira de costume, fazendo-nos saber que estava indo apenas para ver o que acontecia realmente depois que as luzes se apagavam.

No local das conferências, Greetje continuou a mesma. Durante as reuniões ela não parou de fazer comentários em voz alta, enquanto algumas pessoas contavam como Deus estava operando uma transformação em suas vidas. Entre uma reunião e outra, Greetje lia fotonovelas.

No domingo à tarde o ônibus nos levou de volta a Alkmaar. Eu havia deixado minha bicicleta na rodoviária. Greetje vivia numa cidade próxima a Witte. Fiquei pensando em quais seriam as minhas chances de persuadi-la a ir comigo, na garupa da bicicleta. Seria uma oportunidade maravilhosa de contar com a sua atenção ininterrupta.

– Você aceita uma carona para casa, Greetje? Quer economizar a passagem de ônibus?

Greetje mordeu os lábios, e percebi que ela estava calculando as desvantagens de precisar viajar comigo, em relação ao preço da passagem de ônibus. Finalmente, ela encolheu os ombros e sentou-se no bagageiro da minha bicicleta. Dei uma piscadela para Corrie, e saí.

Logo que saímos para o campo, eu pensava em apresentar a Greetje a sua necessidade de Deus. Porém, para meu assombro, a ordem clara que veio desta vez foi: “Nem uma palavra acerca de religião. Só admire o cenário”.

Mais uma vez, eu mal podia crer que estava ouvindo corretamente. Mas obedeci. Durante toda a viagem, não falei nem uma palavra a respeito de religião à minha “prisioneira”. Pelo contrário, falei a respeito dos campos de tulipa pelos quais estávamos passando, e descobri que ela também havia comido bulbos de tulipa durante a guerra. Quando chegamos na sua rua, ela chegou a me apresentar com um sorriso.

No dia seguinte, na fábrica, Corrie veio ao meu encontro com os olhos brilhando.

– O que é que você falou para Greetje? Alguma coisa espetacular deve ter acontecido!

– O que é que você quer dizer? Eu não falei nem uma palavra.

Porém, a verdade foi que durante toda a manhã Greetje não fez nenhum gracejo imoral. Amy derrubou uma caixa de bombons. Foi Greetje quem se ajoelhou e catou-os para ela. Na hora do almoço, ela colocou sua travessa ao lado da minha, na mesma mesa.

– Posso sentar com você?

– Claro, disse eu.

– Você sabe o que eu pensei? começou Greetje. Pensei que você iria me pressionar para “fazer uma decisão por Cristo”, como eles dizem naquelas reuniões. Eu não iria dar atenção. Mas então você não disse nenhuma palavra. Agora... não ria, viu?

– Claro que não.

– Comecei a pensar: “Será que o André acha que eu fui longe demais, ao ponto em que não há mais jeito para mim? Será por isso que ele não se interessa em falar a respeito de Deus comigo?” E então eu comecei a imaginar se talvez eu fora *mesmo* longe demais. Será que Deus ainda atenderia se eu pedisse perdão? Será que ele me deixaria começar tudo de novo, como aqueles caras diziam? De qualquer forma, eu lhe pedi perdão. Foi uma oração muito engraçada, mas eu estava falando sério. Então, André, eu comecei a chorar. Chorei quase a noite toda, mas esta manhã eu me sinto muito bem.

Era a primeira conversação que eu testemunhava. Da noite para o dia, Greetje era uma pessoa transformada. Ou melhor, era a mesma pessoa com uma tremenda adição: ela ainda era líder, ainda falava o tempo todo – mas que diferença! Quando Greetje parou de contar histórias obscenas, muitas das outras garotas também pararam. Um grupo de oração foi iniciado na fábrica, e Greetje ficou encarregada dos convites. Se o filho de alguém estava doente, se o esposo de outra estava desempregado, Greetje descobria isso, e pobre do operário que não pusesse algum dinheiro no chapéu. A transformação daquela moça foi completa e permanente. Noite após noite, na minha cama no sótão, lá em Witte, eu dormia agradecendo a Deus por ter permitido que eu tivesse uma participação na sua transformação. Aquela fábrica era um lugar diferente. E tudo aconteceu através da obediência.

Um dia, quando eu pedalava portão adentro, uma surpresa me esperava.

– O Sr. Ringers quer falar com você, disse Corrie.

“O Sr. Ringers!” Eu devia estar em sérias dificuldades. Talvez ele tivesse descoberto que eu estava pregando religião na hora de trabalho. Uma secretária abriu a porta do escritório particular do presidente. O Sr. Ringers estava sentado em uma poltrona forrada de couro, e fez

sinal para que eu me assentasse em outra. Sentei-me na beirada da almofada.

– André, disse o Sr. Ringers, você se lembra dos testes psicológicos que realizamos cerca de duas semanas atrás?

– Sim, senhor.

– Os testes mostram que você tem um Q.I. excepcional.

Eu não tinha idéia do que era Q.I., mas como ele estava sorrindo, eu também sorri.

– Resolvemos, prosseguiu ele, mandar você para fazer um curso de treinamento. Quero que você deixe o seu serviço durante duas semanas. Ande pela fábrica e examine todos os serviços que você vir. Quando encontrar um do qual você gosta, venha me dizer – nós vamos treiná-lo nesse serviço.

Quando por fim consegui falar, disse:

– Eu já sei qual é o trabalho de que gosto. Eu gostaria de ser aquele homem que conversou comigo depois que terminei os testes.

– Um analista de produção, disse o Sr. Ringers.

Os seus olhos perspicazes olharam no fundo dos meus.

– E eu suponho, disse ele, que enquanto estiver discutindo métodos de trabalho, você não se importará se o assunto de religião vier à tona?

Senti meu rosto ficar rubro.

– Oh, sim, disse ele, temos ouvido falar do trabalho de proselitismo que você tem feito lá em cima. E eu posso acrescentar que considero essa espécie de trabalho muito mais importante do que fabricar docinhos de chocolate.

Ele sorriu ao ver o alívio estampado na minha face.

– Não conheço nenhuma razão, André, por que você não possa fazer ambos. Se você pode me ajudar a dirigir melhor a fábrica, e, ao mesmo tempo, conseguir recrutas para o reino de Deus, ficarei satisfeito.

Thile ficou entusiasmada com o meu novo serviço. Ela esperava que eu o achasse tão interessante que esquecesse a idéia missionária. Mas eu não podia. Embora gostasse do novo serviço, eu me sentia cada vez mais persuadido de que

estava sendo chamado para fazer algo diferente. Quando voltei do meu curso de analista, concordei em fazer um contrato de dois anos na fábrica Ringers. Quando esse período terminasse, eu sabia que teria de sair.

Vendo que eu estava mesmo decidido, Thile parou de discutir, e começou a dedicar-se a ajudar-me. Ela era membro da Igreja Holandesa Reformada, que tinha muitas missões estrangeiras. Ela escreveu para cada uma, perguntando quais eram as qualificações para o ingresso nela. De todas elas veio a mesma resposta: a ordenação era o primeiro passo para ser missionário.

Mas quando escrevi para o seminário da denominação, descobri que para fazer todos os anos escolares que eu perdera durante a guerra, e depois o curso de teologia, eu levaria doze anos. Doze anos! Meu coração apertou-se a essa notícia. Contudo, matriculei-me imediatamente em alguns cursos por correspondência.

Os livros eram o maior problema. Eu não tinha economias. E agora, com Greetje encarregada das boas obras na fábrica, todos os trocados que Geltje não precisava em casa, eram logo dedicados às obras de caridade.

Eu estava considerando o problema enquanto fumava um cigarro, certa noite, quando ocorreu-me que eu estava segurando a resposta em minha mão. Olhei para o fino cilindro branco, com a fumaça enovelando-se agradavelmente da ponta. Quanto eu gastava com aquilo, por semana? Fiz o cálculo e fiquei jubiloso. Era o suficiente para comprar um livro por semana! Suficiente para adquirir os volumes, dos quais, então, estava lendo apenas algumas páginas de cada vez, nos fundos de uma livraria.

Não foi fácil largar de fumar. Creio que gostava de fumar tanto quanto qualquer outro holandês, o que significa: gostava muito. Mas eu parei, e gradualmente, naquela pequena mesa que havia entre a cama de Cornélio e a minha, uma pequena biblioteca começou a se formar. Uma gramática alemã, uma gramática inglesa, um volume de história da igreja, um comentário bíblico. Aqueles

eram os primeiros livros – além da Bíblia e do hinário – que alguém da família possuía. Durante dois anos, eu passei todos os momentos de folga lendo. Quando a Srta. Meekle ficou sabendo o que eu estava fazendo, ofereceu-se para me ajudar no inglês e aceitei agradecido. Ela era uma ótima professora: amável, quando eu ficava desanimado; entusiástica, quando a minha própria determinação se enfraquecia. E se a sua pronúncia parecia um pouco diferente do inglês que eu ocasionalmente ouvia no rádio de mamãe, lançava-o à conta da má recepção radiofônica, e imitava cuidadosamente a Srta. Meekle.

Porém, embora a Srta. Meekle ficasse satisfeita pelo fato de eu estar completando a minha instrução, era menos enfática quanto ao seminário.

“Você acha mesmo que precisa ser ordenado a fim de ajudar o povo?” dizia ela. “Você já tem vinte e quatro anos. Nesse ritmo, terá mais de trinta anos quando, finalmente, puder começar algum trabalho. Será que não há um trabalho útil para um leigo, na obra missionária? Eu não estou dizendo para você fazer isto, André. Estou só perguntando.”

E sem dúvida essa era uma pergunta que eu já me fizera muitas vezes. Certo dia eu discuti o assunto com Sidney Wilson. Muitos operários da fábrica Ringers agora freqüentavam as reuniões de fim de semana, e assim podíamos ficar com o centro de conferências todinho para nós. Enquanto eu resmungava a respeito da demora e das formalidades da educação, ele começou a rir.

– Você fala igual ao pessoal da CEM, disse ele.

– CEM?

– Cruzada de Evangelização Mundial, explicou. É um grupo inglês que treina missionários para ir a lugares onde não haja trabalho de outras igrejas. Eles têm a mesma opinião que você, a respeito das delongas.

As missões denominacionais, explicou ele, são dirigidas por orçamentos. A junta de missões espera até ter o dinheiro, ou pelo menos ter a certeza de que ele entrará, para enviar um homem para o campo. Mas a CEM, não. Se eles

acham que Deus quer um homem em certo lugar, mandam-no para lá e confiam que Deus se ocupará dos detalhes.

– A mesma coisa ocorre quanto aos homens que eles enviam, continuou o Sr. Wilson. Se eles acham que uma pessoa tem uma vocação genuína, e uma dedicação bem profunda, não se importam se ele tem títulos ou não. Treinam-no em sua escola, durante dois anos, e depois o enviam para o campo.

Essa parte me interessou, mas eu não estava muito certo a respeito da falta de apoio financeiro. Eu conhecera várias pessoas que “confiavam” em Deus quanto à provisão para as suas necessidades, mas na maioria, eles eram verdadeiros pedintes. Não chegavam a alguém diretamente pedindo dinheiro: davam indiretas. Eram conhecidos em Witte como “os missionários das indiretas”, e dizia-se que não viviam pela fé, mas pelas antenas, isto é, procuravam “sentir” as possibilidades de conseguir qualquer ajuda de alguém. Não, o que eu vira neles era vergonhoso, indigno. Se Cristo era o Rei, e eles eram seus embaixadores, aquela situação certamente não recomendava bem o estado do seu tesouro.

Surpreendentemente, foi Kees, que estava se preparando para a ordenação há tantos anos, quem ficou mais interessado, quando lhe contei o que o Sr. Wilson dissera.

“Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandália”, citou Kees. “Teologicamente, eles estão muito certos. Eu gostaria de saber alguma coisa mais a respeito da CEM.”

Alguns meses depois, tivemos essa oportunidade. Sidney Wilson telefonou-me, um dia, para a fábrica, para dizer que um homem da CEM estava fazendo uma visita a Haarlem.

“O nome dele é Johnson, André. Por que é que você não tem uma conversa com ele enquanto ele está aqui?”

Assim, no fim de semana pedalei até Haarlem. Era tudo exatamente como eu pensava. O Sr. Johnson era magro, bem magro, e suas roupas podiam ser reconhecidas de longe – eram roupas usadas, daquele tipo que os missionários costumam receber, em tambores.

Mas quando ele falou a respeito da obra que a missão

estava realizando por todo o mundo, seu rosto pálido adquiriu vida. Era óbvio que ele atribuía à escola bíblica da CEM em Glasgow, na Escócia, e aos seus professores – a maioria dos quais trabalhava gratuitamente – todo o sucesso das realizações da CEM. No corpo docente havia doutores em teologia, que ministravam exegese bíblica e outras matérias acadêmicas, mas também pedreiros, encanadores e eletricitistas, pois os alunos estavam sendo treinados para começar trabalhos missionários onde não existia nada. Mas nem mesmo nisso, disse ele, estava a verdadeira ênfase. O objetivo real da escola era simples: fazer daqueles alunos os melhores crentes que pudessem ser.

Fui visitar Kees logo que cheguei a Witte. Juntos, fizemos um passeio de bicicleta através dos polders. As perguntas de Kees eram incisivas e práticas, como se estivesse planejando deixar tudo e matricular-se no dia seguinte. De quanto eram as mensalidades? Quando começaria o próximo ano letivo? Quais eram as exigências quanto ao idioma? Eu não estivera suficientemente interessado para perguntar tudo aquilo; por isto, dei-lhe o endereço da sede da CEM em Londres, e fiquei esperando as notícias que viriam. Alguns dias depois, Kees me contou que enviara um pedido de matrícula à escola de Glasgow.

Devido às suas qualificações, Kees foi aceito quase imediatamente. Quando, finda a jornada de trabalho, eu voltava para casa, encontrava longas e entusiásticas cartas dele, de Glasgow, descrevendo sua vida ali, os cursos que estava fazendo, as descobertas na vida cristã que estava empreendendo. Eu já passara na fábrica mais do que os dois anos que prometera ao Sr. Ringers, quando ele me enviara para o treinamento para o novo encargo. Certamente, aquela escola da CEM era o lugar certo para mim também.

Mas recuei outra vez. Parecia-me que havia muitos pontos contra mim. Eu não tinha a cultura de Kees. E embora eu escondesse o fato, tinha um tornozelo aleijado. Como poderia ser missionário, se nem ao menos conseguia andar um quarteirão sem sentir dor?

Será que eu pretendia mesmo ser missionário — ou aquilo era apenas um sonho romântico? Eu ouvira Sidney Wilson falar muitas vezes de “oração insistente”. Com isso ele queria dizer orar até receber a resposta. Bem, eu iria tentar. Certa tarde de domingo, em setembro de 1952, saí e fui para os polders, onde poderia orar em voz alta sem ficar acanhado. Sentei na margem de um canal, e comecei a conversar com Deus informalmente, como se estivesse falando com Thile. Orei durante toda aquela hora, dedicada normalmente a café e charutos, e continuei durante o resto da tarde. Escureceu, e eu ainda não chegara a ponto de ter a certeza de que descobrira o plano de Deus para minha vida.

“O que é, Senhor? O que é que estou retendo? Qual a desculpa que estou dando para não te servir em qualquer coisa que desejes que eu faça?”

E então, ali à margem do canal, finalmente encontrei a resposta. O meu “sim” para Deus sempre fora um “sim, mas...” Sim, mas não tenho cultura. Sim, mas sou aleijado.

Com todo o coração, eu disse “Sim”. Pronunciei-o de forma completamente diferente, sem restrições.

“Eu irei, Senhor”, disse eu, “não importa se for através do caminho da ordenação, ou através do programa da CEM, ou trabalhando na fábrica Ringers. Quando quiseres, aonde quiseres, como quiseres, eu irei. E começarei neste momento. Senhor, quando eu me levantar deste lugar, quando eu der o primeiro passo, considere que é um passo em direção à completa obediência a ti. Eu lhe darei o nome de ‘Passo do Sim’.”

Levantei-me. Dei um passo à frente. E naquele momento senti uma torcedura violenta na perna aleijada. Pensei aterrorizado que destroncara o tornozelo. Cautelosamente, firmei o pé no chão. Eu podia apoiar-me nele perfeitamente. O que havia acontecido? Devagar, e cuidadosamente, comecei a andar, de volta para casa, e enquanto eu andava, um versículo da Escritura começou a vir à minha mente: “Indo eles, foram purificados”.

A princípio, não consegui me lembrar de onde era men-

cionado. Depois lembrei-me da história dos dez leprosos, e de como, *a caminho* da casa do sacerdote, como Cristo ordenara, o milagre acontecera. “Indo eles, foram purificados.”

Poderia ser isto? Poderia ser que eu também fora curado? Eu tinha um compromisso no domingo à noite em uma aldeia a seis quilômetros de casa. Normalmente, eu iria de bicicleta, mas naquela noite seria diferente. Naquela noite eu iria *a pé* para o culto.

E fui. Quando chegou a hora de ir para casa, um amigo me ofereceu uma carona em sua bicicleta motorizada. “Hoje não, muito obrigado. Acho que vou a pé.”

Ele não podia crer. Mais tarde, nem a minha família pôde crer que eu estivera realmente no culto; eles haviam visto minha bicicleta encostada na parede, e haviam presumido que eu havia mudado de idéia.

No dia seguinte, na fábrica de chocolate, acompanhei cada empregado de volta ao seu posto, no fim de nossa entrevista, em vez de ficar sentado à minha mesa de trabalho, como costumava fazer. Quando a manhã ia em meio, meu tornozelo começou a coçar, e quando eu estava coçando a velha cicatriz, saíram dois dos pontos, através da pele. No fim da semana, a incisão, que jamais sarara totalmente, por fim fechou-se.

Na semana seguinte fiz um pedido formal de matrícula no Colégio de Treinamento Missionário da CEM em Glasgow. Um mês depois, chegou a resposta. Dependendo do espaço que se tornaria disponível no dormitório dos homens, eu poderia começar os estudos em maio de 1953.

No meu último dia de trabalho, Corrie também tinha uma novidade para me contar. Ela também estava deixando a fábrica Ringers: havia sido aceita em um curso de enfermagem. Olhei seus olhos, brilhantes por causa da surpresa que me dava, e finalmente cheguei à conclusão que eram cor de avelã. Apertamo-nos as mãos durante um momento, e depois despedimo-nos rapidamente.

À minha frente estava, agora, a tarefa que eu mais temia: dar a Thile a notícia de que me matriculara em uma escola

que não era orientada por nenhuma igreja, nem sustentada por nenhuma organização, carente de todos os acompanhamentos de distinção, reconhecimento e tradição que, para Thile, faziam parte da cultura, e até da própria religião. Passamos uma tarde horrível, passeando à beira do cais do porto, na bela primavera de Gorkum. Thile falou muito pouco. Eu tinha argumentos irrespondíveis para todas as objeções que ela levantasse. Mas em vez de discutir, ela foi ficando cada vez mais silenciosa. A única vez que pareceu ficar zangada foi quando mencionei a cura da minha perna. Cometi o erro de chamá-la de um “pequeno milagre”.

“Essa é forte demais, não é, André?” disse, irritada. “Muitas pessoas têm ferimentos que melhoram dia a dia, e a maioria delas não sai por aí declarando coisas impossíveis.”

Não fiquei para jantar com a família da Thile naquela noite. Julguei que todos eles precisavam de tempo para se acostumarem com os novos planos. Era isso: Thile só precisava de tempo. Mais tarde ela chegaria a compreender por que a minha decisão era acertada.

Neste ínterim, resolvi levantar dinheiro para a minha viagem, e dediquei-me a isso. Vendi as poucas coisas que possuía, a bicicleta e a preciosa estante de livros. Comprei, então, passagem, só de ida, para Londres, onde eu deveria encontrar-me com os diretores da CEM, antes de ir para Glasgow. Depois de ter pago a passagem, fiquei com pouco mais de trinta libras esterlinas, que era o preço das mensalidades do primeiro semestre.

Eu deveria partir para Londres a 20 de abril de 1953. Porém, um pouco antes daquela data, aconteceram três fatos em sucessão tão rápida, que fiquei vacilante.

O primeiro foi uma carta de Thile. Ela disse que havia escrito para a Junta de Missões da sua igreja, pedindo opinião a respeito da escola de Glasgow. Havia respondido que era uma organização sem credenciais, sem filiação, que não tinha lugar em nenhum círculo missionário com o qual eles estivessem em contato.

Sendo esse o caso, continuava Thile, ela preferia não me

ver nem ouvir falar de mim enquanto eu estivesse associado com aquele grupo. Ela assinou a carta (por sinal, bem curta), apenas com Thile. Não: Com amor, Thile, mas só: Thile.

Enquanto eu estava parado no vão da porta, segurando a carta, tentando compreender o que ela significava na minha vida, a Srta. Meekle atravessou a pinguela da nossa casa.

“André”, disse ela, “tenho de contar-lhe uma coisa. É algo que tenho desejado dizer-lhe há muito tempo. Só que eu não sabia exatamente como fazê-lo.”

Ela tomou fôlego profundamente, e soltou a bomba:

“Sabe, André, na verdade eu nunca *ouvi* nenhuma palavra em inglês. Mas tenho lido muito nessa língua”, acrescentou ela apressadamente, “e uma senhora inglesa com quem me correspondo diz que a minha gramática é perfeita.” Ela parou, com uma expressão de desgosto. “Eu pensei que devia contar isso a você.” E fugiu.

Eu ainda estava digerindo aquelas duas notícias quando, dois dias depois, chegou um telegrama de Londres: “Sentimos informar não há vaga esperada. Pedido de admissão negado. Pode matricular-se em 1954.”

Três choques em seguida. Não havia lugar para mim na escola. Provavelmente eu não conseguiria falar a língua em que os cursos eram ministrados. E se eu fosse, perderia a namorada.

Todos os sinais razoáveis pareciam indicar direção oposta à escola de Glasgow. Não obstante, dentro de mim, de maneira inconfundível, sublimemente indiferente a todas as objeções humanas e lógicas, havia uma pequena voz que parecia dizer: “Vá!” Era a voz que havia me chamado no vento, a voz que me dissera para falar na fábrica, a voz que nunca fazia sentido em termos de lógica.

No dia seguinte, beijei Maartje e Geltje, apertei a mão de papai e de Cornélio, e corri para a estrada, para pegar o ônibus e começar a primeira parte de uma viagem que continua até hoje.



PLATEAU

6

BOULETIN

O JOGO À MODA DO REI

Saltei do trem em Londres, apertando na mão o pedaço de papel no qual eu escrevera o endereço da sede da Cruzada de Evangelização Mundial.

À porta da estação, grandes ônibus de dois andares e imponentes táxis negros rodavam velozmente pelo lado errado da rua. Dirigi-me a um guarda, estendi-lhe o papel, e perguntei-lhe como poderia chegar àquele endereço. O policial pegou o papel e olhou para ele. Depois, com um aceno de cabeça, ele estendeu o braço, e durante vários minutos falou como se fora uma metralhadora, dando-me informações. Olhei para ele meio sem jeito: não compreendera nem uma palavra. Ainda sem jeito, tomei de volta o papel, e disse, em meu sotaque holandês: “Dank you”, e saí na direção do primeiro gesto que ele fizera com o braço.

Tentei falar com vários outros policiais, sem melhores resultados. Por fim, não tive outro jeito: tinha de gastar um pouco de meu precioso dinheiro em um táxi. Encontrei um estacionado à beira da calçada. Estendi ao motorista o pedaço de papel, e fechei os olhos, enquanto ele partia pelo lado esquerdo da rua. Alguns momentos depois ele parou. Apontou para o meu pedaço de papel, e depois para um grande edifício que estava precisando desesperadamente de uma pintura.

Apanhei a mala, subi os degraus, e apertei a campainha. Uma senhora abriu a porta. Expliquei-lhe o melhor que pude quem eu era, e por que estava ali. A mulher olhou para mim com ar inexpressivo, o que me deu a certeza de que ela não entendera nenhuma das minhas palavras. Ela fez sinal com a mão indicando que eu deveria entrar, mostrou-me uma cadeira no saguão, e depois desapareceu. Quando voltou, trazia a reboque um homem que falava um pouco de holandês. Expliquei de novo quem eu era, e para onde me dirigia.

– Ah, sim, é verdade. Mas você não recebeu o nosso telegrama? Nós o passamos há três dias, dizendo que agora não havia vaga em Glasgow.

– Eu recebi o telegrama, sim.

– Então, por que veio?

Fiquei contente de ver que o homem estava rindo.

– Quando chegar a hora, abrir-se-á uma vaga para mim, disse eu. Estou certo disso, e quero estar pronto.

O homem sorriu outra vez, e disse-me para esperar um momento. Quando voltou, trouxe a notícia que eu estava esperando. Eu poderia ficar ali na sede, por algum tempo, conquanto que estivesse disposto a trabalhar.

E assim começou um período de dois meses – um dos mais difíceis da minha vida.

O trabalho físico que eu devia fazer não era difícil: deveria pintar o edifício sede da CEM. Logo que me acostumei com a escada, o trabalho se tornou tremendamente agradável. Nem quis observar o feriado da coroação da Rainha Elizabeth. Os membros da Cruzada ficavam gritando para que eu descesse para ver o espetáculo na televisão. Mas eu preferia o meu poleiro bem acima da rua, de onde eu podia ver bandeiras em todos os telhados, e admirar a formação de aviões voando sobre a cidade.

O que fez com que os dois meses fossem difíceis, foi o aprendizado do inglês. Eu me dedicava tão profundamente a isso, que a minha cabeça doía continuamente. Todos, na CEM, praticavam o que chamavam “hora si-

lenciosa matutina” – levantavam-se muito antes do café para ler a Bíblia e orar antes que as atividades do dia começassem, ou que se falassem quaisquer palavras. Gostei da idéia imediatamente. Levantava-me aos primeiros trinados dos pássaros, vestia-me, e saía para o jardim com dois livros na mão: uma Bíblia em inglês, e um dicionário. Era uma técnica excelente, mas tinha algumas desvantagens. O meu inglês, durante aquele período, era cheio de “tu, vós” e “na verdade, na verdade”. Uma vez, eu pedi manteiga à mesa, dizendo:

“Assim diz o vizinho do André: que vos digneis passar-lhe a manteiga.”

Mas eu estava aprendendo. Depois de passar seis semanas na Inglaterra, o diretor me pediu para dirigir o culto devocional vespertino. Ao fim de sete minutos, acabaram minhas palavras em inglês, e eu me sentei. Duas semanas depois, ele me pediu para falar outra vez.

Ao fim do meu pequeno sermão, todos se reuniram ao meu redor.

– Você está se saindo melhor, André, disseram eles, alegremente, dando-me tapinhas nas costas.

– Quase conseguimos entender o que você disse! E quatorze minutos! Hoje foi duas vezes melhor do que quando falou sete minutos!

– Este, então, é o nosso holandês... Eu acho que o seu sermão foi muito bom, mesmo.

A voz vinha dos fundos da sala. De pé, no vão da porta estava um homem de meia-idade, calvo, gordo, de rosto vermelho, que eu nunca vira. Fiquei logo impressionado com o brilho dos seus olhos: estavam meio fechados, como se ele estivesse pensando em fazer alguma travessura.

– André, acho que você ainda não conhece William Hopkins, disse o diretor da CEM. Fui até os fundos da sala e estendi a mão.

William Hopkins apertou-a entre suas duas mãos, e quando ele terminou seu cumprimento, os ossos da minha mão ainda doíam.

– Ele parece bem forte, disse o Sr. Hopkins. Se pudermos conseguir-lhe os papéis, acho que ele se sairá muito bem.

Meu rosto deve ter denotado minha confusão, porque o diretor explicou que chegara a hora em que eu teria de deixar o edifício da sede. O serviço de pintura estava terminado, e a minha cama estava sendo solicitada para um missionário que estava de volta à pátria. Mas se o Sr. Hopkins pudesse conseguir os documentos de que eu precisava para poder trabalhar, eu poderia arrumar um emprego em Londres, e começar a economizar dinheiro para mais tarde comprar livros e pagar outras despesas em Glasgow. Descobri que sempre que problemas práticos desse tipo se apresentavam, todo mundo se voltava para William Hopkins.

– Vá fazer as malas, André, disse o Sr. Hopkins. Você está sendo convidado a morar em minha casa durante alguns dias, até encontrar emprego.

Não levei muito tempo para arrumar minhas coisas na mala. Enquanto eu estava separando minha escova de dentes e o aparelho de barbear, um dos obreiros da CEM falou-me um pouco a respeito do Sr. Hopkins. Ele era um construtor muito próspero, mas que vivia pobremamente. Ele dava nove décimos da sua renda para várias missões. A CEM era apenas um de seus grandes interesses.

Poucos minutos depois eu estava à porta do edifício despedindo-me do pessoal.

– O edifício está bonito, André, disse o diretor, apertando minha mão.

Desci a escada com William Hopkins e nos dirigimos ao seu caminhão. A casa dos Hopkins, à margem do rio Tâmis, era mais ou menos o que eu esperava: simples, convidativa e aconchegante. A Sra. Hopkins era inválida. Passava a maior parte do dia na cama, mas não fez objeções à minha invasão.

– Fique à vontade, aqui, disse ela, ao me cumprimentar. Você descobrirá onde é o guarda-louça, e também vai ver que a porta da frente nunca está trancada.

Então ela virou-se para o esposo, e vi em seus olhos o mesmo brilho que vira nos dele.

– E não fique surpreso se você encontrar algum “intruso” na sua cama, alguma noite. Isso já aconteceu. Se isso acontecer há lençóis e travesseiros na cômoda, e você pode dormir no sofá, junto à lareira.

Antes de se passar uma semana, eu iria descobrir o quanto aquelas palavras eram exatas. Certa noite, quando voltei para casa, depois de outra espera longa e infrutífera na agência que me deveria dar permissão para trabalhar, encontrei o Sr. e a Sra. Hopkins sentados na sala.

– Não precisa ir para o seu quarto, André, disse a Sra Hopkins. Há um bêbado na sua cama. Já tomamos chá, mas deixamos um pouco para você.

Enquanto eu tomava a refeição diante da lareira, ela mal falou a respeito do homem que estava na minha cama. Ele se escondera da chuva na pequena missão que o Sr. Hopkins dirigia, e este o trouxera para casa.

– Quando ele se levantar, encontrará o que comer, e o que vestir, disse a Sra. Hopkins. Não sei de onde virão as roupas, mas Deus suprirá.

E Deus supriu. Naquela, e em uma dúzia de ocasiões semelhantes, enquanto estava morando com os Hopkins, vi Deus vir ao encontro de suas necessidades práticas da forma mais incomum. Jamais vi alguém sair faminto ou sem agasalho, de sua casa. Não que eles tivessem muito dinheiro. Do que rendia o negócio de construção do Sr. Hopkins, eles guardavam apenas o estritamente necessário para suprir suas modestas necessidades. Estranhos, como eu, os mendigos, andarilhos e bêbados que passavam continuamente pela sua porta, tinham de ser alimentados por Deus. E ele nunca falhou. Às vezes era uma vizinha que trazia um prato especial, “caso você não esteja com vontade de cozinhar esta noite, meu bem”. Às vezes, uma conta antiga era paga inesperadamente, ou era um dos ex-ocupantes da cama que voltava para ver se podia ajudar em alguma coisa.

“Sim, filho, pode. Tem um velho na cama, lá em cima; ele não tem sapatos. Você acha que se medíssemos o pé dele, você poderia lhe arranjar um par de sapatos?”

Eu tencionara permanecer na casa dos Hopkins apenas um dia ou dois, até conseguir os documentos de trabalho e encontrar um emprego. Mas embora o Sr. Hopkins e eu fôssemos ao Departamento de Trabalho muitas vezes, minha carteira profissional não ficou pronta.

Neste ínterim, os Hopkins haviam me pedido para permanecer em sua casa. Aconteceu assim: na primeira manhã depois que eu chegara lá, o Sr. Hopkins saiu cedo para o trabalho, a Sra. Hopkins teve de ficar na cama, e eu fui deixado por minha própria conta. Assim, encontrei um escovão e lavei o chão da cozinha. Ao lavar o banheiro encontrei roupas sujas guardadas, e lavei-as. À tarde, as roupas estavam secas, e então eu as passei. Mais tarde, como o Sr. Hopkins ainda não havia voltado, fiz o jantar.

Eu estava acostumado a fazer aquelas coisas em casa: todos os membros da minha família, de ambos os sexos, teriam feito o mesmo. Mas os Hopkins, quando descobriram o que eu havia feito, ficaram assombrados. Ou eles não estavam acostumados com o fato de os homens holandeses serem bem práticos, ou não achavam que suas necessidades eram notadas pelos outros, mas de qualquer forma agiram como se eu tivesse feito algo notável, e me convidaram para ficar ali como membro da família.

E assim fiz. Tornei-me cozinheiro-chefe e lavadeiro, e eles se tornaram meu pai e minha mãe ingleses. Como muitos, muitos outros, logo eu os estava chamando de Tio Hoppy e Mamãe Hoppy. Na verdade, em muitos aspectos, a Sra. Hopkins me fazia lembrar mamãe, tanto na sua aceitação da dor e da doença, sem queixas, como na porta “nunca trancada” para os necessitados.

Quanto ao Tio Hoppy, conhecê-lo era, por si mesmo, um aprimoramento intelectual. Ele era um homem inteiramente desinibido. Algumas vezes, quando eu ia com ele, de caminhão, às suas várias construções pela cidade,

eu lhe rogava – visto que ele era o presidente da companhia – que pelo menos pusesse uma gravata e comprasse um paletó novo.

Mas o Tio Hoppy ria diante do meu embaraço:

“Que nada, André, ninguém me conhece por aqui!”

Na sua vizinhança, contudo, a situação não era melhor. Uma vez, eu o peguei saindo para a igreja com sapatos de trabalho, e uma barba de dois dias. Mas quando comecei a ralar com ele, seus olhos reprovadores fixaram-se em mim:

“Ora, André! Todo mundo me conhece por aqui!”

A missão evangelística do Tio Hoppy era algo que me deixava confuso. As portas estavam sempre abertas, e ocasionalmente um vagabundo sem destino entrava, mas apenas para tirar uma soneca ou gozar um pouco do calor. Quando chegava a hora do culto, o Tio Hoppy geralmente encontrava as cadeiras vazias. Isso não o decepcionava. Lembro-me de um dia tê-lo ouvido pregar um sermão inteiro para cadeiras vazias.

“Vocês não atenderam ao nosso convite, desta vez”, disse Tio Hoppy ao povo que por algum motivo não viera, “mas eu os encontrarei, lá fora na rua, e então, conhecerei vocês. Mas agora, escutem o que Deus tem a dizer-lhes...”

Quando o sermão terminou, eu objetei:

– Você é místico demais para mim. Quando eu for pregar, um dia, quero ver pessoas de verdade à minha frente.

O Tio Hoppy só riu.

– Espere só, disse ele, antes de chegar em casa, encontraremos o homem que deveria estar naquela cadeira. E quando o encontrarmos, seu coração estará preparado. Tempo e lugar são limitações nossas, André; não podemos exigir que Deus se preocupe com elas.

E, na verdade, estávamos caminhando para casa quando fomos abordados por uma prostituta, e o Tio Hoppy mergulhou na conclusão do seu sermão, exatamente como se ela estivesse estado sentada durante os primeiros quarenta minutos da prédica. Naquela noite, fui dor-

mir defronte à lareira outra vez, e pela manhã, aquele infatigável construtor e sua esposa tinham uma nova convertida ao evangelho.

Por fim, um dia chegou uma carta de Glasgow: a vaga lá muito tempo esperada, havia se aberto. Eu deveria estar lá a tempo de começar o semestre de outono.

Marchamos triunfalmente ao redor do leito de Mãe Hoppy – o Tio Hoppy, um vagabundo que era nosso hóspede, e eu – até que repentinamente todos nós compreendemos que aquilo significava que teríamos de nos despedir. Deixei Londres em setembro de 1953, a caminho da escola de treinamento missionário, na Escócia.

Dessa vez não tive dificuldade em encontrar o endereço que eu queria. Subi a colina carregando a mala, até que cheguei ao número 10 da Estrada Príncipe Alberto. O edifício era uma casa alta, de dois andares, na esquina. Um muro baixo de pedras cercava a propriedade. Ainda se podiam ver sobre o muro, os tocos dos esteios do gradil de ferro, que deveriam ter sido cortados para serem fundidos, sem dúvida por causa da escassez de ferro durante a guerra. Sobre a entrada, em um arco de madeira, havia as palavras “Tende fé em Deus”.

Percebi que esse era o principal propósito do curso de dois anos em Glasgow: ajudar os alunos a aprenderem tudo o que pudessem a respeito da natureza da fé. Aprender dos livros; aprender uns dos outros; aprender das próprias experiências. Com entusiasmo de novato, passei sob o arco, e subi a trilha de seixos brancos, até à porta.

Minhas batidas foram atendidas por Kees. Como foi bom olhar outra vez para aquela sólida face de holandês! Depois de ter estapeado o ombro um do outro muitas vezes, ele tomou minha mala e me levou para meu quarto no andar de cima. Apresentou-me aos meus três companheiros de quarto, mostrou-me a escada de incêndio, e indicou-me onde dormia o resto dos alunos: homens em uma das casas ao lado, mulheres em outra.

“E os casais nunca se encontram”, disse Kees. “Mal podemos falar com as garotas. A única hora em que podemos vê-las é durante as refeições.”

Kees foi comigo, para a apresentação formal ao diretor, Stewart Dinnen.

– O objetivo real deste treinamento, disse-me o Sr. Dinnen, é ensinar aos alunos que eles podem crer que Deus fará tudo o que prometeu. Não saímos daqui para ir aos campos missionários tradicionais, mas para território novo. Nossos diplomados trabalharão por conta própria. Eles não poderão ser eficientes se forem medrosos, ou se duvidarem que Deus realmente está disposto a fazer o que diz em sua palavra. Por isso, aqui não damos ênfase a nenhuma outra doutrina como damos à fé. Espero que seja isso o que você está esperando da escola, André.

– Sim, senhor. Exatamente.

– Quanto a finanças, você sabe, sem dúvida, André, que não cobramos anuidades. Isso é porque nós não pagamos o corpo docente. Os professores, o pessoal de Londres, e eu mesmo – nenhum de nós recebe salário. Cama, mesa, e as outras despesas sobem apenas a noventa libras por ano, pouco mais de duzentos e cinquenta dólares. É barato assim porque os alunos cozinham, lavam, fazem tudo. Mas nós exigimos as noventa libras adiantadas. Segundo ouvi, você não tem possibilidades de pagá-las.

– Não, senhor.

– Bem, é possível também pagá-las em prestações, trinta libras no começo de cada período. Contudo, para o seu próprio bem e para o nosso, eu quero insistir que as prestações sejam pagas na data certa.

– Sim, senhor. Concordo plenamente.

Concordei mesmo. Seria aquela a minha primeira experiência de confiança em Deus para as necessidades materiais da vida. Eu tinha as trinta libras, que trouxera da Holanda, para o pagamento do primeiro semestre. Depois, eu teria de esperar para ver como Deus iria suprir o resto do dinheiro.

Durante as primeiras semanas, contudo, algo começou a acontecer, que me deixou perturbado. Durante as refeições os alunos freqüentemente discutiam o problema da insuficiência de fundos. Algumas vezes, depois de uma noite inteira em oração, em favor de determinada necessidade, recebia-se metade do que se pedira, ou três quartos. Se o lar de uns velhos onde os alunos realizavam cultos precisava, por exemplo, de dez cobertores, os alunos receberiam, às vezes, o suficiente para comprar seis. A Bíblia diz que somos trabalhadores na vinha do Senhor. É dessa maneira que o Senhor da vinha paga os seus assalariados?

Uma noite, eu saí para dar um longo passeio, a sós. Em várias ocasiões os colegas haviam me advertido para não “ir até Patrick”. Patrick era a favela situada no sopé da nossa colina. Aquilo ali era, diziam eles, um covil de viciados em entorpecentes, bêbados, ladrões e até assassinos, e andar naquelas ruas era perigoso. Não obstante, aquele bairro me atraía agora como se tivesse algo a me dizer.

À minha volta estavam as ruas sujas e cinzentas de Patrick. O vento soprava o lixo pelas ruas. A temperatura, naquele dia de setembro, já era baixa. Antes de andar dois quarteirões, fui abordado duas vezes por mendigos. Dei-lhes todo o dinheiro que tinha no bolso, e observei-os encaminharem-se sem dissimulação alguma, para o bar mais próximo. Eu sabia que aqueles malandros, mendigando nas ruas das favelas de Glasgow, tinham uma renda melhor do que aqueles missionários em treinamento no alto da colina.

Não pude compreender por que aquilo me amolava tanto. Será que eu era ganancioso? Acho que não. Sempre havíamos sido pobres, e eu nunca me incomodara com isso. Então, o que era?

Repentinamente, voltando colina acima, em direção à escola, recebi a resposta.

A questão não era absolutamente de dinheiro. Eu estava preocupado com uma relação.

Na fábrica de chocolate eu sabia que o Sr. Ringers me

pagaria o salário completo, no dia certo. Certamente, disse eu com meus botões, se um simples operário fabril podia ser financeiramente estável, os obreiros de Deus também podiam.

Entrei pelo portão da escola. No alto, acima de minha cabeça o dístico dizia: “Tende Fé em Deus”.

Era isso! Não é que eu precisasse da segurança de uma certa quantia de dinheiro, mas da segurança de um relacionamento.

Meus passos rangeram no cascalho, e eu me senti cada vez mais certo de que estava no limiar de uma descoberta empolgante. A escola estava adormecida e quieta. Subi as escadas na ponta dos pés, e assentei-me diante da janela do quarto, olhando para a cidade. Se eu ia passar a vida como servo do Rei, precisava conhecer aquele Rei. Como era ele? De que *forma* eu podia confiar nele? Da mesma forma que confiava num conjunto de leis impessoais? Ou será que eu podia confiar nele como um líder vivo, como um comandante bem presente na batalha? A questão era vital. Porque se ele fosse Rei apenas de nome, seria melhor que eu voltasse para a fábrica de chocolate. Eu continuaria sendo crente, mas ficaria sabendo que a minha religião era apenas um conjunto de princípios excelentes para serem seguidos, mas que não exigiam devoção.

Suponhamos, por outro lado, que eu descobrisse que Deus era uma pessoa, que ele se comunicava, e se preocupava, e amava, e guiava. Isso era outra coisa bem diferente. Essa era a espécie de Rei que eu seguiria em qualquer batalha.

Por alguma razão, sentado ali sob o luar daquela noite de setembro, em Glasgow, senti que minha sondagem da natureza de Deus iria começar com respeito a dinheiro. Ajoelhei-me diante da janela e fiz um pacto com ele.

“Senhor”, disse eu, “preciso saber se posso confiar em ti quanto às coisas práticas. Agradeço-te porque me permitiste ganhar o dinheiro para pagar o primeiro semestre. Peço-te agora que supras o resto. Se eu precisar

atrasar o pagamento, um dia que seja, ficarei sabendo que devo voltar para a fábrica de chocolate.”

Era uma oração infantil, petulante e exigente. Mas eu era, então, apenas uma criança na vida cristã. A coisa notável é que Deus atendeu minha oração. Porém, não antes de provar-me de algumas maneiras bem interessantes.

O primeiro semestre passou voando. Passávamos as manhãs nas salas de aula estudando teologia sistemática, homilética, religiões do mundo, lingüística – um curso igual ao ministrado em qualquer seminário. Durante a tarde, trabalhávamos em atividades práticas: alvenaria, encanamento, carpintaria, primeiros socorros, higiene tropical, consertos de motores. Durante várias semanas, todos nós, moças e rapazes, trabalhamos na fábrica da Ford, em Londres, aprendendo como desmontar e montar um carro. Além dessas profissões-padrão, aprendemos a fazer cabanas de folhas de coqueiro, e jarros de barro para guardar água.

Ao mesmo tempo nos revezávamos na cozinha, na lavanderia e no jardim. Ninguém era exceção. Uma das alunas, uma senhora alemã, era médica, e eu a via limpar latas de lixo com tanto cuidado como se estivesse preparando uma sala de operações para uma cirurgia.

As semanas se passaram tão depressa, que logo chegou a hora de eu sair para a primeira de várias viagens evangelísticas de treinamento.

– Você vai gostar disso, André, disse o Sr. Dinnen. É um exercício de fé. As regras são simples. Cada aluno da sua equipe recebe uma nota de uma libra. Com ela, vocês saem em uma viagem missionária pela Escócia. Espera-se que paguem a condução, a hospedagem, a comida, qualquer propaganda que quiserem fazer, aluguel de salões...

– Tudo com uma nota de uma libra?

– Pior do que isto. Quando voltar à escola depois de quatro semanas, espera-se que você devolva a nota!

Dei uma risada.

– Parece que precisaremos passar o chapéu o tempo todo.

– Ah, também não é permitido levantar ofertas! Nunca. Não pode nem mencionar dinheiro nas reuniões. Todas as suas necessidades têm de ser supridas sem qualquer esforço de sua parte, ou então, a experiência terá sido um fracasso.

Eu era membro de uma equipe de cinco rapazes. Mais tarde, quando tentei relembrar de onde haviam vindo nossos fundos durante aquelas quatro semanas, foi difícil. Parecia que aquilo de que necessitávamos estava sempre ali. Algumas vezes chegava uma carta dos pais de um dos rapazes, com um pouco de dinheiro. Outras vezes recebíamos pelo correio um cheque de uma igreja que havíamos visitado alguns dias ou semanas antes. As cartas que vinham com aquelas ofertas eram sempre interessantes.

“Sei que você não precisa de dinheiro, senão teria mencionado isso”, a pessoa escrevia. “Mas Deus não me deixou dormir esta noite, enquanto não coloquei isto em um envelope para você.”

Freqüentemente, as contribuições vinham em forma de gêneros. Em uma pequena cidade nas montanhas da Escócia, fomos presenteados com seiscentos ovos. Nossa comida era ovo no café da manhã, ovo no almoço, ovo à tarde, no jantar, e, na sobremesa, suspiro. Só depois de várias semanas foi que pudemos olhar para uma galinha de novo.

Permanecemos fiéis a duas regras: nunca mencionamos uma necessidade diante de ninguém, e demos o dízimo de tudo o que nos veio às mãos, logo que o recebemos, dentro de um período de vinte e quatro horas, se possível.

Outra equipe que saiu da escola ao mesmo tempo que nós, não foi tão fiel com respeito ao dízimo. Separaram os dez por cento, mas não os deram imediatamente, “para o caso de passarmos por uma emergência”. Claro que eles tiveram emergências! Nós também, todos os dias. Mas eles terminaram o mês devendo dinheiro em hotéis, auditórios e restaurantes por toda a Escócia, en-

quanto nós voltamos para a Escola com quase dez libras a mais. Tão depressa quanto demos o dinheiro a Deus, ele no-lo devolveu – e ainda mais depressa – e terminamos o mês com dinheiro para enviar para a obra da CEM além-mar.

Antes do fim da viagem, houve ocasiões em que parecia que nossa experiência iria fracassar. Certa vez, estávamos realizando reuniões em Edimburgo. Havíamos conseguido atrair um bom grupo de jovens logo no primeiro dia, e estávamos procurando uma forma para fazê-los voltar no dia seguinte. De repente, sem consultar ninguém, um dos membros da equipe levantou-se e fez um aviso.

“Antes da reunião, amanhã à tarde”, disse ele, “gostaríamos que todos viessem tomar chá conosco aqui. Será às quatro horas. Quantos acham que podem vir?”

Duas dúzias de mãos se levantaram, e assim nos colocamos sob um compromisso. A princípio, em vez de ficarmos alegres, ficamos horrorizados. Todos sabíamos que não tínhamos chá, nem bolo, nem pão, nem manteiga, e só tínhamos cinco xícaras. Também não tínhamos dinheiro para comprar essas coisas: nosso último centavo havia sido destinado ao pagamento do aluguel do salão. Aquilo iria ser um verdadeiro teste da provisão de Deus.

Por algum tempo, tivemos a impressão de que ele iria providenciar tudo através dos próprios jovens. Depois da reunião, vários deles vieram à frente e disseram que gostariam de ajudar. Um ofereceu leite; outro, um quarto de quilo de chá; outro, açúcar. Uma moça ofereceu-se até para trazer pratos. Nosso chá estava rapidamente tomando forma. Mas havia uma coisa que ainda faltava: o bolo. Sem bolo, aqueles rapazes e moças escoceses não considerariam chá como chá.

Então naquela noite, em nossa oração noturna, colocamos o assunto diante de Deus.

“Senhor, agora somos obrigados a fazer o que prometemos. De algum lugar precisa vir um bolo. O Senhor nos ajudará?”

Naquela noite, quando nos enrolamos nos cobertores, e nos deitamos no assoalho do auditório, começamos a brincar de adivinhação: como Deus iria nos dar aquele bolo? Nós cinco mencionamos todos os modos imagináveis – ou, pelo menos, assim pensávamos.

Chegou a manhã. Quase esperávamos que um mensageiro celestial batesse à nossa porta, trazendo um bolo. Mas ninguém veio. Chegou o carteiro. Abrimos as duas cartas que chegaram esperando que contivessem dinheiro. Nada. Uma senhora de uma igreja vizinha passou por lá perguntando se podia nos ajudar em alguma coisa. “Bolo” estava na ponta da língua de cada um, mas engolimos a palavra e balançamos a cabeça.

“Tudo”, asseguramos a ela, “está nas mãos de Deus.”

O chá havia sido anunciado para as quatro horas da tarde. Às três, as mesas estavam postas, mas ainda não tínhamos o bolo. Três e meia. Pusemos a água para ferver. Três e quarenta e cinco.

Aí a campainha tocou.

Nós cinco corremos para a grande porta de entrada, e ali estava o carteiro. Nas suas mãos estava uma caixa grande.

“Ei, rapazes”, disse o carteiro. “Trouxe um embrulho para vocês que parece uma caixa de comida.”

Ele entregou a caixa para um dos rapazes.

“Eu já havia entregado toda a correspondência, é verdade”, disse ele, “mas detesto deixar para o outro dia um pacote contendo alguma coisa que pode estragar.”

Agradecemos-lhe profusamente, e no minuto em que ele fechou a porta, o rapaz solenemente estendeu a caixa para mim.

“É para você, André. De uma tal Sra. William Hopkins, de Londres.”

Peguei o pacote e desembulhei-o cuidadosamente. Tirei o barbante. Abri o papel marrom. Dentro, não havia bilhete nenhum: apenas uma grande caixa branca. No fundo de minha mente eu sabia que poderia dramatizar um pouquinho, levantando a tampa bem vagarosamente.

Quando o fiz, ali, em perfeitas condições, para ser admirado por cinco pares de olhos maravilhosos, estava um enorme bolo de chocolate, resplendente e úmido.

Tendo essa espécie de experiência, não fiquei muito surpreso de encontrar, quando voltei à escola, um cheque dos Whetstra que era exatamente o bastante – depois de trocado em libras esterlinas – para pagar a segunda prestação da minha anuidade.

O segundo semestre parece que passou ainda mais depressa do que o primeiro, pelo tanto que havia para aprender e meditar. Mas antes de terminar, eu recebera o dinheiro para pagar a terceira prestação. Dessa vez, do lugar que eu menos esperava: de alguns colegas do hospital de veteranos. E assim, atravessei também o segundo ano.

Nunca mencionei as anuidades para ninguém, mas mesmo assim as ofertas vinham num momento que me possibilitava pagá-las integral e pontualmente. Por outro lado, essas ofertas também não eram maiores do que o preço da anuidade, e, a despeito do fato de as pessoas que estavam me ajudando não se conhecerem umas às outras, nunca vieram duas ofertas ao mesmo tempo.

Eu estava experimentando da fidelidade de Deus continuamente, e estava também aprendendo algo a respeito do seu senso de humor.

Eu fizera um pacto com Deus, de que ele nunca deixaria que me faltasse o dinheiro para o pagamento da escola. O meu pacto não dizia nada a respeito de sabonete, pasta dental, ou lâmina de barbear.

Certa manhã, descobri que não tinha mais sabão para lavar roupa, e quando abri a gaveta em que guardava o dinheiro, só encontrei seis centavos. Uma caixa de sabão custava oito centavos.

“Tu sabes que eu preciso ser aseado, Senhor. Portanto, podes providenciar os outros dois centavos?”

Peguei os meus seis centavos, e saí para a rua, para o lado em que havia algumas mercearias, e logo na primeira, vi um

cartaz: “Desconto de dois centavos! Compre o seu sabão Surf agora.” Entrei, gastei minhas economias, e voltei para a escola assobiando. Havia naquela caixa sabão suficiente para durar, se usado com cuidado, até o fim do ano.

Mas naquela mesma noite um colega viu-me lavando uma camisa, e gritou:

“Ei, André, você pode me emprestar um pouco de sabão em pó? O meu acabou.”

É claro que eu lhe dei do sabão, e não disse nada. Só fiquei a observá-lo derramando o meu precioso sabão Surf, sabendo de antemão que ele não o devolveria. Cada dia ele me pedia emprestado mais um pouquinho daquele sabão, e cada dia eu tinha de usar um pouquinho menos.

Depois foi a pasta dental. O tubo terminara mesmo. Espremi, torci, rasguei, e raspei – terminou. Eu lera em algum lugar que sal de cozinha comum é um bom creme dental. Sem dúvida os meus dentes ficaram limpos, mas a minha boca teve de pagar o preço.

E as lâminas de barbear. Eu não jogara fora as minhas lâminas usadas, e, inexoravelmente, chegou o dia quando precisei ressuscitá-las. Eu não tinha pedra de afiar, e por isso as amolava no braço. Dez minutos por dia na minha pele: eu continuava impecavelmente barbeado, mas era duro.

Durante todo esse tempo, senti que Deus estava brincando comigo. Talvez ele estivesse usando aquelas experiências para me ensinar a diferença entre uma *vontade* e uma *necessidade*. A pasta dental tinha bom sabor, as lâminas novas barbeavam mais depressa, mas eram um luxo, e não uma necessidade. Eu estava certo de que quando aparecesse uma necessidade verdadeira, Deus iria supri-la.

E uma necessidade verdadeira apareceu.

Era necessário que os estrangeiros que moravam na Inglaterra renovassem o visto do passaporte em intervalos periódicos. Eu precisava renovar o meu em 31 de dezembro de 1954, ou deixar o país. Mas quando aquele mês começou a se escoar, eu estava sem um tostão. Como é que eu iria enviar os formulários para Londres?

Uma carta registrada custaria doze centavos. Eu não cria que Deus iria permitir que eu fosse forçado a sair da escola por falta de uma dúzia de centavos.

Então a brincadeira entrou em nova fase. Eu já lhe dera um nome. Chamava-a de Jogo à Moda do Rei. Eu descobrira que quando Deus supria o dinheiro, fazia-o de maneira grandiosa, e não de forma mesquinha.

Em três ocasiões definidas, durante o jogo daquela carta registrada, eu quase fui levado a abandonar a partida. Naquele último ano, eu era o presidente do conselho de classe, e encarregado do fundo para folhetos da escola. Um dia, meus olhos caíram no calendário – estávamos a vinte e oito de dezembro – e depois olhei para o dinheiro do fundo. Calhava que naquela ocasião havia ali várias libras esterlinas. Certamente não haveria problema se eu tomasse emprestado só doze centavos.

Mas havia problema, sim! Rapidamente afastei aquela idéia.

Então chegou o dia vinte e nove de dezembro. Falavam dois dias. Eu já estava quase acostumado com o gosto do sal na boca, ao escovar os dentes, e não pensava mais em quanto tempo levava para amolar uma lâmina no braço, tão intrigado estava com o drama dos doze centavos. Naquela manhã ocorreu-me a idéia de que talvez eu pudesse *achar* aqueles centavos.

Eu chegara a por o casaco e já começara a descer a rua, quando vi o que estava fazendo. Eu estava andando de cabeça curvada, de olhos postos no chão, vasculhando a sarjeta à procura de alguns centavos. Que tipo de Jogo à Moda do Rei era aquele? Endireitei-me e ri em voz alta no meio da rua apinhada de gente. Voltei para a escola de cabeça erguida, mas nem por isto achei o dinheiro.

O último tempo do jogo foi o mais sutil de todos. Estávamos a 30 de dezembro. Eu deveria colocar os formulários no correio naquele dia, se quisesse que chegassem em Londres no dia 31.

Às dez horas da manhã, um dos alunos gritou escada

acima que tinha visita para mim. Desci a escada correndo, pensando que aquele poderia ser o meu anjo libertador. Mas quando vi quem era, meu coração quase parou. A visita não viera para me *trazer* dinheiro, mas para *pedir*. Era Ricardo, um amigo que eu conhecera meses atrás na favela Patrick, um moço que vinha de vez em quando à escola, quando precisava de dinheiro.

Desanimado, saí para falar com ele. Ricardo estava de pé na trilha de pedrisco branco, com a mão no bolso e de olhos baixos.

“André”, disse ele, “será que você não tem algum dinheiro sobrando? Estou com fome.”

Dei uma risada, e contei-lhe por que sorria. Contei-lhe a respeito do sabão e das lâminas de barbear, e enquanto falava, vi uma moeda.

Estava entre as pedrinhas. O Sol reluzia de tal forma nela, que eu podia vê-la, mas Ricardo, não. Pela sua cor, percebi que era um shilling (doze centavos). Instintivamente escorreguei o pé e cobri-a com o sapato. Então, enquanto eu e Ricardo conversávamos, abaixei-me e peguei a moeda, junto com um punhado de pedrinhas. Deixei cair as pedrinhas uma a uma, descuidadamente, até que, por fim, só o shilling estava em minha mão. Mas logo que deixei cair a moeda no bolso, a batalha começou. Aquela moeda significava que eu poderia ficar na escola. Eu não faria um grande favor a Ricardo, dando-lhe a moeda: ele a gastaria em bebida, e uma hora depois estaria sedento como sempre.

Enquanto eu ainda estava inventando argumentos excelentes, percebi que não estava agindo bem. Como é que eu poderia julgar Ricardo, quando Cristo me falava tão claramente que eu não podia julgar? Além do mais, aquele não era o Caminho Real. Que direito tinha um embaixador de reter dinheiro, quando outro filho do Rei estava à sua frente, dizendo que estava com fome? Enfiei a mão de volta no bolso, e atirei a moeda de prata.

– Olha, Ricardo, eu disse, tenho isto. Ajudará um pouco?

Os olhos de Ricardo se iluminaram.

– Ajuda, camarada.

Ele atirou a moeda para cima, agarrou-a, e saiu correndo colina abaixo. Sentindo o coração leve me dizer que eu fizera o que era certo, virei-me para entrar.

Antes que eu chegasse à porta, o carteiro chegou. Entre as cartas que ele trouxe, sem dúvida, havia uma para mim. Quando vi a caligrafia de Greetje, compreendi que vinha do grupo de oração da fábrica Ringers, e que deveria ter dinheiro nela. E havia. Dinheiro de sobra: uma libra e meia – trinta shillings. Mais do que o suficiente para mandar a carta, comprar uma caixa grande de sabão em pó, comprar um belo tubo do meu creme dental favorito, e comprar Plat-Plus em vez de Gillete Azul.

O jogo terminara. O Rei havia jogado à sua maneira.

Estávamos na primavera de 1955. Meus dois anos no Colégio de Treinamento Missionário estavam quase terminando, e eu estava ansioso para começar a trabalhar. Kees já recebera o diploma no ano anterior, e estava na Coreia. Em suas cartas ele falava muito das necessidades e das oportunidades que havia lá, e o diretor me perguntou se eu gostaria de ir ajudá-lo.

E então, certa manhã – calmamente, sem estardalhaço, como na maioria das vezes é a operação de Deus – peguei uma revista, e a minha vida, desde então, nunca mais foi a mesma.

Uma semana antes da formatura, desci ao porão para apanhar minha mala. Ali, sobre uma velha caixa de papelão, no porão bolorento, estava uma revista, que nem eu nem qualquer outra pessoa na escola nos lembrávamos de ter visto antes. Como ela chegou ali, jamais ficarei sabendo.

Peguei-a, e comecei a folheá-la vagarosamente. Era uma bela revista, impressa em papel couchê, e com belas fotografias em quatro cores. A maior parte delas mostrava multidões de jovens desfilando pelas ruas de Pequim, Varsóvia e Praga. Suas faces eram animadas, o seu passo vigo-

roso. O texto, em inglês, me informava que aquelas pessoas faziam parte de uma organização mundial com noventa e seis milhões de membros. Em parte alguma a palavra “comunista” era usada, e a palavra “socialista” só aparecia ocasionalmente. A conversa era toda a respeito de um mundo melhor, de um futuro brilhante. E então, mais para o fim da revista, aparecia o anúncio de um festival da juventude que deveria ser realizado em Varsóvia, no mês de julho daquele ano. Todos eram convidados.

Todos?

Em vez de jogar a revista fora, enfiei-a debaixo do braço e carreguei-a juntamente com a mala, para o quarto. Naquela noite, sem ter idéia de onde aquilo me levaria, escrevi algumas linhas para o endereço de Varsóvia mencionado na revista. Disse-lhes francamente que estava estudando para ser um missionário evangélico, e que estava interessado em ir ao festival da juventude para trocar idéias: eu falaria a respeito de Cristo, e eles poderiam falar sobre o socialismo. Será que eles concordariam que eu fosse naquelas circunstâncias? Postei a carta, e rápido como um bumerangue, a resposta voltou. Certamente que eles desejavam que eu fosse. Visto que eu era estudante, teria direito a descontos. Um trem especial sairia de Amsterdã. A minha identificação vinha inclusa. Eles esperavam receber-me em Varsóvia.

A única pessoa no mundo com quem falei a respeito daquela viagem foi o Tio Hoppy. Ele me respondeu, por carta:

“André, acho que você deve ir. Estou enviando cinquenta libras esterlinas para as despesas.”

Naquele momento, quando eu deixava a Escócia para voltar ao meu lar, na Holanda, um sonho começou a adquirir forma. Ele lampejava informe em meus pensamentos, desde a época em que trabalhava na fábrica Ringers, sempre vaporoso e mal definido, até agora.

Começara no meu último dia de trabalho na fábrica. Havia só uma comunista declarada, empregada na fábri-

ca Ringers: era uma mulher baixinha e corpulenta, cujos cabelos grisalhos aparados curtos ficavam espetados na sua cabeça como uma escova. Ela tinha um vocabulário especial para descrever tudo, desde os salários (“salário de escravos”) até à Rainha (uma “opressora”). Meus esforços evangélicos, quando ela os detectou, comprimiram nela o botão que resultava em declarações tais como: “Deus-é-uma-invenção-da-classe-exploradora”. Sendo uma pessoa completamente desprovida de senso de humor, ela jamais percebeu que todo mundo ria dela. Nos vinte anos que trabalhou na fábrica, ela não havia conseguido nenhum “convertido”.

Eu a achava digna de dó, em vez de engraçada, e na hora do almoço, muitas vezes, eu me dirigia para a mesa em que ela se sentava sozinha. No dia em que deixei a fábrica Ringers, fui até o banco em que ela trabalhava, para despedir-me.

– Finalmente você vai ficar livre de mim! disse eu, esperando que, pelo menos, nossa despedida fosse cordial.

– Mas não das mentiras que espalhou! respondeu ela, enfurecida. Você hipnotizou este povo com a sua conversa de salvação e de banquete no céu! Você os cegou com...

Sorri, e me preparei para ouvir um discurso a respeito do “ópio do povo”. Mas para minha surpresa, a voz irada vacilou.

– Claro que eles creram em você, continuou ela, com menos segurança. Eles nunca tiveram treinamento. Ainda não aprenderam argumentos dialéticos. Eles só pensam o que *querem* pensar.

– Afinal de contas – a sua voz tornou-se tão baixa que eu mal a ouvia – se a gente pudesse escolher, quem não escolheria... bem, Deus e tudo o mais.

Dei-lhe uma olhada rápida, e acho que vi o impossível: acho que vi lágrimas em seus olhos.



7

7

7

ATRÁS DA "CORTINA DE FERRO"

Voltar a Witte depois de dois anos na Inglaterra, era como tornar a viver uma experiência que "já acontecera antes". Exatamente da forma como quando eu voltara da Indonésia, tudo na aldeia, naquela manhã quente de julho de 1955, estava precisamente como quando eu saíra, tanto que, a princípio, tive a sensação desagradável de que o tempo não passara. Geltje estava no quintal, estendendo roupa, quando atravessei a pontezinha e entrei em nosso pedaço de terra. Ali, no entanto, havia uma diferença: um garotinho estava brincando nos degraus da frente, o filho de Geltje.

"Ei!" gritei. "Não há ninguém em casa? É André!"

Mais uma vez, todos apareceram repentinamente. Aconteceram os gritos e abraços, as perguntas, e o ataque do problema de logística: quem iria dormir onde, enquanto o Tio André estivesse em casa.

Os dias seguintes foram gastos visitando amigos. Fui ver o Sr. Ringers, na fábrica. Visitei a Srta. Meeke, que levantou os braços, admirada com o meu inglês, e a família de Kees. Telefonei para os Whetstra, e descobri, para minha surpresa, que eles estavam para se mudar para Amsterdã. Eles haviam prosperado muito no negócio de exportação de flores, e queriam estar mais perto dos grandes escritórios exportadores.

Por fim, fui a Ermelo para visitar meu irmão Ben e sua esposa. De maneira casual, perguntei-lhe se haviam ouvido alguma coisa a respeito de Thile.

"Sim", respondeu ele também de maneira casual. "Li no jornal, ano passado, que ela tinha se casado. Com um padeiro, creio."

E porque parecia não haver mais nada a dizer, nenhum de nós falou nada.

O trem para Varsóvia saía de Amsterdã em 15 de julho de 1955. Fiquei admirado com o grande número de estudantes que fora atraído pelo festival. Centenas de moços e moças aglomeravam-se na estação. Pela primeira vez comeci a crer nos números exagerados que lera na revista.

Minha mala estava pesada. Nela havia apenas algumas peças de roupa, um lençol e algumas meias. A maior parte da mala estava cheia de pequenos livretes cujo título era *O Caminho da Salvação*. Se os comunistas me haviam atraído ao seu país através da literatura, eu levaria para lá a *minha* literatura. Karl Marx, certa vez, dissera: "Dêem-me vinte e três soldados de chumbo e eu conquistarei o mundo", fazendo menção, sem dúvida, às vinte e três letras do alfabeto. Bem, aquele jogo podia ser jogado de ambos os lados: eu estava indo para a Polônia com edições daquele poderoso livrete em todas as línguas européias.

E assim, com a mala quase se rasgando na base da alça, e minha calça nova de veludilho rangendo a cada passo, embarquei no trem. Algumas horas depois, eu estava na Estação Central de Varsóvia, esperando a indicação do hotel para onde iria. Sentia-me muito sozinho. Eu não conhecia uma só pessoa em toda a Polônia, e não sabia uma palavra sequer do idioma. De todos os quadrantes do mundo, milhares e milhares de jovens estavam convergindo para Varsóvia, com propósitos exatamente opostos aos meus. Enquanto esperávamos, surpreendi-me orando, e fiquei pensando se minha oração

não seria a única no meio daquela multidão entusiástica, alegre, confiante.

O meu "hotel" veio a ser o edifício de uma escola que fora convertido em dormitório especialmente para aquela ocasião. Apresentei as credenciais, e fui designado para uma sala de aula de matemática que continha trinta camas. Logo que me foi possível, saí da escola e comecei a andar pelas ruas de Varsóvia, imaginando o que deveria fazer em seguida. Um tanto sem objetivo, peguei um ônibus urbano e de repente, enquanto o ônibus vencida o trânsito, fiquei sabendo o que deveria fazer. Eu aprendera um pouco de alemão durante a ocupação, e sabia que na Polônia havia um bom grupo de pessoas que falava alemão. Assim, respirando fundo, disse em voz alta, em alemão:

"Sou um crente da Holanda."

Todo mundo ao meu redor, parou de conversar. Senti-me horrivelmente ridículo.

"Quero entrar em contato com alguns crentes poloneses. Alguém pode me ajudar?"

Silêncio. Mas depois, quando se levantou para descer do ônibus, uma senhora gorda aproximou o rosto ao meu, e cochichou um endereço, em alemão. Depois, disse as palavras: "livraria evangélica".

Meu pulso acelerou-se. Uma livraria evangélica? Em um país comunista? Descobri o endereço, e ali estava: uma livraria evangélica, e tudo perfeitamente às claras. A vitrina estava cheia de Bíblias, traduções estrangeiras, e testamentos de bolso. Mas a loja estava bloqueada com uma grade pesada, e a porta estava trancada com um cadeado. Havia um aviso preso à porta, que eu copiei cuidadosamente, palavra por palavra, e levei para o hotel. O chefe do meu grupo sorriu.

"É um aviso de férias", disse ele. "Fechado para férias. Reabrirá a 21 de julho."

Portanto, eu teria de esperar.

O nosso programa para as três semanas havia sido

estabelecido de antemão. Deveríamos participar dos passeios oficiais para conhecer o país na parte da manhã, e assistir palestras na parte da tarde e à noite.

Segui a rotina durante alguns dias. Era claro que nos mostravam uma face bem lavada de Varsóvia. Escolas novas, fábricas fluorescentes, apartamentos de primeira classe, lojas transbordantes. Tudo era muito impressionante. Mas fiquei pensando o que eu veria se conseguisse sair sozinho.

Certa manhã, decidi fazer exatamente isso. Levantei mais cedo, e antes que o resto do meu grupo descesse para tomar café, eu estava fora do edifício.

Que dia! Andei para cima e para baixo, pelas largas avenidas de Varsóvia, entristecido pelos sinais da violência da guerra, que apareciam por toda parte. Quarteirões inteiros haviam sido bombardeados, quarteirões que as excursões turísticas haviam evitado. Favelas abundavam, lojas paupérrimas com longas filas, homens e mulheres com farrapos sobre o corpo. Uma cena, particularmente, ficou-me impressa na memória. Havia um bairro bombardeado, em que as famílias viviam como coelhos em um viveiro. Aquelas pessoas haviam escavado os escombros, descoberto entradas para os porões, e viviam neles. Vi uma garotinha brincando descalça no pó e no lixo. Eu tinha comigo um livrete em polonês, que lhe entreguei, juntamente com uma pequena moeda. Ela olhou-me surpresa, e correu para o monturo de escombros. Um instante depois, apareceu a cabeça de uma mulher como que surgida das profundezas da terra. Ela cambaleou em minha direção, com o folheto e a moeda na mão. Atrás dela vinha um homem. Estavam sujos, e ambos bêbados.

Tentei falar com eles em alemão e em inglês, e mesmo em holandês, mas eles apenas me olharam inexpressivamente. Através de mímica, fi-los entender que deveriam ler o folheto, mas pela maneira como eles o seguraram, compreendi por fim que não sabiam ler. Eles ficaram simplesmente balançando a cabeça, e por fim, com um sorriso e um aceno de cabeça, saí.

Chegou o domingo. Na agenda do congresso, era um grande dia. Deveríamos tomar parte em uma demonstração no estádio. Em vez disso, fui à igreja.

Os jornais da Holanda haviam publicado tantas notícias a respeito da prisão dos líderes eclesiásticos da igreja polonesa, e do fechamento de seminários, que eu tinha a impressão de que religião na Polônia era atividade clandestina. Obviamente não era assim. Aparentemente, a livraria evangélica ainda estava funcionando. Eu passara por igrejas católicas cujas portas estavam bem abertas. Será que havia, pensei, igrejas protestantes também funcionando?

Não quis pedir informações na escola, pois eles pensavam que eu estaria na concentração. Por isso, escapei e tratei de arranjar um táxi.

“Bom-dia”, disse eu em polonês.

O motorista sorriu para mim e matraqueou uma longa sentença. Mas “bom-dia” era tudo que sabia em polonês, e quando lhe pedi em alemão para me levar a uma igreja, o seu rosto anuviou-se. Tentei inglês, e ele continuou me olhando intrigado.

Dobrei as mãos em atitude de oração, depois abri-as como se estivesse lendo. Depois, fiz o sinal da cruz e sacudi a cabeça. Não, não estava procurando uma igreja católica. Através de mímica, outra vez, fiz o gesto de quem lê a Bíblia. O motorista estava rindo de novo. Atravessou a cidade, e certamente ele compreendera: paramos diante de um edifício de tijolos vermelhos que ostentava duas torres. Dez minutos depois, eu estava assistindo a um culto numa Igreja Reformada, atrás da “Cortina de Ferro”.

Fiquei surpreso com o tamanho da congregação; a igreja se encontrava com cerca de três quartos dos bancos cheios. Fiquei surpreendido, também, com o número de jovens. O cântico dos hinos era entusiástico, o sermão aparentemente centralizado nas Escrituras, pois o pregador estava constantemente recorrendo à sua Bíblia. Quando o culto terminou, esperei no vestíbulo, para ver se encontrava alguém que falasse uma das línguas

guas que eu falava. Minhas roupas deveriam ter-me identificado como estrangeiro, porque não se passou muito tempo e ouvi a palavra:

– Bem-vindo.

Virei-me e vi-me face a face com o pastor.

– Você pode esperar um momento? disse ele em inglês. Eu gostaria de falar com você.

Eu também com ele! Depois que a maior parte da congregação havia saído, o pastor e um grupinho de jovens dispuseram-se a responder as minhas perguntas. Sim, eles cultuavam abertamente, e com considerável liberdade, enquanto se mantivessem longe dos assuntos políticos. Sim, havia membros da igreja que também eram membros do Partido Comunista. Bem, o regime fizera tanto pelo povo, que a gente apenas fechava os olhos quanto ao resto.

– É uma transigência, sim, disse o pastor, encolhendo os ombros, mas o que é que a gente pode fazer?

– A que igreja você pertence, em sua pátria? perguntou um dos rapazes, em excelente inglês.

– Batista.

– Você gostaria de ir a um culto batista?

– Muito, mesmo.

Ele tirou papel e lápis, e escreveu um endereço para mim.

– Há culto hoje à noite, informou ele.

E naquela noite, depois de ficar sabendo, através da delegação holandesa como foram maçantes as infundáveis palestras daquele dia, saí de táxi de novo, desta vez armado com um endereço específico.

O culto já começara quando cheguei. O número de pessoas era menor. O povo já não era tão bem vestido quanto o outro, e quase não havia jovens. Mas aconteceu uma coisa interessante. Haviam dado ao pastor a notícia de que havia um estrangeiro na congregação, e imediatamente fui convidado a subir na plataforma e falar-lhes. Fiquei alarmado. Será que eles tinham tanta liberdade assim?

“Há alguém aqui que fala alemão ou inglês?” perguntei, sem saber que eu havia descoberto uma técnica que haveria de usar freqüentemente no futuro. Aconteceu que havia uma senhora na congregação que falava alemão. Através dela, preguei o meu primeiro sermão atrás da “Cortina de Ferro”. Foi curto e insignificante, exceto por um fato: ali estava eu, um crente do outro lado da “Cortina de Ferro”, de pé diante de uma igreja, pregando o evangelho em um país comunista.

Ao fim de minha curta prédica, o pastor falou a coisa mais interessante que eu poderia ter ouvido:

“Queremos agradecer-lhe por *estar* aqui. Mesmo que você não tivesse falado nem uma palavra, só o fato de vê-lo já teria significado muito. Algumas vezes sentimos como se estivéssemos sozinhos em nossa luta.”

Naquela noite, deitado na minha cama de lona na sala de aula de matemática, fiquei pensando como aquelas duas igrejas haviam sido diferentes. Uma, aparentemente, estava seguindo a rota da cooperação com o governo: atraía grandes multidões, era aceitável para os jovens. A outra, eu sentia, estava seguindo por um caminho solitário. Quando perguntei se membros do partido freqüentavam os seus cultos, a resposta foi:

“Não que o saibamos!”

Eu estava aprendendo tantas coisas e tão depressa, que era difícil assimilar tudo.

Eu já passara quase uma semana na Polônia! Por fim chegou o dia 21 de julho, dia em que a livraria evangélica deveria reabrir. Saí cedo da escola, e fui andando pelas avenidas quase vazias, até que cheguei no endereço da Rua Novo Mundo.

Pouco antes das nove horas, um homem veio apressadamente rua abaixo, parou em frente à livraria evangélica, curvou-se, e enfiou a chave no cadeado.

– Bom-dia, disse eu em polônês.

O homem endireitou-se e olhou para mim.

– Bom-dia, disse ele um pouco friamente.

– Você fala ou inglês ou alemão? perguntei em inglês.

– Falo inglês. Ele olhou rua acima. Entre.

O proprietário acendeu as luzes e começou a levantar as persianas. Enquanto ele trabalhava, eu me apresentei. Ele resmungou qualquer coisa. Agora, era a vez dele. Mostrou-me a loja: as muitas edições da Bíblia, e a ampla gama de preços apresentados. Durante todo o tempo ele estava extraindo de mim fragmentos de informações, procurando saber exatamente quem eu era.

– Por que é que você está na Polônia? perguntou ele subitamente.

– Se um membro sofre, todos sofrem com ele, respondi citando 1 Coríntios.

O proprietário olhou-me fixamente.

– Não estamos falando de sofrimento, disse ele. Pelo contrário, eu lhe falei como nós somos livres para publicar e distribuir Bíblias.

E com isso ele começou a contar uma história que comprovaria, disse ele, como os crentes se davam bem com o regime. Até Stalin, antes da sua morte recente, havia sorrido em aprovação ao trabalho da livraria evangélica.

Um dia, disse ele, dois oficiais entraram na loja e estenderam-lhe uma ordem escrita. Para celebrar o aniversário de Stalin, todas as lojas deveriam expor o retrato dele na vitrina, rodeado pelas melhores mercadorias da loja.

– É claro, disse o proprietário, que eu me apressei a cooperar. Dei uma busca nas lojas, naquele mesmo dia, e encontrei exatamente o que queria: uma fotografia colorida de Stalin, em tamanho bem grande, de braços cruzados, olhando para baixo, com um sorriso afetuoso nos lábios. Coloquei o retrato na vitrina. Então escolhi as Bíblias mais caras, e abri-as em algumas palavras de Cristo escritas com letras vermelhas, bem debaixo dos olhos aprovadores de Stalin. Todo mundo parecia estar gostando da minha

vitrina, pois logo juntou-se uma pequena multidão diante dela, e todos os rostos estavam sorridentes. Chegou a Polícia do Povo. “Tire isso daí!” ordenaram os guardas. “Oh, não senhor!” disse eu. “Não posso fazer isso, pois aqui estão as ordens do governo: preto no branco”.

Eu estava rindo, mas o proprietário não estava. Nem piscava. Era o meu primeiro contato com o aparentemente inexpressivo jogo de palavras com sentido duplo que tem parte saliente na vida da comunidade evangélica por detrás da “Cortina de Ferro”. Às pressas, recompos minhas feições para acompanhar sua expressão solene.

Enquanto conversávamos, vários fregueses entraram. Eu estava interessado em ver o movimento da loja. Quando ficamos novamente a sós, perguntei ao proprietário se havia livrarias evangélicas nos outros países comunistas.

– Em alguns sim, em outros não, disse ele. E começou a espanar as prateleiras.

– Ouvi falar que na Rússia as Bíblias são muito escassas, mesmo. De fato, dizem que há gente fazendo fortuna com isso lá. Uma pessoa contrabandeia dez Bíblias para a Rússia, e vende-as por um preço suficiente para comprar uma motocicleta. Traz a motocicleta para a Polônia, Iugoslávia ou Alemanha Oriental, e vende-a com um gordo lucro, com o que compra mais Bíblias. É claro que isso é apenas boato.

Conversei com o proprietário da livraria evangélica durante toda a parte da manhã, e quando chegou a hora de me despedir, fi-lo a contragosto. Voltando para a escola, procurei tirar conclusões da visita. Ali estava uma loja vendendo Bíblias abertamente a qualquer pessoa que quisesse. Dificilmente aquilo seria um exemplo da perseguição religiosa da qual eu tanto ouvira falar na Holanda. Não obstante, o meu amigo portava-se de maneira tão circunspeta em sua palestra, que dava a impressão de que estava exercendo uma atividade ilegal. Eu podia sentir uma inquietação, uma tensão no ar, que me dizia que nem tudo era como parecia.

Contudo, eu ainda não procurara fazer a principal coisa que viera fazer: queria distribuir os meus “vinte e três soldados de chumbo” abertamente nas ruas, para ver o que aconteceria.

Assim, durante vários dias em seguida eu fiquei nas esquinas, fui ao mercado – abarrotado de verduras e legumes frescos – embarquei nos trens, e por toda parte distribuí os meus livretes.

Eu nunca vira bondes tão lotados como os da Polônia. Havia passageiros nas plataformas, sobre os engates, dependurados por toda parte. Lembro-me de uma vez em que viajava apertado na plataforma traseira, segurando os folhetos por sobre a cabeça, para que não fossem amassados. Uma senhora, do interior, perto de mim olhou para os panfletos e fez o sinal da cruz.

“*Ja, ja*”, disse ela em alemão, “é disto que precisamos na Polônia.”

E foi só. Mas percebi que havíamos realmente estabelecido um contato: ela, uma senhora católica da Europa Oriental, e eu um protestante do Ocidente. Ali, naquele bonde superlotado, havíamos nos encontrado como cristãos.

Com o passar dos dias, não tendo observado nenhuma consequência negativa da distribuição dos meus livretes em público, para todos verem, comecei a ficar entusiasmado a respeito das possibilidades daquele inesperado campo missionário. E então, um dia, descobri como ainda eram profundas minhas atitudes derrotistas. Eu achava que havia distribuído literatura evangélica em todos os lugares que podia imaginar. Mas certa manhã, durante a hora silenciosa, que eu observava desde a época de minha permanência em Londres, comecei a pensar no quartel que havia pouco acima da escola em que eu estava, na mesma rua. Não apenas jamais me ocorrera distribuir folhetos para os soldados, ali, mas a própria presença dos seus uniformes fazia com que eu apressasse o passo em outra direção.

Como é que a gente pode ser tão cego! Mais do que qualquer pessoa, eu deveria saber que o uniforme não faz o homem. Um dia antes do término do festival, eu me aproximei de um grupo de seis soldados que estavam de guarda, e dei a cada um deles um livrete. Os homens olharam para os folhetos, para mim, e depois um para o outro. Eu disse-lhes que era holandês, e descobri que um deles falava alemão.

– Deve ser muito duro para vocês a ocupação americana, disse um deles.

– A o quê?

– A ocupação da Holanda pela Força Aérea Americana.

Eu estava no meio de uma explicação do fato de que não éramos um país ocupado, quando de repente os soldados tomaram posição de sentido. Um oficial aproximava-se metralhando ordens em polonês. Os seis soldados giraram obedientemente, e foram-se, marchando. Mas notei que eles levaram os livretes.

– O que é que você deu a esses homens? disse o oficial em alemão.

– Isto, senhor.

Dei-lhe um dos livretos. Ele olhou-o cuidadosamente. Duas horas depois, era eu que tinha de sair. Deveríamos viajar no dia seguinte, e eu tinha uma dúzia de formulários para preencher, a fim de viajar. Quando nos separamos, o oficial, cuja família era ortodoxa russa, desejou-me boa viagem.

A manhã seguinte seria a última que passaríamos em Varsóvia. Eu me levantei ainda mais cedo do que de costume, e saí à rua ao alvorecer. Encontrei um banco em uma das largas avenidas, enxuguei o orvalho, e me sentei, com o testamento de bolso no joelho. Eu tinha um objetivo especial, ao sair tão cedo. Queria orar por cada pessoa que eu encontrara durante aquela viagem. Durante muito tempo, naquela manhã, eu rememorei os lugares e pessoas que havia visto. Em três domingos eu visitara

igrejas presbiterianas, batistas, católicas, ortodoxas, reformadas (luteranas) e metodistas. Cinco vezes eu fora solicitado a falar em cultos. Visitara uma livraria evangélica, conversara com alguns soldados e um oficial, com pessoas em esquinas e em bondes. Orei para cada uma delas.

Enquanto estava ali sentado, orando, ouvi uma música. Ela vinha pela avenida. Marcial, forte, com o som de vozes cantando. E então eu vi o que era: o clímax perfeito da visita, o Desfile do Triunfo, que encerrava o festival.

Esse era o outro lado do quadro. Sim, pois sobrepujando a pequena e única livraria evangélica que eu encontrara, e os crentes ocasionais que conhecera, levantava-se aquele gigantesco fato: a tremenda força do regime.

Ali vinham os jovens socialistas, marchando pela avenida. Nem por um momento eu podia crer que eles eram coagidos. Marchavam porque criam. Marchavam em coluna por oito: saudáveis, animados, asseados. Marchavam cantando, e suas vozes eram como gritos. Fileiras após fileiras, passaram durante dez minutos, quinze minutos, moços e moças...

O efeito era soberbo. Ali estavam os evangelistas do século XX. Ali estavam as pessoas que iriam por toda a parte gritando as suas boas-novas.

E parte das suas boas-novas era que as velhas algemas e superstições da religião, as velhas idéias inibidoras a respeito de Deus haviam sido lançadas por terra. O homem era o seu próprio dono: cabia a ele assumir a direção do futuro.

O que é que nós, do Ocidente, deveríamos fazer a respeito deles, daqueles milhares de jovens que passavam marchando à minha frente, batendo palmas agora, com um ritmo terrificante?

Matá-los? Essa havia sido a solução que os nazistas haviam oferecido.

Deixá-los vencer por omissão de nossa parte? Embora

eu respeitasse e amasse muito a CEM e o seu colégio de treinamento, ela nunca mandara um homem para detrás da “Cortina de Ferro”.

Então, o que deveríamos fazer? O que deveria *eu* fazer? A Bíblia permanecia aberta no meu colo, e as páginas viravam sob a ação da brisa matutina. Coloquei a mão sobre elas para segurá-las, e vi que estava olhando para o livro de Apocalipse. Meus dedos descansavam sobre a página, quase como se estivessem indicando uma passagem. “Sê vigilante”, dizia o versículo que estava sob a ponta do meu dedo, “e consolida o resto que estava para morrer...”

Repentinamente, compreendi que eu estava vendo as palavras através de uma cortina de lágrimas. Será que Deus as estava falando para mim naquela hora, dizendo que a obra da minha vida seria ali, atrás da “Cortina de Ferro”, onde o remanescente da sua Igreja estava lutando para sobreviver? Será que eu teria uma participação no fortalecimento daquele precioso resto?

Mas aquilo era ridículo! Como poderia fazê-lo? Tanto quanto eu sabia, em 1955 não havia nenhum missionário trabalhando naquele maior dentre todos os campos missionários. O que poderia fazer eu, uma pessoa só, sem fundos nem organização, contra uma força invencível como a que estava passando naquela hora diante de mim?



=====

8

=====

O CÁLICE DO SOFRIMENTO

O nosso trem entrou em Amsterdã exatamente no horário. Desembarquei com o resto da multidão, com a calça de veludilho ainda rangendo, mas carregando uma mala que estava muito mais leve do que quando fora para Varsóvia.

Não fui diretamente para Witte. Em vez disso, fui visitar os Whetstra em sua nova casa, em Amsterdã.

Era uma beleza: uma bela casa de tijolo marrom em uma agradável alameda perto do rio. Estacionado à frente estava um brilhante Volkswagen novo, azul claro, a respeito do qual o Sr. Whetstra já me havia escrito. Coloquei a mala na calçada e experimentei abrir a porta do carro.

– Bem, filho, que é que você acha dele?

Virei-me, e vi o Sr. Whetstra sorrindo para mim. Ele me levou para dar um pequeno passeio pelo cais.

– Mas chega de exibição, disse ele. Você precisa nos contar como foi sua visita à Polônia.

Assim, durante o resto da tarde contei aos Whetstra como fora minha viagem. Contei-lhes, também, a respeito do versículo bíblico que aparentemente me fora dado de forma tão estranha.

– Mas como é que eu faria para consolidar qualquer coisa? perguntei. Que espécie de força eu tenho?

O Sr. Whetstra sacudiu a cabeça. Concordou comigo

que um holandês sozinho dificilmente seria a solução para a necessidade que eu descrevera. Foi a Sra. Whetstra quem entendeu.

– Nenhuma! respondeu-me ela alegremente. E você não sabe que é exatamente quando estamos mais fracos é que Deus pode nos usar melhor? Suponha que não é você, mas o Espírito Santo quem tem planos para o povo que vive detrás da “Cortina de Ferro”. E você ainda fala a respeito de força...

A minha volta a Witte deu ocasião a uma surpresa agradável.

Os vizinhos vieram à nossa casa, à noite, com perguntas, aquelas perguntas básicas que todos nos estávamos fazendo em 1955, quando a possibilidade de viajar para trás da “Cortina de Ferro” estava apenas começando, e o mundo comunista ainda estava envolto em mistério. Mas finalmente a última visita saiu, matraqueando com o sapato de madeira ao atravessar a pontezinha; chegara a hora de dormir. Espreguicei-me, peguei a mala quase vazia, e comecei a seguir Cornélio escada acima, para o sótão.

– Espere um minuto, André, disse Geltje.

Parei.

– Temos algo para mostrar a você.

Desci da escada, e acompanhei Geltje para o cômodo ao lado da sala de visitas, que fora outrora o quarto de mamãe e papai. Cada centímetro dele estava cheio de recordações: a figura debilitada de Bastian debaixo dos cobertores; mamãe durante os últimos meses da guerra, fraca demais para levantar a cabeça daquele travesseiro...

– Com o novo quarto que foi construído para papai, André, estava dizendo Geltje, decidimos que você deveria ter este quarto como sede de operações.

Perdi o fôlego. Nem nos mais róseos sonhos de bem-aventurança, eu imaginara um quarto só para mim. Naquela casa pequenina, eu sabia com que sacrifício Arie e Geltje estavam me dando aquele presente.

– Enquanto você não se casa! ribombou papai da sala.

Papai estava começando a fazer observações constantes a respeito do seu filho “solteirão” de vinte e sete anos.

– Enquanto você não se casa!

Acabei conseguindo dizer algumas palavras. Um quarto só para mim! Naquela noite, depois que o resto da família fora para a cama, fechei a porta do *meu* quarto, e dei uma volta nele, imaginando os móveis que teria.

“Muito obrigado pela cadeira, Senhor. Obrigado pela escrivaninha...”

Eu haveria de fazer uma escrivaninha. Eu a colocaria ali, e passaria horas no meu quarto, estudando, trabalhando e planejando.

Eu ainda não passara nem uma semana em casa, quando os convites começaram a chegar. Igrejas, clubes, organizações cívicas, escolas... todo mundo queria saber como era a vida detrás da “Cortina de Ferro”.

Aceitei todos. Em parte, eu necessitava do pagamento que eles ofereciam. Mas eu tinha uma razão ainda mais forte. De alguma forma, eu tinha a certeza de que através das palestras ser-me-ia mostrado o que deveria fazer a seguir.

E foi exatamente o que aconteceu.

Uma igreja de Haarlem, onde eu deveria falar, havia pregado cartazes de propaganda por toda a cidade, dizendo que o meu assunto iria ser “Como os Cristãos Vivem Atrás da ‘Cortina de Ferro’”. Eu nunca poderia ter a presunção de falar a respeito de um tópico desses, após uma visita de apenas três semanas. Mas pelo menos a propaganda atraiu uma pequena multidão, o auditório estava apinhado. E atraiu algo mais: um grupo de comunistas.

Eu os reconheci imediatamente – alguns deles haviam tomado parte na viagem – e fiquei pensando no interrogatório que fariam. Para minha surpresa, contudo, eles não se moveram nem durante a palestra, nem durante o período de perguntas que se seguiu. Porém, depois, uma das moças dirigiu-se a mim. Ela fora um dos líderes da delegação holandesa em Varsóvia.

– Não gostei da sua palestra, disse ela.

– Sinto muito. Sabia que você não iria gostar mesmo.
 – Você contou só uma parte da história, disse ela.
 Obviamente você não viu o suficiente. Você precisa viajar mais, visitar mais países, conhecer outros líderes.

Eu não disse nada. Aonde ela queria chegar?
 – Em outras palavras, você deve fazer outra viagem. É isso que eu vim lhe sugerir.

Retive a respiração.
 – Estou encarregada de escolher quinze pessoas da Holanda para fazer uma viagem à Tchecoslováquia, que durará quatro semanas. Serão estudantes e professores, e pessoas que trabalham nos meios de comunicação, e gostaríamos que alguém das igrejas participasse. Você quer ir?

Seria a mão de Deus? Seria aquela a porta que se abriria a seguir, no seu plano para mim? Decidi colocar a questão diante dele, outra vez, em termos de dinheiro. Eu sabia que não tinha fundos para fazer tal viagem.

“Se queres que eu vá, Senhor”, eu pedi em uma oração-relâmpago, mentalmente, “tu precisarás suprir os meios.”
 – Obrigado, disse em voz alta, mas não tenho possibilidades de fazer uma viagem dessas. Sinto muito.

Comecei a guardar as fotos de Varsóvia que trouxera comigo.

Senti que a moça estava olhando para mim.

– Bem, disse ela finalmente, podemos arranjar isso. Olhei para ela.

– O que você quer dizer?

– A respeito das despesas. Para você, não haverá despesas.

Assim começou a minha segunda viagem para trás da “Cortina de Ferro”. Foi muito semelhante à minha visita à Polônia, exceto que o grupo era menor, e eu tive muito mais trabalho para conseguir sair sozinho. Eu ficava imaginando o que seria que Deus queria que eu aprendesse na Tchecoslováquia.

Quase no fim das quatro semanas encontrei a resposta.

Por toda parte havíamos sido informados a respeito da liberdade religiosa que o povo gozava sob o domínio comunista. Ali na Tchecoslováquia, o guia nos informou que até havia um grupo de eruditos, pagos pelo Estado, que haviam terminado há pouco uma nova tradução da Bíblia, e estavam, então, trabalhando em um dicionário bíblico.

“Gostaria muito de visitar esses homens”, disse eu.

Assim, naquela tarde, fui levado a um grande edifício de escritórios, no coração de Praga. Era o Centro Inter-Eclesiástico, sede de todas as igrejas protestantes da Tchecoslováquia. Minha primeira impressão foi estonteante, diante do tamanho das dependências que a Igreja podia manter. Fui levado a um conjunto de escritórios onde homens de aparência erudita, vestidos de casacos negros, estavam sentados detrás de pesados volumes e pilhas de papéis. Fui informado de que aqueles eram os homens que haviam trabalhado na nova tradução. Fiquei muito impressionado. Porém, gradualmente, alguns fatos interessantes começaram a emergir. Perguntei se podia ver um exemplar da nova tradução: mostraram-me um manuscrito massudo, com sinais de prolongado manuseio.

– Ah! A tradução ainda não foi publicada? perguntei.

– Bem, não, disse um dos homens. O seu rosto pareceu entristecer-se. Está pronta desde a época da guerra, mas...

Deu uma olhada para o diretor da caravana, e deixou a sentença sem terminar.

– E o dicionário bíblico? Já está pronto?

– Quase.

– Mas que adianta ter um dicionário da Bíblia, se não há Bíblias? Há traduções anteriores?

O tradutor olhou outra vez para o diretor da caravana, como se procurando descobrir o quanto poderia revelar.

– Não, balbuciou ele finalmente. Não; é muito difícil. Muito difícil encontrar Bíblias aqui, hoje em dia.

O diretor da caravana considerou a entrevista terminada. Fui escoltado para fora, sem ter tido oportunidade de fazer mais perguntas. Mas o dano fora feito. Eu havia

surpreendido o subterfúgio. Em vez de fazer um ataque frontal contra a religião naquela nação tão devota, o novo regime estava fazendo o jogo da frustração. Estava patrocinando uma nova tradução da Bíblia, uma tradução que nunca chegaria a ser publicada. Estava fazendo um novo dicionário bíblico – só que não havia Bíblias para acompanhar os dicionários.

No dia seguinte pedi ao nosso guia para me levar à livraria interdenominacional. Eu estava resolvido a ver por mim mesmo qual a dificuldade para se comprar uma Bíblia. A loja estava bem sortida de músicas, artigos de papelaria, figuras, estátuas, cruzes e livros que eram mais ou menos relacionados com religião. Em qualquer loja semelhante a essa, na Holanda, haveria uma seção inteira, dedicada às diversas edições das Escrituras.

– Posso ver uma Bíblia com capa de couro, por favor? perguntei à vendedora.

Já então eu havia descoberto que, sabendo inglês e alemão, eu raramente tinha dificuldade em me comunicar.

A vendedora sacudiu a cabeça.

– Sinto muito, senhor. Estão esgotadas, atualmente.

– Bem, então quero ver uma Bíblia popular.

Mas essas também, ao que parecia, estavam temporariamente esgotadas.

– Madame, disse eu, estou vindo da Holanda para ver como está a Igreja da Tchecoslováquia. A senhora vai me dizer que eu entro na maior livraria religiosa do país e não encontro uma só Bíblia para comprar?

A vendedora pediu desculpas e desapareceu nos fundos da loja. Houve uma conversa rápida e um tanto agitada por detrás da cortina, seguida pelo ruído de papel de embrulho. E então, apareceu o próprio gerente, carregando um pacote marrom.

– Aqui está, senhor.

Eu agradeci.

– É a nova tradução que torna as Bíblias escassas, disse o gerente. Até que ela saia, nenhuma Bíblia será impressa.

Era o nosso último dia. Grandes planos haviam sido feitos para nós. Deveríamos sair de Praga, para dar um passeio até às comunidades-modelo que havia no interior. Então deveríamos voltar para o jantar, depois haveria uma conferência com a imprensa, e as últimas despedidas.

Possivelmente eu teria suportado aquele programa, por amor à educação, se não fosse uma coisa: era domingo. Seria a minha última oportunidade de cultuar a Deus com os crentes tchecos sem ter um “guia” ao meu redor.

Durante vários dias eu planejava a minha fuga. Notara que a mola que fechava a porta de trás do ônibus turístico estava quebrada: mesmo quando “fechada”, havia um vão de mais de trinta centímetros de largura entre a porta e o batente. Se eu prendesse bem a respiração...

Quando o ônibus deu partida, de defronte do hotel, naquele último dia, fiquei no último banco. Diante de cada semáforo, eu media as possibilidades que tinha de me esgueirar por aquela porta sem ser observado. Mas sempre havia muitas cabeças virando-se para trás, a fim de olhar alguma coisa na cidade. Por fim apareceu uma oportunidade quando todos os pescoços estavam estendidos para frente, olhando para a heróica figura de bronze de um homem a cavalo. Nunca fiquei sabendo quem era ele, porque quando o diretor da caravana começou a descrevê-lo, eu retive a respiração, escorreguei pela abertura, e saltei na rua. Os freios de ar comprimido assobiaram, e o poderoso motor acelerou-se. Eu estava sozinho em Praga.

Meia hora depois eu estava no vestíbulo de uma igreja que havia visto em um passeio anterior pela cidade, olhando o povo entrar. Eu estava ansioso para ver, principalmente, como uma igreja podia funcionar sem Bíblias. Vi que algumas pessoas carregavam hinários, e mais raramente vi outras com Bíblias. Mas uma coisa me deixou intrigado: muitas pessoas tinham cadernos. Para que seriam?

Começou o culto. Sentei nos fundos, e imediatamente tive uma surpresa: quase todos pareciam hipermetropes! Os que possuíam hinários seguravam-nos com o braço

estendido, e bem altos. Os que tinham cadernos faziam o mesmo. Então compreendi: os que tinham hinários e cadernos estavam partilhando-os com os que não tinham. Nos cadernos estavam copiados, nota após nota, palavra por palavra, os hinos favoritos da congregação.

O mesmo se dava com as Bíblias. Quando o pregador anunciou o texto, todos os possuidores de Bíblias na congregação as abriram na referência e as levantaram bem, de forma que os que estavam ao seu redor pudessem seguir a leitura. Enquanto eu observava aqueles homens e mulheres literalmente lutando para se aproximarem da Palavra, a minha mão fechou-se sobre minha própria Bíblia, no bolso do meu paletó. Como eu sempre aceitara naturalmente o fato de possuir minha própria Bíblia! Pensei que nunca mais eu estenderia a mão para pegá-la sem me lembrar da vovó à minha frente, que estava quase na ponta dos pés, e apertava os olhos no esforço de ver as palavras da Bíblia que o seu filho levantava bem alto.

Depois do culto, apresentei-me ao pregador. Quando mencionei que viera da Holanda especialmente para conhecer os crentes do seu país, ele pareceu emocionado.

– Ouvi falar, disse ele, que a Tchecoslováquia iria começar a abrir as fronteiras. Não cri. Temos estado, ele olhou para os lados, quase aprisionados desde a guerra. Você precisa vir conversar comigo.

Fomos juntos ao seu apartamento. Só mais tarde foi que descobri como aquilo, na Tchecoslováquia de 1955, era perigoso para ele. Contou-me que o Governo estava procurando exercer domínio total sobre a Igreja. Era o Governo que selecionava os seminaristas – escolhendo apenas os candidatos que favoreciam ao regime. Além disso, os pastores precisavam renovar a licença de dois em dois meses. Um amigo, recentemente, tivera o seu pedido de renovação negado, sem explicações. Cada sermão precisava ser escrito antecipadamente e aprovado pelas autoridades. Cada igreja precisava registrar os seus líderes junto ao Estado. Naquela mesma semana, em

Brunn, cinco crentes estavam sendo julgados porque sua igreja não permitira a nomeação de líderes, pelo Estado.

Estava na hora do segundo culto da igreja.

– Você quer vir e falar para nós? perguntou ele subitamente.

– Isso é possível? Poderei realmente pregar aqui?

– Não. Eu não disse “pregar”. A gente precisa ser cuidadoso com as palavras. Como estrangeiro, você não pode pregar, mas pode trazer-nos “saudações” da Holanda. E, o meu amigo sorriu, se você quiser, pode trazer-nos “saudações” do Senhor.

O meu intérprete foi um jovem estudante de medicina chamando Antonin. Primeiramente, eu transmiti as saudações da Holanda e do Ocidente. Isso levou poucos minutos. Depois, durante meia hora, eu transmiti as saudações “de Jesus Cristo” à congregação. Saí-me tão bem que Antonin sugeriu que experimentássemos o estratagemma de novo, em outra igreja. Ao todo, naquele dia preguei quatro vezes e visitei cinco igrejas. Cada visita foi memorável em um sentido, mas a última, mais do que todas. Pois foi lá que recebi o cálice do sofrimento.

Eram sete horas da noite, já escuro àquela época de novembro. Eu sabia que àquela hora o grupo de turistas já deveria estar realmente preocupado comigo. Já estava na hora de eu procurar encontrá-los.

Mas enquanto eu estava pensando isso, Antonin me perguntou se eu gostaria de visitar só mais uma igreja, “que acho que precisa realmente de receber a visita de alguém de fora”.

Assim, mais uma vez, atravessamos Praga, e chegamos a uma pequena igreja morávia, afastada do burburinho da cidade. Fiquei admirado com o número de pessoas que estava ali, principalmente de jovens. Deveria haver quarenta pessoas entre as idades de dezoito a vinte e cinco anos. Apresentei minhas saudações, e depois respondi a perguntas. Os crentes da Holanda podiam conseguir bons empregos? Alguém denunciava ao go-

verno, quando outro ia à igreja? Podia-se freqüentar uma igreja e ainda estudar numa boa universidade?

– Como você vê, disse-me Antonin, ser crente, na Tchecoslováquia de nossos dias, é antipatriótico. Algumas dessas pessoas têm sido banidas do emprego, ou degradadas. Muitos tiveram suas matrículas cassadas em estabelecimentos de ensino. E é por isso, ele tomou uma pequena caixa das mãos de um jovem que se pusera de pé ao lado dele, que eles querem que você receba este presente.

O moço estava falando animadamente em tcheco.

– Leve isto para a Holanda, traduziu Antonin, e quando as pessoas perguntarem o que é, conte-lhes a nosso respeito, e faça-os se lembrarem de que somos parte do corpo, também, e que estamos sofrendo dores.

Peguei a caixa e abri-a. Dentro dela estava um distintivo de lapela, de prata, na forma de um pequeno cálice. Eu vira que vários jovens usavam um daqueles na lapela, e ficara imaginando por quê.

Antonin o estava espetando no meu paletó.

– Este é o símbolo da Igreja da Tchecoslováquia. É, para nós, o cálice do sofrimento.

Quando Antonin me deixou no hotel, pensei de novo naquelas palavras. Cheguei à conclusão de que nós, na Holanda, estávamos tão à parte dos fatos reais da história da Igreja moderna, quanto os cristãos da Tchecoslováquia. O cálice do sofrimento era o símbolo de uma realidade da qual precisávamos participar.

Naquele mesmo momento, contudo, eu tinha outra realidade para enfrentar. Será que eu encontraria meu grupo? Eles não estavam no hotel, e ninguém sabia onde tinha sido servido o jantar de despedida. Fui a um restaurante onde havíamos tomado refeições várias vezes.

– Não, *monsieur*, o grupo da Holanda não jantou aqui esta noite.

– Bem, é tarde demais para me servir um sanduíche?

– Claro que não, *monsieur*.

Eu mal dera a primeira mordida no sanduíche, quando a porta se abriu repentinamente, e a líder da caravana entrou. Deu uma olhada rápida pela sala, e viu-me. Seus ombros caíram, num sinal involuntário de alívio. Mas no instante seguinte a sua face ficou vermelha de raiva. Literalmente correu para a minha mesa, jogou uma nota para o garçom e sem uma palavra, indicou a porta com um aceno de cabeça.

Do lado de fora, esperando por nós junto à calçada estava um carro do governo, uma comprida limusine preta com o motor ligado, com um homem de aspecto desagradável ao volante. Ele saiu quando nos aproximamos, abriu a porta, e depois fechou-a atrás de nós. Aonde eles me levariam? Lembrando-me da versão de Hollywood de cenas assim, eu tentei memorizar o percurso que fizemos.

Enquanto o fazia, percebi o lado engraçado da situação: estávamos indo para o hotel.

Pouco antes de o carro parar, a líder da caravana falou as primeiras palavras da noite:

– Você atrasou o grupo em meio dia. Telefonamos para todos os hospitais, todas as delegacias de polícia. Finalmente telefonamos para o necrotério. Infelizmente, você não estava lá. Onde esteve?

– Ah, disse eu, acabei me desgarrando do grupo. E então, comecei a andar por aí. Realmente sinto muito pelos problemas que causei a vocês.

– Bem, quero lhe dizer oficialmente, senhor, que não é mais bem-vindo aqui. Se tentar entrar neste país outra vez, vai descobrir isso por si mesmo.

E assim foi. Um ano depois, requeri de novo um visto no passaporte, para a Tchecoslováquia, e ele foi indeferido. Tentei outra vez, dois anos depois, sem sucesso. Passaram-se cinco anos antes que me permitissem entrar de novo naquele belo país. Neste ínterim, eu tinha visto tanta perseguição aos cristãos que a Tchecoslováquia, em comparação, parecia um lugar de muita liberdade.



OS ALICERCES SÃO LANÇADOS

9

OS ALICERCES SÃO LANÇADOS

OS ALICERCES SÃO LANÇADOS

Os meses que se seguiram pareciam ser de pura frustração. As viagens à Polônia e à Tchecoslováquia haviam acontecido quase sem que eu tivesse pensado nelas. Mas agora, quando eu comecei a fazer inquirições a respeito de novas visitas àqueles países, e viagens a outros países da “Cortina de Ferro”, enfrentei a burocracia durante meses seguidos: questionários, demoras, fórmulas em triplicata, mas nunca um visto no passaporte.

Até o meu quatinho apresentava problemas. Quando estava na Tchecoslováquia, eu havia pensado muito a respeito daquele quarto esperando por mim em casa, e ansiava pela hora de voltar para lá. Agora eu descobria uma desvantagem que jamais poderia ter previsto. Talvez fosse o próprio fato de ele ser tão agradável e confortável; de qualquer forma, o quarto em si chegou a simbolizar para mim o fato de que eu estava muito sozinho.

Dia após dia, quando sentado no quarto, escrevendo cartas para consulados, eu sonhava com uma esposa que compartilhasse tanto do quarto quanto da visão da obra atrás da “Cortina”. Em dias de mais lucidez, eu ria de mim mesmo: se a obra missionária era uma vida difícil para se oferecer a uma moça bonita (a garota dos meus sonhos era linda), o que diria ela desse novo campo missionário que eu vislumbrava, onde separação, sigilo e

incerteza seriam o melhor que eu poderia oferecer? Essas eram objeções que a razão levantava; mas a moça, sendo uma namorada imaginária e ideal, jamais as mencionara.

Dinheiro era outro problema. Embora Geltje e Arie jamais mencionassem o assunto, eu sabia que era meu dever participar das despesas da casa. Pouco depois que eu voltara da minha viagem à Polônia, a revista holandesa *Kracht Van Omhoog* havia me pedido para escrever uma série de artigos para publicação, a respeito das minhas experiências atrás da “Cortina de Ferro”. Eu não era escritor, e nada fiz a respeito do convite. Mas agora, sentado ali em meu quatinho, com a carteira vazia aberta diante de mim, sobre a escrivadinha feita por mim mesmo, parecia que eu ouvia a voz de Deus:

“Escreva aqueles artigos para a *Kracht Van Omhoog*.”

Fiquei perplexo com a ordem. Certamente, não tinha nada a ver com a necessidade de dinheiro pela qual eu estivera orando: a revista não oferecia pagamento.

Mas aquela sensação de insistência estava presente, e por mera obediência eu me assentei e escrevi a respeito do que observara não só na Polônia, mas na Tchecoslováquia também. Enviei os artigos pelo correio no dia seguinte, juntamente com algumas fotografias. O editor respondeu agradecendo, mas não mandou dinheiro, como eu já esperava, e eu me esqueci do assunto.

E então, certa manhã, chegou outra carta da *Kracht Van Omhoog*. Uma coisa estranha estava acontecendo: embora em nenhum lugar do artigo eu mencionasse dinheiro, e nem sequer tivesse mencionado que estava considerando a possibilidade de fazer outra viagem àqueles lugares, de toda a Holanda os leitores estavam enviando dinheiro. Nunca enviavam grandes quantias: só alguns florins de cada vez. Mas o editor queria saber para onde deveria mandar o dinheiro.

E assim começou uma extraordinária história de sustento. As primeiras ofertas dos meus amigos desconheci-

dos eram pequenas, porque minhas necessidades eram pequenas. Eu queria ajudar Geltje nas despesas caseiras; meu velho paletó estava todo poído; eu havia prometido a Antonin que procuraria enviar um exemplar da Bíblia, em tcheco, para ele. Para satisfazer essas pequenas necessidades, ali estavam as pequenas ofertas dos leitores da *Kracht Van Omhoog*. Mais tarde, quando a obra se expandiu e havia maiores necessidades, as contribuições dos leitores também cresceram! Só quando houve necessidade de grandes somas, anos mais tarde, foi que Deus se voltou para outros lados, para prover fundos para nós.

Porém, algo mais importante do que dinheiro resultou daquele primeiro contato com a *Kracht Van Omhoog*. Certa manhã, veio pelo correio uma carta do dirigente de um grupo de oração na aldeia de Amersfoort. A carta dizia que o Espírito Santo os havia instruído a que entrassem em contato comigo; eles não sabiam por quê. Será que eu poderia ir visitar Amersfoort?

Imediatamente, fiquei intrigado. Se o Espírito Santo estava dirigindo as ações dos crentes tão minuciosamente, em nossos dias, era disso exatamente que eu precisava aprender mais. Fui a Amersfoort. Um grupo de cerca de doze homens e mulheres reunia-se em casa de um irmão chamado Karl de Graaf, um construtor de diques.

Eu jamais conhecera um grupo como aquele. Em vez de terem um programa planejado para a noite, com um dirigente e um tópico para estudo, como os outros grupos de oração que eu visitara, aquelas pessoas pareciam passar a maior parte do tempo escutando. Ocasionalmente ouviam-se orações em voz alta, partindo dos vários pontos da sala, mas aquelas orações eram mais como explosões ou transbordamentos de amor e louvor a Deus, do que petições planejadas. Era como se cada pessoa ali naquela sala sentisse que Deus estava muito perto, e que no gozo da sua companhia não necessitava de nada, a não ser, de vez em quando, de expressar a alegria que jorrava do interior.

De momento a momento, durante o silêncio expectante, um dos membros do grupo aparentemente começava a ouvir algo mais: uma instrução, uma informação, que não vinha do seu próprio entendimento. Aquilo também era mencionado em voz alta.

“A mãe do Joost, lá nos Estados Unidos, precisa de oração esta noite.”

“Nós te agradecemos, Senhor, porque nossa oração pelo Estêvão está sendo respondida agora.”

Fiquei tão enlevado com aquela nova experiência em matéria de oração que, quando os outros se levantaram e a Sra. de Graaf me conduziu ao quarto que eu ocuparia, quase não pude acreditar no relógio que estava sobre a cômoda: eram quatro e meia da manhã.

Vários dias depois, eu estava trabalhando em meu quarto em outro artigo para a *Kracht Van Omhoog*, quando Geltje bateu à porta.

– Tem um senhor aqui procurando você, André. Eu não o conheço.

Fui até à porta da frente, e ali estava Karl de Graaf.

– Olá! disse eu, surpreso.

– Oi, André. Você sabe guiar?

– Guiar?

– Um automóvel.

– Não, disse eu, espantado. Não sei.

– Porque ontem à noite, em nossa reunião de oração, recebemos uma palavra do Senhor a seu respeito. É importante que você aprenda a guiar.

– Afinal de contas, para quê? disse eu. Nunca terei um carro.

– André, disse o Sr. de Graaf pacientemente, como se falasse a um aluno pouco inteligente, eu não estou discutindo a lógica do caso. Eu estou apenas transmitindo a mensagem.

E com aquilo, ele atravessou a pontezinha, dirigindo-se ao seu carro, que estava estacionado ali.

A idéia de aprender a guiar pareceu-me tão remota,

tão absurda, que não fiz nada para pô-la em prática. Mas uma semana depois o construtor de diques entrou pela porta de minha casa de novo:

– Você está tomando aulas em uma auto-escola?

– Bem, ainda não...

– Você ainda não aprendeu que a obediência é importante? Acho que eu mesmo terei de ensinar a você. Suba.

Naquela tarde eu me assentei detrás do volante de um veículo motorizado pela primeira vez depois da desastrosa manhã, onze anos antes, quando eu havia guiado a carreta Bren à toda velocidade, pela rua do quartel. O Sr. de Graaf voltou repetidas vezes, e ele era tão bom professor, que poucas semanas depois fiz o exame de motorista, e passei na primeira vez, coisa rara na Holanda. Eu ainda não era capaz de descobrir uma razão sequer para que eu – que nunca possuía nem uma bicicleta que fosse só minha – carregasse uma carteira de motorista no bolso. Mas o Sr. de Graaf recusava-se a discutir.

– Essa é a maravilha da obediência, disse ele. Descobrir mais tarde o que Deus tinha em mente.

E então aconteceu o evento que, por algum tempo, afastou tudo o mais de nossa mente. No outono de 1956, houve a revolta húngara, e com ela, a fuga, para o Ocidente, de centenas de milhares de pessoas desiludidas e amedrontadas, não só da Hungria, mas da Iugoslávia, da Alemanha Oriental, e de todos os países comunistas. Esses refugiados foram arrebanhados em vastos acampamentos perto da fronteira, onde as condições de vida, diziam, eram inimagináveis. Um homem falou ao povo diante da casa do prefeito em Witte, pedindo voluntários para ajudar nos acampamentos. Eu fui no primeiro ônibus que saiu da Holanda.

Os voluntários ocupavam só a frente do ônibus; o resto do veículo estava tomado com roupas, comida e remédios, que seriam divididos igualmente pelos maiores

acampamentos de refugiados, localizados na Alemanha Ocidental e na Áustria.

Apesar de tudo que ouvira, eu não estava preparado para o que encontrei. Dez famílias em um quarto eram coisa comum. Algumas delas procuravam preservar um pouco da intimidade familiar pendurando os cobertores, para servirem de parede, durante o dia.

Mergulhamos naquele mar de necessidades, como nadadores na margem do oceano, distribuindo roupas e remédios, escrevendo cartas, procurando localizar pessoas da mesma família que estavam separadas, fazendo pedidos de asilo político. E indubitavelmente, sempre que podia, eu realizava reuniões de oração. Foi assim que fiz uma descoberta tremenda: a maioria daquelas pessoas não sabia praticamente nada a respeito da Bíblia. Os que haviam sido criados sob o domínio dos regimes anteriores, em grande parte, eram analfabetos. Os mais jovens, que haviam sido criados sob o domínio comunista, tinham mais instrução, mas claro que nenhum conhecimento bíblico.

E assim eu comecei, trabalhando a maior parte do tempo através de intérpretes, dirigindo pequenas classes de estudo bíblico. Eu sabia por experiência que esse ensino podia ser poderoso, mas não estava preparado para o efeito que produziria em vidas para as quais a mensagem era totalmente nova. Pessoas que haviam estado mergulhadas no desespero tornaram-se pilares de fortaleza para todo um acampamento. Vi amargura transformar-se em esperança, e vergonha em orgulho.

Lembro-me de um casal de velhos que havia escapado da Iugoslávia. A esposa era malcheirosa e gorda, e tinha uma barbicha de cerca de três centímetros de comprimento. Ela, pelo menos, tentava conservar o espaço ao redor das suas camas limpo e em ordem, mas o marido, incomodado com a saída forçada da fazenda dos seus antepassados, ficava só sentado à beira da cama, balançando-se infundavelmente para diante e para trás, dia após dia.

Eles começaram a frequentar os estudos bíblicos que

eu dirigia em sua barraca. A princípio, parece que ficaram espantados com o que ouviram. O velho chorava enquanto ouvia, deixando as lágrimas caírem livremente no seu colo. Mais ou menos na quarta aula, notei que os cabelos do queixo da velha tinham desaparecido, e que o marido também começara a se barbear.

Detalhes insignificantes, sem dúvida, exceto pelo que eles revelavam a respeito de duas pessoas que, despertadas, agora se sentiam como filhos amados de Deus.

– Se tão-somente, disse o velho depois da reunião, um dia, e parou.

– Se tão-somente o quê? insistiu o intérprete.

– Se tão-somente eu tivesse sabido de tudo isso alguns anos atrás, lá na Iugoslávia.

Isso também estava se tornando o meu sonho.

As roupas e os outros suprimentos que havíamos trazido ao acampamento já haviam acabado há muito tempo, e nós voltamos à Holanda para tentar arranjar mais. Enquanto eu estava em casa, dirigi-me outra vez ao consulado da Iugoslávia, para requerer, como já o fizera anteriormente, um visto no meu passaporte.

Outra vez houve formulários em triplicata para preencher, fotografias (que agora eu mandava copiar às dúzias), e a declaração não-comprometedora:

“O processo vai demorar algum tempo.”

Só uma vez, durante o preenchimento do formulário, eu hesitei. Ali estava, no meio da página, o espaço para “profissão”. Eu sentia que a minha pesara contra mim nos pedidos anteriores. Mas qual fora a frase que eu aprendera em Glasgow? Andai na luz, nada escondido, nada fingido, tudo aberto e transparente para todos verem. E assim, como eu fizera anteriormente, escrevi MISSIONÁRIO em letra de fôrma, e deixei as fórmulas preenchidas na escrivania.

Quando nosso ônibus estava novamente carregado

com cobertores e roupas, leite em pó, café e chocolate, partimos outra vez para os acampamentos dos refugiados. Eu estava trabalhando em Berlim Ocidental quando chegou o telegrama a respeito de papai. Ele havia morrido na sua horta.

Peguei o primeiro trem para casa. O culto fúnebre, breve e simples, foi realizado ao lado do túmulo. Como é costume na Holanda, onde a terra é escassa, a sepultura de mamãe foi reaberta, e o caixão de papai foi colocado sobre o dela.

Agora a velha casa estava vazia mesmo. Como eu sentia falta da trovejante voz que a havia enchido do assoalho até os caibros do teto! Como eu sentia falta daquela figura de ombros arredondados curvada tão pacientemente sobre os canteiros de alface e repolho; como eu sentia falta do seu amor pelas coisas que cresciam!

Voltei para a Alemanha, e atirei-me, com mais afinco do que nunca, ao trabalho com os refugiados. A revolta húngara havia produzido a mais nova onda de fugitivos, mas, na verdade, os acampamentos de Berlim Ocidental eram antigos, esquecidos pelo mundo até que esse último acontecimento mereceu manchetes. Naqueles acampamentos viviam, já há anos, restos da Segunda Guerra Mundial, os desabrigados, os deslocados, os milhares de apátridas criados pela loucura nazista. Para mim, aquelas pessoas eram as mais tristes de todas, principalmente as crianças. Conheci meninos de onze e doze anos que jamais haviam visto o interior de uma casa de verdade. Duas pessoas solteiras recebiam mais espaço e mais roupa do que um casal; por isso, o casamento era raro, e as crianças, na maior parte, eram ilegítimas. Durante meses trabalhei para conseguir levar um grupo daqueles adolescentes para a Holanda. Eu conhecia muitas famílias que estavam dispostas a recebê-los. Geltje e Maartje ficariam com alguns, mas repetidas vezes as crianças foram reprovadas nos exames médicos. Naquelas barracas frias e úmidas, a tuberculose era endêmica. Os cartazes

na parede, oferecendo entrada na Suécia ou nos Estados Unidos para jovens que não tivessem doenças, eram uma verdadeira zombaria para os doentes, que compunham noventa por cento de todos os acampados.

Foi enquanto eu estava no meio daquela obra desesperada e comovente que, certa manhã, durante a hora silenciosa, que era parte integrante de todos os meus dias onde quer que eu estivesse, tive uma notável impressão. Foi como se eu tivesse ouvido uma voz me dizer:

“Hoje você vai conseguir o visto no passaporte para a Iugoslávia.”

Fiquei incrédulo. Eu quase havia esquecido os pedidos de visto pendentes, para viajar para lá e para outros países, tão entretido estava com os acampamentos. Assim mesmo, encontrei-me olhando para fora, pela janela do alojamento dos voluntários, esperando a chegada do correio. Quando a entregadora apareceu, corri ao seu encontro.

– Uma carta para você, da Holanda! disse ela, e começou a procurar na bolsa.

Arrebatei a carta da sua mão. O endereço de Witte estava riscado e, sobre ele, na caligrafia de Geltje, estavam a rua e o número do alojamento em Berlim. No canto esquerdo do envelope, estava o selo da embaixada iugoslava em Haia.

– Muito obrigado! disse eu, e ali mesmo na calçada, abri a carta e fiquei olhando-a, sem compreender o seu conteúdo.

O governo iugoslavo sentia informar que o meu pedido de visto havia sido negado. Era só. Sem explicações.

O que significava aquilo? Certamente, eu recebera uma espécie de aviso antecipado a respeito daquela carta. Mas a mensagem fora que o visto seria concedido. Seria o caso de eu ir ao consulado iugoslavo em Berlim, e fazer um novo pedido? Corri para o meu quarto, peguei duas fotografias, e fui para o ponto do bonde. Dentro de uma hora, estava outra vez preenchendo aqueles longos formulários em triplicata. E outra vez cheguei à

linha: “Profissão”. Essa resposta, suspeitava eu, era a que estava causando todo o problema.

“Senhor”, falei sem mover os lábios, “o que é que eu vou por aqui?”

Imediatamente vieram à minha mente as palavras da grande comissão: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações... ensinando-os a guardar...” Então, eu era um professor, não era? Escrevi PROFESSOR na fórmula, e estendi as folhas por sobre a escrivania.

“Se você quiser sentar-se ali, moço, vou examinar o seu pedido agora mesmo.”

O oficial desapareceu, entrando em outra sala. Esperei, ansiosamente, uns vinte minutos, durante os quais pareceu-me ouvir as batidas de um transmissor telegráfico. Deve ter havido um engano, pois o atendente voltou, todo sorrisos, para me desejar uma boa viagem ao seu país.

Eu precisava contar a alguém as boas-novas. Meus parentes? Nós não tínhamos telefone, e seria um pouco complicado chamá-los através dos vizinhos. Os Whetstra? Era isso! Eu telefonaria para os Whetstra!

Pedi um interurbano, e fui atendido pelo próprio Sr. Whetstra.

– É André quem está falando. Que sorte pegá-lo em casa no meio do dia!

– Pensei que você estivesse em Berlim.

– E estou.

– Ficamos tristes ao saber o que aconteceu com o seu pai.

– Muito obrigado. Mas esta chamada é de boas-novas, Sr. Whetstra. E eu preciso contar ao senhor. Eu tenho na mão dois pedaços de papel. Um é a carta do consulado iugoslavo na Holanda, recusando o meu pedido de visto no passaporte, e o outro é o meu passaporte, carimbado com um visto do consulado iugoslavo daqui. Consegui, Sr. Whetstra! Vou entrar na “Cortina” como missionário!

– André, é melhor você vir aqui buscar as chaves.

– Desculpe, Sr. Whetstra, a ligação não está muito boa. Pensei que o senhor disse *chaves*.

– Isso mesmo. Do seu Volkswagen. Conversamos a esse respeito, e ninguém vai nos fazer mudar de idéia. A Sra. Whetstra e eu decidimos, há alguns meses, que se você conseguisse o visto, teria também o automóvel. Venha aqui em casa e pegue as chaves.

Em Amsterdã, eu realmente tentei dissuadi-los daquela decisão. Era uma oferta grande demais: eu nem sabia se podia aceitá-la.

– E os seus negócios; como vai fazer sem carro?

– Nossos negócios? O Sr. Whetstra pronunciou as palavras zombeteiramente. André, você está no negócio do Rei! Não! Nós já oramos a esse respeito, e essa foi a ordem que recebemos.

Assim, naquela mesma tarde, com o receio ainda lutando contra a alegria, fui com o Sr. Whetstra para assinar os papéis, e tornei-me proprietário, ainda meio incrédulo, de um belo Volkswagen azul, quase novo.

A única parte desagradável da experiência foi entrar em Witte com o automóvel.

Procurei entrar na cidade sem ser notado, mas não se pode entrar despercebido em uma pequena cidade holandesa como Witte, com um reluzente Volkswagen azul. Toda a aldeia imediatamente reuniu-se à volta dele, querendo saber de quem era o carro, e, como eu imaginara que ia acontecer, não acreditando quando disse que era meu. O que é que o filho de um ferreiro estava fazendo com um automóvel?

“Religião é um negócio bom, hein, André?” disse um homem, friccionando o polegar contra o indicador, e piscando marotamente.

Todos riram, e embora eu lhes repetisse muitas vezes que fora presente dos Whetstra, percebi que ainda assim não acreditaram: o filho de um ferreiro não devia estar

guiando um carro. As famílias de Witte, muitas vezes, haviam roubado alguns centavos do dinheiro destinado às despesas de mercearia para me ajudar na obra dos acampamentos de refugiados. Aquele dinheiro parou. Minhas relações com minha cidade natal, desde então, jamais foram as mesmas.

Mas eu tinha o que fazer. Passei vários dias planejando o itinerário, andando em Amsterdã à procura de qualquer tipo de matéria impressa evangélica em idiomas iugoslavos, e procurando, no carro, lugares em que eu pudesse esconder a literatura que conseguira. E também, passei um pouco de tempo imaginando como Deus iria mandar o dinheiro para aquela viagem.

Planejei sair no fim de março. Antes disso, fui de carro visitar Karl de Graaf. Não via a hora de ver a sua reação quando visse o carro, a prova visível do que, até então, ele soubera apenas pela fé.

Mas o Sr. de Graaf não demonstrou nenhuma surpresa.

– Sim, disse ele, imaginei que agora você já deveria tê-lo recebido. Porque, continuou ele, tirando um envelope do bolso, Deus nos disse que você precisaria de uma soma de dinheiro adicional nestes dois meses. Aqui está.

Colocou o envelope na minha mão. Nem o abri. Já então, eu conhecia bem o grupo, para ter a certeza de que o envelope continha exatamente a quantia de que eu iria precisar para a viagem. E assim, com o coração cheio de gratidão, despedi-me dele, dos Whetstra, da minha família, e parti da Holanda para a Iugoslávia, para a “Cortina de Ferro”.



10

LANTERNAS NAS TREVAS

Logo ali adiante, estava a fronteira iugoslava. Pela primeira vez na vida, eu estava para entrar em um país comunista sozinho, em vez de fazê-lo como parte de um grupo convidado e patrocinado pelo governo. Parei o Volks nas imediações de uma pequena aldeia austríaca, e procurei avaliar a situação.

O governo iugoslavo, em 1957, permitia que visitantes levassem apenas artigos de uso pessoal. Qualquer coisa nova ou em grande quantidade era suspeita, por causa do mercado negro que florescia por todo o país. Material impresso, principalmente, era passível de confisco na fronteira, não importando quão pequena fosse a quantidade, porque vindo de fora do país, era considerado como propaganda estrangeira. Agora, ali estava eu com o carro e a bagagem literalmente transbordando de folhetos, Bíblias, e porções da Bíblia. Como é que eu iria passar com eles pela guarda da fronteira? E assim, pela primeira vez fiz a oração do contrabandista de Deus, a qual eu iria repetir muitas vezes:

“Senhor, na minha bagagem há Escrituras que desejo levar para os teus filhos, que estão do outro lado desta fronteira. Quando estiveste na Terra, fizeste os olhos dos cegos ver. Agora eu peço: faze com que os olhos desses que vêm fiquem cegos. Não deixes os guardas verem as coisas que tu não queres que eles vejam.”

E assim, armado com essa oração, dei partida no motor e cheguei à barreira. Apareceram dois guardas, tão surpresos quanto alegres por me verem. Fiquei imaginando se eles sempre recebiam muitos visitantes. Pela maneira que olharam para o meu passaporte, eu devia ser o primeiro holandês que eles viam na vida. Havia apenas algumas formalidades a se observar, asseguraram-me em alemão, e eu poderia continuar o caminho.

Um dos guardas começou a remexer o meu equipamento de acampar. Nos cantos e nas dobras do saco de dormir e da tenda, havia caixas de folhetos.

“Senhor, faze com que os olhos que vêm fiquem cegos.”

– Você tem algo a declarar?

– Bem, eu tenho o dinheiro, um relógio de pulso, a máquina fotográfica...

O outro guarda estava olhando dentro do Volks. Pediu-me para tirar uma certa mala. Eu sabia que havia folhetos espalhados por entre minhas roupas.

– Pois não, senhor, disse eu.

Empurrei para frente o banco dianteiro, e tirei a mala do lugar. Coloquei-a no chão e abri a tampa. O guarda levantou as camisas que estavam em cima. Debaixo delas, e agora em pleno alcance visual, estava uma pilha de folhetos em dois idiomas iugoslavos: croata e esloveno. Como é que Deus ia resolver aquela situação?

– Parece estar seco, para esta época do ano, não é? disse eu ao outro guarda, sem olhar para o que estava inspecionando a mala; e entabulei uma conversa a respeito do tempo.

Contei-lhe a respeito da minha terra natal, e como era sempre úmido nos pôlderes. Finalmente, quando eu não podia mais reter a curiosidade, olhei para trás. O primeiro guarda nem estava olhando para a mala. Estava escutando a conversa. Quando me virei, ele voltou a si da distração e olhou para mim.

– Bem, tem mais alguma coisa a declarar?

– Só pequenas coisas, disse eu.

Afinal de contas, os folhetos eram pequenos.

– Não vamos nos preocupar com isso, disse o guarda.

Fez sinal que eu podia fechar a mala, e com uma rápida continência estendeu-me o passaporte.

Minha primeira parada foi em Zagreb. Alguém me deu o nome de um líder evangélico dali, a quem chamei Jamil. Conseguira sua identidade na Sociedade Bíblica Holandesa, com a informação de que, de vez em quando, ele pedia Bíblias em grande quantidade. Contudo, eles não tinham tido mais notícias dele desde que Tito se tornara primeiro ministro em 1945. Eu nem ousava esperar que ele ainda estivesse morando no mesmo endereço, mas não tendo outra escolha, eu escrevera uma carta informando, cuidadosamente, que até o fim de março, talvez um holandês visitasse o país. E agora, eu estava guiando meu carro pelas ruas de Zagreb, procurando o endereço.

Para enfatizar a maravilha daquele primeiro contato com um crente da Iugoslávia, eu preciso contar o que aconteceu à minha carta, embora, é claro, eu não ficasse sabendo da história toda senão mais tarde. Ela fora entregue no endereço certo, mas Jamil se mudara há muito tempo. O novo morador não conhecia o seu paradeiro, e devolvera a carta ao correio. Ela ficou retida ali durante duas semanas, enquanto se fazia uma busca do novo endereço de Jamil. No dia que eu entrei na Iugoslávia, ela lhe foi entregue. Jamil leu-a, meio espantado. Quem seria esse misterioso holandês? Não seria perigoso tentar estabelecer contato com ele?

Sem nada mais do que uma vaga sensação de que devia fazer alguma coisa, Jamil pegou um bonde e dirigiu-se ao seu antigo endereço. Mas, e depois? Ficou na calçada, imaginando como agir. Será que o holandês já chegara, e saíra por ali perguntando por um certo Jamil?

Será que ele devia dirigir-se ao novo morador, com a história suspeita de que um desconhecido holandês iria chegar, e perguntar por ele? O que, enfim, devia ele fazer?

E foi naquele momento que eu cheguei, e estacionei o carro junto ao meio-fio. Desci do carro não mais de dois passos de Jamil, que sem dúvida reconheceu-me de imediato, pela placa do carro. Apertou-me a mão, e cada um relatou sua história.

Jamil transbordava de alegria por ter um crente estrangeiro em seu país. Repetiu o mesmo que eu havia ouvido pela primeira vez na Polônia: de que só o fato de eu “estar lá” já era tudo. Eles se sentiam tão isolados, tão sozinhos! Sem dúvida, ele me ajudaria a estabelecer contato com os crentes, de seu país. Ele conhecia o homem certo que poderia ser o meu intérprete. Assim, poucos dias depois, tendo um jovem estudante de engenharia chamado Nikola como meu guia e intérprete, saí no meu Volks azul para levar “saudações” aos crentes iugoslavos.

Nessa primeira viagem de carro, em um país da “Cortina de Ferro”, descobri que tinha energias com as quais jamais sonhara. O meu visto valia por cinquenta dias. Durante sete semanas a fio eu preguei, ensinei, encorajei e distribuí Escrituras. Realizei mais de oitenta reuniões durante aqueles cinquenta dias, falando até seis vezes em um só domingo. Preguei em cidades grandes, vilarejos, fazendas isoladas. Falei abertamente no Norte, e mais discretamente no Sul, onde a influência comunista era mais forte.

À primeira vista, parecia que a Igreja da Iugoslávia não estava sofrendo perseguição nenhuma. Eu precisava apresentar-me na polícia quando penetrava em outra região, mas tinha liberdade para visitar os crentes, até em suas casas. As igrejas funcionavam abertamente. Depois de certo tempo, abandonei o pretexto de trazer “saudações”, e simplesmente comeci a pregar. Ninguém objetou. A não ser em algumas áreas restritas, principalmen-

te ao longo da fronteira, tive liberdade para viajar por onde quisesse, dentro do país, sem ter guias do governo a espionar minhas atividades.

Isso era uma boa dose de liberdade, muito mais do que eu esperara. Mas pouco a pouco, ao conhecer melhor a Iugoslávia, comecei a perceber o processo vagaroso de dissuasão que o governo estava aplicando nos crenes. O esforço parecia ser centralizado nas crianças. Deixem os velhos, mas desmamem os jovens da igreja, parecia ser a ordem.

Uma das primeiras igrejas que Nikola e eu visitamos, foi a igreja católica de uma pequena aldeia, não longe de Zagreb. Notei que não havia nenhuma pessoa com menos de vinte anos em toda a congregação, e perguntei a Nikola por quê. Como resposta, ele me apresentou a uma senhora humilde que tinha um filho de dez anos.

– Conte ao irmão André por que Josif não está aqui, disse Nikola.

– Por que o meu Josif não está comigo? perguntou ela. A sua voz era amargurada. Porque eu sou uma camponesa sem instrução. O professor diz ao meu filho que Deus não existe. O governo diz ao meu filho que Deus não existe. Eles dizem ao meu Josif: “É possível que a sua mãe diga o contrário, mas nós sabemos mais, não é? Você sabe que sua mãe é ignorante. Vamos ser pacientes com ela.” E então? O meu Josif não está comigo. Eles estão sendo pacientes comigo.

Poucos dias depois, em outra cidade, estávamos visitando uma família crente, quando vi uma garotinha brincando na terra, diante da casa, em pleno dia.

– Por que é que ela não está na escola? perguntei a Nikola.

A mãe contou a história. Marta estava acostumada a dar graças antes das refeições, em casa. Quando chegou a hora do almoço, na escola, Marta dera graças em voz alta, como sempre fazia, sem nem pensar nas consequências. A professora ficara zangada. Quem havia dado

aquela alimento: Deus, ou o povo socialista, através do seu governo? “É um absurdo o que você está dizendo, Marta. Vai encher a mente das outras crianças de bobagens”.

Mas o hábito estava tão profundamente arraigado, que no dia seguinte Marta fê-lo outra vez, e por causa disso ela fora expulsa da escola.

Foi na Macedônia, contudo, que encontramos os primeiros sinais de verdadeiro temor por parte dos frequentadores das igrejas. A Macedônia é o mais pobre dos seis estados da Iugoslávia, e é também a região em que o partido é mais forte. O nosso primeiro compromisso para falar naquela parte do país seria às dez horas da manhã. Quando chegamos à igreja, porém, não havia ninguém.

– Não posso compreender, disse Nikola, tirando a carta que recebera do pastor. Estou certo de que este é o lugar exato.

Às onze, decidimos que não valia a pena esperar mais. Fomos para o lugar onde havíamos estacionado o carro. No momento em que estávamos para entrar nele, um dos aldeões passou devagar, parou o tempo suficiente para apertar a minha mão calorosamente, desejar-me boa viagem, e saiu como que passeando. Eu estava me virando outra vez para abrir a porta do carro, quando outro aldeão passou vagarosamente, e a cena se repetiu. Durante quarenta e cinco minutos, naquela manhã, parecia que toda a vila saía para dar uma voltinha, e como que por notável coincidência, acontecera que todos haviam passado pelo automóvel do pregador visitante, de sorte que puderam conhecê-lo e apertar sua mão.

Até Nikola ficou surpreso, não sabendo como entender aquilo. Alguns dias depois, tivemos um culto, à noite, em outra cidade da Macedônia. O pastor convidou-nos para jantar antes do culto, que seria às oito. Às cinco para oito, sugeri ao pastor que deveríamos ir para a igreja.

– Não, disse ele olhando para fora. Ainda não está na hora.

Às oito e quinze eu voltei ao assunto.

– Você não acha que já deve ter gente lá, esperando?

– Não, ainda não chegou a hora.

Outra vez notei que ele olhou para fora antes de responder.

Às 8:30h o pastor finalmente dirigiu-se à janela, espiou para fora, e acenou com a cabeça.

– Agora podemos ir, disse ele. O povo não vai à igreja antes de escurecer, sabe? Não que estejamos fazendo uma coisa ilegal. Mas, bem, vale a pena ser cuidadoso.

E então vi uma cena que eu presenciaria muitas vezes por toda a Macedônia: começaram a aparecer lampiões de querosene, das trevas. Os camponeses vinham vagarosamente através dos campos, em grupos de dois ou três, não mais do que isto, cada homem carregando um lampião. Depois vinham os moradores da cidade, das pequenas casas de adobe que bordejavam a única rua, segurando as lanternas tão baixo que as suas faces ficavam às escuras.

Uma vez dentro da igreja, parecia que ninguém se importava em ser reconhecido; afinal de contas, todos ali estavam correndo os mesmos riscos.

Os lampiões eram pendurados em ganchos que havia na parede por todo o auditório, de forma que se tinha uma iluminação agradável e alegre, para a reunião. Falei-lhes a respeito de Nicodemos, que viera tarde da noite para interrogar Cristo. Ele também, disse eu, achara que era aconselhável buscar ao Senhor sob o manto das trevas. Não importava. O tempo e o lugar deveriam sempre ditar como deveríamos dar o primeiro passo em direção a Deus. Mais de duzentas pessoas haviam vindo naquela noite para ouvir o estrangeiro falar. Oitenta e cinco delas aproveitaram a oportunidade para novamente consagrar a vida a Cristo, mesmo que o caminho, nas circunstâncias atuais, as levasse a passar por um vale escuro.

Foi em outra cidadezinha da Macedônia que tivemos nosso único encontro sério com a polícia.

Eu dissera a Nikola que desejava visitar crentes tanto nas grandes cidades como nas pequenas aldeias. Nosaki era uma aldeia pequena mesmo. Só o esforço para chegar lá já era considerável.

Havíamos arranjado um segundo guia para nos levar através da Macedônia – que Nikola conhecia pouquíssimo – um crente maravilhoso que todo mundo chamava de “Tiozinho”. O Tio apontou para duas trilhas que atravessavam um campo, e assegurou-nos que aquela era a estrada para Nosaki. As trilhas foram ficando cada vez menos visíveis, e os pneus agora rodavam por sulcos mais profundos, até que o assoalho do carro estava arrastando na terra macia. Por fim, encontramos-nos atravessando um campo recém-arado.

– A estrada terminou, disse eu. Está longe ainda, Tio?

– Mas nós já chegamos! disse ele, apontando para um grupo de árvores à distância.

Então, saímos do carro e fomos tropeçando pelo campo afora, até chegar ao pequeno grupo de cabanas de adobe chamado Nosaki. Sabíamos que deveria haver uma igreja ali, mas não vimos sinal de nenhuma. Nikola pediu informações, e ficou sabendo que, de fato, havia uma igreja na aldeia, mas só tinha um membro: era a viúva Ana, que havia transformado a sua casa em igreja, à qual ninguém ia.

Fomos visitar Ana. Ela ficou admirada pelo fato de um missionário chegar ao seu vilarejo.

– Mas eu não devia ficar admirada, corrigiu-se ela. Não tenho orado pedindo ajuda?

Ana mostrou-nos a sua igreja. Era proibido realizar cultos em casas particulares, por isso, Ana simplesmente separara um cômodo, e pendurara uma tabuleta na frente, que dizia: *Molitven Dom* (Casa de Oração). Quando ela pendurou a tabuleta, os poucos membros do partido que havia na vila torceram o nariz, mas nenhum objetou diretamente. Afinal de contas, Ana estava completamente sozinha naquela sua superstição maluca, e não estava prejudicando ninguém.

Agora, contudo, chegara um pregador. A notícia correu de choupana em choupana. Quase ninguém na aldeia havia visto alguém de fora da Macedônia, quanto mais de um país estrangeiro.

Fosse esse o atrativo, ou houvessem outras razões de ordem religiosa, não sei. Mas, naquela noite, depois que escureceu, foi como se os campos criassem vida; como se estivessem cheios de vaga-lumes se balançando e piscando, indo em direção à casa de Ana, através dos campos. Para começar ensinamos um hino, e depois contamos a história do evangelho, pois Ana nos dissera que a nova geração nunca a ouvira. Estávamos cantando outro hino, quando, de repente, ouviu-se uma batida forte na porta.

Todos pararam de cantar. Ana abriu a porta, e ali estavam dois homens uniformizados. Foram até a frente da sala. Durante muito tempo, eles simplesmente ficaram ali de pé, correndo os olhos pela congregação. Então se dirigiram a um canto da sala, para dar uma olhada melhor naqueles rostos assustados. Finalmente, sacaram cadernetas e começaram a anotar o nome dos presentes. Quando terminaram, fizeram algumas perguntas a respeito de Nikola e de mim, e depois saíram tão abruptamente como haviam chegado.

Mas a reunião não foi a mesma depois daquilo. Vários aldeões foram para casa imediatamente. Os que ficaram cantavam sem nenhum entusiasmo. Quando chegou a hora do apelo, esperava que ninguém levantasse a mão. Mas alguns levantaram.

“Vocês viram esta noite o que pode significar seguir a Cristo”, disse eu; “estão certos de que desejam ser de Cristo?”

Ainda assim, alguns insistiram. Assim, uma pequena igreja nasceu naquela noite, mas nunca teve a oportunidade de crescer. Um ano depois, Nikola escreveu-me que ela fora fechada pelo governo. Por nos ter ajudado, o “Tiozinho” foi deportado. Agora ele está morando nos Estados Unidos. A *Molitven Dom* de Ana foi fechada.

Quanto a ele, escreveu Nikola, fora intimado a ir ao tribunal em Zagreb, para depor com respeito à parte que tivera na reunião. Ele fora repreendido pelo juiz, e multado em uma soma equivalente a cinquenta dólares, mas nada mais acontecera. Ele achava que o fato de ser estudante o livrara de receber tratamento mais severo.

Por que o governo escolhera aquela igreja isolada para atacar enquanto deixava outras à vontade, nem Nikola nem eu jamais compreendemos.

As estradas da Iugoslávia eram muito ruins para o trânsito de carros. Quando não estávamos rodando por íngremes trilhas nas montanhas, estávamos vadeando ribeiros no fundo de vales escarpados.

Mas a maior ameaça para o pequeno Volks era a poeira. O pó estava assentado nas estradas de terra como um tapete; caía sobre nós mesmo com as janelas fechadas, e eu nem queria pensar no dano que poderia estar causando no motor. Todas as manhãs, durante a nossa hora silenciosa, Nikola e eu incluíamos uma oração pelo carro.

“Senhor, nós não temos tempo nem dinheiro para consertar o carro; por isso, pedimos-te que o conserves em boa forma.”

Uma das peculiaridades das viagens na Iugoslávia, em 1957, eram os motoristas prestativos que havia, por toda a parte. Carros, principalmente carros estrangeiros, ainda eram uma raridade tão grande, que quando dois motoristas passavam um pelo outro, quase sempre paravam para trocar algumas palavras a respeito das condições da estrada, do tempo, de postos de gasolina, das pontes. Um dia, estávamos “comendo poeira” em uma estrada da montanha, quando vimos à nossa frente um pequeno caminhão vindo em nossa direção. Quando ele parou, nós paramos também.

– Olá, disse o motorista. Acho que sei quem é você. Você é o missionário holandês que vai pregar em Terna esta noite.

– Isso mesmo.

– E este é o carro-milagre?

– Carro-milagre?

– Quero dizer, o carro pelo qual você ora todas as manhãs.

Tive de rir. Eu mencionara aquilo em uma reunião anterior, e a notícia certamente correria.

– Sim, admiti, este é o carro.

– Você não se importa se eu der uma olhada nele? Sou mecânico!

– Acho até bom.

Eu havia posto gasolina no carro, e isso era, literalmente, tudo o que eu fizera por ele, desde que atravessara a fronteira. O mecânico deu a volta até a parte traseira, e levantou a tampa do motor. Durante muito tempo ele ficou ali, só olhando.

– Irmão André, disse ele por fim, sou forçado a crer. É mecanicamente impossível este motor rodar. Olhe. O filtro de ar. O carburador. As velas. Não, desculpe. Este carro não pode funcionar.

– Todavia, ele tem nos levado a toda parte, tem rodado milhares de quilômetros.

O mecânico apenas balançou a cabeça.

– Irmão, disse ele, você permitiria que eu lavasse o motor, e trocasse o óleo? Sinto dor no coração ao ver que você está abusando de um milagre.

Agradecidos, seguimos o homem até à sua vila, a pouco quilômetros de Terna. Fomos atrás dele até dentro de um pequeno quintal cheio de porcos e gansos. Naquela noite, enquanto pregávamos, ele desmontou o motor, lavou-o peça por peça, trocou o óleo, e na hora em que estávamos prontos para partir, na manhã seguinte, apresentou-nos com um automóvel praticamente novo. Deus havia respondido às nossas orações.

Entramos em Belgrado no dia primeiro de maio de 1957. Era o Dia do Trabalho, o maior feriado do comunismo. Em toda a cidade, não havia lugar em nenhum hotel; os restaurantes estavam lotados.

Eu e Nikola teríamos dormido no carro aquela noite, se o pastor da igreja onde devíamos falar, não nos tivesse levado para sua casa. E foi naquela igreja que tivemos a experiência que deu forma ao meu ministério até o momento presente.

Eu e Nikola levantamo-nos no púlpito, e nos vimos face a face com um auditório lotado. Estava tão cheio que eu nem tinha lugar para armar o meu flanelógrafo, onde ilustrava as histórias do evangelho. No meio do culto, começaram a martelar algo. Logo em seguida, vimos que haviam tirado uma porta dos gonzos, para que a multidão que se acomodara numa sala ao lado, pudesse ouvir também. Não eram os camponeses de olhar solene que eu aprendera a amar, mas uma congregação sofisticada, bem vestida, cidadina.

Bem, depois da palestra, eu e Nikola fizemos o apelo. Pedimos que todos os que quisessem entregar a vida a Cristo ou que desejassem reafirmar uma decisão feita anteriormente levantassem a mão.

Todas as mãos se levantaram.

Certamente, eles não haviam entendido! Expliquei outra vez que o passo que iam dar era sério. Apresentei claramente as condições do discipulado sob um governo hostil. Então, repeti o apelo, desta vez pedindo às pessoas para se levantarem. Toda a congregação se levantou.

Fiquei abismado. Eu nunca vira tanta prontidão. Levado por elas, comecei uma descrição entusiástica das disciplinas diárias da oração e da leitura da Bíblia, que transformariam recém-nascidos em Cristo, em soldados amadurecidos para as suas fileiras.

Eu estava apresentando o plano para estudo da Bíblia que me fora ensinado na escola de treinamento missionário, quando notei que ocorrera uma transformação no auditório. Pela primeira vez o povo daquela congregação tão responsiva não estava me olhando de frente. Estavam olhando, ou para as mãos, ou para as costas do banco à sua frente, para qualquer lugar, menos para mim.

Confuso, voltei-me para o pastor. Ele também parecia embaraçado, ao me dizer, através de Nikola:

“Oração, sim, isso nós podemos fazer todos os dias. Gostei do que você falou a esse respeito. Mas leitura da Bíblia... Irmão André, a maior parte deste povo não tem Bíblia.”

Arregalei os olhos, incrédulo. Eu estava acostumado com essa idéia, na zona rural, onde há muitos analfabetos. Mas na Belgrado culta, cosmopolita?

Virei-me para a congregação:

“Quantos de vocês possuem Bíblia?” perguntei.

Em todo o auditório, sete mãos se levantaram, inclusive a do pastor. Fiquei petrificado. Há muito eu distribuía as que trouxera comigo. Agora, o que deveria deixar com aquele povo tão ansioso para aprender, tão necessitado de orientação no árduo caminho que havia escolhido, em contraposição aos milhares que estavam marchando em outra direção?

Juntamente com o pastor, elaboramos um sistema de empréstimo de Bíblias: um calendário de estudo bíblico combinado com uso pessoal, tantas horas de tal e tal dia, para cada membro. Mas naquela mesma noite, tomei uma resolução que vem se tornando cada vez mais clara com o passar dos anos. Naquela noite eu prometi a Deus que traria para aqueles filhos seus que estavam por detrás da parede que homens haviam construído, todas as Bíblias que pudesse conseguir. Com que dinheiro comprar as Bíblias, ou como entrar com elas nos países comunistas, não sabia. Só sabia que haveria de trazê-las para a Iugoslávia, para a Tchecoslováquia, e para cada um dos outros países comunistas, onde quer que Deus abrisse a porta um pouquinho, o tempo suficiente para eu me esgueirar para dentro.



11

A TERCEIRA ORAÇÃO

Guiando meu carro pela Europa Oriental, de volta à Holanda, procurei avaliar a viagem que acabara de realizar. Eu estivera viajando mais de sete semanas. Percorri aproximadamente dez mil quilômetros, realizara cem reuniões, e estabelecera dezenas de contatos para a realização de trabalhos futuros.

O mais importante haviam sido as conversões: centenas. Novos crentes, homens, mulheres e crianças, que realmente estavam vivendo no reino de Deus, ao mesmo tempo que viviam sob o tacão de um governo que dizia que Deus não existe. Como seria a vida deles, agora? Era difícil deixá-los sabendo que iriam enfrentar pressões e sacrifícios tão duros que eu mal podia imaginar.

Quanto à minha resolução de lhes levar Bíblias, à clara luz dessa manhã de maio, ela parecia muito mais difícil de se levar a efeito do que ao ímpeto da decisão, naquela noite em Belgrado. Em 1957 não havia uma só fronteira comunista pela qual se pudesse passar com livros de qualquer espécie, muito menos livros religiosos! Como é que eu conseguiria levá-las para eles? E como conseguiria distribuir as Bíblias, se conseguisse entrar com elas, sem por em perigo os que me ajudassem? Que país estava mais necessitado de Bíblias? Em qual deveria tentar entrar primeiro? Todas estas perguntas martelavam a minha mente,

enquanto eu rodava quilômetros e quilômetros, através da Europa, cada vez mais perto de casa.

Não, corriji a mim mesmo. Perto de casa, não. Mais perto de Witte, certamente; mas num daqueles relances de compreensão, de repente, reconheci que Witte não era mais o meu lar. Era por isso que eu estava guiando tão devagar, parando tão freqüentemente para conferir os mapas, para conversar a respeito das colheitas com todos os fazendeiros que encontrava.

Com um choque, cheguei à conclusão de que desde que deixara a Iugoslávia, eu estivera “fazendo hora”, adiando o momento inevitável em que me acharia sozinho de novo no meu quarto de solteiro. Depois que papai falecera, eu me mudara para fora de casa, para o seu pequeno quarto sobre o telheiro. Parecera uma idéia muito prática: o quarto tinha uma entrada separada, e eu podia entrar e sair sem perturbar a família. Mas a mudança viera fazer ressaltar minha solidão.

Além do mais, era uma solidão que agora eu sabia deveria ser parte integrante de minha vida. Em uma parada para descansar, na Alemanha, peguei minha Bíblia e abri-a na última capa, onde havia registrado a severa resposta de Deus para uma oração que eu havia feito. Tomei o café e fiquei lembrando aquela noite, na Iugoslávia, em que eu havia feito a oração. Naquela noite, também, eu havia-me sentido muito sozinho.

“Senhor”, eu havia dito, “daqui a um ano terei trinta anos. Tu fizeste uma ajudadora para o homem, e não sei por quê, ainda não achei a minha. Senhor, vou pedir-te uma coisa: esta noite eu te peço uma esposa.”

Eu anotara o pedido específico em minha Bíblia: “12 de abril de 1957, em Nosaki. Orei pedindo uma esposa.” Ao lado da anotação, eu havia deixado um espaço para anotar a resposta.

Cinco dias depois, a resposta viera. Na minha hora silenciosa eu subitamente tive a certeza, de maneira inconfundível e misteriosa, de que Isaías 54.1 era a resposta

de Deus para mim. Folheei apressadamente as páginas do Velho Testamento, e li: “Mais são os filhos da mulher solitária do que os filhos da casada”.

Li aquelas palavras muitas vezes, procurando aplicá-las ao meu caso, tentando regozijar-me com a vontade de Deus. Eu podia sentir-me solitário, mas ele iria dar-me muitos “filhos” espirituais, mais do que eu poderia ter, como pai de carne-e-sangue. Eu escrevera a resposta ao lado do pedido.

Mas agora, enquanto tomava café, ao lado de um campo florido, percebi que filhos espirituais não eram tudo o que eu tinha em mente. Eu queria filhos de verdade, vivos, barulhentos, correndo e pulando, com rostos suados e sapatos de madeira para consertar depois das brigas. Acima de tudo, eu queria uma esposa, um ser humano vivo e amoroso, que tornaria minha vida uma peça inteira, e não aquela colcha de retalhos de lugares e pessoas, sem base fixa, aquela volta ao lar sem ninguém a me esperar.

E se eu lhe pedisse outra vez, naquela hora mesmo? Se eu apenas abrisse a Bíblia em qualquer lugar, deixasse o dedo cair onde quisesse, e considerasse aquele novo versículo como a resposta verdadeira? Eu sempre rira de pessoas que buscavam orientação divina dessa forma. Mas era um maravilhoso dia primaveril, no qual tudo podia acontecer, por isso fechei os olhos, abri a Bíblia ao acaso, e mergulhei o dedo na página. Quando olhei, mal podia crer nos meus olhos. Meu dedo estava apontando para Isaías 54.1: “Mais são os filhos da mulher solitária do que os filhos da casada”.

Disse a mim mesmo que minha Bíblia estava “acostumada” a abrir naquela página, devido ao fato de eu ter lido aquele versículo demoradamente em ocasiões anteriores. Mas não adiantou. Completamente envergonhado, registrei na capa interior da Bíblia o pedido repetido e a resposta reiterada.

“Não gostei da mensagem, Senhor, mas pelo menos ela veio clara.”

Levei o fogão portátil de volta ao carro, e dei partida

no motor. O caminho de volta a Witte era longo, de volta ao pequeno quarto e ao confinamento solitário.

A chegada em casa, em si, não foi melhor do que eu imaginara. Fiquei sentado na sala de estar até tarde da noite, falando à minha família a respeito da Iugoslávia. Então, quando eu já não podia mais adiar aquele momento, saí e subi as escadas. Meu quarto pareceu-me úmido e frio. Havia manchas de bolor nos lençóis, a escrivaninha estava coberta de uma camada de bolor branco, e o novo papel de parede estava se soltando. Não era novidade, pois ali nos pôlderes sempre fora úmido. Isso nunca me aborrecera antes. Por que seria, então, que agora aquilo me chocava, causando tanto desgosto?

Durante as seis semanas seguintes, eu me atirei à atividade de falar, escrever e orar pela visão de minha próxima viagem à “Cortina de Ferro”. Visitei os Whetstra, para contar-lhes do trabalho heróico que o pequeno Volks realizara. Escrevi uma nova série de artigos para *Kratch Van Omhoog*. Fiz uma visita a Karl de Graafe e ao grupo de oração em Amersfoort. Em geral, estava sempre ocupado. Tão ocupado, dizia a mim mesmo, que nem notava minha própria solidão.

Em julho, desisti de suportar aquilo.

“Senhor”, eu disse certa manhã, sentado na pequena cama dobrável de ferro, em meu quarto, “eu vou orar só mais uma vez a respeito desta vida de solteiro que planejava para mim. Agora já sei que tu prometes filhos para os solitários, mas Senhor, tu também prometes um lar para os desolados!”

Achei depressa o versículo do Salmo 68, como que para refrescar a memória do Senhor: “Deus faz que o solitário more em família”.

“Não que eu não queira agradecer-te por este quarto sobre o telheiro, Senhor. Não é porque ele seja escuro, frio e úmido – isso não significa que eu não seja agradecido. Mas, Deus querido, isto não é propriamente um lar. Um lar é um lugar onde há uma esposa e filhos de verdade.

“Senhor, Paulo orou três vezes para ficar livre do espinho na carne que o estava incomodando. E tu respondeste ‘não’. Eu já orei duas vezes pedindo uma esposa. Agora vou orar mais uma vez. Pode ser que tu digas não mais uma vez também, Senhor, e se o fizeres, eu jamais levantarei a questão. Vou escrever isso agora na minha Bíblia.”

Abri a Bíblia na terceira capa, e fiz a última anotação: “Orei... pedindo... esposa... terceira vez... Witte, 7 de julho de 1957.” Depois, fechei a Bíblia com força.

“Algumas pessoas, Senhor, foram feitas para estar sempre sozinhas. Eu não, por favor. Eu não.”

Só em setembro foi que aconteceu uma coisa que eu poderia interpretar como resposta. No meio da minha hora de oração, certa manhã, um rosto apareceu repentinamente à minha frente. Longos cabelos louros. Um sorriso que era como o brilho do Sol. Olhos que não tinham duas vezes a mesma cor.

Corrie. Corrie van Dam. A lembrança dela me sobreviera tão inesperadamente, tão completamente independente do que eu estava pensando naquele momento, que fiquei em dúvida (e meu coração quase parou) se aquilo era de Deus, se ele estava mesmo me mostrando a resposta às minhas orações; uma resposta que ia muito além dos meus mais róseos sonhos.

Mas como poderia ser isso? Embora tivéssemos sido amigos e colegas, eu jamais pensara em Corrie como namorada. Naquela época, ela era quase menina, ainda. Não tinha dezoito anos.

Mas isso fora há tantos anos! Quatro anos haviam-se passado desde que eu deixara a fábrica para ir para a Inglaterra, e ela fora para a escola de enfermagem. Ora, ela se tornara adulta. Sem dúvida, agora ela já terminara o curso e se casara. Em vez de ser uma criança mal saída das fraldas, Corrie repentinamente tornou-se para mim uma mulher adulta que, se não estivesse casada, estaria, naquele mesmo instante, fazendo a sua escolha de entre

um sem número de pretendentes que se acotovelavam, cada um querendo ser o escolhido.

Dentro de uma hora, eu estava em Alkmaar, guiando o meu fusca pela rua em que viviam os pais de Corrie. Muitas vezes havíamos-nos dirigido para lá, após aqueles cultos de fim de semana para a mocidade. E a Sra. van Dam servia café e biscoitos, enquanto o Sr. van Dam enevoava o forro da sala com a fumaça do seu enorme cachimbo.

Eu não sabia exatamente o que deveria fazer quando chegasse àquela casa. Talvez, só desse uma olhada, pensei, para ver se a casa ainda estava de pé. Deveria dirigir-me até a porta? “Sra. van Dam, será que a senhora poderia me dar o endereço de Corrie?”

Mas suponhamos que fosse a própria Corrie quem viesse abrir a porta. “Olá, Corrie, você já se casou? Se não, quer se casar comigo?”

Cheguei à casa antes de ter formulado um plano definido. E imediatamente, vi que não iria precisar de nenhum. As janelas estavam trancadas, o jardim estava cheio de mato. Com um nó na garganta, encaminhei-me para a fábrica.

Não, o Sr. Ringers não ouvira falar para onde se haviam mudado os van Dam. Corrie? Sim, ela fizera o curso no Hospital Santa Isabel, em Haarlem. Podia ser que ela ainda estivesse lá. Não; se ela estava casada, ele não ouvira falar. Ele piscou, ao responder as minhas perguntas.

“Um homem de sorte, André, o que se casar com aquela moça.”

Foi impressionante quantos negócios urgentes eu de repente descobri em Haarlem. Visitar livrarias evangélicas, atender a convites de igrejas que negligenciara inexcusavelmente, ver algumas pessoas – uma cidade maravilhosa!

De um posto de gasolina, ainda fora da cidade, telefonei para o hospital, e preendi a respiração, enquanto a recepcionista verificava o registro de matrículas.

“Sim”, disse ela, “ela está no último ano. A Srta. van

Dam...” – o meu suspiro de alívio fez com que ela pausasse por um momento – “a Srta. van Dam está morando em uma casa particular; este ano, não está alojada na residência das alunas.”

Ela me deu o endereço, e disse que o apartamento ficava no último andar, de uma casa particular no melhor bairro da cidade. A proprietária, disse a atendente do hospital, era uma senhora idosa, rica, que cedia o apartamento em troca de ter uma enfermeira em casa. Depois de uma rápida busca, encontrei a rua, e logo vi a janela do quarto de Corrie, lá em cima, sob o beiral. A casa fora construída como a miniatura de um castelo: o quarto de Corrie se abria para uma sacada coberta por uma pequena torre pontiaguda.

Estacionei o carro à frente da casa, e pus-me a sonhar acordado. Ela era a rainha do castelo, e eu era um fidalgo, vestido de armadura. Ela era Julieta, e quando ela aparecesse na sacada, eu daria um passo à frente...

Mas ela não apareceu, nem na sacada, nem em nenhum outro lugar. A tarde passou. A escuridão chegou, mas não apareceu luz nenhuma no quarto de Corrie. Abandonando toda a idéia de romance fui até à porta, e apertei a campainha. Uma empregada atendeu. A Srta. van Dam? Sim, ela morava ali. Mas no momento ela estava com sua família, em Alkmaar.

“Alkmaar?” Todo o meu desinteresse estudado abandonou-me. “Mas não há ninguém na casa de Alkmaar! As janelas estão todas pregadas com tábuas, o jardim está abandonado, e...”

Atraída pelo ruído, uma senhora de cabelos brancos apareceu na entrada, atrás da empregada. Gentilmente, ela me contou que o pai de Corrie estava muito doente, e que ela fora tomar conta dele. A família havia-se mudado para um apartamento, no qual não havia escadas para subir. Ela deu-me o endereço.

Durante os dias que se seguiram, sofri para cumprir os compromissos na agora maçante cidade de Haarlem.

Como eu estava contente pelo fato de sempre ter passado alguns minutos conversando com o Sr. van Dam, quando ia à sua casa. O que seria mais natural do que o fato de eu fazer-lhe uma visita?

Assim, alguns dias mais tarde, eu estava de pé diante da porta do apartamento dos van Dam, em Alkmaar, batendo à porta.

Corrie abriu-a.

A luz que estava por trás dela, dourou seus cabelos.

“Vim saber como vai seu pai”, disse debilmente.

O pretexto não teria enganado uma criança de três anos de idade. Mas Corrie guiou-me cerimoniosamente até o quarto de seu pai. O Sr. van Dam estava muito doente – percebi isso logo que entrei. Mas ele pareceu ficar jubiloso de receber uma visita. E assim, durante uma hora, fiquei sentado em uma cadeira ao lado da sua cama, e falei-lhe a respeito das minhas viagens pela “Cortina de Ferro”, e das minhas esperanças para o futuro, enquanto Corrie ia e vinha com garrafas e travessas, e eu procurava desviar os olhos dela. Ela estava vestida com o uniforme branco de enfermeira, e parecia-me ainda mais celestial e inatingível do que o era em meus sonhos.

E assim começou um namoro curioso, engraçado. Duas vezes por semana eu visitava o Sr. van Dam; duas vezes por semana eu e Corrie entabulávamos uma conversa cochichada, conversa de quarto de enfermo, à porta. Mais freqüentemente do que isso, eu achava, seria ser intruso naquele lar que estava preocupado com o seu problema.

Entre uma visita e outra, eu procurava imaginar-me propondo casamento a Corrie, e isso parecia tão terrível, que eu sabia de antemão que não daria certo. “Por favor, case-se comigo. Eu estarei viajando a maior parte do tempo, e não terei possibilidade de dar-lhe um endereço para onde você possa me escrever, e haverá semanas em que eu não poderei enviar cartas para você. E embora eu esteja no trabalho missionário, você nunca poderá falar a

ninguém a respeito dos lugares e das pessoas com quem estaremos trabalhando, e se um dia eu não voltar para casa, você provavelmente nunca ficará sabendo o que aconteceu. Acrescente a isso que nunca saberemos antecipadamente qual será a nossa renda, e também que nosso lar será um quarto sobre um alpendre.” Corrie era linda demais, bem como inteligente demais, para acomodar-se a uma vida assim.

Foi a vinte e um de outubro, durante a época em que eu estava fazendo essas duas visitas semanais, que veio uma carta do consulado húngaro. Meu pedido de visto no passaporte, pedido esse apresentado uma semana após a revolução, fora aprovado.

E então, repentinamente, descobri como procederia para pedir a Corrie que se casasse comigo. Eu falaria com ela naquela semana, naquele mesmo dia, mas não deixaria que ela respondesse antes que eu voltasse da Hungria. Daquela forma, supondo que chegasse a considerar o pedido, ela teria oportunidade de ter uma idéia do tipo de casamento que a esperava: a separação, o sigilo, a incerteza.

“Enfrente, André”, disse a mim mesmo, “toda a tristeza da situação.”

Mas agora que eu tinha um plano, meu coração não podia deixar de se encher de esperança. Pulei no carro, e cobri a distância até Alkmaar em tempo recorde. Bati com força na porta, esquecendo, durante um momento, o doente que estava ali dentro. Estavam levando um tempo terrivelmente longo para atender. Eu já estava levantando a mão para bater outra vez, quando a porta se abriu. Um olhar para o rosto de Corrie, e entendi tudo.

– O seu pai...?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Faz meia hora.

Falar, obviamente, era difícil.

– O médico está aí.

E assim, voltei a Witte com a minha proposta ainda ardendo dentro de mim. A não ser no dia do funeral, fiquei

sem ver Corrie durante três semanas. Passei o tempo comprando ou pedindo todas as Bíblias em língua húngara que conseguia achar na Holanda – que não eram muitas – e armazenando-as, juntamente com um bom suprimento de folhetos em húngaro, no carro.

Por fim, em uma bela noite de luar, convidei Corrie para dar uma volta de carro comigo. Rodamos ao longo de um largo dique, até que os faróis deram em uma pequena estrada secundária, que virava à direita. Entrei por ela e parei. A lua refletia-se luminosa, no canal a nossos pés. O cenário era perfeito.

E eu disse tudo errado:

“Corrie”, comecei, “quero que você se case comigo, mas não diga nada ainda. Espere eu lhe dizer como a vida vai ser difícil. Difícil para mim e mais difícil ainda para você.”

E então esbocei para ela a obra que cria que Deus me havia confiado. Disse-lhe que o mês seguinte haveria de ser uma boa amostra da vida que seria a minha, e a dela, se ela a aceitasse.

“Seria uma loucura da sua parte, Corrie”, terminei miseravelmente, “mas eu a quero tanto!”

Os enormes olhos de Corrie estavam ainda maiores quando finalizei. Ela abriu a boca para falar, mas coloquei a mão sobre seus lábios. Quando a deixei em seu apartamento, conseguira dela a promessa de que ela me daria uma resposta quando eu voltasse da Hungria.

Que diferença, nessa viagem através da Europa! Eu pensava que aquela separação iria ensinar algo a Corrie; mas não pensara em quanto ela iria ensinar a mim. Os quilômetros que haviam, anteriormente, ficado para trás tão facilmente, agora me chamavam de volta, como se eu estivesse amarrado. Cada quilômetro que rodava era um quilômetro a mais, longe dela.

A travessia das fronteiras, também, foi mais difícil do que de costume. Fosse pelo fato de que, pela primeira vez

eu desejava desesperadamente não ser pego, não ser detido, e não deixar que nada no mundo me impedisse de estar presente àquele encontro em Alkmaar, ou fosse porque as histórias contadas pelos refugiados, nos acampamentos, me haviam feito ficar com medo da Hungria, não sei.

Contudo, mais uma vez, Deus fez com que “os olhos que enxergavam ficassem cegos”, e por fim eu estava rolando pelos campos da Hungria. A estrada que eu estava seguindo serpenteava ao longo do Danúbio. O rio era bonito, exatamente como dizia a música, só que a cor, em vez de ser azul, era de um marrom carregado, como de chocolate e leite. Comecei a sentir fome, e decidi parar à margem do rio para lanchar. Assim, saí da estrada, enveredei por uma trilha arenosa, parei em uma pequena clareira à beira do rio, e desembrulhei os apetrechos para um piquenique. A fim de tirar o fogão, eu precisei tirar do lugar várias caixas de folhetos que os guardas da fronteira haviam olhado com desinteresse.

Nem bem eu havia aberto uma lata de ervilha e cenoura, quando ouvi um ruído de barco. Olhei para a água. Uma lancha a motor estava cortando as águas em minha direção, a toda velocidade, levantando de ambos os lados, ondas mais altas do que o próprio barco. Na proa estava sentado um soldado com uma metralhadora. No último instante, a lancha fez uma curva hábil, e encostou na margem do rio. Então, vi que havia mais dois soldados no barco. O homem que estava na frente saltou para a margem, seguido de outro.

“Senhor”, disse eu bem baixinho, enquanto eles se aproximavam, “ajude-me a não me deixar dominar pelo medo.”

O primeiro soldado ficou com a metralhadora apontada para mim, e o outro correu para o carro. Continuei misturando as ervilhas e cenouras, e ouvi quando a porta do carro foi aberta.

Comecei a falar, em holandês, que eu sabia com certeza que aqueles homens não entenderiam.

“Bom-dia”, disse eu, levantando-me, “que bom que vocês tenham vindo aqui.”

O soldado olhou-me inexpressivamente.

“Como você vê”, continuei, “estou preparando o meu lanche.”

Atrás de mim, ouvi a outra porta do carro se abrir. Abri a cesta de piquenique, e tirei mais dois pratos.

“Vocês querem lanchar comigo?” levantei as sobranças, e agitei a mão, em sinal de convite.

O soldado sacudiu a cabeça bruscamente, como a dizer que ele não estava para ser subornado. “Pelo menos, não por uma mistura de ervilha e cenoura, hein?” pensei.

Escutei o outro soldado mexendo na bagagem. Agora, a qualquer momento, ele certamente iria perguntar a respeito daquelas caixas.

“Bem”, disse eu em voz alta, “se vocês não se importam, eu vou comer enquanto a comida está quente.”

Com uma colher, coloquei a comida em um prato, e então vi-me diante de um dilema: Deveria dar graças? Nos acampamentos, haviam-me dito que os crentes eram muito suspeitos na Hungria, naqueles dias, visto que muitos deles haviam desempenhado papéis de liderança na revolta.

Mas não, ali estava uma chance de testificar a três homens. Com gestos muito mais calculados do que o normal, curvei a cabeça, juntei as mãos, e fiz uma longa e fervorosa oração de ação de graças pela comida que estava para comer.

Aconteceu uma coisa surpreendente. Enquanto eu orava, não se ouviu nenhum ruído do soldado que inspecionava o carro. Logo que terminei, a porta bateu, e ouvi o som de botas vindo rapidamente em minha direção. Peguei o garfo e enchi-o com um punhado de ervilhas. Levei-o à boca. Durante um momento, os dois soldados ficaram em pé diante de mim. Então, abruptamente eles deram meia-volta. Sem olhar para trás,

correram para o barco, pularam dentro dele, e saíram com o motor a toda velocidade, levantando um jato de espuma branca.

Achei Budapeste a cidade mais bela que eu vira em minhas viagens até então: era formada por duas cidades velhas, Buda e Pest, situadas uma em cada margem do Danúbio. Mas havia sinais da revolução por toda parte. Os edifícios estavam cheios de marcas de balas, havia árvores decepadas, trilhos de bonde entortados.

Haviam-me dado o endereço do Professor B, um homem que ocupava excelente posição em uma famosa escola de Budapeste. Quando lhe perguntei se ele estava disposto a servir-me de intérprete, não percebi o terrível significado da sua resposta:

– Sem dúvida, irmão, disse ele; estamos neste empreendimento juntos.

Aquela decisão custou-lhe o emprego.

O Professor B ficou jubiloso com as Bíblias. Disse que ali era quase impossível se adquirir bíblias. Contou-me que havia dezenas de igrejas funcionando da melhor maneira que podiam. Eu poderia manter-me muito ocupado, se quisesse, falando e distribuindo bíblias, contanto que não me importasse de correr alguns riscos.

– Alguns riscos? perguntei.

– Bem, você sabe, a revolução ainda é recente. As autoridades pensam que em cada reunião de igreja estamos planejando uma conspiração.

Os que haviam sofrido mais, disse ele, haviam sido os pastores. A maioria deles, em Budapeste, havia-se metido em problemas sérios com o regime: cerca de um terço deles havia passado algum tempo na prisão, alguns deles quase seis meses. Cada pregador precisava renovar sua licença de dois em dois meses, e esse regulamento os conservava em constante tensão.

O Professor B levou-me para visitar um amigo seu, um pastor da Igreja Reformada que abriu a porta cautelosamente, e olhou para a rua, para ambos os lados, antes

de deixar-nos entrar. O apartamento estava cheio de abajures! Alguns estavam terminados, alguns eram apenas armações cobertas, e outros estavam sendo pintados, um tanto toscamente, com cenas de rua de Budapeste.

Aquele homem, segundo fiquei sabendo, havia sido sumariamente demitido do seu púlpito, sem que lhe fosse apresentada nenhuma razão. Não lhe era permitido nem se sentar na plataforma, durante os cultos. Com medo de que sua simples presença ali causasse problemas para os outros, ele e sua esposa haviam-se retirado completamente da comunhão dos irmãos. A fim de impedir que sua família morresse de fome, ele estava pintando abajures. Trabalhava desde o romper do dia até tarde da noite, para prover as necessidades mais básicas.

Depois que saímos, perguntei ao Professor B se a condição daquele pastor era comum a outros.

– É, para as igrejas que não transigem, disse ele. Mas muitas transigem. Elas se “ajustam” ao regime, não apenas em questões de política, mas até nos fundamentos da fé, de forma que se transformam em pouco menos que braços do governo.

Pedi ao Professor B para me levar a uma dessas igrejas, e ele me disse que o pastor de uma delas estaria presente a um festival, numa escola pública, naquela tarde. Na verdade, o pastor estava no palanque oficial. Depois de alguns minutos, ele veio conversar conosco.

– Mais ou menos um terço daquele grupo, disse ele, apontando para uma fileira de adolescentes alinhados no gramado da escola, pertence à nossa igreja.

Cada jovem estava usando um lenço vermelho vivo que era, explicou ele, o símbolo da boa cidadania. Uma das requisições para poder usar aquele lenço, era “uma atitude apropriada” em relação às superstições religiosas dos seus pais.

– Que superstições? perguntei.

– Ah, milagres. A história da criação. O pecado original. A queda do homem. Coisas desse tipo.

– O que vocês dizem a respeito do fato de que Jesus era Deus?

– Isso encabeçava a lista.

– Como é que você se sente, pessoalmente?

O pastor baixou os olhos.

– O que é que podemos fazer? disse ele, encolhendo os ombros.

Os jovens estavam, obviamente, divertindo-se muito. Mais uma vez, ouvi o solene bater de palmas que havia ouvido tanto na Polônia como na Tchecoslováquia. Como naqueles lugares, ali também começou espontaneamente, mas dentro de vinte segundos, adquiriu um ritmo unificado, que se tornou um estrondo rítmico, como o de um martelo em uma bigorna extraterrena. Clap. Clap. Clap. Todos em uníssono perfeito, todos unidos, todos à uma. O diretor da escola deixou que as palmas continuassem até um ponto em que pareciam penetrar os ossos da gente. Percebi que estavam causando a mesma impressão no pastor. Vi-o levantar as mãos, quase tremendo, como se quisesse desesperadamente tapar os ouvidos com os dedos, mas não tinha coragem.

Quando a cerimônia escolar terminou, o pastor levou-nos para ver sua igreja. Ele estava falando a respeito dos planos para melhorar o sistema de calefação da igreja, das novas janelas e do parque, aos fundos, que havia sido aumentado, quando, subitamente, disse:

– Irmão André, que é que eu devo fazer?

Não respondi imediatamente. Como é que eu poderia dar um conselho, quando nunca estivera na pele dele? Era fácil dizer: “Seja forte”. Mas aquele homem sabia que sua licença, e portanto o sustento da sua família, dependiam, semana após semana, dos caprichos do governo.

Eu não podia dar-lhe conselhos, mas podia contar-lhe casos dos crentes da Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, que, enfrentando problemas e pressões semelhantes às suas, nunca haviam deixado de pregar o amor redentor de Cristo.

Com esse amor no coração, parecia-me, podia-se confiar que aquelas pessoas encontrariam por si mesmas, a verdade a respeito daquelas outras matérias de fé.

O Professor B asseverou-me que também havia outras igrejas na Hungria que estavam encontrando maneiras de contornar aquelas restrições. Uma das mais interessantes, era a do evangelismo de “funeral e casamento”.

O Professor B convidou-me, certa manhã, para tomar parte em um casamento húngaro.

– Não será semelhante a nenhum casamento a que você já tenha assistido, prometeu ele. Agora, escute com cuidado, porque vou lhe pedir que faça uma coisa estranha. Você terá oportunidade de falar, e quando a tiver, deverá dirigir aos noivos uma breve palavra de congratulações, e depois deverá pregar o melhor sermão sobre salvação que puder.

Deixei escapar uma risada.

– Não ria, disse o Professor B. Essa é a maneira pela qual pregamos para a maioria das pessoas, hoje em dia. Muitos têm medo de entrar em uma igreja, a não ser em funerais ou casamentos. Por isso, é nessas ocasiões que pregamos para eles! Um oficial do governo me disse, na semana passada: “Aposto que todas as noites você ora para que um de seus amigos morra, para que você possa pregar um sermão”.

Assim, preguei no casamento, e em seguida, contei ao Professor B qual era o outro truque que eu havia descoberto: o de trazer “saudações” da Holanda. Ele ficou enlevado com a idéia. Quis começar uma campanha imediatamente. Então, grudou-se ao telefone, e começou a dar telefonemas. Naquela mesma noite realizamos uma reunião de avivamento finamente disfarçada, em uma das maiores igrejas da cidade.

Na noite seguinte, realizamos outra reunião, mas em uma igreja diferente. E assim por diante, noite após noite. Deixamos sempre para o fim da reunião, o anúncio de onde seria a reunião seguinte. Mesmo assim, havia gente

fazendo fila na calçada para ouvir o visitante holandês falar. Aquilo estava atraindo muita atenção, e logo inventamos a técnica de dizer simplesmente que haveria uma reunião na noite seguinte, sem dizer onde seria realizada. Então, durante todo o dia seguinte, havia gente dando telefonemas para passar adiante a informação de onde seria o culto.

Quando estávamos assentados na plataforma, esperando o culto começar, eu via os pastores examinando os rostos, na congregação.

– Eles estão procurando os homens da polícia secreta, explicava o Professor B. Nós conhecemos muitos deles de vista. Depois da revolta, tem sido perigoso atrair grandes multidões, por qualquer razão que seja.

O nervosismo e a ansiedade eram contagiosos, por isso, em meio à campanha, eu também comecei a sonhar, durante a noite, que estava em dificuldades com a polícia. E então, certa noite, a polícia veio mesmo. Eu o percebi, pelo aspecto da fisionomia do Professor B.

– Eles estão aqui, cochichou ele, e eu não precisei perguntar o que queria dizer com “eles”.

Ele fez sinal para que eu o seguisse para o escritório. Dois homens, em trajes civis estavam ali esperando. Fizem muitas perguntas, e então deram-me uma intimação para comparecer na manhã seguinte, juntamente com o Professor B, no quartel.

– Na última vez que isso aconteceu, disse-me o Professor B, quando eles se foram, dois homens foram presos. Ficaram na cadeia muito tempo.

Depois do culto, todos os pastores reuniram-se no escritório para decidir o que deveríamos fazer. O Professor B sugeriu que fôssemos para a sua casa, e realizássemos uma reunião de oração. Era a primeira vez em que eu ia à sua casa. Eu esquecera que um professor de universidade, como ele, ocupava um lugar proeminente na sociedade da Europa Oriental: a casa era imensa e luxuosa. E aquela era a posição que ele estava pondo em jogo!

O Professor B apresentou-me seu filho Janos. Instantaneamente senti simpatia por ele. Ele se casara recentemente, e estava progredindo muito como advogado; não obstante, ele também estava disposto a arriscar sua carreira, tomando parte naqueles cultos evangélicos que não eram vistos com bons olhos. Éramos sete, naquela noite, sete crentes reunindo-se quase da mesma forma que os cristãos se têm reunido desde que a Igreja teve início – em segredo, com dificuldades – orando para que, pela miraculosa intervenção do próprio Deus, nós fôssemos poupados de enfrentar as autoridades.

Oramos ali, na casa do Professor B, todos ajoelhados ao redor da mesinha de centro. Durante uma hora, entregamo-nos a uma intercessão fervorosa, rogando a Deus que nos ajudasse naquela hora de necessidade. Mas de repente, a oração cessou. A cada um de nós, no mesmo momento, sobreveio a inexplicável certeza de que Deus havia ouvido, de que a nossa oração estava respondida.

Levantamo-nos, piscando surpreendidos uns para os outros. Olhei para o relógio. Eram 11:35h da noite. Naquele mesmo instante *sabíamos* que no dia seguinte, tudo seria resolvido satisfatoriamente.

Na manhã seguinte, às nove horas em ponto, eu e o Professor B estávamos no quartel. Enquanto esperávamos, o Professor B cochichou-me que conhecia bem aqueles oficiais. O chefe do departamento era inexorável em seus ataques à Igreja; o sub-chefe seria, provavelmente, mais clemente.

– Fomos designados, disse ele com a mão à boca, para ter uma entrevista com o chefe do departamento. Vai mal.

Deu nove e meia, e depois dez horas. Onze. Ambos estávamos acostumados com longas esperas nos países burocráticos, mas aquela demora estava longa demais, segundo todos os padrões. Finalmente, pouco antes do meio dia, apareceu um contínuo.

– Venham por aqui, disse ele.

O Professor B e eu entramos por um longo corredor, atrás do contínuo. Passamos pelo escritório do chefe do departamento, e continuamos andando. O Professor B olhou para mim e levantou as sobrancelhas, esperançosamente. Por fim paramos. O chefe do departamento, explicou o contínuo, caíra doente na noite anterior. Em seu lugar, o sub-chefe iria ouvir o nosso caso.

O Professor B lançou-me um olhar rápido. Vinte minutos depois, estávamos saindo do escritório, livres. Eu fiquei com vontade de perguntar ao contínuo a que horas o chefe do departamento caíra doente. Estou certo de que a resposta teria sido: 11:35h da noite.

O encontro com as autoridades colocou um ponto final, pelo menos por algum tempo, na possibilidade de realizarmos outras reuniões em Budapeste. O Professor B providenciou uma viagem de dez dias ao Leste da Hungria, onde eu falaria, e arranjou um intérprete para ir comigo.

Quando voltei, fui dar ao Professor B e a Janos um relatório da viagem. Imediatamente, senti que algo estava errado. Tanto o pai como o filho estavam em casa no meio do dia. Não obstante, nenhum dos dois deixou transparecer que a situação não estava como deveria estar. Eles insistiram em que eu voltasse no dia seguinte para tomar o café da manhã com eles, antes de regressar à Holanda.

Na manhã seguinte, senti de novo aquela sensação de tragédia pendente. Quando afastamos as cadeiras da mesa, e nos levantamos, Janos tirou um pequeno pacote do bolso. Só mais tarde, quando fiquei sabendo da nova, que então eles conservaram em segredo, foi que o pleno impacto das palavras que ele disse a seguir, tornou-se claro.

– Não temos maneira de lhe agradecer, disse Janos. Você arriscou muito vindo ao nosso país. Queremos que leve isto para aquela garota que está esperando você, lá na Holanda.

Eu lhes havia falado de Corrie. Na caixinha havia um

broche de ouro antigo, cravejado de rubis. Eles riram diante da expressão do meu rosto. Janos colocou o braço ao redor dos ombros de sua jovem esposa.

– Estamos orando por você, André, para que a resposta seja sim.

Eu estava no meio do território austríaco, voltando para casa, acampado à beira da estrada em minha pequena tenda, quando acordei no meio da noite, com um terrível pesadelo. Eu estava sendo perseguido por um esquadrão de policiais de lenço vermelho, que batiam palmas ritmicamente. De alguma forma eu senti que aquilo tinha algo a ver com o Professor B. Tive a certeza de que ele estava correndo perigo. No dia seguinte, na primeira cidade que cheguei, mandei-lhe uma carta.

Já na Holanda, não fui para Witte, mas rodei diretamente para Haarlem. No hospital, informaram-me que Corrie estava trabalhando no turno da noite, das três às onze. Eu a estava esperando, quando ela saiu pela grande porta da frente do hospital. Sob a luz do poste, o seu cabelo era acobreado em vez de dourado.

– Estou de volta, Corrie, disse eu. E eu amo você. Amo-a, seja a resposta sim ou não.

Corrie parecia estar cansada, devido às muitas horas que passara de pé. Mas quando ela sorriu, o cansaço pareceu desvanecer-se.

– Oh, André! disse ela, eu também amo você! Você não percebe que é exatamente este o problema? Eu vou me preocupar com você, sentir falta de você, e orar por você, não importa o resto. Então, não seria melhor eu ser uma esposa preocupada do que uma amiga mal-humorada?

Na semana seguinte, fomos a um joalheiro em Haarlem, e compramos as alianças. Na Holanda, o cos-

tume é usar os anéis na mão esquerda durante o noivado, e transferi-los, para a direita na cerimônia do casamento. Eu e Corrie levamos os anéis para sua saleta, no alto do castelo. Ali, abrimos as caixas, e cada um de nós colocou o anel na mão do outro.

– Corrie, comecei, não sabendo que iria falar pela primeira vez as palavras que haveriam de tornar-se uma espécie de lema para nós. Corrie, nós não sabemos onde a estrada vai dar, não é?

– Mas, André, concluiu ela, vamos trilhá-la juntos.

Quando cheguei a Witte, esperava-me uma carta do Professor B. Ele me agradecia outra vez por ter ido à Hungria. A Igreja fora grandemente fortalecida, disse ele, por aquela prova tangível da preocupação e do interesse dos membros uns pelos outros. Ele expressava a esperança de que eu voltasse, e que outros seguissem meus passos.

“Porém”, disse ele, manejando a notícia de uma forma que lhe era típica, “eu creio que devo comunicar-lhe uma coisa que aconteceu. Não pense que é resultado da sua visita – isso aconteceria de qualquer forma. Eu fui forçado a pedir demissão do meu cargo na Universidade. Não fique triste: outros têm desistido de coisas muito mais importantes por amor ao Salvador.

“Acima de tudo, você não pode se desviar dessa obra tão importante, de encorajamento. Esta é a sua tarefa, André, como nós temos a nossa. Estaremos orando diariamente por você, embora você não venha a receber mais notícias de nós. Esta carta será levada para fora do país por um amigo. Nossa correspondência está sendo censurada. Estamos orando para que o seu ministério continue forte.

“Mais uma vez, você não pode ficar desanimado. Louvamos ao Senhor.”



ALTERNATIVE BOOKS

12

ALTERNATIVE BOOKS

A IGREJA FALSA

Corrie e eu nos casamos em Alkmaar, em 27 de junho de 1958. Estavam ali Greetje, o Sr. Ringers, e muitos outros empregados da fábrica, bem como um grupo de enfermeiras, de Haarlem. O Tio Hoppy veio de Londres, com saudações da sua esposa, que não estava bem forte para viajar. Havia amigos da sede da CEM, colegas dos acampamentos de refugiados, e sem dúvida, a mãe de Corrie e meus irmãos e suas famílias. Para mim, estavam faltando algumas pessoas: Antonin, o estudante de medicina da Tchecoslováquia; Jamil e Nikola, da Iugoslávia; Janos e o Professor B.

Já estava escuro quando conseguimos nos safar de todos aqueles amigos e das recordações. Para a lua-de-mel, havíamos tomado emprestado a casa-reboque de Karl de Graaf. Havíamos falado romanticamente a respeito de uma viagem à França. Mas quando o burburinho da festa passou, percebemos de repente que estávamos cansados; Corrie devido aos seus exames finais, há pouco terminados, e eu do trabalho nos campos de refugiados, onde passara a maior parte do tempo, depois que havíamos ficado noivos. A poucos quilômetros de Alkmaar, chegamos a um restaurante localizado no que é uma raridade na Holanda: um bosque. Estacionamos debaixo das árvores, e entramos para tomar um café. Tão cordiais foram o proprietário e

sua esposa, tão insistentes em dizer que o reboque não era problema, que nossa viagem terminou ali. Levamos o reboque um pouco mais para dentro do arvoredo, e passamos a lua-de-mel naquele lugar.

Aquele quartinho escuro e úmido sobre o depósito não era escuro e úmido nada! Como é que eu podia ter pensado aquilo? Com Corrie ali, a luz e o calor do Sol entraram nele, e fizeram do meu quartinho um lar.

Bom, nós não tínhamos cozinha. Não tínhamos instalação de água. O teto tinha algumas goteiras, aqui e ali – nunca duas vezes no mesmo lugar. O que importava, conquanto que estivéssemos juntos?

O único problema eram os pacotes de roupa. Eu havia falado nas igrejas, por toda a Holanda, a respeito da necessidade de roupa que havia nos acampamentos dos refugiados, e dera meu endereço como o lugar para onde donativos poderiam ser enviados. Eu nunca sonhara quanto iria vir! Vieram pacotes pelo correio, por trem, por caminhão, e fardo após fardo ia sendo entregue no nosso pequeno jardim. Oito toneladas foram entregues naquele primeiro ano, e o problema de armazenamento tornou-se agudo. Já então Maartje estava casada, e morava com a família do seu marido, mas Arie e Geltje tinham um segundo filho, e Cornélio e sua jovem esposa estavam vivendo no sótão. Não havia lugar para as roupas, a não ser em nosso quartinho. Corrie e eu tínhamos literalmente que trepar em fardos e mais fardos de roupa, cada vez que entrávamos ou saíamos do quarto.

O pior era que a maioria daquela roupa viera sem lavar. Lavamos as mais sujas em uma tina, no fundo do quintal, e escovamos o resto, mas o nosso quarto nunca estava livre de pulgas.

Transportar tanta coisa, era outro problema. Eu lotava o carro o mais que podia, cada vez que ia para os acampamentos, mas apesar das suas muitas vantagens, o Volks não era um bom caminhão.

Eu estava ansioso para ir outra vez, desta vez, com Corrie a meu lado. Eu queria que ela visse os acampamentos pessoalmente, não apenas para que ela ficasse conhecendo aquelas pessoas para as quais estava constantemente lavando roupas e preparando pacotes, mas também porque eu sabia o que uma enfermeira significava em um lugar como aquele. Assim, naquele outono empilhamos blusas de frio, paletós e sapatos no banco de trás, até o teto, e partimos para os acampamentos de Berlim Ocidental.

Deixamos a primeira carga em Fichter Bunker. Era um grupo de alojamentos militares, em forma circular, usado pelos nazistas durante a guerra, agora convertido em “casas” para refugiados. Foi o primeiro contato de Corrie com a miséria dos acampamentos: naquela noite ela não conseguiu jantar. De propósito, eu reservei o acampamento Volksmarstrasse para o segundo dia, porque ele era ainda pior. Aquela antiga fábrica devia estar abrigando cinco mil pessoas. As condições eram tão desesperadoras, que uma garota vendia o corpo por 50 pfennig – cerca de quinze centavos de dólar. Quando levávamos nossos fardos de roupas para o centro de distribuição, um grupo de crianças debruçou-se em uma janela, e atirou lixo em nós.

“Não fique zangada com eles”, disse a Corrie, enquanto tirava folhas de alface podre do seu casaco. “Eles não têm nada para fazer aqui, a não ser maquinar travessuras.”

Mas para mim, o mais triste de todos os acampamentos, era o Henri Dunant. Eu e Corrie fomos ali em último lugar. Aquele acampamento tinha esse nome em homenagem ao fundador da Cruz Vermelha, e para lá eram mandados muitos profissionais, principalmente professores. Esse acampamento me entristecia – não que fosse pior do que os outros, mas porque o povo que ali se achava confinado tentava conservar suas tradições com mais empenho, e isso tornava os fracassos inevitáveis ainda mais perigosos.

Saí do escritório do diretor, naquela tarde, e encontrei Corrie conversando com uma senhora de cabelos grisalhos, vinda da Alemanha Oriental, que disse que o seu nome era Henrietta. Havia algo em suas maneiras que me fazia lembrar a Srta. Meekle. Encontramos um canto relativamente desimpedido, e ficamos ali sentados, conversando, durante uma hora. Henrietta contou-nos que ela fora professora de adolescentes, na Saxônia; nisso residia o problema.

– Se eu estivesse lecionando para crianças de seis ou sete anos, teria podido fechar os olhos, disse ela. Mas não, eu lecionava para adolescentes – justamente a idade certa para entrar na *Jugend Weihe*.

– *Jugend Weihe*?

– Sim. Como você sabe, disse Henrietta, eu sou luterana. Em nossa igreja, a confirmação é uma coisa muito importante na vida de uma criança, talvez o maior dia da sua vida. Há presentes, discursos, congratulações, e novos privilégios, como calças compridas para os rapazinhos. É um feriado religioso acima de todos os outros. Pronunciam-se os votos, e fazem-se promessas.

E então Henrietta contou-nos a respeito da *Jugend Weihe* – a Consagração dos Jovens. Percebi logo que era um ataque extremamente sutil contra a Igreja. O governo substituiu a confirmação luterana por uma cerimônia comunista.

– Na *Jugend Weihe*, é ao Estado, e não a Deus, que são feitos os votos, disse Henrietta. E o Estado torna a solemnidade uma coisa *muito* importante, convertendo aquelas promessas em juramentos. Espera-se que os professores passem um ano preparando os alunos para tomar parte na cerimônia.

Percebi o que acontecera, mesmo antes de Henrietta falar.

– E você se recusou, disse eu.

– Recusei-me.

– Foi uma atitude corajosa.

Henrietta riu.

– Não, disse ela. Eu certamente não sou corajosa. Eu era apenas uma professora prestes a me aposentar. Não sou mártir. Mas eu não poderia ensinar aqueles maravilhosos adolescentes que o Estado era Deus.

Esperava-se que cem por cento dos alunos em idade de tomar parte naquela imitação da confirmação, decidissem fazê-lo. Na classe de Henrietta, houve trinta por cento.

A princípio, contou-nos ela, a pressão que lhe fora feita para aceitar a situação imposta era discreta. Oficiais do partido começaram a visitá-la amigavelmente uma vez por semana, mais ou menos. Naturalmente, esperava-se que cada professor fizesse o máximo para levar todos os seus alunos a *Jugend Weihe*. No ano seguinte, eles estavam certos, as coisas seriam diferentes.

Bem, no ano seguinte, as coisas não foram diferentes.

– E então, eu fui realmente pressionada, disse Henrietta. As visitas semanais começaram a realizar-se todas as noites. Diversas pessoas todas as noites, durante uma semana, semana após semana. Inexoravelmente voltávamos a bater na mesma tecla: onde estava a minha lealdade? Será que eu não percebia que podia ser acusada de estar retardando o progresso? Isso era um crime sério, em uma República Popular.

Noite após noite eles ficavam no apartamento até tarde, deixando-a agitada, amedrontada, ao ponto de não conseguir mais dormir. Os nervos de Henrietta estavam à flor da pele. O seu trabalho sofreu. Nesse ínterim, os alunos também estavam sendo pressionados, de forma que começaram a perguntar por que não estavam sendo preparados para a *Jugend Weihe* como todos os outros.

– Assim, como você vê, disse Henrietta, que agora chorava, eu fugi. Eu não podia suportar. Fugi. E é por isto, acrescentou, abrindo os braços em um gesto que abrangia todo o acampamento cheio de professores que, como ela, haviam fugido, que você não deve pensar que sou corajosa. Pode ser que tenhamos começado a sê-lo, mas desistimos. Todos nós.

Conversando com Henrietta e outros refugiados, eu estava gradualmente formando em minha mente um quadro da Igreja como um todo, como existia, debaixo do tacão do comunismo. Comecei a pensar no círculo exterior, países onde, de acordo com a minha experiência própria e com o relato de outras pessoas, ainda havia um certo grau de liberdade religiosa: Polônia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Hungria, e Alemanha Oriental. Para lá desses países, de acordo com o relato dos que haviam escapado, havia um círculo interior, onde o ataque contra a Igreja era ainda mais forte: Romênia, Bulgária, Albânia, e a própria Rússia. Eu visitara todos os países do círculo exterior, menos um. Agora, eu sabia, que precisava visitar a Alemanha Oriental.

Ali, em Berlim Ocidental, encontrava-se o ponto de partida natural para essa visita. Mas quando eu propus a viagem a Corrie, ela me encarou com uma expressão quase de horror:

– André! disse ela, como é que eu posso abandonar o acampamento? Há tanto que fazer, e ninguém para fazer! Como é que eu posso ir?

Olhei para ela mais de perto: seu rosto estava afogueado, seus olhos brilhavam mais do que o natural. Fiquei pensando se não cometera um erro mergulhando-a em tal situação de necessidade e depravação. Já era duro para mim ver o sofrimento, mas para uma enfermeira – treinada para ver o que deveria ser feito, mas sem os apetrechos necessários para realizar a obra – devia ser mesmo uma tortura. Ela estava indo de acampamento em acampamento, como que fora de si: formando aqui uma classe para mães, arranjando ali um recipiente para água fervida; em um certo lugar, simplesmente procurando separar os pratos dos que não tinham tuberculose, para serem lavados separadamente das vasilhas dos tuberculosos. À tarde, onde quer que ela se encontrasse, realizava uma clínica de improviso, pincelando gargantas febris, limpando feridas velhas, lavando olhos infectados, e até, de vez em quando, arrancando dentes.

Para o seu próprio bem, comecei a desejar afastá-la daquele ambiente. Mas ela recusou-se.

– Vá você, disse ela, quando os vistos para a Alemanha Oriental foram concedidos sem demora. De que adiantaria a minha presença lá? Eu não sei pregar. Não sei falar alemão. Nem sei guiar carro. Mas sei reconhecer um banheiro regurgitando de germes, quando vejo um.

Ela pegou o frasco de desinfetante, que nunca estava longe dela, naqueles dias.

– Quando voltar você me conta como foi, disse ela.

E assim aconteceu a primeira separação de nossa vida de casados – não por causa do meu ministério, mas por causa do de Corrie.

Passei da Berlim Ocidental para a Oriental, em um posto de fiscalização perto da Porta de Brandemburgo.

A diferença entre as duas metades da cidade era bem visível, notei enquanto guiava o carro pelas ruas. Eu já estava preparado para ver roupas surradas, lojas em que grandes vasos de flores preenchiam o espaço onde deviam estar pendurados ternos, e demora na reconstrução após a guerra.

Mas não estava preparado para o silêncio. Ninguém conversava nas ruas. Havia naquilo uma tonalidade lúgubre, como se o país estivesse de luto.

Ou com medo. À medida que o tempo foi passando, eu mesmo comecei a sentir isso. Havia policiais por toda parte. Eles ficavam parados nas pontes, nas entradas das fábricas, e dos edifícios públicos, parando gente ao acaso, revistando malas, pastas, sacolas de compras, carteiras de dinheiro. E ninguém se queixava desse tratamento arbitrário. Ninguém protestava. A falta de protesto era uma parte do terrível silêncio que estava suspenso sobre a cidade como um nevoeiro envenenado.

Em agudo contraste com o silêncio do povo, fazia-se ouvir a voz do governo a todo volume. Estava por toda parte. No rádio, nos alto-falantes, nos quadros de avisos. *Slogans* eram pintados nas paredes, nos telhados, nos

postes telefônicos; havia cartazes nos quiosques, nas lojas, nos hotéis, nas estações de estrada de ferro. Propaganda por toda parte.

Fiquei atônito diante da aridez da fronteira. A Alemanha Oriental estava, exatamente àquela época, passando por uma devastadora escassez de alimentos. Os empreendedores fazendeiros alemães não haviam aderido de boa vontade à idéia de fazendas coletivas; haviam abandonado o campo em número tão grande, que naquele outono não houvera ninguém para colher o cereal. O governo havia apressado a produção de colheitadeiras mecânicas, ao mesmo tempo que promovia uma grande campanha de propaganda. Haveria fatura de pão, porque o socialismo era superior ao empreendimento individual dos fazendeiros.

Havia só um problema. Para ser colhido à máquina, o trigo precisava estar seco; eram necessários uns dois dias de Sol a mais, do que para a colheita à mão. E, sem dúvida, naquele ano choveu. Choveu todos os dias, bem na época da colheita.

E então, subitamente, por todo o país, apareceram cartazes impressos com este pequeno verso:

Ohne Gott und Sonnen schein
Holen Wir Die Emte ein.
(Sem Deus e sem Sol
A colheita será feita.)

Percebi que aquele *slogan* havia, realmente, abalado o povo. Era um duelo atrevido entre o novo regime e o próprio Deus. As chuvas continuaram, e a colheita não foi realizada. Da noite para o dia, assim como haviam aparecido, os cartazes desapareceram todos, exceto os poucos que ainda podiam ser vistos pendurados nos postes de iluminação, rasgados, molhados.

E então, o que fez o governo? Novos cartazes apareceram, ao mesmo tempo que anúncios, no rádio e propaganda, nos jornais:

“Não deixe ninguém dizer que há escassez de pão. Há fartura de pão. Este é outro exemplo da vitória do socialismo sobre as forças da natureza.”

Só que não havia pão.

Eu mesmo me dirigi a padarias e não encontrei nada. Nem os restaurantes tinham pão.

A parte mais triste da história, para mim, é que ninguém falava a respeito do logro. A falta de pão nunca era mencionada. O povo estava silencioso.

A parte da Alemanha Oriental na qual eu estava mais interessado centralizava-se ao redor dos renques da Saxônia, ao sul, porque eu havia ouvido falar, através de Henrietta e de outros refugiados, que naquela região a Igreja era viva. Eu não estava preparado para o tipo de vida que encontrei. A Alemanha era uma terra de contradições. Por um lado, era o país mais duro em que eu havia penetrado; o doutrinamento e a coerção policial eram extremos. Contudo, ao mesmo tempo, havia mais liberdade religiosa na Alemanha Oriental, do que em qualquer outro país comunista em que eu entrara.

Wilhelm, o homem da Saxônia, cujo nome me havia sido dado, era um obreiro da Comunhão Luterana, que dedicava tempo integral trabalhando com a mocidade. A aldeia em que ele e sua esposa Mara viviam ficava em uma região coberta de florestas, na parte montanhosa do estado. Da frente da sua casa descortinava-se um panorama de causar inveja ao coração de qualquer holandês, criados que somos num país de planícies. Uma pequena motocicleta estava do lado de fora. Mais tarde eu iria saber que ela levava Wilhelm por toda a Alemanha Oriental, sob Sol, neve e chuva.

Wilhelm veio receber-me à porta, e sem hesitação convidou-me para entrar. Sentamos ao redor da mesa da cozinha bebendo café, enquanto eu explicava a minha missão na “Cortina de Ferro”.

– Bem, fico contente por você ter vindo, disse Wilhelm.

Ele parou para tossir, uma tosse profunda e seca que sacudiu todo o seu corpo.

– Precisamos de todo o encorajamento que pudermos receber.

– Vocês precisam de Bíblias, por exemplo? perguntei. Eu trouxe algumas Bíblias em alemão.

– Não, nós temos Bíblias em abundância.

Eu já havia ouvido essas palavras anteriormente, e esperei que ele viesse a admitir, aos poucos, que de fato havia poucas Bíblias. Mas Mara levou-me ao pequeno escritório, e eu poderia até ter pensado que estava em casa. Havia uma dúzia de Bíblias nas prateleiras. Peguei uma e descobri onde fora impressa: República Democrática Alemã.

– Deixe-me falar-lhe a respeito de outras liberdades, disse Wilhelm. Temos seminários aqui, que não diplomam políticos, diplomam cristãos. Temos campanhas de evangelização que atraem milhares de pessoas. Temos um movimento dentro da Igreja Luterana, que é tão forte, chego a dizer, como qualquer um da Holanda.

– Mas, você disse que precisa de encorajamento.

De repente, os punhos de Wilhelm se fecharam com tal violência que os nós dos seus dedos ficaram brancos.

– Estamos travando uma das mais importantes batalhas da Europa. Aqui na Alemanha, os comunistas estão pondo em uso uma nova espécie de “persuasão” que, no meu entender, é muito mais perigosa do que uma perseguição declarada. Você poderia ir comigo à reunião de hoje de nosso sínodo? Assim poderá comprovar pessoalmente o que eu estou falando.

Sugeri que ele fosse comigo no meu carro, e Mara sorriu para mim, agradecida.

– É aquela horrível motocicleta, disse ela. É ela que faz com que ele tussa. Milhares de quilômetros sob quaisquer condições de tempo. E o médico recomendou-lhe, há dois anos, para não tomar vento.

Wilhelm deu um tapinha na sua mão.

– Mara se preocupa, disse ele como que se descul-
pando, mas se a gente deseja alcançar jovens por todo o
país, o que mais poderá fazer?

No carro, ele voltou ao assunto.

– Era necessário que fossem os alemães primeiro a
descobrir o truque, disse Wilhelm. Não se pode usar
táticas de mão forte contra a Igreja, sem que, como resul-
tado, ela se fortaleça mais. Sempre foi dessa forma. Di-
ante da perseguição, o homem olha para a sua fé para ver
se vale a pena lutar por ela, e este é um exame em que o
cristianismo sempre pode ser aprovado. O perigo real
surge quando o ataque é indireto, e através dele a pessoa
é atraída para longe da Igreja, antes que tenha oportuni-
dade de se tornar forte. Tenha isso em mente quando
estiver ouvindo o que vai ser dito na reunião, hoje.

A reunião do sínodo fora convocada para considerar
o problema que eles chamavam de “igreja falsa”. Os pas-
tores, um após outro, levantavam-se e liam estatísticas
que a princípio eu não compreendi.

“Cerimônia de Recepção, 35%. Consagração da Ju-
ventude, 55%. Casamento, 45%. Funeral, 50%.”

Mas quando Wilhelm me explicou, em voz baixa, o sig-
nificado daqueles algarismos, a enormidade do plano co-
meçou a tornar-se clara. Chegando à conclusão de que o
ataque frontal contra a Igreja não estava dando resultado, o
regime havia tomado outra orientação. Estava procurando
substituir Deus e o instinto de religião pelo Estado e pela
emoção do patriotismo. Usando a antiga sabedoria da Igre-
ja, o regime estava oferecendo cerimônias, pagas pelo Esta-
do, que eram franca imitação dos rituais cristãos.

Havia, por exemplo, uma alternativa para o batismo,
que recebera o nome atraente de Cerimônia de Recep-
ção. Logo que o nome de um nenê era oficialmente re-
gistrado, os parentes e amigos eram convidados para uma
festa. A criança era levada pelos pais a um oficial do
governo, que a recebia com a solenidade que lhe era de-
vida, como um novo membro do Estado.

E havia o casamento do estado. Na Europa, e em
outros lugares, é costume haver dois casamentos: o civil,
realizado por um oficial do governo, e o religioso, reali-
zado em uma igreja. O novo regime estava assumindo
ambos os papéis. Depois do casamento civil, o estado
estava oferecendo uma segunda cerimônia, gratuitamen-
te, para a qual todos eram convidados; tratava-se de uma
recepção e de uma solenidade em que se dava as boas-
vindas ao casal pela sua entrada na sociedade socialista,
desejando que sua união fosse feliz e frutífera.

O mesmo acontecia quanto ao funeral. O estado rea-
lizava uma cerimônia simples e solene, grátis, e nisso
também a cerimônia religiosa era imitada. Pronunciava-
se um pequeno discurso em louvor daquele valente sol-
dado da democracia do povo, pela parte que desempe-
nhara na guerra pela libertação da humanidade.

E, sem dúvida, a mais espalhafatosamente competitiva
de todas, era a Consagração da Juventude, a *Jugend Weihe*, a
respeito da qual eu ouvira Henrietta falar. Esse expediente
provara ser grandemente eficiente, porque se destinava a
pessoas que estavam em uma idade em que a idéia de acei-
tação era muito importante. Nessa época tão susceptível da
vida, dizia-se ao adolescente que deveria resolver a quem
seguiria: se ao seu país, ou à sua igreja. Exercia-se sobre ele
uma intensa pressão, para que seguisse seus colegas de clas-
se pelo corredor afora, e recebesse as bênçãos do estado.

As estatísticas continuavam: “*Jugend Weihe*, 70%. Fu-
neral, 30%.” O verdadeiro significado desses algarismos
não me atingiu, senão quando Wilhelm explicou que eles
representavam membros das igrejas, e que aquela era a
porcentagem dos que haviam aceitado os rituais do esta-
do *no lugar* da cerimônia religiosa – não *em adição* a ela.

“A princípio”, continuou ele, “as igrejas assumiram uma
posição de intransigência contra as cerimônias estatais. Se
um adolescente participava da Consagração da Juventude,
não poderia receber o sacramento da confirmação.”

Isso, sem dúvida, colocava o adolescente em uma po-

sição terrível, e era precisamente essa tensão que o regime esperava. No primeiro ano que o governo realizou a experiência, houve uma queda de quarenta por cento nas confirmações. No ano seguinte, o total foi de cinquenta por cento, e a cada ano, desde então, a situação tornara-se pior. Pouco a pouco, muitas igrejas protestantes litúrgicas estavam “amolecendo” sua posição, dizendo que o adolescente podia receber o sacramento da Igreja um ano depois de participar da *Jugend Weihe*. Os católicos romanos, todavia, não se haviam submetido, e por esse motivo, mereciam a admiração dos protestantes mais fervorosos.

“É uma luta aberta para conseguir a lealdade dos jovens”, disse Wilhelm, “e as igrejas estão sendo derrotadas. É difícil para um jovem dizer *não*, quando seus colegas de classe estão dizendo *sim*.”

A defesa das igrejas contra esse ataque astuto havia sido retrair-se e recuar. Em vez de assumir posição agressiva, de ataque, estavam tomando cada vez mais uma atitude de religiosidade monástica, e de isolamento.

“Foi por isto que fiquei tão contente por você ter vindo”, acrescentou ele. “Você pode nos ajudar a lembrar que a Igreja é maior do que qualquer nação, ou do que qualquer cena política. Temo-nos esquecido de que com Deus do nosso lado, venceremos.”

Ele estava de partida, disse, para uma viagem de quinze dias em visita aos grupos da mocidade. Convidou-me para ir com ele.

“Eu gostaria da sua companhia. E”, com um sorriso, “Mara gostará daquele automóvel.”

Assim, por quase duas semanas, viajei com ele pelo sul da Alemanha Oriental, pregando com maravilhosa liberdade para igrejas que tinham Bíblias em abundância, literatura à vontade, reuniões evangélicas a portas escancaradas, mas que haviam sido mais desmoralizadas que quaisquer outras igrejas que eu havia conhecido dentro da “Cortina de Ferro”.

Basicamente, durante aqueles doze dias, preguei ape-

nas um sermão, repetidas vezes, em cem versões diferentes. Recomendava que os crentes da Alemanha Oriental se tornassem missionários; porque aprendera por experiência própria que uma igreja missionária é uma igreja viva.

Na primeira igreja em que fiz essa sugestão, o pastor colocou-se de pé e falou, calorosamente:

– Irmão André, é fácil para você falar a respeito da obra missionária, porque você pode viajar para onde quiser. Mas, e nós aqui na Alemanha Oriental? Nós não podemos nem deixar o país.

– Espere! disse eu. Pense no que você acaba de dizer. Eu preciso fazer uma viagem longa e dispendiosa para chegar à Europa Oriental. Mas vocês já estão aqui! Quantos soldados russos estão aqui em seu país, agora? Meio milhão, creio eu. Pense nisso! Quantos alemães não-convertidos há nessas montanhas? Não se queixem de que vocês não podem ir aos campos missionários! Agradeçam a Deus, porque ele trouxe o campo missionário até vocês!

E então, contei-lhes a história bíblica de um homem que fizera exatamente o que eu estava recomendando a eles.

Falei-lhes a respeito da ocasião em que Paulo estava na prisão em Roma, acorrentado entre dois soldados.

– Ora, havia duas possibilidades, disse eu. Ele poderia sentar-se ali e queixar-se, porque não podia sair, ou então, podia utilizar-se da situação. Bem, Paulo começou a agradecer a Deus porque tinha um auditório “cativo”. Começou a pregar o evangelho. Depois de algum tempo, a guarda foi rendida; entraram mais dois soldados. Paulo agradeceu a Deus pelos dois novos ouvintes, e começou de novo. E o resultado foi que ele fez com que aqueles homens se tornassem cristãos. Fundou uma igreja bem ali, na casa de César. E essa, eu sinto, é a incomparável missão dos crentes dos países da “Cortina de Ferro”.



13

ÀS PORTAS DO CÍRCULO INTERIOR

De volta a Berlim Ocidental, percorri acampamento por acampamento, procurando Corrie. Quando finalmente a encontrei, ela dirigia uma operação cata-piolhos na cabeça de uma fila de crianças de cinco e seis anos de idade. Fiquei abismado com a transformação que ela sofrera durante aquele período de menos de três semanas. Ela havia perdido peso, sua pele tinha uma estranha palidez amarelada, e ela estava com olheiras fundas.

Censurei a mim mesmo outra vez, por tê-la levado para aquele lugar, e sobretudo, por tê-la deixado sozinho. Uma das coisas que eu desejara tentar fazer, era levar, de Berlim, uma preciosa carga de Bíblias para a Iugoslávia; entre outras, para a igreja de Belgrado, cujos membros tinham apenas sete Bíblias. Eu sabia, devido à minha experiência anterior, que o consulado iugoslavo em Berlim era o lugar certo para pedir o visto no passaporte, e não o de Haia.

Agora, ao ver os olhos assustados e a face cansada de minha jovem esposa, cheguei à conclusão de que uma viagem à Iugoslávia cumpriria um objetivo duplo. Que melhor lugar havia, para esquecer os horrores dos acampamentos, do que aquela terra tão bonita – a mais bonita que eu já havia visto? Assim, levei nossos passaportes

para o consulado iugoslavo, e passei o resto do dia comprando Bíblias.

Corrie apresentou, outra vez, seus argumentos contra a minha decisão: havia muito a fazer nos acampamentos, e ela não poderia fazer nada na Iugoslávia – as mesmas objeções de sempre. Mas, dessa vez, contrariei sua vontade, alegando, como motivo, a sua saúde. E nós partimos, juntos pela primeira vez, para a “Cortina de Ferro”.

Se não fosse pela doença de Corrie, que parecia piorar em vez de melhorar, aquela primeira semana da viagem teria sido perfeita. Desta vez, a guarda da fronteira mal olhou nossa bagagem. Consideraram-nos recém-casados, e sugeriram que visitássemos estações de águas junto ao mar, e indicaram-nos estradas com belos panoramas. Para futuras operações de contrabando, eu anotei esta nova informação: um homem e uma mulher formam uma equipe normal, de viagem, e levantam muito menos suspeita do que um homem viajando sozinho.

Jamil e Nikola cumprimentaram-nos com lágrimas de alegria brotando-lhes dos olhos. Quando levamos as novas Bíblias às diversas igrejas, as congregações mal podiam crer nos próprios olhos. E então, todos queriam ser apresentados a Corrie; as mulheres beijavam-na; os homens davam-me fortes tapas nas costas.

Durante seis dias, as coisas não poderiam ter sido melhores. Com Nikola como meu intérprete, outra vez, apesar da multa e da advertência que ele havia sofrido devido à ajuda que me prestara da outra vez, eu contei às igrejas iugoslavas a visão que me fora revelada na Alemanha Oriental. Uma visão de igrejas dentro da “Cortina de Ferro”, não recuando, mas avançando.

E então, na noite do sétimo dia, quando estávamos jantando na casa de uns amigos em uma cidade perto de Sawawehe, a polícia apareceu. Aconteceu tão repentinamente, que durante uns momentos eu não compreendi por causa de quem eles estavam ali. Estávamos assentados ao redor da mesa da cozinha comendo arroz e car-

neiro – todos; exceto Corrie, que não estava se sentindo bem, e fora deitar-se – quando ouvimos uma batida na porta, e entraram dois policiais de uniforme cinza.

– Você aí, venha conosco, disseram-me.

– Ir? Aonde?

– Não converse. Não termine de comer. Venha.

Olhei para os meus amigos que estavam sentados, garfos levantados, bocas abertas de medo. Corrie apareceu à porta, pálida e despenteada.

– Ela está com você?

– Sim.

– Ela também.

Tornou-se claro imediatamente que a polícia recebera certas informações a respeito da minha viagem anterior à Iugoslávia. Foram bastante corteses, mas informaram-nos que precisaríamos deixar o país imediatamente. O meu visto havia sido cancelado. Não havia possibilidade de recorrer da decisão. Eu deveria, por favor, apresentar o meu passaporte ali, naquele momento.

Relutantemente, porque eu não queria que o meu passaporte recebesse uma declaração negativa, que os outros consulados pudessem usar como base para não me concederem vistos, eu entreguei meus documentos. Os oficiais olharam para eles cuidadosamente, conferiram-nos com suas próprias ordens, e então pegaram um grande carimbo vermelho a que aplicaram bastante tinta, e o bateram sobre o meu visto. Eu era *persona non grata* na Iugoslávia.

Já fisicamente fraca, Corrie ficou chocada com a prisão.

“André, eu fiquei paralisada de medo!!” continuava dizendo ela, enquanto atravessávamos a Áustria, em direção à Alemanha. “E aqueles homens ainda estavam sendo delicados!”

Pretendíamos parar em Berlim somente o tempo necessário para pegar dois passageiros refugiados a quem estávamos enviando ajuda da Holanda. Minha maior preocupação era levar Corrie para casa, para consultar

um médico. Algo estava errado; era mais do que fadiga e tensão. Mais e mais freqüentemente eu precisava parar o carro e fazê-la sair para esticar-se na grama, até que as ânsias de vômito passassem.

Mas quando chegamos em Berlim, havia uma surpresa à nossa espera. Vendo que o consulado iugoslavo ali era mais acessível do que o da Holanda, eu passara, em Berlim, por todos os consulados dos outros países que eu desejava visitar. E agora, quando voltamos, eu não encontrei uma, porém duas cartas nos esperando, no alojamento. Tanto a Bulgária como a Romênia haviam deferido o meu requerimento, e tinham o prazer de informar que eu só precisaria apresentar-me à sua sede em Berlim, para que meus documentos de viagem fossem autenticados.

Bulgária e Romênia! De acordo com todo mundo, dois dos países onde a perseguição da Igreja era mais intensa. Por fim, o círculo interior! Certamente a mão de Deus estava na porta, pronta para abri-la.

Porém, sem dúvida, Corrie necessitava do aconchego de sua própria casa e do seu próprio leito. Além disso, havia o assunto do carimbo incriminador, em meu passaporte. Certamente, os outros governos iriam querer saber por que eu havia sido expulso da Iugoslávia.

Assim, em vez de me dirigir aos consulados, fomos para casa, em Witte. Corrie foi para a cama quase imediatamente, e eu chamei um médico. Ele ficou com ela durante muito tempo, e eu fiquei sentado na escada do lado de fora, sentindo-me meio desarvorado.

Por fim ele saiu, e desceu a escada todo animado.

– Sua esposa está bem, disse ele, quando acabou de descer. Eu lhe receitei algumas pílulas contra náuseas, e ela deve ir ao meu consultório no mês que vem.

– Mas o que é que ela tem? perguntei ansiosamente.

– O que ela tem?

Por fim o homem percebeu que eu não entendera. Com um pequeno gesto formal, ele tirou o chapéu da cabeça, e estendeu a mão.

– Parabéns. Você vai ser pai.

– Mas por amor do seu filho, acrescentou ele, colocando de novo o chapéu na cabeça, pare de arrastar aquela pobre menina por toda a Europa, e permita que ela descanse.

– E outra coisa, disse ele, parando sobre a pingueta, livre-se o quanto antes daqueles montes de roupas lá em cima! Ela vai ser mãe e não alpinista!

Estávamos em novembro, quando voltamos de Berlim e da Iugoslávia; o nenê deveria nascer em junho. Em janeiro, Corrie estava se sentindo tão bem, que comecei a pensar seriamente numa viagem ao círculo interior, sozinho, é claro, devido às circunstâncias, deixando Corrie sob os cuidados extremos de Geltje. Ficando três ou quatro semanas em cada país, eu estaria de volta bem antes do nascimento do bebê.

Mas ainda havia aquele problema do passaporte. O que poderia eu fazer a respeito da página negra? Arrancá-la? Era impossível, visto que todas as páginas eram numeradas. Jogar o passaporte fora, dizer que eu o tinha perdido, e requerer uma segunda via? Mas isso não era jogar à moda do Rei; os servos do Rei não precisavam usar de artifícios.

Fui a Haia, ao escritório de controle de passaportes, e expus ao encarregado de vistoria, o meu problema. Ele foi muito compreensivo.

– Eu entendo seu caso, disse ele, mas não posso fazer nada.

– Veja, disse eu, sou missionário. Quero ir a esses países para entrar em contato com os crentes de lá.

Ele meditou durante uns instantes. Depois, balançou a cabeça.

– Nós não podemos nem lhe dar sugestões de como conseguir um novo passaporte rapidamente. Tais como, por exemplo, fazer uma porção de viagens rápidas aos países vizinhos, e insistir para que eles carimbem seus documentos, a fim de que o seu passaporte se encha de-

pressa. Nós não podemos nem lhe dar sugestões como essa; você vê? Sinto muito.

Em poucas semanas, eu tinha um passaporte novo. Corrie relutou em deixar-me ir. Ela ainda não se recuperara completamente do choque quando de nossa prisão na Iugoslávia. Mas quando o carregamento de Bíblias em búlgaro e romeno chegou da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, de Londres, ela mesmo ajudou-me a acondicioná-las no carro.

“Negócio é negócio”, disse ela. “Afim de contas, eu aceitei o encargo de esposa de missionário.”

Quando chegou o dia da partida, nenhum de nós dois se sentia com muita coragem. Enchemos o espaço livre do Volks, de roupas para os acampamentos da Áustria, que eu iria visitar, de passagem. Havíamos mudado o depósito de roupas de nosso quarto, por ordens médicas, para o minúsculo saguão da casa, onde as roupas estavam atrapalhando a vida de todo mundo.

“Bulgária e Romênia”, disse Corrie suavemente, “não são Iugoslávia! Se você for preso naqueles países, pode ser que eu nunca mais veja você. Nós queremos você de volta, André; o seu filho e eu.”

É claro que procurei dar-lhe a certeza de que logo estaria de volta, mas o sentimento que me dominava estava muito longe de ser alegria. Entrei no carro superlotado, e dei a partida.

“Você pegou o dinheiro?” perguntou Corrie.

Apalpei a carteira. Pela primeira vez, eu estava indo com mais dinheiro do que o necessário. Eu não era capaz de entender por que tantas ofertas haviam chegado dos leitores de *Kratch van Omhoog*, ultimamente. As despesas de viagem seriam pequenas; eu dormia na tenda sempre que podia, e preparava as minhas próprias refeições. Eu procurara deixar a quantia extra com Corrie, mas, como que movida por um estranho sentimento, ela insistira para que eu a levasse comigo. Sim, o dinheiro estava ali. E assim, com um último

beijo, eu parti. Fiquei um pouco preocupado, enquanto me dirigia do acampamento austríaco para a Iugoslávia, porque estava sendo obrigado a voltar a um país do qual tão recentemente fora expulso. Mas não havia, absolutamente, outro caminho melhor para ir à Bulgária. Só havia outra rota: teria de dar uma volta longa e dispendiosa, pela Itália, depois, de navio até à Grécia, e depois, a longa travessia da Macedônia Grega. Como eu havia previsto, não houve problema para conseguir um novo visto: a burocracia iugoslava era notoriamente ineficiente, e o fato de que eu era *persona non grata* ainda não fora comunicado aos consulados ocidentais. O único lugar em que poderia haver alguma dificuldade, pensei, seria na própria fronteira.

Com o coração batendo fortemente, cheguei à fronteira. Mas o guarda só olhou superficialmente o meu passaporte. Conversamos um pouco a respeito das condições das estradas, e depois de vinte minutos, eu estava dentro do país.

Pelos meus cálculos, eu tinha agora quatro dias na Iugoslávia, antes que a informação a respeito da minha chegada à fronteira fosse conferida com a relação de pessoas indesejáveis, em Belgrado. Parei para uma breve visita a Jamil, e então me dirigi para o sudeste, pretendendo atravessar a fronteira da Bulgária na manhã do quinto dia. Mas como sempre, na Iugoslávia, havia muito o que fazer! Jamil me dera nomes de pessoas e de igrejas que estavam no meu caminho, em número suficiente para conservar-me ocupado durante um mês. Não houvera, até aquele momento, qualquer indício de problemas, da parte das autoridades. Eu decidi esticar a minha sorte por vinte e quatro horas.

Na quinta noite, cheguei a um hotel depois da meia-noite, apresentei o passaporte na portaria, e subi para o quarto. Havia dormido talvez cinco horas, quando ouvi uma pancada abrupta na porta. Abri-a, e encontrei dois homens vestidos à paisana, no corredor.

“Vista-se e siga-nos”, disseram eles em alemão, conservando a porta aberta. “Não traga nada consigo.”

Nem por um instante, eles tiraram os olhos de sobre mim, enquanto eu me enfiava nas calças e vestia uma camisa. Atravessamos o saguão, deserto àquela hora, exceto devido à presença de uma senhora que lavava as escadas. Fora do hotel, caminhamos algumas centenas de metros, até um grande edifício de pedra. Fui levado por um corredor de mármore até um escritório.

O homem que estava atrás da escrivaninha tinha meu passaporte na mão.

– Por que é que você está aqui? perguntou ele. Por que é que você voltou à Iugoslávia?

Ele não esperou que eu respondesse, mas continuou, levantando a voz enquanto falava.

– Como é que você substituiu o passaporte? É assim que se faz na Holanda? Facilitam as coisas para conspiradores e transgressores?

Ele abriu a gaveta, e eu vi com desalento que ele havia pegado um enorme carimbo de tinta vermelha. Carimbou três vezes sobre o visto iugoslavo, e só então ficou satisfeito.

– Você vai deixar o país dentro de vinte e quatro horas, disse ele. Não poderá ter mais nenhum contato com pessoa alguma, na Iugoslávia. Vamos telefonar para a guarda de fronteira em Trieste, dizendo quando você deve chegar lá.

Trieste! Certamente, ele não podia insistir naquilo! Trieste ficava no extremo noroeste do país, exatamente de onde eu viera, enquanto que ali estávamos a setenta e cinco quilômetros da fronteira com a Bulgária!

– Mas eu estou indo para a Bulgária! implorei. Será que eu não poderia sair do país por esse lado? É muito mais perto.

Mas ele foi irredutível. Ele havia dito Trieste, e haveria de ser Trieste, e o mais depressa possível.

E foi assim que muito desanimado, dirigi-me de volta para Trieste, e para a longa rota circular através da

Itália e da Grécia: dois mil e quatrocentos quilômetros... e eu que já estava quase enxergando meu destino!

Apoderou-se de mim uma depressão tal como eu jamais havia sentido, enquanto eu rodava pela “bota” da Itália. As estradas eram irritantes: uma infundável sucessão de cidadezinhas enfileiradas, uma após a outra, pelo litoral, caminhões, bicicletas, carroças, raramente eu tirava o câmbio da segunda.

Chegou o dia 31 de março: aniversário de Corrie. Enviei-lhe um telegrama, mas em vez daquilo me alegrar, só serviu para recordar-me como eu estava longe dela. Era o seu primeiro aniversário, depois que estávamos casados, e ali estava eu, não só ainda na Itália, mas, o que era pior, mais longe do meu destino do que nunca, e ficando mais longe de Corrie a cada minuto. Suponhamos que algo acontecesse. Suponhamos que também houvesse problemas com a polícia da Bulgária. Suponhamos que eu não conseguisse voltar a tempo para o nascimento do nenê. Pelo menos, agora eu entendia a razão para todo aquele dinheiro a mais: por esta rota, eu teria sorte se conseguisse fazer a viagem de ida e volta, mesmo com todo o dinheiro que tinha.

Para tornar as coisas ainda piores, havia de novo o carimbo incriminador na página da Iugoslávia.

E então, exatamente quando eu pensava que havia chegado ao ponto de maior desânimo, minhas costas começaram a dar sinais de si. Durante três ou quatro anos, eu sentira dores nas costas de vez em quando, por causa de um disco deslocado, na minha coluna. Parecia incomodar-me mais quando eu guiava por muito tempo. Mais ou menos no meio da Itália, as dores começaram outra vez, e piores do que nunca. Quando cheguei a Brindisi, onde o navio zarpava para a Grécia, eu estava literalmente dobrado em dois, andando com um passo arrastado, estranho, pisando com os calcanhares.

Não havia tempo para parar e fazer um tratamento; eu tinha mesmo de deixar o povo me olhar espantado. Quando tirei o carro do navio, na Grécia, não estava

nada melhor; depois de uns dois dias nas estradas da Grécia, eu estava, literalmente, gritando de dor. Se as estradas italianas eram congestionadas, por causa do trânsito excessivo, as gregas eram só pedras e buracos. Eu não entendia as tabuletas escritas em estranhos caracteres gregos, e muitas vezes, depois de vinte ou trinta quilômetros maltratando a espinha, eu descobria que enveredara pelo caminho errado, e tinha de voltar por toda aquela distância vencida com tanta dificuldade.

Durante todo o tempo, aquela insidiosa depressão estava me envenenando.

“Bem, André”, começava o cochicho, lá dentro, “você conseguiu escapar dessa vez. Eles foram até gentis com você. Mandaram você sair do país. Você poderia ter ido parar na cadeia. Por quantos anos, André? Cinco? Dez? Você vai ver na Bulgária. Ali, eles jogam a pessoa na cadeia sem dó. Algumas vezes os presos jamais saem de lá. Nem escrevem cartas. Corrie nunca vai ficar sabendo.”

E assim continuava, horas seguidas, dias seguidos, até que meus nervos estavam à flor da pele. E então, veio o golpe final. Na cidade grega de Serrai, descobri que a fronteira para a qual eu estava me dirigindo estava aberta, àquela época, só para diplomatas. Para viajantes comuns não havia absolutamente nenhuma passagem da Grécia para a Bulgária. O único caminho era através da Turquia, muitos quilômetros e muitos dias a mais.

Na manhã seguinte a essa descoberta, eu estava sendo triturado e socado por uma estradinha pedregosa, em direção que parecia ser um horizonte de frustrações infundas, quando, logo adiante, vi uma pequena tabuleta azul. As letras de cima eram gregas. Mas abaixo delas, em caracteres latinos, vi uma palavra:

FILIPPOS

Parei o carro de um tranco. Filipos? A Filipos da Bíblia? A cidade onde Paulo e Silas haviam estado presos,

onde Deus havia provocado um terremoto para abrir a porta da prisão?

Claro que sim! Era aquele lugar mesmo! Saí do carro, e vi, através de uma alta cerca de arame, um campo de ruínas. Ali estavam as ruas antigas, ali estava o que restara de um templo. Uma fileira de casas, das quais só as paredes estavam de pé, agora. Será que uma daquelas era a casa de Lídia, onde Paulo ficara hospedado?

Havia um portão na cerca, mas estava fechado, e não havia ninguém por perto. Um silêncio grandioso abatia-se sobre a cena; a moderna cidade de Filipos ficava a três quilômetros a noroeste dali.

Ali, não havia nenhum som. Só o grito de Paulo, através dos séculos:

“Cristão! Onde está a sua fé?”

Paulo estivera preso naquele lugar, exatamente da mesma forma que eu também estava preso pela dor e pelo desânimo. Paulo e Silas estiveram fazendo a mesma coisa que eu estava: pregando o evangelho onde não lhes era permitido pregar. Deus havia realizado um milagre para tirar aqueles homens da prisão, naquela noite, e naquele momento eu senti que ele estava realizando outro milagre para tirar-me da minha prisão.

Os laços da depressão que me prendiam arrebentaram-se, como as correntes dos pulsos de Paulo. O espírito de desânimo fugiu, e ao perceber isso, vi que estava de pé, ereto, com a coluna vertebral endireitada, a cabeça levantada. O gozo transbordou-me o ser, gozo tanto físico como mental.

Corri de volta para o carro, parando de vez em quando para dar alguns pulinhos. Dei partida, engatei a primeira, e com um rugido do motor, parti mais uma vez para o encontro marcado com os crentes desconhecidos do círculo interior.



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

14

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ABRAÃO, O MATADOR DE GIGANTES

Depois de toda a minha apreensão, atravessar a fronteira da Turquia para a Bulgária acabou sendo uma surpresa agradável. O inspetor da alfândega mal olhou para o banco de trás do meu carro, e não me pediu para abrir nenhuma das malas. Ele anotou a data e o local no meu visto búlgaro, mas não virou as outras páginas do passaporte. Depois, fez-me um pequeno discurso em inglês, dando-me as boas-vindas ao país.

E o que era mais importante, depois de passar pelas estradas turcas, que haviam sido tão horríveis quanto as gregas, a rodovia búlgara era recém-pavimentada, e bem construída. Ao longo dela encontrei o mesmo espírito de boas-vindas com que fora recebido na fronteira. Crianças gritavam e corriam à beira da estrada, até perder o carro de vista. Homens e mulheres que trabalhavam nos campos endireitavam-se para sorrir e acenar, coisa que não vira em nenhum outro lugar da Europa.

As estradas búlgaras eram boas, isto é, enquanto me limitei às rodovias principais. Naquela primeira noite, eu enveredei por uma pequena trilha, subi a encosta de uma montanha, à procura de um lugar para acampar. Encontrei um lugar ideal, e na manhã seguinte, fiquei algum tempo desempacotando Bíblias e tirando-as dos lugares onde as havia escondido. Depois, embulhei e

escondi de novo as Bíblias em romeno, e desci a montanha, escorregando e derrapando pela perigosa estrada de cascalho, pretendendo retomar a estrada principal.

Contudo logo me vi seguindo por uma trilha que serpenteava pelos arredores de uma pequena aldeia. A estrada estava se tornando cada vez mais lamacenta, a cada segundo que passava. Atravessei um pequeno regato, e, alguns metros mais adiante, acabei de atolar.

Fiquei ali sentado, sem esperanças de sair do atoleiro, em uma aldeia montanhosa, fora do meu caminho, onde eu não tinha nada a tratar. O que deveria fazer? Nem bem me havia feito essa pergunta, quando me pareceu ouvir alguém cantando em voz alta e estridente. Vinha de uma taberna que ficava bem nas faldas da aldeia. Abri a porta do carro e pulei para fora. Quando o barro chegou aos tornozelos, parei de afundar na lama. Bem, não tinha importância. Caminhei pausada e pesadamente pelo lamaçal, até a porta da taberna.

Embora fossem apenas dez horas da manhã, o barulho era de homens que pareciam já estar bem “altos”. Entrei, e, instantaneamente, a cantoria parou.

Vinte pares de olhos encararam-me, obviamente admirados com o aparecimento de um estranho em sua aldeia. O ar estava pesado, devido à fumaça; era mais pesado e mais penetrante do que o ar enfumaçado das tabernas do ocidente.

– Alguém aqui fala inglês? perguntei.

Ninguém respondeu.

– Alemão?

Nada.

– Holandês? Bem, de qualquer forma, bom-dia, disse eu, sorrindo, e tocando a frente, como saudação.

E então, enquanto todos aqueles rostos redondos, de olhos castanhos, se voltavam para mim, iniciei uma pantomima, procurando fazer-me entender através da mímica. Fiz um barulho que tinha o objetivo de soar como um Volks atolando na lama. Ruuuuuumm. Ruuuuurnrn. Splut, splut.

Ninguém demonstrou ter entendido.

Estendi as mãos em uma posição que pensava parecer um homem segurando o volante de um carro com ambas as mãos.

– Ahh! Oh! O homem que estava detrás do alto balcão de madeira acenou com a cabeça inteligentemente.

Num instante, ele corria em minha direção com dois copos de cerveja, colocando um em cada uma das minhas mãos estendidas.

– Não, não, disse eu, rindo. Automóvel. Carro. Ruumm. Ruumm. Brrr. Brrrr.

Pus os copos no balcão, e fiz um sinal com o braço:

– Venham!

Por fim, vários homens compreenderam e levantaram-se da mesa, gostando da brincadeira e dando gritos de ânimo para os companheiros. Atrás da taberna, estava a resposta para toda aquela pantomima, enterrado no barro, em expectativa: o meu pequeno Volks azul.

– Ahh!

Cabeças balançando em assentimento, estalos do dedo polegar contra o médio. Agora eles entendiam! Tinham prazer em ajudar. Estavam calçados com botas de cano alto, e sem hesitação enfiaram-se na lama, indicando que eu podia sentar-me ao volante. Dei partida no motor, e enquanto aqueles homens de ombros largos faziam força, engatei a marcha, e dentro de poucos momentos, estávamos fora da lama, na estrada, diante da taberna.

Saí do carro e apresentei-lhes meus agradecimentos, um pouco preocupado pela curiosidade que eles estavam demonstrando pelo carro e seu conteúdo. Não seria muito bom deixar começar a circular a história de um holandês que possuía um carregamento de livros em seu carro. Rapidamente, agarrei uma gigantesca mão, apertei-a fortemente, depois outra, e outra, e passei adiante.

– Agradeço-lhes de todo coração, disse eu. A Holanda lhes agradece. O Senhor lhes agradece.

E enquanto eu estava falando, um homem simples-

mente não largou a minha mão. Segurando-a, puxou-me consigo para a taberna. Mesmo antes de chegarmos ao balcão, eu percebi o que ia acontecer. Eles queriam pagar-me uma cerveja, quer eu quisesse, quer não.

Eu não havia tomado nem um trago desde aquela noite de tempestade, em janeiro, há mais de nove anos atrás, quando me havia entregado a Deus. Na minha vida, o álcool sempre significara um elemento destrutivo.

“Mas o que é que eu devo fazer agora, Senhor?” perguntei em voz alta, em holandês. E de repente senti que devia beber aquela cerveja; pois recusá-la seria desapontá-los: a sua amabilidade e hospitalidade significavam mais para Deus do que a observância de uma regra. Vinte minutos depois, com os olhos lacrimejando devido à forte cerveja de fabricação caseira, apertei de novo vinte mãos, ri, desejei-lhes a salvação o mais depressa possível, e retomei o meu caminho. Durante quarenta minutos, rodando em alta velocidade pela rodovia, ainda se ouvia o barulho da lama (que se apegara aos pneus) chocando-se contra o pára-lama e a carroceria do meu fusca.

Na última noite que passara na Iugoslávia, a noite por causa da qual fora mandado para fora do país, eu havia conhecido um homem que tinha um amigo íntimo que morava em Sofia.

“Petroff é um dos santos da igreja”, dissera-me ele. “Você poderá ir visitá-lo?”

Sem dúvida, seria um prazer. Eu havia decorado o endereço de Petroff; não quisera tê-lo por escrito, para o caso de ter algum problema com as autoridades. Agora, enquanto eu estava sentado na encosta de uma montanha, olhando Sofia lá embaixo, pensei maravilhado em como Deus usara a última pessoa com quem eu conversara em um país, para dar-me o primeiro contato de que eu necessitava, em outro. Sofia oferecia um belo panorama, estendida lá embaixo, as montanhas levantando-se por trás dela, e as cúpulas redondas das suas igrejas orto-

doxas rebrilhando ao Sol da tarde. Porém, como, em tão vasta metrópole, poderia eu encontrar a rua em que Petroff morava? Meu amigo iugoslavo havia me avisado que poderia ser perigoso para Petroff, se um estrangeiro andasse pela cidade perguntando por ele. Por isso, quando eu me registrei no hotel, a primeira coisa que pedi foi um mapa da cidade.

– Sinto muito, senhor, mas não temos. O senhor pode procurar na livraria, ali na esquina.

Mas na livraria também não tinha. Voltei ao hotel, e perguntei ao porteiro se ele estava bem certo de que não tinham nenhum mapa. Ele olhou para mim, com suspeita no rosto.

– Por que é que você quer tanto um mapa? perguntou ele. Os estrangeiros não devem sair por aí, andando à toa.

– Ora, disse eu, apenas para ter alguns pontos de referência. Não quero ficar perdido, visto que não sei falar búlgaro.

O porteiro pareceu satisfeito.

– Tudo o que temos, disse ele, é esta planta pequena, aqui.

Apontou para um pequeno mapa da cidade, desenhado à mão, sob o vidro da escrivaninha. Porém, de nada serviria para mim: só estavam escritos os nomes das ruas principais. Mas curvei-me sobre o mapa para agradá-lo, e quando o fiz, verifiquei uma coisa fabulosa. Na verdade, o cartógrafo havia marcado apenas os nomes das avenidas maiores, mas com uma exceção tremendamente importante. Havia uma única rua pequena, apenas a poucos quarteirões do hotel, cujo nome estava escrito. Era o nome da rua que eu estava procurando! Nenhuma outra rua pequena, naquele mapa, tivera o nome registrado ali. Senti outra vez a sensação extraordinária de que aquela viagem fora preparada há muito tempo.

Na manhã seguinte, logo cedo, saí do hotel e dirigi-me imediatamente para a rua em que Petroff morava. Encon-

trei-a sem dificuldade, exatamente onde o mapa indicava. Agora, era só uma questão de encontrar o número.

Enquanto eu ia andando pela calçada, um homem veio pela rua, em direção oposta. Ficamos lado a lado, exatamente quando cheguei ao número que estava procurando. Era um casarão, que servia como prédio de apartamentos. Entrei pelo caminho que levava à casa, e o estranho também entrou!

Quando chegamos à porta da frente, olhei por uma fração de segundo para o rosto do homem que entrara comigo. Naquele momento, experimentei um dos milagres comuns da vida cristã: nossos espíritos se reconheceram um ao outro.

Sem uma palavra, caminhamos juntos escada acima. Outras famílias viviam também na casa; se eu estivesse enganado seria muito embaraçoso. O estranho chegou ao seu apartamento, tirou a chave, e abriu a porta. Sem convite, eu entrei na casa. Rapidamente, ele fechou a porta. Ficamos olhando um para o outro, na penumbra, naquele único quarto que era seu lar.

– Meu nome é André, sou da Holanda, disse em inglês.

– E o meu, disse ele, é Petroff.

Petroff e sua esposa viviam naquele quarto. Ambos tinham mais de sessenta e cinco anos, e as pensões que recebiam do governo davam para pagar o quarto, a comida e, ocasionalmente, para comprar roupas. Nós três passamos os primeiros momentos de joelhos, agradecendo a Deus por nos ter reunido daquela maneira maravilhosa, de forma que não houvera nem um minuto perdido, e houvera o mínimo de perigo.

Depois conversamos.

– Ouvi falar, disse eu, que tanto na Bulgária como na Romênia, há uma necessidade desesperadora de Bíblias. É verdade?

Como resposta, Petroff levou-me até sua escrivaninha.

ela. Nela havia uma antiga máquina de escrever com uma folha de papel em posição e ao lado da máquina, uma Bíblia, aberta em Êxodo.

– Há três semanas eu tive muita sorte, disse Petroff. Consegui encontrar esta Bíblia.

Ele mostrou-me um outro volume, na pequena mesa de refeições.

– Sorte também porque consegui comprá-la por um bom preço: a pensão de um mês. A razão pela qual era tão barata era que os livros de Gênesis, Êxodo e Apocalipse haviam sido arrancados e...

– Por quê? interrompi.

– Quem sabe? Talvez para vender. Ou talvez para fazer cigarros com o papel fino. De qualquer forma, continuou Petroff, eu tive sorte de encontrá-la, e de ter o dinheiro para comprá-la. Agora, tudo o que preciso fazer é completar as partes que faltam, copiando-as da minha Bíblia, e eu terei outro Livro completo! Acho que estará pronto daqui a quatro semanas.

– E então, o que é que você vai fazer com a segunda Bíblia?

– Ah, vou dar de presente.

– Para uma pequena igreja em Plovdiv, disse a sua esposa, onde não existe nenhuma Bíblia.

Fiquei sem saber se havia entendido bem. Nenhuma Bíblia em toda a igreja?

– Exatamente, disse Petroff. E há muitas igrejas assim, neste país. Você encontrará a mesma situação na Romênia e na Rússia. Antigamente, só os padres as possuíam; de modo geral, o povo era analfabeto. E depois do advento do comunismo, tem sido impossível comprá-las. Não é sempre que tenho uma sorte como esta.

Uma sensação de entusiasmo cresceu em mim. Eu mal podia esperar para mostrar a Petroff o tesouro que estava esperando por ele no carro.

Naquela noite, fui de carro ao seu apartamento, examinei a rua para ter a certeza de que estava vazia, e de-

pois levei para dentro a primeira de muitas, muitas caixas de papelão cheias de Bíblias que eu deveria entregar àquele homem, através dos anos. Petroff e sua esposa, com os olhos arregalados de uma curiosidade indisfarçada, seguiram meus movimentos enquanto eu colocava a caixa sobre a mesa.

– O que é isso? perguntou Petroff.

Levantei a tampa da caixa, e tirei uma Bíblia. Coloquei-a nas mãos trêmulas de Petroff, e outra nas mãos de sua esposa.

– E... e na caixa? perguntou Petroff.

– Mais. E ainda há mais lá fora.

Petroff fechou os olhos. Sua boca estava crispada, tentando reter a emoção que ele sentia. Mas duas lágrimas rolaram vagarosamente de suas pálpebras fechadas, e caíram sobre o volume que estava em suas mãos.

Eu e Petroff empreendemos imediatamente uma extensa viagem através da Bulgária, entregando Bíblias às igrejas onde sabíamos que a necessidade era maior.

– Você sabe a razão oficial que o governo apresenta para suprimir a circulação de Bíblias aqui? perguntou-me Petroff, enquanto rodávamos por um campo brilhante de rosas cultivadas para a indústria de perfumes. É porque as Bíblias são impressas na velha ortografia. O governo diz que elas impedem a cultura. Amarram o povo à pronúncia e costumes antigos.

– A Igreja visível, na Bulgária, continuou ele, havia sido purgada de todos os elementos contrários ao novo regime. A Igreja Ortodoxa Búlgara, igreja oficial do país, era agora quase que apenas um ramo do governo. O atual patriarca louvava o regime em todos os seus sermões oficiais: seus discursos tinham tanto a ver com a glória da *Narodna Republika Bulgariya*, quanto com a do Reino de Deus.

– De fato, há duas igrejas aqui, agora, contou-me Petroff, uma igreja fantoche, que faz eco à voz do esta-

do, e uma igreja clandestina. Você verá uma dessas igrejas clandestinas hoje à noite.

Foi o primeiro culto a que assisti na Bulgária. Doze pessoas levaram mais de uma hora, naquela noite, para se reunirem para o culto, pois chegavam a intervalos, de forma que, em nenhum momento parecia que um grupo de pessoas estava se reunindo.

Às sete e meia, chegou a nossa vez. Chegamos a um edifício de apartamento, como por acaso entramos os dois, e como por acaso paramos no terceiro andar, olhamos ao nosso redor por um momento, e depois entramos em um apartamento, sem bater. Não pude deixar de me lembrar dos domingos em Witte, quando todo o povo da aldeia empreendia aquela peregrinação para a igreja.

Havia oito pessoas, quando chegamos, e mais dois chegaram às 7:45h e 7:55h. A sala estava na penumbra. Só havia uma pequena lâmpada acesa, e cobertores haviam sido dependurados na janela, para nos esconder de olhos curiosos. Fiquei pensando se aquela gente era tão pobre que não podia nem comprar cortinas. Ninguém falou. Cada pessoa que chegava tomava lugar ao redor da mesa central, curvava a cabeça, e orava silenciosamente para que a reunião que ia começar pudesse realizar-se em segurança. Precisamente às oito horas, Petroff levantou-se e falou a meia voz, e ele mesmo interpretava suas palavras para mim, à medida que falava.

“Nesta noite, temos a bênção de contar com a presença de um irmão da Holanda que nos visita”, cochichou Petroff. “Vou pedir a ele que nos traga a mensagem do Senhor.”

Petroff assentou-se e eu fiquei esperando pelo hino, mas depois compreendi que, estava claro, cantar era impossível, naquela igreja clandestina. Falei por uns vinte minutos, depois, fiz sinal para Petroff. Ele levantou-se de um salto, e com ostentação, abriu o pacote que havia trazido, e levantou o seu conteúdo: uma Bíblia.

Ouviram-se exclamações que ameaçavam ser altas demais, antes que aqueles crentes se dominassem e pusessem a mão à boca. Então, os homens se abraçaram ruidosamente, e as mulheres se abraçaram também; depois eles passaram o Livro de mão em mão, e cada um o abria e fechava carinhosamente.

Um dos homens que estava na reunião daquela noite deixou-me intrigado. Depois que havíamos estado juntos pelo máximo de tempo que ousávamos ficar, separamo-nos como havíamos vindo, sozinhos ou de dois a dois e em intervalos, ao todo gastando mais de uma hora. A última pessoa a levantar-se dos joelhos foi um homem corpulento, com uma barba patriarcal, de rosto quadrado e bronzeado, que possuía os olhos azuis mais ingênuos que eu já vira.

– Este, disse-me Petroff, é Abraão.

Abraão pouco falara durante a reunião, mas via-se naquele ancião uma inocência e pureza infantis que emanavam dele, sem palavras. Como Petroff, ele já ultrapassara a idade máxima para trabalhar. E assim, durante vários anos, os dois haviam passado muito de seu tempo procurando localizar igrejas que tivessem duas Bíblias, para que pudessem pedir ou comprar uma delas, dando-a para uma igreja que não tivesse nenhuma.

Abraão, disse-me Petroff, vivia em uma tenda nas montanhas Rhodope. Recebia do governo uma pensão equivalente a cinco dólares por semana, e com isso ele e sua esposa viviam. Em tempos passados ele fora proprietário de terras, mas havia perdido tudo por causa de suas atividades “subversivas”.

“Um dia você deve tentar visitá-lo em sua casa”, disse Petroff, “porque isso lhe dará uma idéia daquilo que um homem pode sacrificar pelo amor de Cristo. A maior parte do ano”, continuou ele, “Abraão e sua esposa se alimentam apenas de frutas silvestres e pão.”

Petroff chamava o velho Abraão de “Matador de Gigantes”, porque ele estava sempre procurando encontrar

o seu “Golias” – algum homem que tivesse uma posição elevada no partido, ou algum militar a quem ele pudesse dar testemunho.

“Abraão está sempre procurando um novo Golias”, disse Petroff. “Quando ele o encontra, há uma luta. Muitas vezes Golias vence, e Abraão acaba na cadeia. Mas, muitas vezes, Abraão vence, e uma nova alma é acrescentada à Igreja de Cristo.”

Antes que ele saísse, fui ao carro, e apanhei o resto das Bíblias em búlgaro que eu trouxera. Abraão, o Matador de Gigantes, saberia o que fazer com elas.

Abraão ficou segurando as Bíblias como se estivesse segurando um recém-nascido. Não agradeceu, mas as palavras que ele disse ficaram em minha memória até hoje. Os seus olhos azuis, brilhando, fixaram-se nos meus, enquanto Petroff interpretava suas palavras.

“A linha de frente é longa, irmão. Aqui precisamos ceder um pouco, ali podemos avançar. No dia de hoje, André da Holanda, nós realizamos um avanço.”

O resto daquela primeira viagem à Bulgária foi gasto em visita às pequenas igrejas clandestinas, não registradas. “Consolida o resto que estava para morrer”, tornou-se mais do que nunca uma ordem que me perseguia até em meu sono. Como era corajoso aquele remanescente da Igreja, como eram desprendidos, como estavam sozinhos! Em particular, três ministros que visitei naquelas semanas conservam-se na minha lembrança: Constantino, Arminn e Basil.

Constantino havia ficado preso dezoito meses, por ter batizado convertidos que tinham menos de vinte e um anos. Acabara de sair da cadeia. Contou-me que na noite seguinte à sua soltura, levava vinte e sete adolescentes para fora da cidade, e os batizara secretamente em um rio das redondezas.

Arminn sabia que havia espiões do governo na sua congregação, por ocasião do Natal, por isso teve o cuidado de não desobedecer a lei que proibia a evangelização

de crianças. Falava só para os adultos. Não tocava em política. Mas em certo momento de distração, Arminn olhou para as crianças que estavam sentadas quase de baixo da árvore de Natal da igreja, e perguntou:

“Vocês sabem por que é que damos presentes uns aos outros, nesta época do ano? É para simbolizar o maior presente de todos.”

Por causa dessas duas sentenças ele foi levado ao tribunal, e demitido do púlpito.

Basil era conhecido pelo fato de trabalhar de mãos dadas com a polícia secreta. Petroff levava-me à sua igreja em um domingo, para que tivéssemos uma oportunidade de ver uma igreja-fantoches em ação. A congregação daquela igreja havia definhado muito, depois da guerra. Basil estava se queixando disso para nós, antes do culto, quando, repentinamente, sem mudança nenhuma na sua fisionomia, ele me disse:

– Você gostaria de realizar uma reunião aqui, hoje à tarde?

Eu não sabia se havia ouvido bem. Basil sabia tanto quanto eu que pregadores não registrados não podiam falar ao povo. O que é que havia acontecido com o homem?

– Eu... eu preciso orar a esse respeito, disse-lhe.

E orei mesmo, furiosamente, durante todo o culto. Será que aquilo era uma espécie de armadilha? Suponhamos que ele houvesse combinado aquilo com a polícia, a fim de me expulsar do país? Não obstante, a resposta que eu parecia estar recebendo com muita clareza era uma retumbante afirmativa:

“Realize a reunião!”

No fim do culto, Basil anunciou ao punhado de pessoas que estava presente, que o irmão da Holanda iria realizar uma reunião especial naquela tarde. Ele convidou a todos para virem e trazerem um amigo.

Todos ficamos surpresos, naquela tarde, ao ver umas duzentas pessoas na igreja. A reunião foi maravilhosa. No fim, quando fiz o apelo, dezenas vieram à frente.

Então, Basil surpreendeu-me outra vez ao sugerir que realizássemos outro culto naquela noite. Eu estava mais do que disposto, e Petroff também. Mas ainda não conseguíamos compreender o que acontecera àquele homem que tinha reputação de não ser mais que um boneco nas mãos do Estado.

Naquela noite a igreja estava lotada. Sentíamos a presença do Espírito Santo. No fim do culto, dezenas de pessoas expressaram o desejo de seguir a Cristo, custasse o que custasse. E outra vez Basil convidou a todos para voltar na noite seguinte. Na segunda-feira à noite a igreja estava tão lotada, que havia gente de pé de ambos os lados, e muitos estavam sentados no chão, no corredor central. Mas dessa vez Basil viu alguns dos seus amigos da polícia secreta, no meio da congregação. Continuamos a reunião, mas omitimos o apelo. Não ousamos nem pedir que alguém levantasse a mão, com medo que seus nomes fossem anotados.

Depois que o culto terminou, eu e Petroff fomos com Basil para o escritório dele, e ficamos meditando no que deveríamos fazer em seguida. Obviamente, não poderíamos realizar mais reuniões. O que aconteceria com Basil: será que agora ele estava agindo de uma forma que ele mesmo não entendia? O que iria acontecer agora? O que faria a polícia?

À medida que os dias foram passando, tornou-se claro por que Cristo havia escolhido Basil, em vez de algum outro pastor, para tocar com o seu Espírito. A polícia não fez nada. Nem contra mim, nem contra Petroff, nem contra Basil. Ele era um dos seus mais valiosos colaboradores, pensavam eles. Certamente, deveria haver algum motivo justo para o que ele estava fazendo. Basil ocupava uma posição elevada demais na nova ordem da igreja, para suscitar suspeitas. Era melhor, deviam ter concluído eles, deixar a chama extinguir-se com a partida do evangelista holandês.

Mas quando fui embora, a chama não morreu. Aquela

pequena igreja que tivera cinqüenta pessoas freqüentando-a esporadicamente, passou, desde então, a ser uma congregação viva, de cerca de quatrocentas pessoas. Mais tarde, o governo tentou apagar o fogo. Basil fora à Suíça para realizar uma operação há muito adiada, e quando tentou voltar para o seu país, foi impedido na fronteira. Um pastor novo, e “de confiança” fora escolhido para tomar seu lugar, e em três anos ele conseguiu apagar as chamas dentro daquele edifício, pois a freqüência voltou aos primitivos cinqüenta. Mas os trezentos novos convertidos saíram de Stara Zagora, espalharam-se por toda a península balcânica, como a igreja primitiva de Jerusalém, e começaram a atear o fogo por onde quer que iam.

Não poderíamos ter previsto nenhum desses acontecimentos naquela época, é claro. Mas Petroff e eu havíamos aprendido uma coisa desde o princípio: nunca é bom dizer que uma igreja é fantoche, não importa quão morta, quão subserviente e contemporizante ela pareça ser, na superfície. Ela é chamada pelo nome de Deus, os olhos de Deus estão sobre ela, e a qualquer momento ele pode varrer dela essa superficialidade com o vento purificador do seu Espírito.

Antes de deixar a Bulgária, Petroff e eu fomos de carro até às montanhas Rhodope, esperando encontrar Abraão. Não tínhamos idéia de como iríamos localizar sua tenda, pois só sabíamos o nome da aldeia próxima à qual ele morava. Mas já na aldeia, a estrada, que ameaçava desaparecer várias vezes antes de chegar ali, afinal desvaneceu-se completamente. Ali estávamos, indecisos, ao lado do poço artesiano da cidadezinha. Sobre nós estendia-se a floresta, a perder de vista. Onde, em todo aquele enorme inferno verde, estava o homem que procurávamos?

As pessoas que tinham vindo buscar água olhavam para nós curiosamente, enquanto esperavam sua vez de

encher a vasilha. E então, o primeiro homem da fila terminou de beber a água, endireitou-se, e virou-se. Era o próprio Abraão!

Logo que ele nos viu, seus olhos azuis, brilharam como o céu ao meio-dia. Quando dei por mim estava afogado em um abraço molhado, enquanto a água gelada da sua longa barba ensopava-me a roupa, até a pele. Abraão estava ainda mais admirado do que nós com o encontro casual, pois contou-nos que vinha à vila somente de quatro em quatro dias, e só demorava o tempo suficiente para comprar pão. Ele pegou um saco com meia dúzia de pães redondos e chatos, que estava encostado no muro de pedra ao lado do poço, e pôs-se a guiá-nos pela encosta da montanha acima.

Várias vezes Petroff e eu tivemos que pedir àquele velho de setenta e cinco anos para parar, a fim de tomarmos fôlego. Ele acabara de voltar na semana anterior, disse-nos, de uma viagem em que entregara a última Bíblia das que eu havia trazido. Descreveu com muitos detalhes como elas haviam sido recebidas, e Petroff, ofegante, prometeu que repetiria tudo para mim, logo que parássemos.

Levamos duas horas – incluindo as paradas de descanso para nós – para alcançar uma saliência rochosa, que rodeamos, e uma parede de pinheiros sacudidos pelo vento, que atravessamos, e finalmente chegar à tenda de peles de cabras onde Abraão morava. Mais do que nunca, ele se parecia com o patriarca bíblico, seu xará, ao darnos as boas-vindas ao seu lar. Um momento depois, a sua esposa saiu, tão bem arrumada como se estivesse acostumada a receber visitas em sua tenda escondida nas montanhas, todos os dias. Ela era tão pequenina quanto seu marido era grande: uma senhora esbelta e ereta, cuja pele parecia um pergaminho. Só nos olhos eles se pareciam – olhos azuis, infantis, confiantes. Olhei para aquela mulher que outrora, provavelmente, tivera uma casa repleta de tapetes, móveis, roupas, e muitos empregados, pois

eles haviam sido ricos, e fiquei pensando que jamais havia visto um rosto mais satisfeito com as condições da vida, que o dela.

Ela nos ofereceu umas frutas que pareciam pequenas cerejas azuis, e mel silvestre. Comemos pouco, pois não sabíamos a quantidade que eles tinham, e demoramos pouco, porque não ousávamos tentar fazer a viagem montanha abaixo, depois que escurecesse. Uma visita rápida, não mais do que um piscar de olhos e, não obstante, naqueles momentos, forjou-se uma amizade que é um dos baluartes da minha vida.

Assim, a visita à Bulgária me trouxe encorajamento e muito amor cristão. Ao mesmo tempo, terminou com uma nota de derrota. Quando eu estava para viajar para a Romênia, um grupo de pessoas que haviam estado nas reuniões na igreja de Basil, veio pedir-me para realizar uma campanha semelhante em sua cidade.

– Faz muitos anos que estamos esperando por esta mensagem, rogaram eles. Não nos importamos com as conseqüências. Só a vontade de Deus importa.

Eu tive de olhar para aquelas faces amadas e tão afetuosas, e dizer não. Eu era apenas uma pessoa. Não poderia ir com eles, e ao mesmo tempo prosseguir para onde sentia que o Espírito de Deus estava me mandando.

– Eu gostaria de ser dez, disse-lhes. Gostaria de poder repartir-me em dez partes, e atender a todos os apelos que chegam. Algum dia, eu encontrarei um modo de fazer isso.



=====

15

=====

A ESTUFA DO JARDIM

Levei quatro horas para atravessar a fronteira romena. Quando chegara à barreira, do outro lado do Danúbio, dissera para mim mesmo:

“Bem, estou com sorte. Só meia dúzia de carros. Isto irá depressa.”

Quando se passaram quarenta minutos, e o primeiro carro estava ainda sendo inspecionado, pensei:

“Coitado, certamente eles desconfiaram dele, para levar tanto tempo.”

Mas quando aquele carro finalmente saiu, e a inspeção seguinte levou meia hora também, comecei a ficar preocupado. Literalmente, tudo o que aquela família estava levando teve que ser tirado para fora do carro, e espalhado no chão. Todos os carros da fila precisaram passar pela mesma rotina. A inspeção do quarto carro levou bem mais de uma hora. Os guardas levaram o motorista para dentro do prédio, e conservaram-no ali enquanto removiam calotas, revistavam o motor, e removiam bancos.

“Deus querido”, disse eu, quando por fim havia só um carro na minha frente, “o que é que vou fazer? Uma inspeção minuciosa revelará aquelas Bíblias em romeno imediatamente.”

“Senhor”, continuei, “sei que nenhuma esperteza da minha parte poderá fazer-me passar livremente por esta

inspeção alfandegária. Será que eu posso pedir um milagre? Vou tirar algumas Bíblias, e deixá-las em um lugar em que elas possam ser vistas facilmente. Então, Senhor, eu não poderei depender dos meus estratagemas, não? Estarei dependendo inteiramente de ti.”

Enquanto o último carro estava passando por aquela inspeção minuciosa, tirei várias Bíblias do lugar onde se escondera e empilhei-as no banco ao meu lado.

Era a minha vez. Fiz o Volks avançar devagar, e estacionei perto do oficial que estava do lado esquerdo da estrada. Estendi-lhe meus documentos, e fiz menção de sair. Mas seu joelho estava contra a porta, conservando-a fechada. Ele olhou para a minha fotografia no passaporte, rabiscou qualquer coisa, nele e estendeu-o de volta, bem debaixo do meu nariz, e abruptamente fez sinal para que eu fosse embora.

Certamente, não se haviam passado trinta segundos. Dei partida no carro, e avancei vagorosamente. Será que eu deveria estacionar adiante, fora da estrada, onde o carro seria inspecionado? Será que eu... certamente não... fui indo devagar, com o pé sobre o breque, mas nada aconteceu. Olhei pelo espelho retrovisor. O guarda estava fazendo sinal para o carro seguinte parar, e indicando ao motorista que ele devia sair. Avancei mais uns metros. O guarda estava mandando o motorista do carro que estava atrás de mim abrir a tampa do motor. E então, eu já estava longe demais para duvidar que eu passara mesmo por aquela barreira incrível, no espaço de trinta segundos!

O meu coração estava batendo disparado. Não pelo entusiasmo de ter passado, mas pelo entusiasmo de ter podido ver o meu Deus operando de maneira tão espetacular.

Ao iniciar aquela viagem, eu tivera a tendência de ligar, na minha mente, a Bulgária e a Romênia como um todo. Porém agora, eu sabia que eram dois lugares muito diferentes. A Romênia era conhecida entre os próprios crentes da

“Cortina de Ferro” como a “estufa do ateísmo”. Ela era, além disto, o laboratório no qual a Rússia testava suas experiências anti-religiosas: rígido controle da Igreja pelo Estado, pressões econômicas sobre os crentes, semeadura de suspeita entre os líderes religiosos, confisco de propriedades, restrição dos cultos, e proibição total de atividades evangelísticas. Isto, dizia-se, era o que eu poderia esperar encontrar na Romênia.

Logo que atravessei a fronteira, senti que o controle policial era intenso. Parecia que em cada aldeia havia uma barreira policial. Os soldados faziam parar todos os aldeões que passassem de bicicleta pelo vilarejo. Onde ele estava indo? Qual era a sua profissão? Mesmo eu, com a relativa liberdade de um turista, vi meu passaporte ser carimbado com o nome das cidades que iria visitar, e as datas em que eu deveria chegar em cada ponto do meu itinerário. Descobri o quanto aquele controle era severo, quando cheguei a uma encantadora cidadezinha cerca de oitenta quilômetros de Cluj e decidi, visto que já estava ficando tarde, que seria bom passar a noite ali. As autoridades locais ficaram surpresas só pelo fato de eu pedir aquilo.

“Mas, senhor”, disseram eles, olhando para o meu cartão de turista, “o senhor está sendo esperado em Cluj lá pela hora do jantar. Se sair daqui já e correr bastante, o senhor ainda tem tempo de chegar lá.”

Não querendo criar caso por causa de algo tão insignificante, fiz o que eles queriam. Corri para Cluj, chegando exatamente quando o refeitório do hotel estava fechando, e encontrei a mesa posta para mim, o *hors d'oeuvres* preparado, e até uma pequena bandeira holandesa espetada elegantemente no centro da mesa, entre os copos.

Dentro da cidade, contudo, eu tinha liberdade de ir onde quisesse. Era um domingo de manhã. Levantei bem cedo, saudei um dia brilhante e alegre, ansioso para juntar-me a meus irmãos cristãos, naquela bela terra, linda como um jardim. O porteiro do hotel olhou-me um pouco duvidoso, quando perguntei por uma igreja.

– Não tem muitas por aqui, o senhor sabe, disse ele. Além disto, o senhor não entenderia o idioma.

– Você não sabe, disse eu, que os cristãos falam uma espécie de linguagem universal?

– Oh! Qual é?

– Chama-se ágape.

– Ágape? Nunca ouvi falar disso.

– Que pena! É a língua mais bela do mundo. Mas de qualquer forma, onde é a igreja?

Enquanto a principal arma contra a Igreja na Bulgária era o requisito do registro, na Romênia a técnica era a do agrupamento. Denominações foram agrupadas, prédios e patrimônios comunizados, horários de cultos, unificados. Se em um lugar havia igrejas com bancos vazios, suas congregações eram adicionadas a outras igrejas, em aldeias próximas, e as acomodações assim desocupadas eram confiscadas pelo Estado. Em teoria, isso parecia razoável, e até vantajoso para a igreja: uma congregação grande e unida, era melhor que várias pequenas, lutando para sobreviver. Na prática, porém, significava que muitos membros das igrejas fechadas simplesmente cessavam de freqüentar qualquer igreja. A maioria deles era de camponeses acostumados aos seus antigos lugares de adoração; também, as condições de viagem entre uma aldeia e outra eram vagarosas e difíceis.

O governo permitia que as igrejas tivessem duas reuniões por semana: uma no sábado, e outra no domingo. Mas, como o sábado era dia de trabalho, os cultos de sábado à noite tinham freqüência mínima. Assim, a verdade é que a adoração fora toda convergida para uma só reunião.

Mas que reunião! Cheguei às dez da manhã, e o culto já começara há uma hora. Eu não teria encontrado lugar para sentar, se não tivesse sido reconhecido como estrangeiro, e convidado para sentar na plataforma. Assim, com os joelhos apertados contra o órgão, passei as três horas seguintes com aquele grupo de cristãos, no coração do círculo interior do comunismo.

Quando chegou a hora da coleta, coloquei no prato aproximadamente a mesma quantia, em moeda romena, que teria colocado na Holanda. Por acaso, fui a primeira pessoa a quem o prato foi passado: deixei ali a minha oferta à vista de todos, no fundo do recipiente.

Quando a coleta continuou, verifiquei com crescente embaraço que eu pusera vinte ou trinta vezes mais do que os outros estavam dando. Notei outra coisa: muitas vezes um dos crentes colocava uma moeda na salva, e segurava-a enquanto pegava o troco. Eu havia visto aquilo nas igrejas católica e ortodoxa, onde se cobrava aluguel dos bancos, mas nunca em uma igreja protestante. A moeda era, certamente, mais do que aquela pessoa podia dar. Provavelmente uma nota grande como a que eu colocara significava o dinheiro que um romeno podia gastar em um mês. Senti-me sem jeito, pensando que aquilo poderia ter parecido ostentação de um estrangeiro rico, o que me fez sorrir, ao lembrar como sempre havíamos sido a família mais pobre de Witte. Para piorar a coisa, ao fim do hino tocado durante o ofertório, o chefe dos diáconos, em vez de levar o prato para o altar, trouxe-o para *mim!*

Empurrou a salva para a minha mão, repetindo algumas palavras em romeno. Finalmente compreendi. Eu devia pegar meu troco. Ninguém poria uma nota tão grande na oferta, sem esperar troco. O que eu deveria fazer? Aceitar o troco em nome da boa educação? Ou passar pelo “vexame”, e fazer com que a igreja ficasse com o dinheiro que eu tencionara lhe dar?

Enquanto eu estava me debatendo entre dúvidas, e todos os olhos da congregação estavam fixos em mim, cheguei à conclusão, com grande alegria, que aquele dinheiro não era absolutamente meu.

– Essa oferta não é minha, comecei a falar em alemão, e, felizmente, levantou-se um homem na congregação para traduzir.

– Essa oferta não é minha, repeti, lembrando-me das centenas de leitores da *Kratch van Omhoog*, cujas ofertas

anônimas estavam representadas naquela nota. É dos crentes da Holanda para os crentes da Romênia. É um sinal da unidade do corpo de Cristo.

Enquanto o homem interpretava, eu observava as fisionomias das pessoas, e mais uma vez vi a interrogação incrédula, a esperança alvorecendo: então, não estamos sozinhos? Temos irmãos em outros lugares? Temos amigos que não conhecemos?

Quando, por fim, o longo culto terminou, aproximei-me do homem que havia falado em alemão, e disse que gostaria de conversar com ele. Descobri que ele era secretário geral da denominação, na Romênia. Mas ficou claro que ele não aceitava a minha sugestão de conversar em particular. Deu respostas evasivas e, logo que pôde, pediu licença para retirar-se.

Confuso, segui-o para fora da igreja. Ele saiu, quase correndo, percorreu rua após rua o mais depressa que podia, o que não era muito depressa, pois ele era bem gordo. Provavelmente, ele teme conversar comigo em público, pensei. Assim, segui-o, a uma distância discreta, até que, para minha alegria, ele entrou em uma casa.

Que sorte! pensei. Agora, eu terei oportunidade de conversar com ele, sem testemunhas.

Fiquei por ali durante uns quinze minutos, esperando a rua ficar deserta, e depois dirigi-me à porta e batii. Percebi que havia olhos me espreitando, de dentro. Então, a porta se abriu rapidamente, e eu fui puxado para dentro da casa.

– O que é que você quer? perguntou o secretário.

Tentei dissimular minha surpresa pela sua rudeza, com um sorriso amável. Eu só queria conversar com ele mais um pouco, falei. Perguntar se havia alguma coisa que eu podia fazer por eles.

– Fazer?

– Bem, Bíblias, por exemplo. Vocês têm Bíblias em número suficiente?

O secretário olhava para mim intensamente.

– Você trouxe Bíblias em romeno? Atravessou a fronteira com elas?

– Eu tenho Bíblias, sim.

Ele fez uma pausa. E então, com decisão:

– Não precisamos de Bíblias! E você não deve, sob nenhuma circunstância, vir à minha casa ou à casa de qualquer crente desta forma. Espero que tenha compreendido.

Estaria eu enganado, ou será que ouvira um grito de socorro junto com toda aquela desconfiança e aspereza?

– Bem, então eu poderia vê-lo em seu escritório? Lá haveria perigo?

– Não é questão de *perigo*. Eu não disse isso.

E depois:

– Sim, se você for ao nosso escritório amanhã, providenciarei para que o presidente esteja lá para uma breve palestra com você.

No dia seguinte, fui até à sede daquela denominação, levando seis Bíblias em uma pasta. O secretário estava lá, parecendo mais aflito que nunca. Grandes gotas de suor haviam-se formado em sua testa. Não consegui dominar a impressão de que ele estava com muito medo de alguma coisa ou de alguém.

Fui levado ao escritório do presidente.

– O que é que eu posso fazer por você? perguntou ele em alemão.

Apertei sua mão e ia começar a responder que talvez eu pudesse fazer algo por ele. Mas lembrei-me de minha conversa anterior com o secretário: para ele, admitir uma necessidade, aparentemente, chegava às raias de uma declaração política. Por isso, eu simplesmente disse que estava visitando o seu país como um crente, e queria levar para o meu povo algumas palavras de saudação que ele quisesse enviar.

A fisionomia do presidente relaxou. Eu estava pisando em terreno firme. Uma palavra de saudação do povo

da grande República Popular da Romênia, para o oprimido povo holandês! O secretário sorriu e parou de enxugar o suor da testa.

– Você não quer sentar? perguntou ele, puxando uma cadeira.

Durante um quarto de hora nós três conversamos, evitando cuidadosamente qualquer assunto perigoso. Falamos a respeito dos tomates da Romênia, os maiores que eu já vira, e a respeito de melancia, que eu provara pela primeira vez naquele país. Falamos do clima agradável, que era tão ameno, segundo o presidente explicou, devido à proximidade do Mar Negro.

Enquanto conversávamos, tive a oportunidade de dar uma olhada pela sala. Fiquei admirado ao observar um fato: cada cadeira, cada mesa, cada quadro da parede tinha um número. Fiquei me indagando se aqueles objetos haviam sido inventariados pelo governo, para impedir que fossem desviados para uso pessoal.

Depois que havíamos exaurido o assunto do tempo e dos tomates, a conversa começou a arrastar-se. Respirando fundo, eu decidi que chegara a hora de, ou ser repellido de novo, ou estabelecer um contato real com aqueles dois homens amedrontados.

Abri a pasta, e tirei uma das Bíblias.

– Vocês me permitem... não, não é isso o que quero dizer. Vocês permitem que o povo holandês presenteie o povo romeno com estes exemplares da Bíblia?

Imediatamente os dois homens enrijeceram-se. Fiquei impressionado com a rapidez com que o secretário começou a transpirar de novo. O presidente tomou a Bíblia na mão, e por um ápice eu captei a ternura com que ele a pegou.

Porém, não, ele não iria ceder. Empurrou a Bíblia abruptamente para as minhas mãos, de novo.

– Eu não quero isto, disse ele. Já passamos muito tempo juntos. Eu tenho muito o que fazer nesta manhã...

E assim, saí daquele edifício levando as seis Bíblias

com que entrara. Notei que a recepcionista riscou meu nome de uma lista, logo que saí, como se estivesse de guarda em um estabelecimento militar. Quem sabe? Podia ser que ela fosse membro da polícia secreta, mesmo. Como poderia eu condenar a suspeita e o medo do presidente e do secretário, se eu jamais havia experimentado as condições sob as quais eles precisavam trabalhar?

Porém, isso não foi tudo, na Romênia. Na semana seguinte conheci crentes que viviam sob a mesma perseguição, e que haviam ainda conservado um pouco da esperança e confiança em Deus.

As circunstâncias eram bem semelhantes, o suficiente mesmo para se fazer uma boa comparação. Em ambos os casos eu me encontrei com os líderes declarados de denominações protestantes estabelecidas, em suas sedes oficiais. Em ambos os casos havia dois homens presentes, além de mim, o que é um elemento importante na comparação, visto que a desconfiança que os crentes tinham dos estranhos era um fator muito importante para o desgaste lento da igreja.

Dessa vez, também, notei os números. Na parede daquele escritório havia três quadros. Um era o retrato do presidente da república, o outro o do secretário do Partido Comunista Nacional, e o outro a conhecida ilustração, do Caminho Largo e Estreito. Fiquei imaginando como o escrevente do governo teria descrito aquela pintura.

Fiquei preocupado com o presidente daquela denominação, Gheorghe, no instante em que ele entrou na sala. Aquele homenzinho fraco estava tão ofegante devido ao esforço da caminhada, que levou vários minutos para se recobrar.

Quando isso aconteceu, descobrimos um problema. Nem ele, nem Ion, o secretário do grupo, falava uma só palavra das línguas que eu conhecia nem eu da que eles falavam. Ficamos sentados, um olhando para o outro naquela sala quase vazia, multinumerada, incapazes de nos comunicarmos.

Então eu vi algo. Sobre a escrivadinha de Gheorghe, estava uma Bíblia bem gasta, com os cantos das páginas desgastados bem uns dois ou três milímetros, devido ao manuseio constante. O que aconteceria, fiquei pensando, se nós conversássemos um com os outros através das Escrituras? Peguei minha Bíblia em holandês, no bolso do paletó, e abri em 1 Coríntios 16.20.

“Todos os irmãos vos saúdam. Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo.”

Estendi-lhe a Bíblia e aponte para o nome do livro, reconhecível em qualquer idioma, e para o número do capítulo e do versículo.

Instantaneamente seus rostos se iluminaram. Rapidamente, eles procuraram o verso em sua Bíblia, leram-no, e sorriram para mim, radiantes. Então, Gheorghe folheou a sua Bíblia, procurando uma referência, e depois estendeu-a para mim.

Provérbios 25.25: “Como água fria para o sedento, tais são as boas-novas vindas de um país remoto.”

Agora nós três estávamos rindo. Abri na epístola de Paulo a Filemom.

“Dou graças ao meu Deus, lembrando-me, sempre, de ti nas minhas orações, estando ciente do teu amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus.”

Era a vez de Ion, e ele não precisou procurar muito. Os seus olhos percorreram as linhas seguintes, e ele estendeu a Bíblia para mim apontando com o dedo:

“Pois, irmão, tive grande alegria e conforto no teu amor, porquanto o coração dos santos tem sido reanimado por teu intermédio.”

Passamos uma meia hora maravilhosa, conversando através da Bíblia. Rimos tanto que até vieram lágrimas aos nossos olhos. E quando, ao fim da conversa, tirei as Bíblias em romeno e empurrei-as sobre a escrivadinha, insistindo com gestos e representações que, sim, eles deviam ficar com elas e que, não (indicando a mão que se enfiava no bolso e as sobranceiras erguidas),

não precisavam pagar, os dois homens me abraçaram muitas vezes.

Mais tarde, naquele dia, quando finalmente encontramos um intérprete, e a nossa conversa tornou-se mais fluente, tomei providências, junto a Ion, para que ele ficasse com todas as Bíblias que eu trouxera. Ele deveria saber melhor do que eu onde colocá-las naquele país onde isso seria tão difícil, e ele asseverou-me que era melhor ter só um contato do que vários.

Naquela noite, de volta ao hotel, o porteiro me chamou.

– Olhe, disse ele, eu procurei aquela palavra “ágape” no dicionário. Não existe nenhum idioma com esse nome. É apenas uma palavra grega que significa amor.

– É isso mesmo, disse eu. Estive conversando nessa língua a tarde toda.

A barreira das comunicações havia sido, por fim, derubada. Durante uma semana e meia, viajei pela Romênia com um excelente intérprete, seguindo indicações que Gheorghe e Ion haviam-me dado.

Encontrei todos os tipos de atitude, desde o extremo da derrota até o extremo da coragem. Era fácil compreender os derrotados. “O que é que podemos fazer?” era uma reação tão natural! Muitos tinham só uma ambição: sair da Romênia o mais depressa possível.

Curiosamente, porém, quanto mais dedicado era o crente, mais provável era que ele desejasse ficar. Na Transilvânia visitei uma família assim. Aqueles crentes possuíam uma granja de criação de aves que ainda era, pelo menos em parte, de sua propriedade. Todavia, o Estado lhes havia determinado uma quota de produção que estava além da sua capacidade. Quando não conseguiam alcançá-la, precisavam comprar ovos no mercado para cobrir a diferença. Ano após ano isso acontecia, e o desgaste econômico era grande.

– Por que é que vocês permanecem aqui? É para conservarem a posse do sítio? perguntei.

O granjeiro e sua esposa pareceram ficar chocados.

– Claro que não, disse ele. De fato, é certo que perderemos o sítio, mais cedo ou mais tarde. Nós permanecemos porque – ele correu os olhos pelo vale – se nós formos, quem vai ficar para orar?

Mas também encontrei crentes que tinham menos segurança. Ouvi falar de uma pequena igreja em um lugar afastado, que estava trabalhando com os ciganos. Logo que chegamos, percebi que eles estavam em dificuldade. O mato crescia livremente no jardim da igreja, várias janelas do templo estavam quebradas, e as casinhas de abelhas ao fundo estavam caindo. O intérprete e eu dirigimo-nos aos fundos da igreja, onde era a casa do pastor, e batemos. O pastor não estava, mas sua esposa nos recebeu, e pouco depois, estávamos tomando mel, um mel tão doce que doía os dentes.

A esposa do pastor contou-nos que seu marido havia ido a Bucareste para resolver um caso diante do governo central. O dirigente local do partido estava requerendo o templo, dizendo que necessitava dele para sede de um clube.

Ela e seu marido, disse ela, trabalhavam entre os ciganos há quase trinta anos. Eu vira muitos pelo caminho, em pequenos grupos, assentados perto das suas carretas, sempre acompanhados de um cavalo magro e alguns gansos barulhentos. Recentemente, prosseguiu ela, o governo, por fim, decidira fazer algo por eles, oferecendo-lhes serviços mais bem remunerados. Naturalmente, ela e seu marido haviam ficado alegres; há muitos anos que eles estavam solicitando isso mesmo. Mas havia uma condição: o cigano que freqüentasse a igreja não podia se candidatar a um dos novos empregos.

“E assim”, disse a esposa do pastor, “estamos em um dilema. Os membros da igreja estão-nos abandonando, e à medida que a nossa congregação diminui, o partido tem mais argumentos para roubar-nos o templo. Acho que no ano que vem já não estaremos mais aqui.”

De repente ela começou a chorar silenciosamente, interiormente; só o tremor dos seus ombros a traía. Sugerir que talvez nós três pudéssemos orar a respeito dos acontecimentos que ela nos havia relatado. Assim, curvamos a cabeça, e oramos por ela e por seu esposo, pelos ciganos, e pela situação desesperadora daquela pequena aldeia. Quando, finalmente, levantamos a cabeça, seus olhos estavam molhados outra vez, e ela disse:

– Alguns anos atrás eu sabia que os crentes no ocidente estavam orando por nós, mas faz muitos anos que não temos notícias deles. Não podemos escrever cartas; faz treze anos que não recebemos notícias de lá. Pensamos que haviam se esquecido de nós, que ninguém estava pensando em nós, que ninguém conhecia a nossa necessidade, que ninguém orava.

Pelo menos, eu pude assegurar-lhe do fundo do coração que logo que voltasse, muita gente iria ficar sabendo de seu problema e nunca mais eles precisariam achar que estavam carregando aquele fardo sozinhos.

Mais uma vez, aproximava-se a hora em que eu teria de partir. O meu visto já estava para expirar-se. E o que era mais importante, eu sabia que já estava quase chegando a hora de Corrie ter o bebê.

As últimas horas que passei na Romênia foram em companhia de Gheorghe e Ion. Preparei-me para partir numa segunda-feira, de forma que pudesse participar do culto de domingo com eles. Foi um culto memorável. Já então eu estava acostumado com cultos que iam das nove à uma da tarde, mas aquele demorou das nove da manhã até às cinco da tarde, quando paramos para uma farta refeição.

Gheorghe foi o pregador do último “sermão” do dia. Foi uma mensagem muito pessoal. Ele falou da falta de ar que o havia incomodado durante anos.

“Mas você se lembra”, disse ele, “de quando tivemos aquela maravilhosa conversa por meio da Bíblia? Algo aconteceu não somente no meu espírito, mas também no

meu corpo. Eu estou respirando melhor, desde aquele dia.”

E então Gheorghe abriu sua Bíblia.

– Tem um trecho das Escrituras que gostaria de deixar com você, André, disse-me ele através do intérprete. Você pode abrir o seu Livro em Atos 20.36-38?

Abri nessa passagem.

– Essa, disse Gheorghe, é a passagem que apresenta as despedidas da maneira como eu gostaria de fazer: “Tendo dito estas coisas, ajoelhando-se, orou com todos eles. Então, houve grande pranto entre todos, e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam, entristecidos especialmente pela palavra que ele dissera: que não mais veriam o seu rosto. E acompanharam-no até ao navio”.

Tive de rir, ao vê-lo aplicar a mim o que acontecera a Paulo.

– Isso é passar do maior para o menor, disse eu.

Mas embora fôssemos pequenos na fé, em comparação com aqueles cristãos do primeiro século, pelo menos podíamos seguir o seu exemplo. E assim, depois do jantar, eu me ajoelhei e orei mais uma vez com todos eles. E então, aqueles crentes do centro do mundo comunista choraram, e me abraçaram, e me acompanharam até o meu pequeno “navio” azul.



16

A OBRA COMEÇA A EXPANDIR-SE

Quando, finalmente, atravessei a fronteira holandesa novamente, havia estado fora de casa mais de dois meses, consideravelmente mais do que havia esperado, devido à longa volta que precisara dar, tanto na ida como na volta. Cheguei a Witte tarde da noite, exausto, mas jubiloso. Subi correndo a escada, gritando:

– Corrie! Corrie! cheguei!

Corrie acordou e, cambaleante, abriu a porta, piscando, transbordante de palavras, mudando de assunto a cada minuto, como que querendo dar todas as notícias ao mesmo tempo.

– Sim, tudo vai bem. As goteiras do telhado estão piores. A família toda vai bem. No começo de junho, é o que o médico diz, mas, quando se trata do primeiro filho, é difícil prever exatamente; você não quer mesmo mais café?

Joppie chegou no dia 4 de junho de 1959. Ele nasceu em casa mesmo, como eu nascera, e fiquei com Corrie o tempo todo, da mesma forma que papai havia visto todos nós virmos ao mundo.

Com a sua chegada, ficou mais claro do que nunca que Corrie e eu precisávamos de uma casa só para nós. O terceiro filho de Geltje estava a caminho, e Cornélio e

sua esposa estavam esperando o seu primogênito. Mesmo segundo os padrões holandeses, a pequena casa estava superlotada.

O problema era: aonde ir. Embora já estivéssemos em 1959, os efeitos da guerra ainda se faziam sentir por toda a Holanda. O potencial habitacional de nosso pequeno país nunca fora grande, e desde 1945 todo tijolo disponível fora destinado à reconstrução das casas bombardeadas ou inundadas durante a guerra. Embora a população de Witte estivesse crescendo com grande rapidez, não havia sido construída nenhuma casa nova depois de 1930.

Quando fui procurar o prefeito, perguntando a respeito de casas para alugar, ele sacudiu a cabeça.

– Vou precisar por o seu nome no fim da lista, André, disse ele, e é bom que eu lhe diga já: essa lista não andou nem um pouco nos últimos três anos.

– Sim, senhor, certo; mas nós precisamos começar em algum lugar. Coloque-nos no fim da fila.

– Se você pudesse encontrar uma casa para comprar, seria diferente, é claro. Esta lista refere-se apenas aos que esperam alugar uma casa.

– Muito obrigado pelo elogio, senhor. Onde eu poderia encontrar dinheiro suficiente para comprar casa?

O prefeito assentiu com a cabeça.

– E não é só isso, disse ele. Até onde eu sei, também não há casas para vender.

Enquanto o verão avançava, e as roupas continuavam a chegar, enchiam, novamente, o pequeno quarto até a cumeira, começamos, pela primeira vez, a fazer uma séria campanha de oração a respeito da nossa necessidade. Todas as noites, durante uma semana, apresentamos a situação a Deus, esperançosos e confiantes.

E na manhã do oitavo dia, tive uma idéia. Eu estava saindo para ir ao correio, mas não havia ainda atravessado o canal em frente de casa, quando me lembrei de algo. O professor que ia mudar-se para Haarlem... não estava

morando na velha casa, de Wim, na cidade? Portanto, aquela casa estava disponível!

Mas que adiantaria aquilo para nós? Éramos os últimos em uma longa lista de candidatos. Não obstante, fiquei impressionado pela maneira como a idéia me sobreviera: repentina e soberana, de uma forma que eu tinha aprendido a reconhecer. E se fosse uma idéia provida de Deus? E se Wim estivesse querendo vender a casa? Ele não morava nela há muitos anos. Nas circunstâncias atuais, eu não queria nem pensar nos 20.000 florins que provavelmente ela iria custar. Eu iria apenas dar um passo à frente, e ver o que aconteceria.

Esquecendo até por que saíra de casa, atravessei os pôlderes para ir ao sítio de Wim. Encontrei-o ordenhando as vacas.

– Oi, Wim!

– Oi, André! disse Wim, botando a cabeça por detrás do quarto traseiro da vaca. Ouvi falar que você tem viajado um bocado. No trabalho do Senhor?

– Sim, senhor.

– O que é que eu posso fazer por você?

– Bem, ouvi falar que a sua casa da cidade vai desocupar. Você está pensando em vendê-la?

A boca do velho Wim abriu-se, e seus olhos se arregalaram.

– Como é que você sabe? disse ele. Eu resolvi vendê-la esta noite, e ainda não contei a ninguém a decisão!

Respirei fundo e corajosamente perguntei:

– Então, você quer vendê-la para mim?

Wim olhou-me durante muito tempo, sem dizer nada.

– Aquela casa já pertence à nossa família há muitas gerações, disse ele por fim. Eu não desejaria nada melhor do que ela ser usada para a obra do Senhor, agora que pretendo dispor dela.

Só então, com o coração disparado, eu perguntei o preço.

– Bem, disse ele, você poderia pagar dez mil?

Desta vez, eu é que fiquei surpreso. Era a metade do que eu pensara que ele fosse pedir.

– Está certo, Wim. Estamos combinados. Eu compro a casa, disse eu, que ainda não tinha nem um centavo no bolso, por dez mil florins.

Antes de ir para casa, telefonei para Filipe Whetstra. Nunca na vida eu havia pedido dinheiro emprestado, mas parecia-me que desta vez essa era a solução correta. O Sr. Whetstra me disse que se eu fosse ao seu escritório no dia seguinte, teria o dinheiro.

Assim, quando voltei para o nosso quarto, Corrie e eu éramos proprietários, em potencial, de uma casa. Fomos vê-la imediatamente. Já estava desocupada. Até aquele momento acho que eu não pensara no que significava para Corrie viver em espaço emprestado na casa de outrem. Ela correu de cômodo em cômodo, tocando em tudo, planejando, vendo na casa abandonada o lar que ela haveria de ser.

“Joppie ficará aqui, André. E veja, um cômodo só para as roupas, com a tina de lavar bem ali! Você viu o cômodo lá de cima, onde a sua escrivanhinha cabe direitinho?”

E continuou falando, com o rosto afogueado, olhos brilhantes; senti que finalmente eu e ela havíamos chegado ao lar.

No dia seguinte fui a Amsterdã e peguei o dinheiro. O Sr. Whetstra o entregou, não em cheque, mas em dinheiro vivo. Não assinei nenhum papel, nem combinamos quando eu iria pagá-lo. Não mencionei o empréstimo para ninguém mais, além de Corrie. Não obstante, durante os três anos seguintes, recebemos mais dinheiro do que o necessário para a obra, de tal forma que pudemos pagar a dívida naquele curto período de tempo. Imediatamente, misteriosamente, logo que a casa foi paga, os fundos em excesso pararam de chegar, permanecendo assim até que houve necessidade de dinheiro, outra vez. Nos anos que vivi essa vida de fé, nunca faltou o cuidado de Deus.

Há uma expressão em holandês que descreve bem as condições em que estava a velha casa de Wim, quando Corrie e eu mudamos para ela. Chamamos um lugar assim de “desgastado”. O assoalho estava cedendo, o reboco caindo, o telhado apodrecendo: todos os males característicos dos Países Baixos. Mas eu e Corrie gostávamos muito daquela casa. Enquanto a consertávamos e reconstruíamos, ela se tornava nossa ainda mais.

O único cômodo suficientemente seco para nele se dormir era, a princípio, a sala de visitas. Assim, ficamos ali enquanto raspávamos as paredes e as pintávamos, e substituíamos as tábuas podres e, naturalmente, enquanto preparávamos um jardim. Fizemos todo o trabalho sozinhos, de forma que foi um processo demorado. Só depois de cinco anos foi que o lar que Corrie havia “visto” naquela primeira visita se tornou inteiramente “visível”.

Neste ínterim, a obra cresceu ainda mais. Naquele primeiro ano depois do nascimento de Joppie, visitei outra vez os países em que pude voltar, vários deles mais de uma vez. À medida que a obra crescia, os problemas cresciam também. A correspondência era o problema número um. Cada vez que eu voltava de uma viagem, em vez de pegar primeiramente o martelo e a brocha, eu subia para o meu pequeno escritório – Corrie tinha razão, a escrivanhinha coubera direitinho – e passava dias batendo respostas, para um montão de cartas, numa velha máquina portátil. Eu nunca chegava ao fim da pilha antes da hora de viajar de novo.

O anonimato estava também se tornando um problema. Se eu continuasse usando meu nome verdadeiro, quando falava, será que eu não poria em perigo a minha liberdade de ir e vir através das fronteiras? Finalmente lancei mão de uma solução prática, que ainda é apenas parcialmente satisfatória. Parei de usar o meu nome completo, e em seu lugar passei a assinar com o nome pelo qual eu era conhecido nos países da “Cortina de Ferro”,

onde os sobrenomes haviam quase cessado de existir entre os crentes: “Irmão André”. Para facilitar a correspondência, arrumei uma caixa postal na cidade em que morava meu irmão Ben, a qual servia para receber os pedidos de informação a respeito da obra.

Era uma transigência; mas eu sabia que qualquer pessoa que quisesse, poderia ficar sabendo quem eu era.

Porém, de todas as dificuldades apresentadas pela obra em expansão, a que parecia ser de mais difícil solução, era a do tempo cada vez maior que eu passava fora de casa. A vida de viajante era boa para um homem solteiro, mas para um casado, para um pai, era outra coisa. Nos primeiros doze meses da vida de Joppie, eu estivera fora oito. O primeiro dente, a primeira palavra, o primeiro passo, eu ouvi falar deles, em vez de tê-los visto. Logo que Joppie nasceu, o Sr. Ringers me fez lembrar que sua oferta de um emprego na fábrica, ainda estava de pé, com um salário que, para nós, parecia régio. Mais tarde, naquele mesmo ano, foi-me oferecido o pastorado de uma igreja em Haia. Eu fui realmente tentado, nessas duas vezes.

Mas em nenhuma delas, foi por muito tempo. Exatamente quando as pressões para permanecer em casa se tornavam mais fortes, chegava uma carta. Essas cartas não traziam o endereço do remetente; muitas eram postadas várias semanas antes de eu recebê-las, e algumas mostravam sinais de terem sido abertas. Era sempre de algum crente da Bulgária, ou da Hungria, ou da Polônia, ou de outro país comunista, contando-me que estavam enfrentando novas dificuldades, que novas necessidades haviam surgido. Fosse qual fosse a mensagem, aquelas cartas sempre pareciam chegar exatamente na hora em que eu mais precisava delas; levavam-me a fazer as malas outra vez e a arrumar um visto para viajar novamente a um país do mundo comunista.

Foi em uma dessas viagens que o motor do corajoso carrinho deu o último suspiro.

Aconteceu na Alemanha Ocidental. Eu estava voltando de uma viagem à Alemanha Oriental e à Polônia. Comigo no carro havia dois rapazes holandeses que eu havia pegado em Berlim; eram estudantes e haviam passado os feriados da Semana Santa trabalhando nos acampamentos de refugiados. Um dia, às cinco horas da tarde, estávamos rodando por uma estrada, quando subitamente ouvimos um estalido na traseira do carro, e o motor morreu.

Paramos no acostamento, e abrimos a tampa do motor, mas nada do que tentamos adiantou para fazer com que o motor funcionasse outra vez.

Então eu me levantei, e vi que ao lado da estrada, bem no lugar em que o carro quebrara, havia uma cabine de telefone de emergência. Levantei o fone do gancho, e chamei um caminhão-reboque. Daí a vinte minutos, estávamos todos curvados outra vez sobre o motor, juntamente com o gerente da oficina mecânica.

Silenciosamente, ele inspecionou as várias peças, durante alguns minutos, e depois foi à frente e olhou para o velocímetro.

– Noventa e sete mil quilômetros, leu em voz alta. Suas sobrancelhas ainda estavam franzidas. É uma boa quilometragem, claro, mas a menos que você tenha andado muito por estradas ruins...

Então vi o que o estava preocupando. Um pouco envergonhado, confessei que o velocímetro havia alcançado há muito tempo a marca dos 99.999 quilômetros, que era o máximo que se podia ler nele, e voltara à marca zero outra vez; esta era a segunda vez que ele registrava noventa e sete mil!

– Então eu devo dizer, disse o gerente, limpando o óleo das mãos, que o senhor já recebeu em serviço o que pagou por ele. Este motor já não pode dar mais nada.

– Quanto tempo levaria para pôr um motor novo? Ele parou para pensar.

– A minha turma deixa o serviço daqui a dez minutos. Eles poderiam pôr um motor novo no seu carro em

uma hora, mas você teria de dar-lhes uma gorjeta boa por terem ficado aqui, além da hora.

– Quanto custaria tudo, incluindo a gorjeta?

– Quinhentos marcos.

Sem hesitação, eu disse:

– Pode fazer o serviço. Vou trocar mais dinheiro em uma casa de câmbio.

Foi quando eu estava no bonde, indo para a casa de câmbio, que contei o dinheiro e vi que tudo o que eu tinha não atingia a quantia de quinhentos marcos. Eu não poderia esperar ajuda dos dois estudantes que haviam ficado na garagem; eles estavam viajando comigo, justamente, porque estavam “quebrados”.

Será que eu deveria voltar e cancelar a ordem de serviço? Não. Eu estava vendo a mão de Deus operando claramente em tudo aquilo: parara precisamente diante do telefone de emergência; o motor estragara justamente ali na Alemanha; onde ele fora fabricado, em vez de quebrar em um lugar distante e hostil, onde a substituição teria sido impossível, e interrogatórios me deixariam numa situação difícil. Eu já estava bem familiarizado com a maneira pela qual Cristo encara o lado prático do ministério, para deixar de perceber aqueles sinais. Aquele era o tempo determinado por ele, e a questão de dinheiro também estava em suas mãos. Eu não estava preocupado; apenas fascinado, desejando ver como ele iria resolver o problema.

Quando troquei o último florim, fiquei com 470 marcos, incluindo o dinheiro alemão que tinha no bolso. Cinquenta a menos do que eu precisava para pagar a conta, e pôr gasolina no caminho para casa.

“Bem”, disse eu para mim mesmo, “alguma coisa acontecerá no bonde, quando eu estiver de volta para a garagem.”

Mas nada aconteceu. Cheguei à oficina a tempo de ver os mecânicos terminando o serviço; meus dois passageiros não estavam por ali: haviam ido dar uma voltinha,

disse um dos homens, enquanto guardava as ferramentas. Os outros estavam limpando as mãos. Eu não podia retardar mais o momento de acertar as contas.

Naquele instante, os dois moços entraram correndo porta adentro, e um deles estava acenando com algo na mão.

“André!” gritou ele, “a coisa mais maluca que já me aconteceu! Estávamos andando pela rua, quando uma senhora se aproximou de nós e perguntou se éramos holandeses. Quando eu disse que sim, ela me deu esta nota! Ela disse que Deus desejava que nós a recebêssemos!”

A nota era de cinquenta marcos.

Apesar dessa experiência e de outras similares, que ocorriam quase diariamente, eu era ainda novato no assunto do generoso cuidado de Deus. Eu ainda dependia do milagre isolado, de uma dispensação de emergência, para me tirar de uma ou outra dificuldade, em vez de descansar nos braços de um Pai que tinha mais do que o suficiente para me dar.

Já em casa, tivemos várias outras despesas, das quais a maior foi a chegada de um segundo bebê. Exatamente um ano depois do nascimento de Joppie, Marcos Pedro veio juntar-se à nossa família. Começamos por comprar um pouquinho menos de carne no mercado, dependendo um pouco mais das verduras de nossa horta, para a alimentação.

Isso não era difícil, porque nós gostávamos de verduras. O que não percebíamos, no entanto, era que isso fazia parte de uma atitude mental genérica, uma “atitude de falta” na qual havíamos caído.

Minha atenção foi chamada para esse erro através das palavras de uma senhora que nunca fiquei conhecendo pessoalmente.

Um dia recebemos, através da caixa postal de Ermelo, uma oferta um tanto grande, equivalente a quarenta dólares. Grampeada ao cheque havia uma nota do remetente, que dizia:

“Prezado irmão André. Isto é para ser usado para as suas necessidades pessoais. *Não* é para ser aplicado na obra! Use-o no amor de Cristo.”

Fui atingido por aquele pensamento. De tempos em tempos, recebíamos ofertas de amigos, para nosso uso pessoal, mas era a primeira vez que uma pessoa totalmente estranha fazia aquela observação. Em vez de colocar aquela nota no meio da pilha de cartas não respondidas, há uns três meses – e por isso a pilha estava enorme – sentei-me e enviei-lhe agradecimentos naquele mesmo dia. Disse-lhe que apreciáramos muito seu bilhete, porque éramos muito escrupulosos naquilo: todos os donativos eram destinados à obra, a menos que estivessem especificamente marcados de outra forma. Mesmo nossas roupas, disse eu, nós as tirávamos dos tambores dos refugiados, para economizar dinheiro.

Bem, muitas vezes desejei ter guardado a carta que aquela boa senhora escreveu em resposta, imediatamente. Ela começou recordando-me a determinação bíblica que o boi que debulha não deve ser impedido de comer do grão. Será que eu pensava que Deus tencionava fazer menos para os obreiros humanos? Será que eu não devia examinar a mim mesmo para ver se não estava alimentando um espírito de sacrifício? Será que eu não estava dizendo que dependia de Deus, mas vivendo como se as minhas necessidades fossem ser supridas por minha própria mesquinha? Lembro-me de que ela terminava assim:

“Deus enviará para você o que sua família precisa, e também o que a obra precisa. Você é um cristão amadurecido, irmão André. Aja como tal.”

Li aquela carta vagorosamente, e orei a respeito do que ela dizia. Será que ela tinha razão? Será que eu realmente estava vivendo em uma atmosfera de penúria que era bem anticristã?

Mais ou menos nessa época, eu e Corrie havíamos sido convidados para um jantar. Chegou a hora de sair-

mos, e Corrie não aparecia. Subi ao nosso quarto, e encontrei-a ainda de roupão.

“Eu não tenho um bom vestido para usar”, disse ela bem baixinho.

Comecei a rir: não era isso que as mulheres sempre diziam?

E então, vi lágrimas nos seus olhos. Silenciosamente, comecei a olhar no guarda-roupa dela. Roupas de inverno. Roupas aproveitáveis, pelo menos; com os meticulosos consertos feitos por Corrie, elas haviam se tornado aproveitáveis. Mas, por algum motivo, entre as roupas que ela apanhara nos pacotes para os refugiados, não havia nenhum vestido bonito. Nenhum que fosse feminino e alegre.

E de repente, percebi que isso era parte do padrão geral de pobreza ao qual nos havíamos acostumado: uma atitude negra, melancólica, mesquinha, que não se encaixava com o Cristo de coração aberto que estávamos pregando para os outros.

Assim, resolvemos mudar de atitude. Hoje, ainda vivemos frugalmente, e sempre viveremos, parcialmente porque nós dois fomos criados dessa forma, e não saberíamos agir de outra maneira. Mas, ao mesmo tempo, estamos aprendendo a nos alegrar com as coisas materiais que Deus provê. Corrie comprou alguns vestidos. Depois, derrubamos uma parede, para que ela pudesse ir diretamente da casa para a cozinha. Quando chegou o nosso terceiro filho, Paulo Denis – outra vez, exatamente um ano depois do segundo – nós tivemos a coragem de sair e comprar-lhe algumas roupas. E eu não posso dizer que ele tenha sido nem um pouco pior, pelo fato de ter vestido, nos seus primeiros dias, roupas que ainda tinham a etiqueta da loja.

É engraçado como levou tempo para aprendermos o simples fato de que Deus realmente é um Pai, e fica tão desgostoso com uma atitude avarenta, restrita, como com o seu oposto: a ganância.

Em essência, aprendemos uma lição sobre abundância. E tendo aplicado a lição à nossa vida particular, no devido tempo pude aplicá-la à obra.

Durante anos eu trabalhara sozinho. Isso significava viajar mais de 80.000 quilômetros por ano e estar fora de casa dois terços do ano. Estava disposto a continuar fazendo isso enquanto parecesse ser o que Deus queria. Porém, ultimamente, quantas vezes a obra sofrera simplesmente porque eu não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo! Nunca esqueci aquelas pessoas da Bulgária que haviam pedido que eu fosse à sua cidade exatamente quando eu estava saindo de seu país. Mas na ocasião em que voltei lá, cerca de um ano depois, muita coisa havia mudado. As reuniões que eles criam que poderiam transformar tantas vidas, já não eram possíveis.

Mas suponhamos – uma simples suposição – que eu tivesse um companheiro viajando comigo! Suponhamos que fôssemos dois... três... dez! Alguém para estar onde outro não podia, para substituir um ao outro na direção do carro, nas palestras, e até para escrever cartas!

Essa possibilidade começou a vir ao meu pensamento dia e noite. Haveria de ser uma associação estranha; realmente, um organismo mais do que uma organização. Quanto menos organizados fôssemos, melhor, pois se fôssemos presos, não envolveríamos outros. Seríamos um pequeno grupo de homens – mulheres também; por que não? – enlevados pela mesma visão de levar esperança à igreja, em suas necessidades. Cada um de nós seria um pioneiro, provavelmente nem mesmo ensinaríamos uns aos outros nossos métodos e técnicas próprios, porque então cairíamos em um padrão, e a nossa atividade seria facilmente reconhecida, e controlada.

Quando comuniquei o meu sonho a Corrie, ela gritou de alegria.

“Vou ser franca com você, André, minha reação é inteiramente egoística. Você já imaginou que assim nós quatro poderíamos *ver* você de vez em quando?”

Imediatamente ela ficou triste por ter dito isso. Mas eu não. Claro que os longos períodos em que eu ficava ausente eram difíceis para todos nós. Eu quase que via Joppie, Marcos Pedro e Paulo Denis crescer entre o momento que eu partia e regressava. Certamente, se eu tivesse um ajudante, aquelas viagens longas não seriam tão necessárias.

Mas como fazer para encontrar a pessoa certa? Não que não houvesse pessoas que se tivessem oferecido, de vez em quando. De fato, muitas vezes, no fim de uma palestra, eu encontrava três ou quatro moços em volta do púlpito:

“Irmão André, será que eu posso participar da sua obra na ‘Cortina de Ferro’? Deus também me mandou pregar o evangelho lá.”

Outros eram provavelmente um pouco mais honestos.

“É tão emocionante! diziam eles. “Eu gostaria de ir só para carregar as suas malas!”

Mas eu nunca sentia vontade de levar adiante essas conversas. Aquilo não era um truque, ou sistema que eu tinha para atravessar as fronteiras vezes sem conta, e que podia transmitir a outros a fim de que eles também pudessem fazê-lo com segurança. Não era nenhuma esper-teza ou experiência de minha parte, que havia impedido o desastre, até então, mas o fato de que, todas as manhãs, durante as viagens, eu sinceramente me colocava nas mãos de Deus, e procurava, tanto quanto possível, não dar nenhum passo fora de sua vontade. Mas isso não é coisa que alguém possa fazer em lugar de outrem. E por isso, eu sempre dizia:

“Bem, se eu me encontrar com você dentro da ‘Cortina de Ferro’, então vamos dar um jeito de conversar mais.”

E essa era a última vez em que ouvia falar dessas pessoas.

– Ainda assim, disse eu a Corrie, certa noite, se Deus deseja que a obra se expanda, certamente ele preparou as pessoas. Como é que vou encontrá-las?

– Tente orar.

Eu ri. Aquela era a minha Corrie. A única coisa que eu ainda não fizera, fora orar a Deus pedindo orientação direta com respeito à pessoa certa. Então, oramos, ali mesmo, e imediatamente, um nome veio à minha mente:

Hans Gruber. Eu havia ficado conhecendo Hans na Áustria, trabalhando em um acampamento de refugiados. Ele era um holandês grandão, com um metro e noventa, pesado, mesmo para sua altura, e desajeitado como ele só. Parecia ter seis cotovelos, dez dedos, e uma dúzia de joelhos. Falava o alemão mais atroz que eu já ouvira.

Tudo em Hans, tomado individualmente, era errado. Mas colocado tudo junto, em um todo estupendo, fazia dele a personalidade mais brilhante que eu já encontrara. Ele podia levantar-se no setor de recreação do acampamento, e manter quinhentas pessoas boquiabertas, horas após hora, simplesmente com palavras. Uma vez começara a chover enquanto Hans falava, naquele seu alemão rudimentar, sem que nem um dos seus ouvintes sequer olhasse para o céu. Mesmo no alojamento de órfãos ele era magistral. Aquele grupo de duzentos e quarenta meninos entediados e irrequietos era o terror de todos os outros oradores que visitavam o acampamento. Diante de Hans, aqueles garotos ficavam como estátuas, e depois seguiam-no pelo acampamento como cordeirinhos de estimação.

Naquela mesma noite escrevi a Hans, perguntando-lhe se ele se sentia dirigido por Deus para levar aquele ministério de pregação para a “Cortina de Ferro”. Eu sabia, escrevi, para onde deveria ser a minha viagem seguinte. Durante semanas os jornais haviam estado cheios de notícias a respeito do recente afrouxamento das restrições de viagem, na Rússia. Agora era possível que estrangeiros viajassem pela União Soviética sozinhos, sem um “guia” da Intourist. Eram as boas-novas pelas quais eu esperava, há muito tempo. Chegara a hora de fazer a minha penetração há muito sonhada no coração do comunismo.

A resposta de Hans veio quase imediatamente. Ele estava pasmado. A minha sugestão fora, para ele, o cumprimento de uma antiga profecia. Quando ele estava no segundo ano ginásial, o último ano que ele estudara, ele tinha uma estranha sensação, toda vez que olhava para o mapa da Rússia. Era como se uma voz lhe dissesse:

“Um dia você vai trabalhar para mim naquela terra.”

“E desde então”, escreveu ele, “comecei a estudar russo, para estar pronto quando a hora chegasse. Agora já falo bem o russo, quase tão bem quanto o alemão. Quando é que nós vamos?”

Com a carta de Hans, iniciou-se uma nova frente em meu ministério: a participação de um companheiro, e a possibilidade de dobrar o trabalho que Cristo estava realizando naquela esfera de ação.

Havia alguns detalhes bem importantes que precisávamos deixar resolvidos, antes de partir. Primeiramente, precisávamos de um carro novo. Mesmo com o novo motor, o Volks não oferecia mais a segurança de que necessitávamos. E para Hans, acomodar o seu corpanzil naquele banco da frente, seria uma impossibilidade indiscutível. Por isso, compramos uma perua Opel nova. Podíamos dormir nela, e podíamos carregar bem mais Bíblias.

Problema de natureza mais desconcertante veio a ser a possibilidade de Hans guiar.

“Eu nunca vou aprender”, lamentou-se ele, quando lhe mostrei pela milésima vez, como se coordenam os movimentos do pedal de embreagem e da alavanca de câmbio.

Um dos grandes benefícios de contar com um companheiro, pensara eu, seria ter alguém para revezar comigo na direção. Eu sabia que Hans não dirigia, mas pensara que seria simples ensinar-lhe. Seis horas depois, concluí que iria demorar um pouco mais do que eu pensara.

Chegou o dia da partida e ele ainda não conseguira

tirar a carteira. Contudo, na maioria dos países da Europa Ocidental, é permitido guiar sem carteira, desde que a pessoa esteja ao lado de alguém habilitado, e desde que haja um breque entre os dois. Tencionávamos sair na data marcada.

Assim, pusemos nosso equipamento no carro. Abraçei os meninos, um por um, beijei Corrie outra vez, e saímos. O Opel portou-se bem, a despeito da carga. Além das Bíblias, que eram muito mais do que eu carregara antes, havia o equipamento completo para acampar e cozinhar, para duas pessoas. O peso excedente fazia o carro balançar-se um pouco, e achei que seria bom que Hans se acostumassem com aquilo antes de atravessar a fronteira entre o Ocidente e o Oriente. Por isso, na Alemanha, entreguei-lhe o volante.

Cinco quilômetros depois peguei o volante de novo. Atrás de nós havia uma fileira de carros e caminhões com vários quilômetros de comprimento.

– Bem, está ótimo, Hans. Você, na verdade, está guiando um pouco devagar para esta rodovia, mas não se importe. A perícia vem com o tempo.

– Nunca vou conseguir. Eu sei disso.

– Bobagem. Você devia ter-me visto quando comecei a guiar.

E para fazê-lo sentir-se melhor, contei-lhe a minha experiência no exército, guiando a carreta Bren. E assim, rindo do incidente, chegamos a Berlim.

Se Hans era vagaroso para adquirir habilidades mecânicas, estava a quilômetros adiante de mim em outras coisas. Uma delas era a intrepidez. Os amigos com quem ficamos em Berlim ficaram encantados com a idéia de levarmos Bíblias para a União Soviética.

– Na nossa igreja há algumas Bíblias em russo, André! Você quer levá-las?

Fiquei na dúvida. A nossa carga já estava com a forma de uma montanha arredondada, a ponto de parecer suspeita.

– Claro que as levaremos, disse Hans. E depois, ele virou-se para mim. Se é para sermos presos por levarmos Bíblias, devemos ser presos por termos levado bastante!

Assim, acrescentamos os outros volumes. Então, exatamente quando estávamos saindo, outros amigos chegaram com uma caixa de papelão cheia de Bíblias em ucraniano. Olhei para Hans suplicante, mas já sabendo que a caixa iria conosco. Desta vez, já não tínhamos mais lugar para colocá-las.

– Bem, disse Hans, você me contou que sempre deixava algumas Bíblias bem à vista, para que Deus possa fazer a obra, e não você. Então, eu vou levar estas no colo.

O nosso visto de trânsito permitia que permanecêssemos setenta e duas horas na Polônia. Houvera muitas transformações em Varsóvia, depois da minha primeira visita àquela cidade, há seis anos. Passamos pela escola onde eu tinha ficado alojado, e o quartel onde eu conversara com os soldados vermelhos. Mas o montão de ruínas onde eu conversara com a menininha fora removido, e agora havia um jardim naquele lugar. Apresentei Hans para amigos tanto em Varsóvia como em outras cidades do país, e aproveitamos ao máximo os três dias. E daí, a menos de cinqüenta quilômetros da fronteira russa, percebi que havia cometido um erro sério ao trocar o dinheiro, em Varsóvia.

– Você sabe o que eu fiz? disse a Hans. Troquei florins demais!

– Você não pode trocá-los de novo na fronteira?

– Não. Varsóvia é o único lugar onde a gente encontra dinheiro estrangeiro. E se voltarmos para lá, agora, o prazo de nosso visto vai expirar.

Estávamos bem no interior do país, e Hans estava à direção. Ele concordara em guiar só se não houvesse outro carro ao alcance da vista; e isso acontecia muitas vezes na Polônia, em 1961. Sentado no banco ao lado dele, procurei calcular quanto dinheiro eu trocara a mais, e pen-

sando como pudera ser tão idiota, quando, de repente, vi que estávamos chegando a um trecho da estrada que podia ser traiçoeiro. Uma ponte caíra, e o desvio descia abruptamente, passava por uma pontezinha provisória e fraca, e subia bem empinado pela outra margem. Um Warszawa, carro de marca polonesa, naquele momento estava à nossa frente atravessando a pontezinha, em velocidade mínima.

Dei uma olhadela para Hans, para ver como ele estava enfrentando a situação. Enquanto ele agarrava o volante com todas as forças, o suor começou a aparecer sobre o seu lábio superior, mas havia decisão em seus olhos. Que bom! Pensei: mais algumas manobras difíceis como esta, e ele adquirirá confiança.

Hans saiu do asfalto, e começou a descer a rampa. Para minha alegria, parecia estar controlando perfeitamente o carro. Não íamos nem mais depressa nem mais devagar do que antes. Nos seus perpétuos vinte e cinco quilômetros por hora ele desceu a rampa e entrou na ponte. Agora havíamos atravessado. Mas o outro carro estava diretamente à nossa frente, subindo laboriosamente a rampa do outro lado.

Tarde demais percebi que Hans não ia parar. Como num filme em câmara lenta, ele chocou-se contra a traseira do Warszawa.

O motorista veio para trás, xingando. Seu rosto vermelho estava fechado, seus punhos cerrados.

– Fique orando enquanto tento conversar com ele, disse eu a Hans.

– Bom-dia, amigo. Que belo dia, não? disse eu em alemão.

Fomos juntos até a traseira do carro, e inspecionamos o dano causado. Graças à velocidade de tartaruga de Hans, não fora grande: uma lanterna e um dos pára-lamas traseiros haviam sido danificados. O nosso pára-choque e pára-lama dianteiro haviam ficado amassados.

– Polícia, disse o homem. Polícia. Polícia.

Aquela palavra alemã ele conhecia bem.

Mas aquela era a única coisa que não poderia acontecer! Ali estávamos nós lotados de Bíblias em um país comunista, com Hans ao volante, sem carteira de motorista.

Então, lembrei-me da carteira, cheia de dinheiro polonês. Será que fora por isso que Deus permitira que eu, tolamente, trocasse dinheiro a mais?

– Bem, disse eu. Quanto você acha que vai custar?

A expressão do polonês não mudou.

– Polícia, polícia, disse ele.

Coloquei um pedaço de vidro que saíra da lanterna traseira, e encolhi os ombros, procurando indicar que achava que o prejuízo não fora muito grande.

– Seis mil zloty?

O homem entendeu muito bem minhas palavras. Os seus punhos se descerraram, mas ele repetiu outra vez a palavra “polícia”.

– Oito mil zloty? Nove mil? Certamente, o conserto não vai custar mais do que nove mil.

Com um gesto dramático, enfiei a mão na carteira e tirei mais uma nota de mil.

– Dez mil, e é só, disse eu, estendendo-lhe o dinheiro.

Ele o pegou. Enquanto corria de volta para o carro, gritou por sobre o ombro:

– Não polícia.

Deu partida no Warszawa, e deixou-nos em um redemoinho de poeira.

– Posso respirar agora? perguntou Hans.

– Pode.

E então, ali no poeirento desvio, agradecemos a Deus por ter permitido que cometêssemos um erro, a fim de livrar-nos de outro.

Atravessamos a fronteira em Brest. Hans mal podia conter o entusiasmo, quando o portão da barreira se abriu. Insistiu em usar o que sabia de russo, com os oficiais da

alfândega. Duvido que eles tenham entendido mais que uma palavra em dez, mas sentiram-se tremendamente lisonjeados pelo fato de ele estar fazendo um esforço.

Nosso carro devia ser um dos primeiros que entravam sem guia da Intourist. Os guardas estavam interessados em seu novo trabalho de inspecionar nossos documentos e ficaram muito alegres quando lhes apresentamos dólares americanos para serem trocados.

– A Rússia e os Estados Unidos trocam insultos, disse um dos guardas em inglês, dando uma piscadela. Mas por causa disto nós perdoamos.

Pegou as notas de dólar.

– Um rublo por um dólar. Assim é fácil.

Por fim chegou a hora da inspeção do carro, propriamente dito. Hans e eu havíamos combinado antecipadamente o que faríamos, e essa técnica usamos depois, em todos os lugares em que duas pessoas atravessassem a fronteira. Só um de nós falava, de cada vez; o outro ficava constantemente em oração: oração para que a vontade de Deus fosse feita em cada detalhe da inspeção; oração pelo país em que estávamos entrando, começando com aqueles funcionários da fronteira.

Nesse dia, o guarda nos pediu para abrir duas malas, mas ele mal olhou para dentro delas. O que ele queria ver era o motor do Opel. Fez-me algumas perguntas técnicas, depois ficou um pouco sem jeito por ter demonstrado interesse e curiosidade extra-oficiais, e fechou a tampa do motor. Atravessou conosco o pequeno jardim defronte ao escritório da alfândega, carimbou nossos documentos e desejou-nos boa viagem.

Havíamos atravessado.



=====

17

=====

RÚSSIA À PRIMEIRA VISTA

Aquela era a primeira viagem de Hans à Rússia; mas não a minha. No ano em que Marcos Pedro havia nascido, eu acompanhara um grupo de jovens da Holanda, Alemanha e Dinamarca, a um Congresso da Juventude, em Moscou, muito semelhante ao que eu assistira em Varsóvia, anos atrás. A viagem durara apenas duas semanas; viajamos de trem, e naturalmente, seguindo um itinerário oficial. Contudo, como viagem de reconhecimento, ela fora de grande valor. Várias cenas me impressionaram muito.

Elas vieram novamente à minha memória agora, quando eu e Hans atravessávamos de carro a vasta paisagem russa. A distância de Brest a Moscou era de mil quilômetros. Passei o tempo narrando a Hans as recordações da minha primeira viagem:

O hotel para o qual eu fora designado, na realidade, um alojamento militar gigantesco, ficava em uma aldeia a treze quilômetros de Moscou. Na primeira tarde livre, entrei na aldeia à procura de uma igreja.

Havia uma Ortodoxa Russa, com uma cúpula em forma de cebola, que fora outrora, obviamente, o coração da aldeia, pois ficava defronte ao único poço da vila. O templo estava em um estado de completa ruína. Crescia mato

onde outrora pés haviam feito com que o caminho se conservasse limpo e bem definido. As janelas estavam tapadas com tábuas. Havia caixas empilhadas do lado de fora, como se o edifício estivesse agora sendo usado como armazém.

Rodeei o templo, procurando a cruz, mas ela fora retirada. E então, quando eu rodeava a igreja pela segunda vez, vi um quadro que jamais esquecerei. Enfiado na corrente do cadeado da porta da frente da igreja, havia um pequeno ramalhete de flores amarelas, ainda viçosas.

Chegando mais perto, vi que havia centenas de flores murchas caídas no chão, como se aqueles ramalhetes fossem trocados regularmente. Com os olhos da imaginação, pude ver uma camponesa vestida de preto, esgueirando-se até a igreja tarde da noite, para executar o seu ato de amor e saudade.

Naquele domingo, fui à única igreja protestante em toda a enorme cidade de Moscou, que ainda estava aberta. Pelo que eu lera na imprensa holandesa, esperava uma congregação pequena e sem fibra.

A princípio, fiquei incerto se fora ao endereço correto. Por que será que havia aquela longa fila de pessoas esperando do lado de fora? Hesitante, coloquei-me na fila. Repentinamente, um homem chegou-se a mim e falou em alemão:

– Você veio à igreja? perguntou ele.

– Então, isso é uma igreja?

– Claro. Venha comigo. Há uma galeria especial reservada para visitantes estrangeiros.

Assim, atravessamos uma pequena porta, descemos um saguão, subimos um lance de escadas de aço, e entramos na galeria. E ali eu vi pela primeira vez o espetáculo com que viria a me familiarizar tanto nos anos futuros: a Igreja Protestante de Moscou em adoração. O auditório tinha a forma retangular: era estreito e comprido, com duas galerias de cada lado; havia uma plataforma à frente, com lugar para doze pessoas, um bom órgão, e um vitral colorido, na face leste, que ostentava as palavras

que o meu amigo traduziu como “Deus é Amor”. A igreja comportava cerca de mil pessoas assentadas, mas havia quase duas mil naquela manhã.

Em todas as minhas viagens, eu nunca vira tantas pessoas aglomeradas em um só lugar. Todos os lugares estavam ocupados. Os corredores estavam lotados de gente de pé, tanto no centro como de ambos os lados. As galerias estavam transbordando.

Então começaram os cânticos. Duas mil vozes eslavas cantando em perfeito uníssono. Afogavam o som do órgão. Ricas, guturais, plenas, vigorosas, masculinas. Fechei os olhos, e foi fácil imaginar que eu estava ouvindo coros celestiais. Cantaram-se vários hinos, até que havia lágrimas nos meus olhos.

Quando chegou a hora da oferta, não havia espaço para os diáconos passarem entre tantas pessoas; por isso, o dinheiro era passado de mão em mão, sobre as cabeças, até a frente. Logo que a coleta terminou, começaram os sermões. Sim, sermões. Houve dois, cada um de duração regular, um depois do outro.

Enquanto os sermões estavam sendo entregues, pareceu-me que algumas pessoas da congregação estavam agindo de modo estranho. Estavam fazendo aviõezinhos de papel, e atirando-os para a frente, vindo dos fundos da igreja, e das galerias, passando sobre as cabeças dos assistentes que estavam embaixo. Ninguém parecia perturbado com aquele procedimento bizarro. Os aviões eram apanhados e passados adiante, até que, finalmente, eram reunidos por um dos homens que estava na plataforma.

Por fim, já não agüentando mais a curiosidade, virei-me para o homem que me levava até àquela galeria.

– São pedidos de oração, explicou ele. O pastor os está separando em dois grupos. Um é de pedidos individuais, e o outro, de visitantes de toda a União, que querem que esta congregação ore pelas suas igrejas. Você verá quando chegar a hora.

Na verdade, logo que o segundo orador se assentou, o

pastor se levantou e ergueu a primeira pilha. Então, leu o nome das igrejas de onde aqueles visitantes eram membros, e perguntou, como fiquei sabendo através do meu intérprete:

– Estamos alegres por receber esses visitantes?

– Amém!

– Vamos nos lembrar deles em nossas orações?

– Amém!

– E estes pedidos? – ele leu uns dois ou três dos pedidos individuais – Vamos orar por suas necessidades?

– Amém!

– Então vamos orar.

E sem mais aviso, toda a congregação de duas mil pessoas começou a orar em voz alta, simultaneamente. De tempos em tempos uma voz se levantava sobre o murmúrio, clara e emocionada, enquanto que as outras vozes diminuía de intensidade, limitando-se a um zumbido suave. E depois a maré de vozes subia de novo, até que outra vez uma voz individual se levantava, para expressar os pensamentos de todos. Foi uma experiência que me tocou até às profundezas do espírito. Depois do culto, foi anunciado que os pastores teriam o prazer de cumprimentar qualquer visitante do Congresso da Juventude que ali estivesse, no vestíbulo lá embaixo, e responder a perguntas. Talvez uma dúzia de congressistas aceitou o convite. As perguntas foram desferidas em rápida sucessão.

– Onde fica a igreja protestante mais próxima?

– Oh, há muitas igrejas protestantes na Rússia. Há outras bem perto.

– Mas a que distância?

– Cento e oitenta quilômetros.

– Há liberdade religiosa na Rússia?

– Temos perfeita liberdade religiosa, aqui, sim.

– E os pastores que foram encarcerados?

– Não conhecemos pastores que estejam na cadeia, exceto, talvez, subversivos políticos.

E então eu fiz a minha pergunta:

– E Bíblias, vocês têm em número suficiente?

– Temos muitas Bíblias, sim.

Para provar o que dizia, ele passou às nossas mãos um exemplar.

– Esta excelente edição acaba de ser impressa aqui na Rússia.

Aquilo era novidade para mim.

– De quantos exemplares foi a edição?

– Oh, muitos. Muitos exemplares.

E continuaram assim, perguntas e respostas que não diziam nada. No dia seguinte, esperando ter a oportunidade de encontrar um dos pastores, sozinho, dirigi-me de novo à igreja. Era segunda-feira de manhã, mas mesmo para aquela hora daquele dia, havia muita gente no edifício. Então, fiquei sabendo que o templo também servia como escritório central da União Batista para toda a U.R.S.S.

– Será que posso ajudá-lo? perguntou uma voz.

Virei-me e reconheci um dos homens que estivera na plataforma na manhã do dia anterior, e depois respondeu às perguntas. Ele apresentou-se como Ivanhoff, e convidou-me para ir até seu escritório particular. Fiquei pensando como eu iria desafiar suas declarações da véspera. Talvez o melhor seria dizer logo de início que eu havia trazido Bíblias, e ver qual seria a sua reação.

– Eu trouxe um presente dos batistas da Holanda para os batistas da Rússia, comecei, colocando um pacote embrulhado em papel marrom sobre a sua mesa.

– O que é isto?

– Bíblias.

– Bíblias em russo?

– Da Sociedade Britânica e Estrangeira. Tomei a liberdade de arrancar a página que declara a procedência.

Pareceu-me que ele estava tentando manter-se calmo, com certa dificuldade, quando disse:

– Por favor, posso vê-las?

Então eu desamarrei o barbante, e mostrei-lhe a insignificante pilha de três Bíblias que eu pudera trazer

comigo no trem. O problema, como acontecia com a maioria das Bíblias em línguas do leste europeu, era o tamanho de cada exemplar. O russo, assim como o sérvio, o ucraniano e o macedônio, é escrito em caracteres cirílicos, o que faz com que os livros sejam mais volumosos do que os escritos em caracteres latinos. No mesmo espaço eu poderia ter trazido dez ou doze Bíblias em inglês ou holandês. Mas o que me interessava era a reação do pastor diante da oferta insignificante.

Ele estava claramente controlando sua ansiedade com grande esforço.

– Você disse que isto era um presente?

– Sim.

E então, eu não pude resistir à tentação de brincar com ele um pouco.

– Mas você disse que há uma nova edição soviética. Talvez não houvesse necessidade de eu trazer Bíblias.

– Bem... o pastor lembrou-se da conversa do dia anterior. De fato, aquela edição, em grande parte, foi despachada para fora do país. Para a Feira de Bruxelas, e outros lugares...

– Compreendo.

E então, curvando-se para mim, ele fez outra pergunta.

– Diga-me, meu amigo, na verdade, por que você veio à Rússia?

Da maneira que ele estava agindo, como alguém que pisasse sobre ovos, achei que uma resposta bíblica seria de mais tato. Meditei durante um momento, e então respondi.

– Você se lembra, na Bíblia, de quando José estava vagueando entre os siquemitas? Um dos siquemitas viu-o e fez-lhe uma pergunta. Você se lembra de qual foi?

O pastor pensou.

– Ele perguntou: “Que procuras?”

– E a resposta de José?

– Ele disse: “Procuro meus irmãos”.

– Pois bem, disse eu, essa também é a minha resposta à sua pergunta.



LEITURAS

18

LEITURAS

PARA A RÚSSIA, COM AMOR

Hans havia escutado com muito interesse aquelas minhas recordações, interrompendo ocasionalmente com perguntas. Quando cheguei ao fim, ele fez uma de suas orações abruptas e cheias de fé, para que fôssemos guiados a Ivanhoff outra vez, visto que o contato já estava feito, e um conhecimento já estava iniciado.

– Penso que está na hora de parar, André, acrescentou ele. Eu gostaria de tomar uma xícara de café.

– E eu também.

Um pouco adiante havia uma grande abertura em uma elevada sebe, pela qual entramos, não notando que já havia um automóvel estacionado ali, enquanto os seus ocupantes comiam um lanche ao ar livre.

Paramos e começamos a tirar nosso equipamento. Pareceu-me que os russos do outro carro estavam agindo de maneira pouco amistosa. Ficaram olhando em nossa direção e murmurando. O homem jogou meia xícara de chá ao chão, queixando-se, enquanto as duas mulheres começaram a empilhar pratos, frutas, pedaços de pão meio comidos, tudo em uma cesta de palha.

Estávamos ainda admirados com aquilo, quando repentinamente ouviu-se um guincho de freios, do outro lado da sebe. Portas de carro bateram. E inesperadamente apareceram dois policiais uniformizados. Ficaram pa-

rados na abertura da sebe, com as mãos nos quadris, lançando olhares rápidos na direção dos dois grupos de pessoas. Então, um soldado dirigiu-se a nós, enquanto o outro se aproximava do carro russo.

– Como vai? perguntou Hans, sorrindo, alegre por aquela oportunidade de usar o que sabia de russo.

O militar não respondeu, e a fisionomia de Hans anuviou-se.

– Ele simplesmente não quer ser sociável, disse Hans, retornando intencionalmente ao seu café. Contudo, conhecendo Hans, eu sabia que ele estava orando com todas as forças da alma. Aquele homem absolutamente não podia começar a revistar nossa bagagem. E enquanto orávamos, o militar deixou-nos abruptamente, e foi para onde estava seu companheiro, junto ao outro carro. Houve uma troca acalorada de palavras, um encolher de ombros, e então os russos começaram a descarregar o carro.

Ficamos observando, por vinte minutos, aquela pobre gente pegar tudo o que podia ser removido do carro, e espalhar no chão. Então os soldados olharam dentro do motor, dentro do porta-malas, debaixo do carro. Sabíamos que de alguma forma éramos responsáveis pelo incômodo a que eles estavam sendo submetidos, mas não sabíamos o que fazer àquele respeito. Então, ficamos mexendo nosso café, até ele ficar frio.

Depois de meia hora, durante a qual os soldados nem olharam em nossa direção, decidimos que estava na hora de procurar safar-nos dali. Então, tomamos de um trago o café já frio, guardamos o pequeno fogão, fizemos bastante barulho ao fechar as portas, e finalmente demos a partida no motor. Os militares ainda assim, não prestaram nenhuma atenção a nós. Saímos devagar, atravessamos a sebe, e entramos na estrada, dando volta ao carro da polícia.

– Para que tudo aquilo? perguntou Hans, quando estávamos a caminho.

– Não sei; a menos que eles pensassem que éramos contrabandistas fazendo uma troca ali, ao lado da estrada.

Hans, devemos orar por aquela família, para que eles não entrem em dificuldades devido à nossa intromissão involuntária. E isso é algo de que precisamos nos lembrar, quando chegar a hora de nos livrarmos da nossa carga.

As avenidas de Moscou eram enormes, suficientemente largas para que dez carros trafegassem lado a lado, e o trânsito agora era mais intenso do que quando estivera lá pela primeira vez. Passamos pela enorme loja *Gum*, rodamos pela vasta Praça Vermelha, passamos perto de um mausoléu, e mais tarde dirigimo-nos ao local de acampamentos que nos fora designado. Imediatamente armamos nossa tenda em forma de iglu, e preparamo-nos para apanhar pelo menos algumas de nossas Bíblias.

– Não olhe agora, disse Hans, mas alguém está nos espiando.

Sem olhar, eu atirei um mapa rodoviário sobre duas Bíblias que eu havia tirado de lugar. Depois, despistadamente, dei uma olhada para os lados, e vi um homem. Estava vestido com um uniforme verde, de pé a poucos metros do carro, observando-nos. Tirei a cafeteira, e Hans e eu começamos a preparar um café, que não tínhamos vontade de tomar. Logo que paramos de desempacotar as Bíblias, nosso observador desapareceu.

– O que você acha disso? perguntei a Hans.

– Não estou gostando. Gostaria de livrar-me logo desta carga.

Tiramos uma das Bíblias, trancamos o carro e saímos do local de acampamentos. Estávamos na noite de quinta-feira: noite de culto na igreja batista – a que estávamos querendo visitar.

Havia ali cerca de mil e duzentas pessoas assistindo àquela reunião de oração de quinta-feira à noite! O programado culto era quase o mesmo daquele que eu assistira dois anos atrás, mas não vi Ivanhoff nem na plataforma, nem na parte da congregação que estava ao alcance dos meus olhos.

Quando a reunião terminou, Hans e eu fomos até o

vestíbulo e começamos a andar entre o povo. O principal objetivo daquela noite, para nós, era estabelecer contato com pessoas às quais pudéssemos entregar o nosso suprimento de Bíblias. Fui andando pelos cantos do grande *hall* de entrada, observando rosto por rosto, pedindo a Deus que me desse, como o fizera tantas vezes anteriormente, aquela sensação de reconhecimento que, para os crentes, funciona melhor do que muitos anos de comunhão e confiança crescentes.

Depois de algum tempo, eu o vi: um homem magro e calvo, que tinha os seus quarenta e poucos anos, e estava encostado em uma parede, olhando para a multidão. Recebi orientação tão clara para ir conversar com ele, que quase me esqueci de Hans. Mas em uma participação cristã verdadeira, a orientação recebida por um membro é sempre submetida à que o outro recebera, para correção e confirmação. Por isso, esperei até que Hans colocasse a sua figura gigantesca ao meu lado.

— Já localizei o nosso homem! disse ele, antes que eu pudesse falar.

E dentre as centenas de pessoas que estavam naquele vestíbulo, ele indicou com a cabeça o mesmo homem que eu havia escolhido. Com o coração transbordando, abrimos caminho até ele.

— *Kak vi po zhi vayete*, começou Hans.

— *Kak vi po zhi vayete*, respondeu o homem, imediatamente alerta.

Enquanto Hans entrava em uma descrição de quem éramos nós, e de onde éramos, o homem foi ficando mais e mais perplexo. Mas quando Hans chegou à palavra “holandês”, ele rompeu numa risada. Contou-nos que ele era alemão; filho de imigrantes, residia na Sibéria, e sua família ainda falava alemão em casa.

Imediatamente nós três entabulamos uma animada conversa. E enquanto conversávamos, eu e Hans fomos ficando cada vez mais extasiados. Sim, porque aquele homem era de uma pequena igreja da Sibéria, a três mil qui-

lômetros de distância, que tinha cento e cinquenta membros, mas nenhuma Bíblia. Um dia ele recebera, através de um sonho, a ordem de ir a Moscou, onde ele encontraria uma Bíblia para a sua igreja. A princípio ele resistira à idéia, porque sabia tão bem como qualquer outra pessoa, que em Moscou havia poucas e preciosas Bíblias, apenas.

E aquele era o fim da história.

Eu e Hans olhamos um para o outro, incrédulos. Fiz um sinal a Hans, mostrando que cabia a ele comunicar ao nosso amigo siberiano as boas-novas.

“Foi-me dada uma ordem de viajar três mil quilômetros em direção ao oeste, para trazer Bíblias para as igrejas da Rússia. E aqui estamos nós, hoje à noite, reconhecendo um ao outro, no mesmo momento em que nos encontramos.”

Com isso, Hans estendeu-lhe a grande Bíblia russa que havíamos trazido conosco. O siberiano perdera a voz. Com a Bíblia nas mãos, ele estendeu os braços e olhou para ela. Depois, para nós e depois para a Bíblia de novo. De repente, o dique rompeu-se, e então se seguiu uma enxurrada de agradecimentos e de abraços apertados, com o que atraímos a atenção de um grupo de espectadores. Fiquei um pouco descontente com aquilo: eu não desejara chamar atenção. Cochichei ao ouvido daquele irmão o resto: tínhamos mais Bíblias, e se ele quisesse encontrar-se conosco ali outra vez, às dez horas da manhã seguinte, poderia ganhar mais meia dúzia de Bíblias para levar para casa.

Estampou-se uma suspeita no rosto do siberiano, de repente:

— Elas são gratuitas?

— Claro, respondemos. Isso é simplesmente um braço da igreja suprindo a necessidade de outro.

Na manhã seguinte, às nove horas, Hans postou-se de guarda, enquanto eu tentava tirar as Bíblias do esconderijo, no carro. Eu estava na metade da operação, quando Hans começou a assobiar o hino nacional holandês, e eu percebi que o nosso amigo de uniforme verde estava de volta. Com um suspiro, pus-me a trabalhar, fazendo café.

– O café está pronto! gritei para Hans.

Ele veio e tomou uma xícara de líquido gelado das minhas mãos.

– Ele voltou? perguntei.

– Tão abelhudo como ontem. Está suspeitando de alguma coisa. Quantas você conseguiu tirar?

– Quatro.

– Bem, essas vão ter que dar. Coloque-as na bolsa de lona e vamos.

Carregar uma Bíblia para uso pessoal não era crime, mas o comércio de Bíblias contrabandeadas era ilegal, e era perigoso dar a impressão de que estávamos fazendo contrabando. Por isso, pusemos apenas as quatro Bíblias em nossas bolsas que ostentavam as grandes letras KLM, e fomos pela alameda até o ponto do ônibus. Precisamente às dez horas, entramos na igreja, e nos sentamos em um banco perto da porta. Às 10:30h estávamos já ansiosos, e sentindo que nossa presença ali chamava a atenção. E então, às 10:45h, uma voz falou sobre o meu ombro:

– Olá, irmão.

Virei-me depressa. Não era o homem da Sibéria. Era Ivanhoff, o pastor que eu conhecera na minha visita anterior a Moscou.

– Você está esperando alguém? perguntou Ivanhoff.

– Eu... nós... sim. Um homem que ficamos conhecendo ontem à noite.

Ivanhoff ficou em silêncio por um momento. E então:

– Sim, disse ele baixinho. Era disso que eu estava com medo. O seu amigo siberiano não pode vir.

– O que é que você quer dizer com *não pode vir*?

Ivanhoff olhou para os lados.

– Meus amigos, disse ele, em todos os cultos há agentes da polícia secreta. Nós já contamos com isso. Eles viram vocês e aquele homem conversando, e por isso ele não pode vir. Ele foi “conversado”. Mas vocês trouxeram algo para ele?

Olhei para Hans. Será que poderíamos confiar em

Ivanhoff? Hans encolheu os ombros, e depois acenou afirmativamente com a cabeça, quase imperceptivelmente.

– Sim, disse eu. Quatro Bíblias. Nestas bolsas.

– Deixem-nas comigo; providenciarei para que elas receba.

Outra vez, Hans e eu trocamos olhares. Mas terminamos pegando as Bíblias embrulhadas em jornais, tirando-as para fora das bolsas, e entregando-as a ele. Depois, pedindo a proteção de Deus, tomei a decisão: não parecia haver outro caminho.

– Há algum lugar onde possamos conversar? perguntei.

– Conversar?

– Bem, falando francamente, estas não são as únicas Bíblias que nós temos.

Ivanhoff susteve o fôlego.

– O que é que você está dizendo? Fale baixo. Quantas Bíblias você tem?

– Mais de cem.

– Você está brincando!

– Elas estão em nosso carro, no estacionamento.

Ivanhoff pensou durante um momento. Depois, sem falar uma palavra, guiou-nos por um longo corredor. Logo que dobramos para um lado, ele parou repentinamente, colocou as Bíblias no solo, e estendeu as mãos, com as palmas para baixo.

– Vocês estão vendo estas unhas? perguntou ele.

Olhamos para as unhas sulcadas e grossas. Ficam dessa maneira, quando são danificadas profundamente, na raiz.

– Fiquei na prisão durante muito tempo, por causa da fé, disse Ivanhoff.

E era aquele o homem que dissera à delegação de jovens visitantes que não havia perseguição religiosa na Rússia!

– Eu vou ser franco com vocês. Eu não agüentaria aquele inferno outra vez. Por isso, não posso ajudá-los na distribuição dessas Bíblias.

Senti meu coração ligar-se ao daquele homem.

– Eu sei, respondi. Não o culpamos. Talvez, porém, você conheça outra pessoa que estivesse disposta.

– Markov, disse Ivanhoff. Vou conversar com ele para que alugue um carro. Ele se encontrará com vocês de frente à loja *Gum* precisamente à uma da tarde. E então, depois de pensar um pouco: Mas tenham cuidado.

Hans apontou para o pequeno monte de Bíblias no assoalho.

– E estas? Você não se arrisca um pouco, ficando com elas?

Ivanhoff sorriu, mas seus olhos permaneceram tristes como sempre.

– Quatro Bíblias, disse ele: Isso não é um crime econômico muito sério. Elas poderão valer quatrocentos rublos. Quanto tempo você poderá passar na cadeia, por causa de quatrocentos rublos? Quatro meses, no máximo. Mas cem Bíblias! Cem Bíblias valerão dez mil rublos aqui em Moscou, e mais que isso nas províncias. Dez mil rublos de literatura pornográfica! Puxa, um homem poderia...

– Pornográfica? dissemos Hans e eu ao mesmo tempo. O que é que isso tem a ver conosco?

– Nada, disse Ivanhoff. Exceto que, se vocês forem apanhados, será justamente essa a acusação – venda de literatura pornográfica.

E então, como se houvesse recebido uma espécie de sinal, ele girou nos calcanhares, apanhou os livros do chão rapidamente, e saiu quase correndo; seus passos ecoaram pelo corredor vazio, enquanto ele desaparecia de nossa vista.

Naquela tarde, à uma hora, estacionamos defronte à loja *Gum*. Um homem saiu de um carro estacionado a cinquenta metros dali, e veio andando calmamente, passou por nós, olhando-nos cautelosamente. Depois, voltou, e parou como que por acaso.

– Irmão André?

– Você é Markov, disse eu. Saudações em nome do Senhor.

– Vamos fazer uma coisa muito audaciosa, disse Markov, falando rapidamente. Vamos transferir as Bíblias para o meu carro em um lugar a dois minutos da Praça Vermelha. Ninguém suspeitará de nós em lugar tão notório. É uma proeza genial.

Certamente, aquele irmão era mais genial do que eu. Não gostei do plano. Ele nos levou para uma rua que ficava, seguramente, a menos de dois minutos da Praça Vermelha. Havia um longo e alto muro de um lado da rua, mas havia casas enfileiradas, do outro. Em cada janela, podia haver um par de olhos curiosos.

– É melhor você orar, disse eu para Hans, quando estacionei atrás do carro de Markov.

Hans orou em voz alta, enquanto eu desentocava as Bíblias e as colocava, uma braçada de cada vez, em caixas de papelão e sacos. Markov abriu a porta de trás de seu carro, e nós fizemos a transferência ali mesmo, às claras, indo e vindo pela calçada cheia de gente. Quando terminamos, Markov só ficou mais um instante para um apressado aperto de mão, a cada um de nós, antes de voltar ao seu carro e dar partida.

– Até a semana que vem, disse ele, estas Bíblias estarão nas mãos de pastores por toda a Rússia.

Enquanto Markov se afastava, olhei para Hans. Ele ainda estava orando, mas também estava rindo. Aquela parte da nossa missão estava terminada. A não ser aquela caixa de Bíblias em ucraniano, o nosso amigo de uniforme verde poderia espionar o quanto quisesse. O carro estava vazio.

Voltamos para casa passando pela Ucrânia, entregando as últimas Bíblias pessoalmente às igrejas. E foi em uma daquelas paradas que um sonho se apoderou de mim com tanta intensidade, que durante os três anos seguintes não se dissipou. Pois foi lá na Ucrânia, quando só tinha-

mos duas Bíblias de resto, que um dos irmãos trouxe algo para vermos, um tesouro da sua família: uma Bíblia de bolso em ucraniano.

Peguei o pequeno volume na mão, incrédulo. Sim, garantiu-me o homem, era uma Bíblia completa. Mas tinha um quarto do tamanho das Bíblias que eu trouxe! Folheei as páginas de papel da Índia, maravilhado com o tipo minúsculo, tão pequeno, e não obstante, tão claro. Cada palavra era bem impressa e bem espaçada. Bombardeei o homem com perguntas: onde fora impressa quem a publicara, de onde ele a havia trazido, mas ele não sabia responder a nenhuma das minhas perguntas.

Não consegui largar a Bíblia. Avaliei o seu peso, em minha mão. Enfiou-a no bolso. Tirei-a, e a comparei com uma das Bíblias comuns. Puxa, nós poderíamos trazer três ou quatro vezes mais Bíblias, em cada viagem, se elas fossem daquele tamanho! E uma vez dentro do país, seria muito mais fácil transportá-las e escondê-las. E se aquilo podia ser feito para o ucraniano, o russo também poderia ser impresso naquele formato, e os outros idiomas da Europa Oriental também.

Vendo que a Bíblia me interessara muito, o proprietário fez uma sugestão. Se ele pudesse ficar com as duas novas que eu havia trazido, gostaríamos de ficar com aquela? A igreja ainda ficaria com uma Bíblia a mais.

Para minha alegria, o pastor e o resto da congregação concordaram, e eu saí daquela cidade com o sonho em meu bolso. Eu mal podia esperar para mostrá-la às nossas sociedades bíblicas no Ocidente.

Em nosso último domingo na Rússia, assistimos ao culto em uma igreja batista de uma aldeia ucraniana, não longe da fronteira húngara. O cântico era animado, as orações, fervorosas. Mas quando chegou a hora do sermão, o pastor fez uma coisa estranha. Desceu da plataforma, tomou emprestado um livro de alguém da congregação, e voltou ao púlpito. Era a Bíblia! Havíamos ouvido falar que havia pas-

tores na Rússia que não possuíam Bíblias. Mas esta era a primeira vez que o víamos com os nossos próprios olhos.

Depois do culto, o pastor convidou-nos para nos reunir com ele e com os seus presbíteros, em seu escritório, para uma breve conversa. A conversa começou, como tão freqüentemente acontecia na Rússia, com um ataque. Havíamos aprendido que aquilo era um estratagema seguro, pois todos os pastores sabiam que as suas ações eram espi-onadas. Nessa ocasião, o ataque foi contra o meu carro.

– Diga-me, disse o pastor que falava alemão, você é dono de que complexo industrial?

– Eu não possuo companhia nenhuma.

O nosso interprete traduziu, mas o pastor não deixou o assunto morrer.

– Sei que você não está falando a verdade, disse ele, porque você tem um automóvel; ele está estacionado logo aí fora. Só capitalistas possuem automóveis; os trabalhadores andam a pé.

O que é que eu podia fazer? Era impossível convencê-lo de que eu fora um operário de fábrica, filho de um ferreiro de aldeia, que tinha menos garantia de renda do que ele mesmo.

Ele simplesmente não seria capaz de apreender aqueles fatos, e abandonou o assunto apenas por polidez, ou talvez porque pensasse que já havia estabelecido claramente a sua antipatia por classes vadias e endinheiradas!

De qualquer forma, começamos a conversar a respeito da Segunda Vinda de Cristo, o tópico teológico mais popular na Rússia, e o tom de nossa palestra mudou imediatamente. Tirei do bolso a minha Bíblia em holandês, para ler as referências que ele estava mencionando; e, quando ele terminou, coloquei-a sobre a escrivaninha.

Notei quase imediatamente que ele perdera todo interesse na conversação. Os seus pensamentos estavam enlevados com aquela Bíblia! Pegou-a e avaliou o seu peso na mão, abriu o zíper, olhou as palavras holandesas, que por sinal não entendia, e fechou o zíper outra vez.

Depois, colocou-a de novo na escrivaninha. Não da maneira como eu a tinha colocado, mas com grande precisão. Pô-la no canto, e correu vagarosamente o dedo pela sua margem, de forma que ela ficou alinhada com o canto da mesa. E então, com a voz distante, falando mais para si mesmo do que para nós, ele disse:

– Sabe, irmão, eu não tenho Bíblia.

Meu coração despedaçou-se. Ali estava um homem importante, o líder espiritual de mil almas, que não tinha nem um exemplar da Palavra de Deus.

Todos os que havíamos trazido haviam acabado. Então eu me lembrei: a pequena Bíblia de bolso!

– Espere! gritei.

Saltei da cadeira. As sociedades bíblicas teriam de acreditar apenas na minha palavra. Corri para fora, abri a porta do carro, peguei a pequena Bíblia de sob o banco e corri de volta para o escritório.

– Aqui. Empurrei a Bíblia nas mãos do pastor. Isto é para você. É sua.

O intérprete repetiu as palavras, mas o pastor ainda não compreendeu.

– De quem é? disse ele.

– É sua! Pode ficar!

Quando eu e Hans saímos de lá, naquele dia, nossos peitos estavam doendo em virtude dos abraços daquele grupo de presbíteros. Daquela hora em diante, o pastor tinha sua própria Bíblia. Uma Bíblia que ele não precisaria devolver ao fim do culto. Uma Bíblia para consultar sempre que quisesse. Uma Bíblia para ler e amar.

E quando saímos da Rússia, senti que à minha frente havia uma tarefa ainda maior do que qualquer outra que eu já tivesse tentado realizar atrás da “Cortina de Ferro”. Eu precisava conversar com alguma organização que pudesse imprimir Bíblias em idiomas eslavos, em formato de bolso. E eu precisaria levar aqueles livros para a Rússia, não às centenas, mas aos milhares.



19

BÍBLIAS PARA OS PASTORES RUSSOS

A única coisa que havia em meu pensamento, agora, era a necessidade de uma Bíblia, em russo, em tamanho de bolso. Aquilo se tornou uma obsessão para mim. Fiz a ronda das sociedades bíblicas, mas mesmo quando uma sociedade concordava que uma edição assim era possível em teoria, havia problemas práticos. A Sociedade Bíblica Americana, que me fornecia Bíblias em russo gratuitamente, embora simpatizando com a idéia, não achava que valia a pena imprimir uma edição especial só para aquela operação. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira estava na mesma posição. A Sociedade Bíblica Holandesa estava ocupada com sua obra na África e na Indonésia, e não trabalhava com Bíblias nos idiomas da Europa Oriental.

– Por que é que você não imprime a sua própria Bíblia de bolso? perguntou Filipe Whetstra uma noite, quando eu estava falando com ele a respeito do problema.

– Muito engraçado.

– Estou falando sério. Você conhece a necessidade. Imprima-a você mesmo.

– O senhor deve estar sonhando, Sr. Whetstra. Isso iria custar pelo menos cinco mil dólares! Onde eu iria arrumar esse dinheiro?

O Sr. Whetstra olhou-me tristemente.

– Depois de todo este tempo, você ainda pergunta isso? disse ele.

Claro que ele tinha razão. Não seria eu quem haveria de suprir os fundos para um projeto assim, seria o Senhor. Antes de deixar a casa dos Whetstra, naquela noite, já sabia que estava empenhado em outro grande empreendimento: o maior de todos. Desta vez, porém, levou mais tempo que o de costume, para o sonho se realizar.

Neste ínterim, havia o trabalho normal que precisava ser realizado. Contar com Hans como participante daquela obra era ainda melhor do que eu havia imaginado. Formávamos uma equipe: um era forte nas áreas em que o outro era fraco. Foi enquanto estávamos na Bulgária em certa noite quentíssima de 1962, que Hans de repente disse:

– André, é tempo de pedir a Deus um novo membro para a equipe.

Eu estava sentado na cama, com a transpiração a correr-me pelo corpo, procurando escrever uma carta para casa.

– É. Está certo, disse eu distraidamente.

– Você se lembra de quando finalmente foi conseguido o visto para entrarmos na Tchecoslováquia, e você estava na Alemanha Oriental e eu na Rússia? Se houvesse mais um de nós, poderíamos aproveitar melhor essas chances.

– É. Tem razão.

– Você não está me ouvindo.

Larguei a carta que estava escrevendo. O papel grudou-se à minha mão.

– Claro que estou ouvindo.

Procurei lembrar-me do que ele dissera.

– Temos mais oportunidades do que podemos aproveitar. É verdade, Hans. Mas você sabe como é quando a expansão é rápida demais.

Hans interrompeu.

– Dificilmente eu diria que acrescentar um novo

membro de sete em sete anos é expandir rápido demais. Vamos orar.

Olhei bem para Hans. Ele colocara o “vamos orar” tão ligado ao fim da sentença, que fiquei sem saber se havia escutado bem. Mas ele já estava orando. Curvei também a cabeça, e enquanto Hans falava, comecei a compreender a sua ansiedade de encontrar outro homem que quisesse empenhar-se conosco – com tempo integral, sem salário, sem aposentadoria.

Quase simultaneamente, Hans e eu pensamos na mesma pessoa.

– Que tal Rolf? dissemos juntos, e então caímos na risada.

– Deve ser orientação de Deus, disse Hans.

– Deve mesmo.

Rolf era um jovem seminarista holandês, que estava terminando um curso de pós-graduação em teologia sistemática. Um brilhante teólogo, mas principalmente, um homem de ação. Naquela mesma noite escrevi uma carta perguntando-lhe se queria pensar em juntar-se a nós. E, na verdade, quando voltamos para a Holanda, havia uma resposta nos esperando. Ele havia lido a minha carta com grande desagrado, escreveu Rolf. Tornar-se um missionário de voz melosa e sempre de Bíblia em punho era a última coisa que ele desejava ser. Por que será que eu pensava que ele estudara todos aqueles anos se, para ser missionário, tudo o de que ele precisava era saber cantar “Eis o estandarte”?

Mas desde que a minha carta chegara, continuou ele, não conseguira dormir nem uma noite. Deus havia trazido o assunto de volta à sua mente, noite e dia, enquanto almoçava ou trabalhava, estando sentado ou andando, até que por fim ele se entregara. Quando é que poderia começar?

E assim, esperneando e protestando, um terceiro membro juntou-se à nossa equipe. Hans levou-o imediatamente para uma viagem de orientação através da

Romênia. Tiveram experiências maravilhosas lá, testemunhando um verdadeiro desmoronamento da atitude reservada da igreja, naquele belo país. Foram espionados por dois homens que nunca os perdiam de vista, mas a despeito disto, conseguiram livrar-se das Bíblias, e até mesmo pregar algumas vezes em casas particulares.

Rolf voltou boquiaberto, e inteiramente convencido.

Comunicamos a Rolf nosso interesse em termos Bíblias em russo, de tamanho pequeno. Nem havíamos ainda terminado de desfiar o nosso rosário de dificuldades, quando Rolf fez eco ao pensamento de Filipe Whetstra, de que devíamos nós mesmos imprimir as Bíblias.

– Quanto custaria para imprimir cinco mil Bíblias? perguntou Rolf.

E eu tive de admitir que nunca pedira um orçamento. Rolf não me permitiu ficar naquela inércia. Juntos, eu e ele entramos em contato com casas impressoras da Holanda, Alemanha e Inglaterra. O melhor orçamento que obtivemos foi de uma impressora inglesa que disse que, para uma tiragem de cinco mil exemplares, imprimiria as Bíblias a três dólares cada.

– Está vendo? disse eu a Rolf, Hans e Corrie, no dia em que recebemos o orçamento pelo correio. Isso monta a quinze mil dólares!

Rolf e Hans acharam graça na minha reação.

– Você fica aí sentado, imobilizado por uma questão tão pequena como dinheiro!

É claro que, novamente, eles tinham razão. Eu aprendera a contar com o Senhor para o suprimento de pasta de dentes e lâminas de barbear. Quando, porém, o total chegava à impressionante soma de quinze mil dólares, eu tinha dificuldade em crer que o mesmo princípio podia ser aplicado.

Naquela noite, sentei-me à mesa da cozinha, com um talão de cheques aberto diante de mim. Tinha um título: “Bíblia Russas”. As entradas, começando em 1961, logo

depois da nossa volta da Rússia, até o momento, 1963, com todas as nossas economias, montavam a um total de menos de dois mil dólares.

Corrie veio sentar-se ao meu lado.

– Em que você está pensando, André?

Empurrei o talão de cheques para perto dela.

– Em dois anos, isto é tudo que conseguimos economizar.

Respirei fundo, sem coragem para dizer o que viria a seguir.

– Quanto você acha que esta casa vale?

Corrie não me respondeu. Ela ficou só me olhando.

– Nós a compramos por uma pechincha; mas com tudo o que já fizemos nela, o seu valor multiplicou-se várias vezes. Quanto você acha que ela vale? Dez mil dólares? Doze mil? Precisamos mais ou menos disso.

– A nossa *casa*, André? E logo agora que estamos esperando outro filho?

– Precisamos fazer alguma coisa para sair desse ponto morto.

O rosto de Corrie estava branco.

– Pode ser que Deus não queira que façamos aquelas Bíblias de bolso, disse ela, baixinho. Pode ser que a própria demora seja uma orientação divina.

– Eu sei, disse eu, eu sei.

Isso foi tudo o que dissemos naquela noite, a respeito de vender a casa. Corrie me disse na semana seguinte, porém, que ela começara a orar para que Deus a fizesse pensar na casa não como sendo nossa, mas como pertencendo a ele.

“Ela deve ser tua, para que façamos com ela o que tu queres”, começamos a orar juntos todas as noites. “Não obstante, sabemos que na verdade não sentimos que deva ser desta forma, Senhor. Se tu desejas que vendamos a casa para imprimir as Bíblias, precisas operar um pequeno milagre em nosso coração para tornar-nos dispostos.”

Chegou o outro filho, a criança que esperávamos há tanto tempo: uma menina. Demos-lhe o nome de Estefânia. Destinamos todos os presentes em dinheiro que lhe foram dados, ao fundo de Bíblias. Porém, vinte anos daquele tipo de economias, ainda não seriam suficientes. Paramos de pedir disposição, e começamos a pedir a Deus que nos desse *disposição* para nos *dispormos* a vender a casa.

Por fim, ele respondeu nossa oração. Certa manhã, eu e Corrie inesperadamente descobrimos que não precisávamos daquela casa, nem de qualquer outra coisa na Terra para sermos felizes.

– Não sei ainda onde vamos morar, começou Corrie, e depois riu. Lembra-se, André? Não sabemos para onde vamos...

E eu terminei a sentença que havíamos repetido tantas vezes:

– ... mas vamos juntos.

Naquele mesmo dia, recebemos uma avaliação da casa e do terreno. O total, somado às nossas economias, dava um pouco mais de quinze mil dólares!

Era a confirmação que necessitávamos. Pusemos a casa à venda, e escrevi ao impressor na Inglaterra, pedindo-lhe para começar a fazer as chapas da maneira como havíamos combinado. Naquela noite, eu e Corrie dormimos com uma disposição mental bem mais feliz e mais positiva do que a que experimentávamos há meses.

Como Deus é fiel, como é inteiramente digno de fé, como é bom, além de toda imaginação! Ele pede tão pouco, a fim de nos dar tanto! Sim, pois embora o problema habitacional em Witte ainda fosse agudo, não veio nem uma pessoa ver a casa, durante toda aquela semana. E na sexta-feira, Corrie gritou:

– Telefone, André!

Desde que Hans e Rolf estavam viajando a maior parte do tempo, havíamos sido forçados a instalar um telefone em casa. Muitas vezes eu me ressentia das interrupções que ele causava. Mas não naquele dia. Porque

era um telefonema da Sociedade Bíblica Holandesa, perguntando-me se eu poderia ir lá e ter uma conversa com a sua diretoria, naquela mesma tarde.

Dáí a algumas horas, eu estava sentado juntamente com a diretoria, ao redor de uma mesa. Eles explicaram outra vez que estavam empenhados em sua própria obra. Mas não haviam conseguido tirar da mente a minha necessidade. Se eu pudesse tomar providências para que a impressão das Bíblias fosse feita em outro lugar...

Eu já tomara? Na Inglaterra? Bem, ali estava o que eles propunham: eles pagariam a metade do custo. Se as Bíblias custavam três dólares cada uma, para serem impressas, eu poderia mandar imprimi-las para a Sociedade Bíblica Holandesa, e depois comprá-las dela pela metade do custo. E embora a Sociedade pagasse por toda a edição tão logo ela ficasse pronta, eu precisaria pagar as Bíblias só à medida em que fosse precisando delas. Se esse plano fosse satisfatório...

Claro que era satisfatório! Eu mal podia crer no que estava ouvindo. Eu teria possibilidades de comprar mais de seiscentas Bíblias – que era o que podíamos carregar, de cada vez – imediatamente, com o dinheiro do nosso fundo de “Bíblia Russas”. E não precisaríamos vender a casa, e Corrie poderia continuar fazendo as cortinas cor-de-rosa para o quarto de Estefânia, e eu poderia preparar meus canteiros de alface. Eu quase não agüentava esperar para contar a Corrie o que Deus fizera com aquele pouquinho de *disposição* que lhe havíamos oferecido.

Por fim, as Bíblias de bolso já eram uma realidade. Quando saí dos escritórios da Sociedade Bíblica Holandesa, já sabia que dali a seis meses, no começo de 1964, poderíamos fornecer aos pastores russos as Bíblias de que necessitavam tão desesperadamente.

Rolf estava para casar-se. Eu e Corrie, como que cumprindo um dever, havíamos lhe recitado as desvantagens da situação e as separações que ocorreriam entre ele e

sua esposa, em nosso tipo de atividade. Porém, como Rolf fez notar, a nossa felicidade era o melhor argumento do mundo contra a sua vida de solteiro. Elena poderia ir com ele nas viagens. Ela poderia ser um membro da equipe e tão eficiente como os homens.

Assim, fomos os seus padrinhos de casamento, e demos-lhes uma missão a cumprir na lua-de-mel, a qual fazia bater-nos o coração: estava pronta a primeira tiragem de Bíblias. Rolf e Elena deveriam ir buscá-las na Inglaterra.

Agora, tínhamos um segundo veículo: uma perua especial para viagens longas. Não tinha janelas na traseira, e podia comportar mais carga que o Opel. Rolf e sua jovem esposa puseram a perua em uma barcaça e rumaram para a Inglaterra, onde apanharam a nossa primeira remessa de bíblias de bolso. Que dia memorável foi aquele, quando Rolf e Elena irromperam por nossa casa adentro, trazendo uma das novas Bíblias, de nossa própria edição! Peguei-a na mão esquerda, tendo na mão direita um exemplar comum. Que diferença! Senti que devíamos nos pôr a caminho o mais depressa possível.

O dia 16 de maio de 1964 foi a data de nossa partida. Eu sabia que iria precisar de todo o apoio de um companheiro, para aquela aventura, mas Hans estava na Hungria; então, o recém-casado Rolf foi convocado.

Era um domingo de manhã, em Moscou, hora de ir à igreja. Rolf e eu deixamos a perua com grande inquietação. Quanto valia a nossa mercadoria não declarada! Naquela época, com o valor de uma Bíblia, podia-se comprar uma vaca, nas regiões agrícolas. Aquela carga representava seiscentas e cinquenta vacas. Considerando-se apenas a questão monetária, era uma respeitável operação de contrabando. Planejavamos doar as Bíblias, mas isso não fazia diferença se fôssemos apanhados com elas em nosso poder. Exatamente naquela época, um homem estava sendo julgado por um “crime econômico” contra o Estado do povo. Outro homem, acusado do mesmo

crime, fora, recentemente, executado por um pelotão de fuzilamento. Se fôssemos apanhados... bem, não era hora de pensar naquilo.

Ivanhoff estava na plataforma da igreja, naquela manhã. Quando ele olhou para a galeria dos visitantes, estou certo de que nos reconheceu, embora não tenha dado sinal disso. Poucos minutos depois ele se levantou e deixou o santuário. Não voltou, nem estava no vestíbulo depois do culto. Porém, subitamente, uma voz cordial disse, às minhas costas:

– Bem-vindo à Rússia!

Era Markov. Apresentei-o a Rolf.

– Trouxemos presentes, disse-lhe eu.

– Maravilhoso! gritou ele. Boas notícias!

A sua voz era mais alta do que o necessário, e percebi que era para despistar. Ninguém se preocuparia em querer escutar, se estivéssemos falando abertamente.

– Gostaria de saber onde poderíamos visitar algumas atrações turísticas.

– Que tal o mesmo lugar de antes?

O mesmo lugar! A dois minutos da Praça Vermelha! Markov podia ter nervos de aço, mas eu não.

– Eu preferiria ver outras paisagens.

Pela primeira vez, Markov baixou a voz.

– Na estrada para Smolensk há uma grande placa azul que diz “Moscou”. Encontro-o ali às cinco horas. De lá vou levar vocês para outro lugar. Tragam os presentes já desempacotados, para que possamos agir depressa.

Isso parecia melhor, mas Rolf e eu ainda precisaríamos resolver o problema de onde desempacotar aquelas Bíblias. Levaria pelo menos meia hora de trabalho ininterrupto, em lugar onde não fôssemos espionados.

No estacionamento de turistas, tive uma idéia.

– Vamos dar uma volta, disse eu. Você fica admirando a paisagem, enquanto eu me abaixo na parte de trás e começo a desempacotar. Tudo o que você tem de fazer é ir rodando.

Contudo, eu nem bem começara, quando a perua breiou, jogando-me para a frente. Arrastei-me para a frente, e escondi-me atrás do banco. Um policial estava se aproximando do carro.

– Ore! falou Rolf entre dentes, e então enfiou a cabeça para fora.

– O que é que há, “seu” guarda? perguntou ele em holandês.

O policial metralhou raivosamente uma longa sentença em russo e depois traduziu umas poucas palavras em inglês.

– Não virar! Não virar! diz placa!

– Havia algo errado com aquela virada, “seu” guarda? disse Rolf, ainda em holandês. Sinto muito, mesmo. Não estou acostumado a guiar em uma cidade tão grande e bela como Moscou.

O guarda estava cuspidando palavras ásperas em russo, outra vez. Encostei-me na parede lateral da perua, orando para que o guarda não olhasse para dentro. No fim de um século, ouvi-o dizer mais alguma coisa em russo, mais calmo.

– O mesmo para o senhor, “seu” guarda, respondeu Rolf em holandês. E eu desejo ao senhor e ao seu povo o melhor do amor de Deus.

Rolf pôs a perua em movimento, e saiu lentamente, misturando-se ao tráfego intenso. Só alguns quarteirões adiante foi que respirei, aliviado.

– Não vamos mais tentar fazer isso. É demais para mim!

Passamos o resto da tarde procurando um lugar para terminar o trabalho. Finalmente, às quatro horas, percebemos que, prontos ou não, precisávamos nos dirigir ao lugar do encontro. Assim, em um estado de espírito que não combinava com a radiação do céu ensolarado, rodamos para a estrada de Smolensk.

– Por que é que estamos preocupados? disse Rolf repentinamente. Estamos na obra de Deus! Ele preparara o caminho para nós!

E como para provar a sua convicção, começou a cantar.

Curiosamente, à medida que o ambiente dentro da perua se iluminava, o céu lá fora escurecia. Primeiramente, uma nuvem escondeu o Sol; depois, uma pesada cortina de nuvens espalhou-se rapidamente por todo o céu, escura e ameaçadora. Relâmpagos brilharam à distância. O trovão respondeu. Mesmo assim, Rolf e eu continuamos rodando, a cantar.

Depois, começou a chuva.

Em todas as minhas viagens, eu jamais vira uma chuva como aquela. Foi como se um reservatório celestial se tivesse rompido, fazendo com que um sólido lençol de água caísse sobre a terra. Não tínhamos escolha: paramos no acostamento da estrada. Outros carros também tiveram de abandonar a rodovia. As vidraças ficaram embaçadas. Mal podíamos ver os limpadores de pára-brisa, que lutavam para afastar a água...

– Veja...

– Eu sei...

– Deus nos tornou invisíveis! disse Rolf.

Louvando-o, pulamos para a traseira da perua, rapidamente tiramos o resto das Bíblias dos esconderijos, e as colocamos em caixas de papelão. Voltamos para o nosso lugar e nos assentamos confortavelmente, exatamente quando a chuva cessou, e o céu clareou de novo.

Precisamente às cinco horas, chegamos à tabuleta de Moscou. Markov passou por nós, com os faróis ainda acesos, apesar de a tempestade já ter passado. Piscou-os uma vez. Às cinco e dez, paramos defronte de uma espécie de supermercado onde havia muita gente descarregando caixas ou empilhando-as em caminhões. Levamos cinco minutos para fazer a transferência. Depois de três anos, fora feito o primeiro pagamento de uma promessa feita a alguns pastores.



20

O DRAGÃO ACORDA

Debaixo do avião em que viajava se estendia a grande ilha rochosa chamada Hong Kong, capital da colônia da coroa britânica que se assenta como uma borboleta frágil na cauda do dragão não-tão-adormecido que é a China Comunista. Para lá dela, está o território da China Continental, estendendo-se a perder de vista.

Por uma fração de segundo, fiquei admirado de não ver um muro alto ao seu redor. Era dessa forma que a China Vermelha se me afigurava: trancada, fechada, inacessível. Mesmo quando eu estava aprendendo a distinguir entre Círculo Exterior e Círculo Interior, na Europa Comunista, eu nunca tentara classificar a China. Para mim, ela estava num mundo à parte, selado e inacessível a um cristão, muito mais do que os regimes mais totalitários da Europa.

E então, um dia em Moscou, eu me sentei ao lado de um chinês, em um ônibus. Havia centenas de chineses em Moscou, naquela época, mas o homem com quem falei trazia uma cruz na lapela. Começamos a conversar em inglês, e ele me contou que era o secretário da ACM em Changai. Fiquei aturdido. A Associação Cristã de Moços ainda estava aberta em Changai? Sim, garantiu-me ele: aberta e operando; deu-me o seu cartão de visitas, e convidou-me a ir à sua casa.

E daquele dia em diante, uma esperança pelo impossível começou a crescer dentro de mim: ministrar aos cristãos isolados da China.

Mas havia tantas perguntas a serem respondidas antes que pudéssemos começar! Afinal, quantos crentes havia na China? Eu sabia que a grande maioria da população nunca fora cristã. Por outro lado, a China fora, provavelmente, palco de maior esforço missionário que qualquer outro país. O que havia acontecido com a devoção de tantos homens e mulheres? Será que as congregações que eles haviam fundado ainda estavam funcionando? Estariam eles sofrendo perseguição? Estariam se reunindo em segredo? Se eles ainda existiam, estariam tão famintos de Bíblias quanto as igrejas da Europa Oriental?

Essas eram as perguntas que precisávamos responder. E assim quando, em 1965, fiz uma viagem à Califórnia, EUA, para realizar algumas palestras, decidi, simplesmente, continuar avançando para o oeste: o plano era visitar Formosa e conversar com pessoas que conheciam a China, e depois, tentar entrar na própria China Continental. Eu contava com meu passaporte holandês: os holandeses, em certas circunstâncias, tinham permissão para penetrar naquela que era mais forte que a de ferro.

Mas agora, no avião que chegava a Hong Kong, descobri que começara tudo errado. O homem que estava ao meu lado, um banqueiro de Hong Kong, olhou-me de maneira curiosa, quando lhe disse que me destinava à China.

- Você não embarcou em Formosa?
- Sim, passei dez dias lá.
- Deixe-me ver o seu passaporte.

Ele folheou as páginas, procurando o carimbo de Formosa, mas parou logo no começo, na página em que estava o visto dos Estados Unidos.

- Estados Unidos! disse ele.
- Sim, acabo de chegar de lá.

– Rapaz, você nunca entrará na China Vermelha com este passaporte.

Geralmente, eu gostava quando alguém me dizia que uma aventura missionária era impossível, porque me dava a oportunidade de experimentar o método de Deus de lidar com o impossível. Mas nem bem eu me hospedara na Associação Cristã de Moços em Hong Kong, quando comecei a ouvir fatos ainda mais desencorajadores. Hong Kong, ao que parecia, estava cheia de missionários que tentaram entrar na China Continental, e não haviam conseguido. Nesse número estavam médicos e professores com uma longa folha de serviços prestados ao povo. Hoje, nada disso os credenciava: o fato de que eles haviam sido acreditados durante o regime pré-comunista, automaticamente barrava-lhes a entrada no país.

Quando ouvi esses fatos pela centésima vez, a minha confiança vacilou. Talvez eu devesse arrumar um passaporte novo, que não tivesse nenhuma das minhas viagens anteriores registradas nele.

De Kowloon, onde está localizada a ACM em Hong Kong, peguei a balsa e atravessei para a parte principal da cidade, situada na ilha rochosa, e dirigi-me ao consulado holandês. Encontrei o cônsul por detrás de uma cortina de fumaça espessa e acre, dando baforadas em um cachimbo de barro de cano longo, o que me fez sentir saudades da Holanda. Quando eu lhe disse que desejava ir à China Continental, ele tirou o cachimbo da boca e começou a sorrir. Quando expliquei que era missionário, ele riu abertamente. Quando lhe contei francamente que desejava procurar crentes lá, e explorar as possibilidades de levar-lhes Bíblias, ele literalmente rompeu em gargalhadas.

– Posso ver o seu passaporte? disse ele.

Ele folheou rapidamente, sacudindo a cabeça.

– Impossível, disse ele, apontando para os vistos prejudiciais com o cano do seu cachimbo.

– Senhor, disse eu, é por isto que estou aqui. Quero um passaporte novo.

– Impossível, disse ele outra vez.

O Consulado de Hong Kong não tinha autoridade para emitir passaportes. Se ele mandasse a minha solicitação para a Indonésia, ainda assim, precisaria apresentar um motivo legal, e não havia. Ele mandou uma nuvem espiralada de fumo em direção ao forro. Percebi que a entrevista estava encerrada.

A princípio, fiquei desapontado porque o meu recurso falhara; depois, repentinamente, percebi que estava contente. Agora, não haveria possibilidades de eu entrar na China pela minha própria mão. Eu cria que meu desejo de entrar na China provinha de Deus: os meios para fazê-lo, eu iria deixar também por conta dele. Na manhã seguinte, eu simplesmente iria ao consulado chinês, e requereria um visto, sabendo que se Deus realmente quisesse que eu fosse, o resultado seria a liberação dos documentos necessários.

Primeiro, pensei, eu tinha uma tarefa a cumprir. Lembrei-me de que Josué, ao se preparar para invadir a terra dos cananeus, enviara espias à sua frente, para percorrer a terra. Talvez fosse isso que eu precisava fazer: espiar a terra da burocracia chinesa. Já estava escuro – lojas e escritórios estavam fechados – mas saí à procura da “agência de viagens” chinesa, como era chamado o Departamento de Turismo daquele governo.

Como eu esperava, estava fechada. Em uma grande coluna, junto à porta, uma tabuleta anunciava em inglês: “Agência Chinesa de Viagens”. Na escura calçada, diante da porta fechada, comecei a fazer a oração da vitória, prendendo, pela fé, todas as forças que pudessem impedir-me de ir aonde Deus queria e proclamando o fato de que Cristo fora vitorioso de uma vez por todas, sobre todos os poderes que se opusessem à lei de Deus. Andei para lá e para cá, diante do edifício. Orei durante duas horas, ali no escuro.

Na manhã seguinte, voltei. Dessa vez a porta estava aberta. No alto de uma escadaria, havia um soldado

chinês sentado. Atrás dele havia uma sala enorme, apinhada de gente. Escolhi uma fila, e enquanto esperava, fiquei orando pelos funcionários e atendentes que estavam do outro lado do balcão, pedindo que Deus abrisse canais pelos quais eu pudesse alcançar aqueles cidadãos da China.

E então, chegou a minha vez. Dei um passo à frente, e um homem vestido com o “uniforme do povo” azul-pálido olhou para mim interrogativamente.

– Desejo requerer um visto para a China, disse em inglês. O homem tirou os olhos dos meus e começou a carimbar papéis.

– Você já esteve alguma vez nos Estados Unidos ou em Formosa? perguntou ele.

– Sim, senhor. Acabo de chegar de Formosa, e antes disso estive na Califórnia.

– Então, disse ele com um sorriso, você não pode entrar na China, porque esses países são nossos inimigos.

– Porém, disse eu, sorrindo também para ele, eles não são meus inimigos, porque eu não tenho inimigos. O senhor pode dar-me os formulários?

Sustentamos o olhar um do outro. Eu não sei o que aquele homem estava fazendo, mas eu estava orando. Ele me olhou penetrantemente, sem expressão, durante muito tempo. Então, por fim baixou os olhos.

– Você não vai conseguir nada, disse ele com um encolher de ombros.

Mas estendeu-me os papéis de requerimento.

Quando eu os havia preenchido, ele disse que eu saberia a resposta dali a três dias. O requerimento, juntamente com o passaporte incriminador, teria de viajar para Cantão.

Naquela noite eu jantei com um velho missionário da China.

– Eles me disseram que receberei a resposta daqui a três dias! disse-lhe eu jubilante.

O meu hospedeiro jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Isso apenas mostra como você conhece pouco a mente do oriental! disse ele. Eles sempre dizem “três dias” para a gente. Três dias, em chinês, é nunca!

Resolutamente, fechei os ouvidos para a sua brincadeira. Durante aqueles três dias eu jejei e orei quase continuamente. Fiz mais do que isso: fui à livraria evangélica local e comprei um suprimento de Escrituras em chinês para levar para dentro da “Cortina de Bambu”. Providenciei para guardar algumas das minhas roupas em Hong Kong, visto que eu teria muito pouco espaço na mala, que estava cheia, principalmente, de Bíblias. E esperei.

No terceiro dia, quando voltei ao meu quarto na ACM, encontrei um bilhete dizendo-me para telefonar para a agência chinesa de viagens. Em vez de telefonar, fui diretamente ao escritório. Quando o chinês levantou os olhos e me olhou, procurei ler a resposta na sua face. Mas ele era tão inescrutável como a reputação dos seus compatriotas. Por fim, cheguei ao balcão. Sem uma palavra, ele me estendeu o passaporte; grampeado a ele havia uma folha de papel, carimbada com o almejado visto, para viajar ao seu país.

Às oito horas da manhã seguinte, eu embarcava em um trem que saía da estação de Tsim Sha Tsui. Ele levaria duas horas para chegar à fronteira, atravessando a Colônia da Coroa Britânica, até a pequena cidade de Lo Wu. Ali, atravessando uma ponte ferroviária sobre um pequeno ribeiro, chegava-se à entrada da terra do dragão acordado.

Do lado britânico havia apenas um pequeno restaurante, e o escritório da estação e da alfândega. Fiquei cansado de esperar, e fui dar uma volta lá fora, perto da ponte, onde um soldado inglês estava de guarda. Um trem de carga estava matraqueando, através dela, em direção a Hong Kong, levando porcos e galinhas e produtos agrí-

colas para os milhões de pessoas da cidade inglesa. O soldado contou-me que aquela ponte era conhecida no local como Ponte da Lamentação. Todos os dias era necessário cercar os refugiados que haviam atravessado o ribeiro a nado, e escoltá-los de volta, pela ponte. Ele me contou como eles choravam e rogavam, e se agarravam à estrutura da ponte, não querendo voltar.

“Senhor”, orei silenciosamente, “faça com que um dia não haja mais pontes de lamentação. Faça com que venha logo o dia em que toda a humanidade pertença ao reino do teu amor.”

O meu trabalho agora era levar a cabo uma missão de reconhecimento para aquele reino. Finalmente, o funcionário da alfândega inglesa disse que podíamos atravessar a ponte. Fomos em fila por um, pisando cuidadosamente nos dormentes. Havia cerca de meia dúzia de europeus no grupo; os outros, além de mim, eram principalmente homens de negócio da Inglaterra, França e Canadá. No meio da ponte, o tom de verde com que as vigas mestras eram pintadas, mudou. Estávamos na China Vermelha.

Desse lado da fronteira havia um complexo muito maior de prédios, bem arrançados, mas sombrios, cuja monotonia era quebrada apenas por uma profusão de gerânios plantados por toda parte. A inspetora da alfândega era jovem e bem atraente. Com o mesmo sorriso cortês do funcionário da agência de viagens, ela disse:

– Por favor, o senhor quer abrir a valise?

O meu coração acelerou-se. Dentro dela, sem nenhum esforço para escondê-las, eu havia colocado o suprimento de Bíblias em chinês, com o qual iria testar a reação da China à presença de um missionário. Como será que aquela jovem funcionária iria reagir?

Ergui a tampa da mala, revelando a pilha de Bíblias. E quando o fiz, tive a primeira experiência desconcertante com os comunistas chineses.

A funcionária da alfândega não tocou em nada em

minha mala. Ela olhou para as Bíblias durante um momento, depois levantou os olhos:

– Obrigada, senhor, disse, sem deixar de sorrir. O senhor está levando relógio? Tem máquina fotográfica?

Nenhuma reação, absolutamente, ao que vira na mala. Ela tinha vinte, talvez vinte e cinco anos. Será possível que nunca tinha visto uma Bíblia? que não tinha idéia do que fosse aquilo?

O trem de Cantão estava esperando. O velho carro de passageiros estava imaculadamente limpo, e flores viçosas enchiam vasilhinhos enfileirados entre os bancos. Uma comissária servia chá quente. Quando o trem saiu, dei uma olhada no relógio: estávamos saindo em cima da hora. A comissária, depois de parar um momento procurando as palavras certas em inglês, sorriu para mim:

– O *nosso trem* na hora, disse ela.

Foi meu primeiro encontro com o “nosso” da China moderna. Aonde eu ia, ouvia falar de “nosso” trem, “nosso” revolução, “nosso” primeiro carro feito na China. E na estação ferroviária de Cantão, tive a idéia de como tal sentimento nacional é criado e mantido. Por toda parte havia montões de matéria impressa, muito bem impressa e ilustrada, e gratuita. Acontecia o mesmo no hotel em que fiquei: pilhas e pilhas de literatura esperavam-me no saguão, no refeitório, em todos os patamares da escada. Os impressos que havia no hotel eram escritos em línguas européias – alemão, inglês, francês – e obviamente destinavam-se ao viajante europeu. Mas por toda parte havia literatura destinada ao consumo interno. Cada revista, jornal, filme e peça teatral, tinha uma dupla mensagem: seja grato à Revolução. Odeie os Estados Unidos.

Certa noite, fui a um teatro onde uma equipe de acrobatas infantis estava se apresentando. O palhaço era um menininho endiabrado, que estava sempre tentando acender uma bombinha. De cada vez, exatamente quando o fogo do pavio estava a passar para a

pólvora, o herói da peça o apagava. A cada episódio, a bombinha se tornava maior, até que se tornou uma bomba atômica, coberta por uma enorme bandeira americana. Mais uma vez, no último instante, o herói conseguiu a vitória e destruiu a bomba. Diante disso, o auditório ficou histérico, pulando e gritando em um êxtase de alegria e patriotismo.

O outro tema de toda propaganda – entusiasmo pela revolução – era incansavelmente apresentado, à sua maneira, igualmente eficaz. Durante a minha permanência em Cantão, visitei um asilo de velhos. Pelos padrões europeus, era extremamente primitivo, mas os homens e mulheres ali pareciam contentes: alguns tecendo, outros limpando o edifício, todos ocupados em alguma forma de trabalho produtivo.

A chefe da comunidade, uma senhora de seus oitenta anos, saudou-me através da intérprete, e fez um pequeno discurso. O tema parecia ser como os velhinhos sentiam-se felizes e úteis após a revolução.

– Antes da libertação, disse ela, os velhos eram largados para morrer nos campos. Depois da libertação, todavia, tudo era maravilhoso.

Os outros velhos mal levantavam os olhos, enquanto a líder falava. Contudo, cada vez que ela falava as palavras “depois da libertação”, era como se um botão tivesse sido apertado. Todos os rostos se tornavam animados. Todas as mãos começavam a bater palmas. E depois, quando a líder continuava, eles voltavam aos devaneios da velhice.

Mas se o entusiasmo dos anciãos parecia pouco espontâneo, não era assim o dos jovens. O jovem que me serviu de intérprete em Changai, uma semana depois, tinha um claro fervor evangelístico. “Antes”, Changai era notória pela prostituição; “depois”, as prostitutas haviam sido levadas aos campos de treinamento, onde haviam aprendido profissões úteis. “Antes”, a China tinha um dos mais baixos níveis de alfabetização do mundo;

depois; “depois”, havia alcançado um dos mais elevados. E assim por diante.

Essa espécie de conversação me fazia ficar cada vez mais ansioso para visitar uma comuna. Afinal de contas, os guias eram empregados do governo, escolhidos a dedo e doutrinados para exercerem sua profissão. Certamente, o trabalhador comum não estaria tão entusiasmado com o maravilhoso mundo do “depois”.

Ao todo, durante a minha permanência na China, pude visitar seis comunas. A primeira tinha mais de dez mil pessoas. E foi ali que tive a primeira oportunidade de visitar informalmente uma família chinesa.

Eu mesmo escolhi a casa – uma pequena cabana coberta de sapé, em uma rua secundária – e foi-me permitido ir lá sem avisar antes. Um senhor de idade atendeu à porta. Ele e sua esposa nos mostraram a casa, com risadas ruidosas, e sorrisos ininterruptos. O orgulho era óbvio. Apontaram várias vezes para o seu celeiro, um caixão cilíndrico feito de bambu e cheio de trigo. Perguntei, através do intérprete, se os ratos não apresentavam sério problema. O velho riu.

– Ainda tem muito rato, disse ele, mas agora não nos importamos, porque há o suficiente para nós e para eles também. Mas não era assim “antes”.

Antes. Minha grande desvantagem, sem dúvida, era que não tinha idéia de como era “antes”. Era novato naquela terra complexa, e não tinha meios de fazer comparações. Em outra comuna, por exemplo, foi-me mostrado um hospital que, se fosse na Holanda, seria a última coisa que teríamos mostrado aos visitantes. A sala de operações não tinha nem iluminação adequada, nem recipiente de esterilização; a farmácia era uma sucessão de prateleiras vazias, e em algumas das salas as camas não estavam apenas sem lençóis, mas também sem colchão. Não obstante, em uma visita que tinha a intenção clara

de me impressionar, mostravam-me aquele lugar como se em sua maneira própria de pensar aquilo representasse progresso.

Será que assim tive uma idéia do “antes”?

O meu principal objetivo em Changai era encontrar de novo o Secretário da ACM que eu conhecera no ônibus, em Moscou. Inquirindo no hotel, para minha alegria, fiquei sabendo que a Associação Cristã de Moços ainda estava em funcionamento. Quando cheguei ao edifício, porém, minha alegria diminuiu: dentro, eu vi quase que apenas senhoras de idade jogando cartas. Aquela centro não era para jovens nem para moços, nem parecia muito cristão. Quase tudo o que restara daquela ACM era a associação.

Através do meu intérprete, perguntei por meu amigo. Para minha surpresa, ninguém havia ouvido falar dele.

– Você se importaria de averiguar? perguntei.

A recepcionista desapareceu por um momento, e voltou com a notícia de que ninguém conhecia aquele nome.

– Como poder ser isto? insisti. Esse homem era o secretário aqui! Certamente alguém deve se lembrar do seu nome. Você não se importa de perguntar mais uma vez?

Dessa vez a recepcionista demorou bastante. Quando voltou, estava sorrindo.

– Sinto muito, disse ela.

E então, usou uma frase que eu haveria de ouvir muitas vezes na China, quando estava procurando determinada pessoa.

– O seu amigo não está aqui. Está fora da cidade.

E isso foi tudo o que pude descobrir. Fiquei a imaginar por que aquele líder evangélico simplesmente desaparecera “permanentemente” fora da cidade, foi o meu pensamento. Quantos crentes na China de hoje estão permanentemente fora da cidade?

Em Moscou, o secretário me dissera que ainda havia

uma livraria evangélica funcionando em Changai. Achei-a sem qualquer dificuldade: uma pequena loja em uma rua afastada, mas aberta e bem estocada com Bíblias de todos os tamanhos. Qualquer pessoa em Changai podia comprá-las – Bíblias que eu precisara contrabandear para grande parte da Europa Oriental!

Fui bem recebido pelo gerente, que falava inglês, e me mostrou com orgulho a loja toda. Na parede, havia uma gravura de Cristo rodeado por criancinhas, todas loiras, de olhos azuis.

Peguei uma Bíblia de sobre a mesa. Para minha surpresa, li em inglês que aquele livro havia sido impresso em Changai.

– Impresso aqui? perguntei. Não foi em Hong Kong?

O gerente empertigou-se orgulhosamente:

– Na China, disse ele, fazemos de tudo.

Só quando lhe perguntei se o movimento da loja era bom, foi que sua fisionomia se anuviou um pouco. Eu passara uma hora na loja, e não entrara mais ninguém.

– Não muito freguês, disse ele tristemente.

Perguntei também quantas Bíblias ele vendia por mês.

– Não muitas. Não muitas Bíblias. Não muitos fregueses.

O governo permitia que aquela lojinha ridícula vendesse as suas antigüidades, porque ela não representava perigo. Ninguém se importava com ela.

Lembrei-me do que acontecera quando tentara distribuir Bíblias ali. Eu havia oferecido a primeira à minha intérprete em Cantão. Ela a devolvera: não tinha tempo para ler. Pensando que talvez fosse perigoso alguém ser visto aceitando uma Bíblia, tentei, em seguida, deixar várias, “acidentalmente” em quartos de hotel quando saía. Nunca consegui. Sempre, antes que eu abandonasse o hotel, a camareira corria atrás de mim, com a Bíblia na mão:

– Por favor, pertence a você?

Como último recurso, eu tentara distribuir Bíblias na rua. Os meus guias não faziam objeção. De fato, eles

pareciam ter pena de mim quando as pessoas, uma após outra, paravam para ver o que eu estava oferecendo, e depois me devolviam o livro.

E, agora, aquela loja. “Não muito freguês.” Saí daquela livraria evangélica bem estocada de Bíblias, e funcionando abertamente, mais desanimado do que nunca, desde que entrara na China. A perseguição é um inimigo que a igreja tem enfrentado e vencido muitas vezes. Mas a indiferença estava provando ser um inimigo muito mais perigoso.

Eu ainda tinha uma esperança. Por toda parte, garantiram-me que havia seminários teológicos ainda em funcionamento. A princípio, essa notícia me pareceu incrivelmente boa. Mas depois de visitar um daqueles seminários, minha opinião mudou.

A escola que eu visitei ficava nos subúrbios de Nanquim. Passei algum tempo com o diretor e um dos professores, em condições ideais: ambos falavam inglês. Ali, pensei, estava uma oportunidade de conversar com alguns cristãos sem ter, por toda parte, o olho crítico de um intérprete.

Todavia, logo que ficamos sozinhos, ficamos sentados em um embaraçoso silêncio, quebrado apenas pelo tinir ocasional de uma xícara de chá. Quando havíamos chegado ao fundo de nossas xícaras, e ninguém ainda falara, resolvi começar explicando que era missionário. Mas diante da palavra “missionário”, ambos pareceram chocados, como se eu tivesse falado uma palavra imoral, dentro daquelas paredes sagradas.

– Os missionários que conhecemos, disse o presidente, eram espiões.

Virou-se para o professor, e disse-lhe algo em chinês. O professor deixou a sala, e voltou um minuto depois, trazendo um livro enorme, aberto em uma página bem marcada de correspondência entre um missionário e alguns funcionários governamentais, a respeito de recursos naturais, reservas de alimentos, descontentamento popular.

Durante os quinze minutos seguintes aquele pequeno professor de uniforme azul correu, indo e vindo da biblioteca, e de cada vez trazendo um novo volume, sempre aberto em uma passagem sublinhada. Todos os livros eram de conhecidas editoras ocidentais. E parecia mesmo, que alguns missionários haviam regularmente dado informações às suas embaixadas. Nós, no Ocidente, jamais notáramos haver qualquer conflito entre lealdade a Cristo e lealdade à terra natal. Será que havíamos deixado atrás de nós, na China, um testemunho confuso, por causa disso?

Seja como for, a minha visita ao seminário de Nanquim estava destinada a ser puramente um acontecimento político. O presidente era membro da câmara de vereadores da cidade e estava profundamente envolvido no movimento comunista internacional. Cartazes antiamericanos estavam pregados nas paredes – com o inevitável chinês perseguindo o inevitável americano que carregava a inevitável bomba atômica.

A respeito do cristianismo ensinado naquele seminário, não fiquei sabendo nada. Uma coisa, porém, estava certa: estava vestido com a roupagem combativamente antiocidental de que toda instrução na China se reveste hoje.

Quanto se pode aprender a respeito de um país, em uma única visita superficial, dificultada pela barreira da linguagem e por intérpretes que, como se sabe, querem que a gente veja apenas o melhor que há? Impressões, talvez, são tudo o que se tem. Muitas das impressões eram positivas. A limpeza. A ausência de mendigos e de homens atrelados a jinriquixás. A honestidade. Algumas das impressões eram tristes. Os enormes restaurantes com um completo corpo de funcionários, onde eu era o único freguês. As ruas vazias onde o meu táxi era o único veículo motorizado à vista e a polícia de trânsito barrava a passagem dos pedestres quarteirões adiante, preparando-os para a rara aproximação de um automóvel.

Algumas impressões foram terríveis. Lembro-me da manhã em que estava deixando Nanquim. Eu estava me vestindo no hotel, quando ouvi gritos na rua. Corri à janela. Na praça, lá embaixo, centenas de homens, mulheres e crianças estavam executando um exercício militar em fileiras cerradas.

Àquela hora, antes que fábricas e escolas se abrissem, toda a população punha-se a marchar, a gritar, a dar estocadas, e a realizar toda uma série de manobras de grande precisão.

O táxi levou-me através do povo que realizava os exercícios. Quando chegamos à esquina, foi dada uma ordem para “Paralisar!”, manobra em que cada pessoa se imobilizava na posição em que estivesse: pernas prontas para dar um passo, braços estendidos... Todos aqueles braços pareciam estender-se para mim, dedos apontando, olhos acusando.

No avião, tentei me livrar daquela impressão. Mas os olhos ainda me perseguiam. Para aqueles olhos acusadores, eu era culpado, bem como meus amigos do ocidente? Que espécie de representantes de Cristo havíamos sido nós? Se nossa maneira de tratar os chineses os havia levado a se tornarem antiocidentais, era trágico; mas se os havia levado a se tornarem “anti-Deus”, era uma perda eterna. Fiquei recordando as palavras do líder de uma comuna, quando lhe perguntei se podia visitar a igreja.

“Nas comunas, senhor”, disse ele orgulhosamente, “o senhor não encontrará igrejas. Ora, a religião é para os fracos. Aqui na China nós não somos fracos mais.”

Eram oito horas da manhã de domingo, eu estava sentado na cama do quarto do hotel, em Pequim, esperando. Uma hora antes eu dissera ao guia.

– Hoje eu gostaria de ir à igreja.

– Igreja! dissera o guia.

Ele prometeu tentar, mas assegurou-me que havia

muito poucas igrejas, e principalmente igrejas protestantes, ainda funcionando em Pequim. Meia hora se passou. Se ele não chegasse logo, passaria a hora do culto matutino – nove horas. Mas um pouco antes das nove ele voltou, com a fisionomia, costumeiramente solene, agora bem animada.

– Senhor! disse ele, como se tivesse descoberto para mim algo bastante estranho e raro: *Achei* uma igreja. Venha comigo.

A igreja era desleixada e nada convidativa; não fiquei surpreso com o fato de o guia se recusar a entrar. Por isso, atravessei sozinho o portão de ferro enferrujado, e encontrei-me em uma grande sala nua, tão sem graça quanto o exterior. Em todo o recinto, havia somente dois pontos coloridos: uma senhora estava vestida com um casaco vermelho, e ao lado do púlpito havia uma bandeira chinesa.

Sentei-me atrás, exatamente quando uma velhinha se dirigiu tropeçadamente para um piano pequeno e desarmado, e começou a tocar. A melodia era de um hino inglês do século XIX, cujo ritmo e mensagem não eram, de forma alguma, apropriados para a China. Conteí cinquenta e seis pessoas na congregação, e creio que eu era a única pessoa que tinha menos de sessenta anos. Um ancião, com uma barbicha fina e olhos vagos e aquosos, levantou-se e começou a pregar. A maior parte da sua congregação aproveitou-se para tirar uma soneca.

Meu coração uniu-se àqueles pobres velhos, agarrados ao tênue fio da fé que lhes havia sido trazida por missionários, muito tempo atrás. Mas que chance tinha o evangelho, se era crido apenas pelos velhos? Que chance poderia ter, se era associado, em tudo, com os impérios do passado? Fiquei contente pelo fato de o meu guia ter ficado do lado de fora. Eu tentara convencê-lo de que o cristianismo era uma grande aventura. Mas isto? Quando me encontrei com ele à porta, depois do culto, surpreendi-me pensando que se aquilo era um exemplo do cris-

tianismo chinês, o governo teria pouco trabalho para acabar com ele. Precisaria apenas de um pequeno impulso

Assim, saí da China profundamente decepcionado. Descobri um raio de esperança no próprio descaso com que o governo lidava com as Escrituras. Aparentemente, não faziam esforço nenhum para impedir que elas fossem trazidas para o país, vendidas e mesmo impressas ali. Subestimavam claramente a Bíblia, e essa poderia ser a oportunidade de Deus. Eu sabia, por experiência própria, como a Bíblia podia ser uma ferramenta poderosa nas mãos do Espírito Santo. Eu mesmo não fora convertido simplesmente lendo aquele livro?

Mas, além de tudo, o Espírito Santo necessitava de homens na China. Homens dedicados, apaixonados, homens que tivessem visão. Aquela visita, mesmo sendo superficial, havia me ensinado que esses homens, na segunda metade do século XX não poderão ser ocidentais. Para ministrar aos chineses de hoje em dia, Deus precisa de mãos e vozes chinesas.

E assim, de volta à Holanda, uma nova oração foi acrescentada às que Corrie, Hans, Rolf, Elena e eu fazíamos diariamente pela nossa obra: que de algum lugar crentes chineses possam juntar-se a nós, para executar na terra de seus pais a obra de encorajamento e assistência que a história nos impede de realizar.



21

DOZE APÓSTOLOS DA ESPERANÇA

Não só para a China, mas também para os outros países, estava claro que precisávamos de mais membros para a nossa equipe. Pouco adiantaria aparecer em um país com protestos de amor e interesse, e depois nunca mais dar notícias. Nosso objetivo era visitar cada país comunista pelo menos uma vez por ano; mas o ideal seria ir mais frequentemente. Seria melhor, além disso, ir aos pares, pois descobríamos que esse método é muito melhor do que o ministério isolado, de um só. Mas onde encontraríamos participantes em número suficiente para tornar esse plano possível?

Não que não tivéssemos encontrado voluntários; quase todas as vezes que um de nós fazia uma palestra, alguém se oferecia para o trabalho. O problema era saber se aquelas pessoas eram mesmo as que Deus estava mandando para nós. Em um esforço para afastar os que buscavam novidades, e os que meramente estavam curiosos, eu sempre dizia:

“Logo que o seu ministério individual de encorajamento começar, atrás da ‘Cortina de Ferro’, entre em contato conosco, e então veremos se podemos trabalhar juntos.”

E uma vez, isso realmente aconteceu. Um dia, recebi uma carta de um jovem holandês chamado Marcus.

“Não sei se você se lembra de uma palestra que fez na Escola Bíblica Swansea, no País de Gales”, escreveu ele. “Você disse: ‘Quando você começar a trabalhar na ‘Cor-

tina de Ferro', poderemos conversar a respeito de um trabalho conjunto'. Bem, eu estou aqui. Então, agora podemos ter aquela conversa."

A carta trazia o carimbo da Iugoslávia.

"Olha isto aqui!" gritei para Corrie.

Ela também leu a carta. Será que aquele homem deveria unir-se a nós? Decidimos que, se ele escrevesse outra vez, levaríamos sua sugestão a sério.

Vários meses depois, recebemos mais notícias de Marcus. Ele estava de volta à Iugoslávia, em uma segunda viagem. Quando escreveu pela terceira vez, da Iugoslávia, declarou que havia cumprido as condições. Agora, ele queria ver-nos.

Um dia Joppie entrou correndo no escritório onde eu estava lutando com o eterno problema da correspondência.

– Marcus está aí, papai.

Empurrei a cadeira para trás, e desci as escadas correndo. Fiquei gostando de Marcus desde o primeiro momento em que o vi. Enquanto tomávamos café, ele nos contou suas experiências na Iugoslávia. Ele entrara com um carregamento de literatura que colocava em balcões de lojas e em bancos de praças. Depois, ele ficava perto, para ver as pessoas chegarem e pegarem o folheto. Era um tipo de evangelismo tímido, admitia ele, mas estava aprendendo.

– Acho que vou permitir que você faça uma viagem com Rolf, disse eu. Ele o apresentará a alguns pastores e membros de igrejas. Converse com eles, Marcus. Depois, volte e diga-me se você ainda quer trabalhar conosco.

Por três semanas, Rolf e Marcus viajaram pela Iugoslávia e Bulgária. Quando voltaram, eu não precisei perguntar a Marcus se ele queria ou não tomar parte no nosso ministério. Eu vi a resposta estampada em seu rosto.

"Eu não fazia idéia", foi tudo o que ele disse.

E assim, Marcus passou a fazer parte do nosso grupinho.

Mas com a sua vinda, parece que a obra quase explo-

diu, tão rápida foi a sua expansão; pouco depois todos nós estávamos viajando mais do que nunca.

Dois meses depois que Marcus passou a fazer parte da nossa equipe, Hans e eu deixamos a Europa a fim de visitar o único país comunista do novo mundo. Estávamos trabalhando na Tchecoslováquia, quando recebemos os vistos para Cuba; então, voamos diretamente de lá. Era a primeira viagem de Hans à América, e minha também, a não ser pela breve viagem que realizara para fazer palestras nos Estados Unidos. Que contraste com a fria e cinzenta Praga! Em Havana, o Sol quente refletia a sua luz em edifícios brancos, e brilhava nas ondas aos pés do Malecon. O povo era alegre e bem vestido. Na viagem de ônibus do aeroporto, pessoas inteiramente estranhas umas às outras, começaram a cantar juntas após rodarmos meia dúzia de quarteirões.

Hans dirigiu-se diretamente à Província de Oriente, na parte leste da ilha, enquanto eu permaneci na capital e localidades circunvizinhas. O hotel em que eu fiquei era o Habana Libre, ex-Hilton. Não fiquei surpreso quando chegou a costumeira ordem para prestar declarações na delegacia de polícia. Também não fiquei surpreso com a longa demora na sala de espera; os países burocráticos são os mesmos: com ou sem Sol.

O policial que finalmente me recebeu, estava um tanto eriçado de suspeita.

– O que é que você veio fazer aqui? perguntou em um inglês muito vacilante.

– Vim pregar o evangelho, disse eu.

Na sua mão estava meu passaporte, que mostrava minhas viagens à Rússia, Estados Unidos, e a outras nações. Ele suspeitou claramente de um motivo mais complicado. Fez-me várias outras perguntas, anotou muita coisa, e finalmente permitiu que eu voltasse para o Hotel. Houve outros interrogatórios, nos quatro dias seguintes, mas neste ínterim, como eu havia dito, comecei a pregar. A igreja onde realizei as reuniões era relativamente grande, tinha um templo atraente e um bom órgão; tinha um pastor, e exatamente

dois membros na sua congregação oficial. Outrora ela tivera grande número de membros, mas isso fora antes de começar a campanha anti-religiosa: os tumultos de rua, os gritos estridentes dos alto-falantes durante os cultos, a escavação do asfalto, a infiltração de policiais.

Não obstante, trinta e cinco cubanos vieram à igreja para ouvir-me naquela primeira noite. Na segunda noite, os trinta e cinco voltaram; na terceira e quarta noites, vieram sessenta, depois, mais de cem. Sem dúvida alguns daqueles “crentes” eram policiais, mas fiquei contente de vê-los ali a me ouvirem. Fui cuidadoso em ater-me ao evangelho, e eximir-me de assuntos políticos. Mas dentro daqueles limites, que são os mesmos para qualquer estado policial, fiquei espantado com a liberdade – de reunião, de viagem, de expressão – que existia em Cuba, em comparação com a dos países comunistas mais antigos.

Durante as semanas seguintes, viajei pelos arredores de Havana, falando em várias igrejas, muitas vezes por dia, para multidões sempre maiores, algumas vezes de até seiscentas pessoas. Falei em inglês, idioma para o qual nunca tive dificuldade em encontrar um intérprete. Eu e Hans conservávamo-nos em contato regular, por telefone. Ele relatou que o controle policial era mais rígido e o povo mais temeroso no Oriente, região em que está a base militar dos Estados Unidos, do que em Havana.

Eu e Hans aprendemos logo a anunciar que éramos holandeses. Isso fazia muita diferença. A campanha de ódio contra os Estados Unidos é total em Cuba, e as pessoas, mesmo os crentes, estão confusas. O governo tem ressaltado muito o fato de que a maioria das igrejas protestantes de Cuba era, originalmente, missões americanas.

Todavia, todas as igrejas, católicas e protestantes, sofreram igualmente sob o novo regime, e o que mais sofreu foi o corpo eclesiástico. Padres e pastores são classificados como membros improdutivos da sociedade. Não lhes são dados cupons de comida nem de roupa, e frequentemente são forçados a fazer parte dos batalhões de

trabalho formados de homens considerados incapazes para o serviço militar. Viciados em narcóticos, homossexuais, sentenciados e clérigos são classificados no mesmo nível e enviados aos campos para cortar cana.

Não obstante, muitos desses bravos homens permanecem em seus postos. As igrejas permanecem abertas; e a fome espiritual é enorme. Onde quer que Hans ou eu falássemos, a notícia circulava e o povo se ajuntava; muitas vezes ficavam do lado de fora e enfiavam a cabeça pelas janelas e portas para ouvir. Algumas vezes parecia mais prudente não utilizar um templo. Lembro-me de uma tarde que fiquei sentado sobre um penhasco a cavaleiro de uma baía, conversando com um grupo de cerca de cinquenta universitários, enquanto um jipe cheio de soldados armados ia e vinha pela estrada que passava perto do lugar onde estávamos.

Aonde quer que fôssemos, as pessoas faziam perguntas a respeito de aprisionamentos e cadeias nos países comunistas que havíamos visitado. Faziam perguntas, também, que nos deixavam admirados do conhecimento que demonstravam do que acontecia no mundo da religião:

“Como ia o Centro Desafio Jovem de David Wilkerson, em Nova Iorque? Onde estava Billy Graham agora? O que era aquela loucura a respeito da ‘Morte de Deus’?”

Foi assim que descobrimos que as publicações religiosas, mesmo vindas dos Estados Unidos, ainda estavam entrando no país pelo correio.

Vários meses antes da nossa chegada, Fidel Castro anunciara o plano de permitir que o povo abandonasse o país. Centenas de milhares de pessoas colocaram seus nomes na lista. Contudo, só dois aviões por dia saíam de Cuba. Levaria dez anos para que as 900.000 pessoas da lista original pudessem sair do país. Neste ínterim, os que esperavam perdiam o emprego, a casa, e as propriedades. Não obstante, cento e noventa pessoas continuavam saindo diariamente, e outros criam firmemente que logo chegaria a sua vez. Foi entre essas pessoas que dese-

javam sair de Cuba que sentimos que nossa viagem teve o maior efeito.

Como fizéramos na Europa Oriental, recomendamos aos nossos ouvintes que reconsiderassem o papel do crente, quando o país está em dificuldade. Será que é fugir, ou permanecer? A vida na Cuba de 1965 não era fácil. Mas talvez Deus tivesse as suas razões para colocá-los naquele lugar, naquela hora. Talvez eles precisassem ser os braços, as pernas, e as mãos curadoras do Senhor para aquela situação, sem as quais ele não teria representantes naquela terra.

Uma noite, quando havíamos dito mais ou menos isso, um homem corpulento e bem vestido, com um grande bigode negro, levantou-se na congregação.

“Sou pastor metodista”, disse ele ao povo. “Durante os dois últimos anos tenho trabalhado como barbeiro. Mas Deus falou ao meu coração nesta noite. Vou voltar ao ministério. Sou um pastor que abandonou suas ovelhas, mas vou voltar para elas.”

Houve uma balbúrdia. Todo mundo na igreja queria apertar-lhe a mão. Ouvi gritos de alegria, gritos de “Gracias, pastor!”

Vimos muitas decisões. Um casal recebera as passagens de avião, há muito esperadas, para partir duas semanas depois da noite em que os conhecemos. Decidiram devolvê-las.

“De agora em diante”, disseram-nos eles, “Cuba é o nosso campo missionário.”

E quando embarcamos no avião que nos levaria para casa, eu e Hans sentimos que Cuba também era nossa. Ali estava um país aberto para Bíblias, para livros religiosos, para literatura de todo tipo, e para visitantes de todos os países, menos de alguns. Um país onde a menor fagulha de encorajamento que caísse no generoso e emotivo coração latino resultava em fogueiras de amor, consagração e sacrifício.

Foi muito bom que a viagem a Cuba tivesse sido rea-

lizada na época em que o foi, porque no ano seguinte entramos no último e mais severamente controlado país comunista. Foi tão difícil entrar lá e conseguir qualquer coisa, uma vez dentro dele, que necessitamos de todo restinho de otimismo que pudemos reunir, para não desistir logo de começo. Estou falando da pequena Albânia.

Eu estava na distante Sibéria, quando o nosso grupo finalmente teve a oportunidade de entrar naquele país. Uma agência turística francesa lavrou um tento ao conseguir a oportunidade histórica de preparar uma turnê de duas semanas pela Albânia. Rolf e Marcus participaram da viagem turística como “professores” holandeses.

Não levaram Bíblias, pois havíamos descoberto há algum tempo que não existiam Bíblias em albanês. Pior do que isso, não existia uma língua albanesa na qual se pudesse imprimir uma Bíblia. Naquele pequeno país de um milhão e meio de almas, eram falados pelo menos três dialetos incompreensíveis um para o outro: Skchip, Gheg e Tosk. As únicas Bíblias que havia no país eram em latim, nas igrejas católicas romanas, e em grego, nas igrejas ortodoxas. O resto do país era muçulmano.

A Sociedade Bíblica Americana informou-nos que tinham um Novo Testamento em Skchip na sua biblioteca, traduzido em 1824, mas achavam que não existia nenhum outro exemplar. Só depois da revolução comunista foi que houve um esforço para se criar uma língua albanesa unificada, e dificilmente poderíamos esperar que isso incluísse a impressão da Bíblia.

Contudo, Rolf e Marcus levaram consigo folhetos e porções das Escrituras nas três línguas albanesas. E quando os funcionários do aeroporto nem ao menos abriram suas malas, eles sentiram que haviam tido muita sorte. Havia uma lei rígida na Albânia, proibindo a importação de qualquer matéria impressa, fosse qual fosse, não importando que fosse resumida e apolítica, com a alegação de que consistia em “propaganda”.

Marcus e Rolf haviam levado a literatura mais por

hábito que qualquer coisa, sabendo que seria confiscada na fronteira. Ao entrarem no hotel em Tirana, tendo tudo aquilo intacto, sentiram-se encorajados.

Porém, não haviam contado com um empecilho: a obediência e o treinamento dos albaneses. Durante toda a viagem de duas semanas, eles tentaram distribuir aquelas porções das Escrituras. A reação geral do povo era cruzar as mãos atrás das costas. Eles não só rejeitavam os folhetos, mas também nem os tocavam. Até um bispo católico, a quem Rolf tentou dar um Evangelho de João em Gheg, virou-se e se retirou depressa pelo corredor da catedral, como se lhe tivessem oferecido veneno.

Por fim, desesperados, eles deixaram uma pilha de folhetos no peitoril da janela de um edifício comercial, pensando que talvez os transeuntes os pegassem quando ninguém estivesse olhando. Ficaram horrorizados quando, no dia seguinte, a noventa quilômetros dali, no itinerário da sua viagem, dois policiais chegaram ao lugar onde o grupo estava almoçando e perguntaram quem havia deixado aqueles folhetos na rua. O trabalho dos detetives não fora muito difícil, quando eles chegaram à conclusão que aquele era o único grupo de estrangeiros no país. Para que todo o grupo de turistas não fosse expulso, Marcus e Rolf tiveram de confessar que haviam sido eles, e jurar parar com aquela atividade “política”. Nenhum folheto dos que eles haviam deixado na rua havia sido pego.

E assim, do ponto de vista de futuro trabalho com literatura na Albânia, a viagem foi extremamente desanimadora. Quanto aos outros aspectos do país, os dois voltaram bem confusos. Os albaneses situavam-se entre as pessoas mais cálidas e afetuosas que eles conheciam, quanto às suas relações uns com os outros. A mesma afeição era pródiga em relação ao líder nacional, Enver Hodscha, pois ele estava realizando muita coisa, não havia dúvida a esse respeito. Aquela pequena nação, que desde tempos imemoriais fora campo de batalha das dissensões e contendas, entre outros países, dominada pela Tur-

quia, ora pela Itália, tinha, provavelmente, pela primeira vez na sua história, um governo preocupado com os interesses da própria Albânia.

Mas, mesmo que a língua do país tivesse sido chinês, Rolf e Marcus não teriam se sentido mais frustrados nas suas tentativas de estabelecer qualquer espécie de contato com o povo. Marcus falava um pouco de italiano e esperava, ocasionalmente, poder entabular conversa com algum albanês que falasse aquela língua, livre do inevitável filtro do intérprete do governo. Porém, mesmo quando a situação parecia ser ideal, havia um quase total congelamento de comunicação. Era um país em que ninguém conhecia nada, ninguém sabia de fato algum, ninguém se lembrava de nada.

– Oi, amigo! Marcus cumprimentava um operário fabril em um corredor deserto. Faz tempo que você trabalha aqui?

Um sorriso e um encolher de ombros:

– É difícil dizer, *signore*.

– Em que horário você trabalha?

– Ah! varia. Diferente todos os dias.

– Bem, ah... quantas pessoas trabalham nesta fábrica?

O sorriso se alarga, e o encolher de ombros é mais pronunciado:

– Quem pode saber? Quem já contou?

Marcus e Rolf sentiram que havia uma espécie de embotamento voluntário, um tipo de censura por parte de todos, em relação a tudo o que concerne à Albânia, contra quaisquer interrogações de estrangeiros.

A única vez em que a barreira caiu um pouco, foi em palestra com alguns clérigos. E mesmo então, a comunicação foi uma questão de delicado manuseio de palavras, quando o que não era dito se tornava mais importante do que o que era dito. Um jovem padre católico, em particular, acharam eles, ficou genuinamente alegre ao vê-los, ansioso para ouvir notícias do Ocidente, e para lhes contar a respeito da sua situação. A sua igreja fora Católica Romana até que a linha dura de Mao a forçara a quebrar

todos os laços com o exterior. Agora ela se chamava Igreja Católica Nacional.

– E dentro do país? perguntou Marcus. O governo deixa vocês à vontade?

– O governo não interfere oficialmente com a religião.

– Então, vocês têm liberdade religiosa?

– Por lei, temos.

– Você pode dizer o que quiser do púlpito, por exemplo?

– A resposta certa é sim.

E assim por diante, ia o circunlóquio longo e tedioso, que aparentemente não dizia nada, mas que de fato revelava tudo. Foi daquele jovem padre que eles ouviram a boa-nova em que mal puderam acreditar: em uma das igrejas ortodoxas gregas dizia-se que havia uma Bíblia na nova língua albanesa!

Marcus e Rolf imediatamente pediram para visitar aquela igreja. O sacerdote ortodoxo saudou-os e ao seu guia, polidamente. Sim, havia uma tradução novinha dos Evangelhos, no altar-mor da igreja. Eles gostariam de vê-la? Claro que sim!

Ele foi à frente deles, através da nave da antiga bazuca. Mesmo de certa distância, eles puderam ver o Livro sobre o altar: um enorme volume enfeitado de jóias. E então, de repente, a quatro passos do altar, o padre estacou tão abruptamente que Rolf deu uma trombada nele. Durante vários minutos os quatro ficaram em silêncio, olhando o tesouro que estava à sua frente. Quando o padre se virou para sair, Rolf explodiu:

– Mas, eu quero chegar mais perto! Não posso vê-lo? Quero dizer, abri-lo. Ver as páginas.

Quando o guia interpretou, os olhos do sacerdote se esgazearam de horror. Mais perto! Nenhuma pessoa a não ser um sacerdote ordenado podia aproximar-se mais de quatro passos das Santas Escrituras!

Então, gaguejou Rolf, qual era o valor de se ter uma

nova tradução? Visto que os sacerdotes sabiam grego, para que era essa Bíblia?

Ora, para ser carregada em procissão solene. Para receber as homenagens e a adoração do povo. Para que outra coisa podia ser a Bíblia usada? E pensem que conforto os fiéis podiam ter, ao saber que o próprio Deus havia falado na nova língua do grande povo da Albânia.

E assim, Marcus e Rolf voltaram para a pátria tendo visto apenas o exterior de um livro; com a sensação de que haviam visto, na verdade, apenas o exterior de um povo e de uma nação.

Neste ínterim, a nossa obra no resto da Europa estava ganhando vulto: cada mês fazíamos mais viagens do que no mês anterior. Com a nova frequência, sem dúvida, o perigo de sermos reconhecidos também cresceu. Procurávamos nunca mandar os mesmos dois membros da equipe para o mesmo país, em viagens consecutivas. Se dois homens haviam ido da primeira vez, na viagem seguinte procurávamos enviar um homem e uma mulher.

E foram Rolf e Elena, em uma viagem à Rússia em 1966, que passaram pela busca mais minuciosa, até então. Com o incremento das viagens para a Rússia, o contrabando de todo o tipo também cresceu, e a guarda da fronteira havia sido triplicada. Todos os dias, jornais publicavam notícias de prisões, multas, condenações. Desta vez Rolf e Elena estavam levando uma carga bem grande de Bíblias na perua Opel. Eu e Corrie havíamos orado com eles a noite inteira, antes de eles partirem.

“Lembrem-se, disse eu, de que essas pessoas que estão sendo apanhadas dependem apenas de seus próprios truques. Os seus motivos são, provavelmente, outra desvantagem para eles. Ódio e cobiça são fardos pesados. O motivo de vocês, por outro lado, é amor. Em vez de se jactarem da sua esperteza, devem reconhecer que são fracos... tão fracos que precisam depender inteiramente do Espírito de Deus.”

Como Rolf nos contou mais tarde, nossos pressentimentos de que teriam dificuldades foram corretos. Quando eles se aproximaram da fronteira, viram não um, mas seis oficiais de segurança, esperando por eles. Ele disse a Elena para começar a orar para que Deus confundisse os pensamentos daqueles homens.

“E não pare enquanto eles não terminarem, Elena.”

Pararam diante da barreira.

“*Dah zvi dahnya!*” disse Rolf cordialmente.

Saltou para fora do carro, e deu a volta para abrir a porta para Elena.

Um dos oficiais estava com uma folha de papel na mão. Rolf e Elena estavam palestrando casualmente a respeito da lua-de-mel extraordinária que estavam tendo, visitando inúmeros países da Europa Oriental.

“Mas também, esta não é a primeira vez”, disse o funcionário, estendendo o papel.

E então, leu uma por uma as cidades que eu e Rolf havíamos visitado em nossa última viagem à Rússia.

Aquilo realmente deixou Rolf perturbado. A inspeção parecia estar levando horas. Dois funcionários apalparam todos os cantos da perua por dentro, enquanto outros três trabalhavam do lado de fora... o motor, os pneus, as calotas. Suspenderam e baixaram os vidros, para ver se paravam a meio do caminho. Deram pancadas no painel.

“Senhor, confunde os seus pensamentos.”

Durante todo o tempo, o oficial que não tomava parte na inspeção, ficou examinando detidamente os rostos de Rolf e Elena. Era um jogo magistral de guerra psicológica. O oficial estava dependendo daquela risada despreocupada demais, daquele olhar significativo, daquela gota de suor, para ficar sabendo o que queria.

“Deixe-me dar-lhe uma mão”, disse Rolf, para um dos homens, enquanto ele lutava para tirar a tenda de acampar para fora da perua.

Ofereceu-se para abrir o porta-luvas, tirar pneus so-

bressalentes, tirar as tampas dos filtros de ar e de óleo. E durante todo o tempo, Elena estava orando.

Ao fim de um período de tempo interminável, a inspeção parou, simplesmente por não haver mais onde procurar. O homem que segurava o pedaço de papel dirigiu-se a Rolf.

– Você esteve na Rússia apenas algumas semanas atrás. Diga-me, por que é que você faz estas viagens frequentes ao nosso país?

Rolf estava debruçado na traseira da perua, dobrando a tenda. Deu um tapa na lona, que ressoou.

– Bem, disse ele, eu e o meu amigo gostamos tanto do seu país, que resolvi trazer minha esposa aqui. Mas ainda há outra razão. Temos um grande amor pelo povo russo. Um amor todo especial.

O oficial encarou Rolf, como se quisesse penetrar na sua mente. Mas eles não haviam encontrado nada no carro. Por isso, ele devolveu os documentos a Rolf, e com aparente relutância, fez sinal para que a barreira se abrisse.

Rolf e Elena mal podiam crer no que havia acontecido. Enquanto se afastavam da fronteira, choravam e riam ao mesmo tempo. Na perua, havia centenas de Bíblias a salvo. Os funcionários haviam estado a milímetros delas. Certamente, elas não estavam mais bem escondidas do que se um aventureiro amador as tivesse escondido. Qual era a diferença?

Rolf e Elena sabiam.

Um ano depois de se tornar membro da nossa equipe, Marcus também casou. Assim, agora éramos sete: eu e Corrie, Rolf e Elena, Marcus e Paula, e o solteirão do Hans. Foi então que Klaas e Eduardo e suas esposas vieram fazer parte do nosso trabalho.

Klaas e Eduardo eram professores em uma escola pública no sul da Holanda; Klaas ensinava Francês, e Eduardo, Matemática. Vieram com suas esposas à nossa casa, um dia, depois de ter ouvido uma palestra a respeito da obra, e fizeram muitas perguntas. Não disseram que dese-

javam trabalhar conosco. Conservaram em segredo o motivo da sua visita, querendo dar ao Senhor uma oportunidade de abrir-lhes a porta de forma iniludível.

Precisamente ao mesmo tempo, eu estava pensando a mesma coisa. Logo que conheci aqueles quatro, “fiquei sabendo” que deviam pertencer a nosso grupo. Não obstante, como é que eu poderia pedir-lhes que deixassem as suas boas posições para realizar um trabalho que não tinha salário, que era perigoso, que importava em longas separações, a menos que eu estivesse absolutamente certo de que o próprio Senhor fizera com que nossos caminhos se cruzassem? Por isso, eu também não mencionei a minha esperança, a ninguém, a não ser a Corrie.

Ali estávamos todos nós, portanto, orando exatamente pela mesma coisa, mas não falando de nossos desejos, para que um não influenciasse o outro.

A resposta de Deus veio vários meses mais tarde, de maneira tão inesperada que, a princípio, não compreendemos a sua orientação. Um dia, Klaas e Eduardo acharam, cada um deles, uma carta registrada junto com a correspondência na escola. Os diretores da escola informavam-lhes que a não ser que eles parassem de usar as aulas de Francês e Matemática para a evangelização, e deixassem de realizar reuniões de oração para os alunos, em suas casas, à noite, seriam solicitados a deixar suas cadeiras no fim do ano letivo.

A princípio Klaas e Eduardo ficaram perturbados, assim como quase todos os pais da comunidade, pois sua reputação era excelente tanto entre os alunos como entre seus pais. Quando eles nos escreveram dando a notícia, também fiquei desconcertado, e fiquei pensando na maneira em que um crente poderia enfrentar tal decisão: o seu trabalho de “evangelização” durante as horas de aula consistira apenas em mencionar as reuniões noturnas que seriam realizadas fora da propriedade da escola. E então, subitamente, entendi!

– Corrie! chamei. Corrie, escute esta novidade!

Corrie veio correndo da cozinha.

– O que é?

– Klaas e Eduardo podem perder o emprego.

Corrie olhou para mim como se eu estivesse brincando. E então, compreendeu. Claro! Não poderia ser esta a maneira de Deus dizer a Klaas e Eduardo que deviam se unir a nós? Naquela mesma semana, fomos de carro até à escola, e contamos aos dois casais sobre como orávamos, já há algum tempo, para que eles viessem fazer parte da nossa equipe.

Klaas e Eduardo olharam um para o outro, e começaram a rir. Então, contaram-me que durante meses eles estavam pedindo a Deus para lhes mostrar se deviam ou não deixar a escola para trabalhar conosco. E então, para mim, veio a melhor de todas as boas-novas.

– Há apenas uma coisa que eu gostaria de lhe pedir, disse Eduardo.

– O que é?

– O que eu mais gostaria de fazer, seria ajudar na correspondência e administração.

E então, falando rapidamente, como se desejoso de me persuadir:

– Sendo matemático, sou cuidadoso e meticoloso, e esse é o tipo de trabalho que gosto de fazer. Você acha que eu poderia ajudá-lo no serviço de escritório?

Olhei para Corrie. Ela estava tendo dificuldades para ficar séria. As cartas, naquele momento, estavam empilhadas em montões tão altos que uma xícara de café ficava perdida debaixo delas várias semanas. E ali estava nos sendo oferecida, sem que ao menos solicitássemos, a solução de Deus.

– Bem, Eduardo, disse eu, penso que talvez possamos arranjar isso.

O duodécimo membro de nossa equipe é um sujeito estranho: é formado de muitos segmentos diferentes. Quando fazemos palestras para vários grupos na Europa e na América do Norte, constantemente nos dizem:

“Será que eu poderia ir com você em uma viagem, apenas?”

Começamos a orar a respeito desses pedidos. Haveria alguma forma, pensávamos, de incorporar obreiros que dedicassem tempo parcial à nossa equipe?

Como experiência, começamos a consentir isso, de vez em quando, e descobrimos uma das aplicações mais dinâmicas e de maior alcance do nosso trabalho, até então. O sistema nos dá oportunidade de concentrar o tempo com uma pessoa individualmente, ensinando-lhe o que aprendemos, a respeito da vida de fé. Dá-nos um novo membro na cadeira de oração, depois que a pessoa se desliga do grupo. Mas o benefício maior e mais inesperado tem sido a disseminação de grupos semelhantes ao nosso, em outros países.

Creemos que o nosso grupo já cresceu o máximo que podia. Paramos de aceitar novos membros um pouco antes de nos tornarmos uma organização; em vez disso, somos um organismo, uma associação viva e espontânea de pessoas que se conhecem intimamente, interessam-se profundamente uma pela outra, e sentem uma pela outra a espécie de respeito que torna desnecessários regras e estatutos. Um grupo tem o tamanho certo, penso eu, quando cada membro pode orar todos os dias por todos os outros membros, individualmente e por nome, intercedendo pelas suas necessidades pessoais, bem como pelo sucesso de uma missão específica. Mas isso não significa que vinte, cinqüenta, cem outros grupos não possam se levantar, onde quer que o chamado seja ouvido, cada um obediente ao seu caráter particular, cada um trabalhando de maneira diferente para a vinda do mesmo Reino.

Esse é o papel que os obreiros de tempo parcial desempenham. Depois de uma viagem de instrução, esses obreiros vão para casa convencidos de que essa obra é possível.

“Eu não falei de outra coisa durante dois meses, depois que voltei para a Escola”, escreveu-nos um aluno do Instituto de Treinamento Bíblico fundado por Dwight I.

Moody, na Escócia, depois de uma viagem conosco à “Cortina de Ferro”. “Mais alunos estão interessados, e estamos planejando fazer uma viagem à Iugoslávia neste verão.”

Este é o aspecto pedagógico da nossa obra: o treinamento de outros missionários. Insistimos em duas coisas apenas, da parte dos homens e mulheres que aceitamos como obreiros de tempo parcial: que cada um deles tenha tido uma experiência pessoal com Cristo, e aprenda a trabalhar na plenitude do poder do seu Espírito. E enfatizamos a importância de um ministério positivo entre os comunistas. Se uma pessoa parece estar abrigando ressentimentos pessoais contra um certo governo ou se tem mais a dizer a respeito dos males do comunismo do que sobre a bondade de Deus, cremos que ele é um soldado mal armado para a batalha que se nos depara.

E assim, a obra avança, sempre em mutação, sempre nova. Hoje em dia, podemos levar Bíblias legalmente para a Iugoslávia. Nós não as contrabandeamos mais para aquele país, porque a Livraria Bíblica está outra vez em funcionamento, e fazendo grande movimento. Em vez disso, no ano passado, demos a Jamil mil dólares com os quais deveria comprar Bíblias para as igrejas que não têm dinheiro. É difícil acreditar que já faz mais de dez anos que conheço Jamil.

Na Bulgária, Abraão ainda está procurando o seu Goliás. Só que agora ele tem pedras para a sua fundação: Bíblias de bolso, que lhe estamos levando às centenas. Nosso alvo, para os próximos dois anos, é uma edição de bolso da Bíblia para cada país em que entramos, inclusive na nova língua albanesa. Uma vez que tenhamos a Bíblia, cremos que Deus nos mostrará como colocá-las nas mãos de sua escolha.

Na Alemanha Oriental, agora temos a liberdade de realizar concentrações evangelísticas, quase sem impedimento. Eu mesmo preguei para quatro mil pessoas de uma só vez, ali: duas mil sentadas em uma grande sala de con-

ferências, e mais duas mil, algumas de pé, nos fundos, outras ouvindo pelos alto-falantes instalados do lado de fora.

Com a vinda de Klaas e Eduardo e suas esposas para o grupo, estamos alcançando nosso alvo de visitar cada país pelo menos uma vez por ano. Voltei a visitar Cuba nesta primavera, e com a ajuda de Deus, visitarei mais dois países antes do fim de 1967: Coréia do Norte e Vietnã do Norte. Há alguns países que, certamente, podemos visitar mais freqüentemente; alguns deles, até doze vezes por ano. Onde quer que uma equipe se torne conhecida demais, outra toma o seu lugar.

À medida que Deus nos possibilita, estamos começando a satisfazer outra necessidade que há na “Cortina de Ferro”: carros para os pastores locais. Um automóvel é um par de asas para um ministro, levando-o a aldeias e cidades onde, às vezes, não há um culto religioso há anos, ajudando-o a unir comunidades evangélicas que nem se conheciam.

O primeiro desses carros foi enviado para Wilhelm e Mara, no sul da Alemanha Oriental. Quando voltei de uma visita a Wilhelm, e mencionei em uma palestra que aquele homem, apesar da tosse que o atormentava, estava viajando milhares de quilômetros por ano de motocicleta, vários holandeses se reuniram, e me presentearam com um cheque, a maior quantia que eu já havia recebido de uma só vez.

“André”, disseram eles, “este dinheiro tem um objetivo bem específico. Cremos que Wilhelm precisa ter um carro. Você quer comprar um para ele, e dar-lhe em nosso nome?”

Wilhelm mal pôde crer, quando cheguei de carro em sua casa nas belas montanhas da Saxônia e entreguei-lhe as chaves do seu carro novo. Mara nos escreveu mais tarde dizendo que a tosse quase que já desaparecera. O primeiro carro de Wilhelm ficou muito gasto, e ele já ganhou outro dos mesmos amigos holandeses. Com este, ele começou um trabalho missionário de equipe por conta própria, viajando pela Polônia e Tchecoslováquia, para realizar concentrações para a mocidade, com membros dos seus grupos da Alemanha Oriental.

E este, para mim, é o resultado mais entusiasmante de todos: o surgimento de um ministério dos cristãos de um país da “Cortina de Ferro”, em favor dos crentes de outro desses países. Certamente, era isso que Deus tinha em mente desde o princípio: que o bravo remanescente da sua Igreja, espalhado por muitas nações, adquirisse força pelo fato de unir-se, e perdesse o medo de estender a mão para uma ajuda mútua. Esses missionários de detrás da “Cortina” não têm dinheiro para viajar, e isso nós podemos ajudar a suprir, mas o resto da sua tarefa – liberdade para viajar dentro do bloco comunista, e liberdade para realizar reuniões e se corresponderem – é infinitamente mais fácil para eles, do que para nós que somos de fora. Uma igreja com a qual trabalhamos, na Tchecoslováquia, já enviou missionários para o Brasil e para a Coréia, onde eles já estão trabalhando lado a lado com missionários da Europa Ocidental!

E assim, a maré de transformação continua. Nem toda mudança é boa. Enquanto há um afrouxamento de restrições aqui, há costumeiramente um endurecimento ali. Quase ao mesmo tempo que a livraria evangélica se abria de novo em Belgrado, houve uma nova campanha de repressão contra os crentes, na Hungria. Durante os últimos meses, na China, centenas de milhares de Bíblias e hinários foram queimados, em meio a grande regozijo da Guarda Vermelha. Ou isso marca o fim do período do menosprezo desdenhoso do governo chinês, ou o começo de uma nova época de perseguição para os cristãos chineses, resta-nos ver.

Mas Deus nunca está derrotado. Embora ele possa ser contraditado, atacado, resistido, o resultado final jamais pode ser posto em dúvida. A cada dia vemos novas provas de que todas as coisas, mesmo até as más, cooperam para o bem dos que são chamados pelo seu nome.

Há um padre católico na Romênia a quem temos ajudado a comprar Bíblias e outras mercadorias, há vários anos. Em sua última viagem para a pátria, voltando de Viena, com

o carro lotado de Bíblias, ele foi detido na fronteira de seu país, e a carga foi descoberta.

O padre ficou angustiado. Já estivera preso uma vez, devido a uma falsa acusação de estar guardando contrabando, mas agora ele estava metido em um crime verdadeiramente sério, e era culpado mesmo. Uma Bíblia custa o salário de um mês na Romênia, e ele estava levando quase 200.

Naquele momento, chegou outro carro à fronteira. Dele saiu um negociante que era bem conhecido no posto fiscal. Encaminhou-se jovialmente para o posto, saudando cada um dos guardas pelo nome. Diante do balcão cheio de pilhas de Bíblias, ele parou de chofre.

– Bíblias? disse ele. Será que vocês não querem vendê-las para mim? Elas estão confiscadas, não estão?

– Sim, elas estão confiscadas, mas nós não podemos vendê-las para você.

O negociante piscou um olho.

– Nem mesmo, disse ele, por... e curvando-se, cochichou um algarismo no ouvido do chefe da Alfândega.

Os olhos do funcionário arregalaram-se.

– Será que elas valem tanto?

– Mais do que isso. Eu ainda vou ter lucro.

O funcionário pensou um momento.

– Deixe-me conversar com os colegas.

Os três guardas fizeram uma rodinha, e quando saíram do pequeno círculo, aparentemente haviam decidido que o preço era suficientemente alto para valer a pena o sacrifício dos princípios. Assim, o negociante pagou-os em dinheiro, obteve a ajuda do padre para carregar o carro de Bíblias, e entrou na Romênia.

No posto fiscal, pairava um silêncio embaraçoso.

– Ainda sou acusado de contrabandear Bíblias? perguntou por fim o padre.

– Bíblias? perguntou o chefe da alfândega. Que Bíblias? Não há nenhuma Bíblia aqui. É melhor você atravessar logo, enquanto o portão está aberto.

Quanto às Bíblias, embora tenham sido levadas ao

mercado negro, elas também chegaram sãs e salvas à Romênia, onde de alguma forma os crentes encontrariam o dinheiro suficiente para comprá-las.

Porém, dentro de todos os sinais dos tempos, para nós o mais encorajador é a crescente liberdade de locomoção na maioria dos países comunistas. Há milhares de visitantes vindos do Ocidente todos os anos, e desses milhares, que tal se apenas umas centenas fossem conscientemente como cristãos, procurando seus irmãos? Mesmo pessoas que jamais haviam pensado em ser missionárias, podem aí desempenhar um papel mais importante do que em qualquer outra coisa que se tenha feito até agora. Só em matéria de Bíblias: contrabandear um carro cheio é um negócio arriscado, mas a maioria dos fiscais da alfândega não dirá nada diante de um único exemplar na língua local (que se encontra nas Sociedades Bíblicas) entre os objetos de uso pessoal do viajante. A China e a Albânia são os dois únicos países que eu conheço onde uma Bíblia abandonada sobre uma mesa ou esquecida em uma cômoda não foi agarrada rapidamente por mãos famintas.

Mil turistas, mil embaixadores de Deus. Turistas que não visitarão os museus, fábricas, apenas, mas que encontrarão os lugares, na maioria das vezes pequenos e afastados, onde os crentes se reúnem para adorar. Que podem levantar-se nesses cultos, e falar apenas seis palavras abençoadas:

“Saudações dos seus irmãos da Holanda... da Inglaterra... dos Estados Unidos... do Brasil...”

– Onde é que isso vai parar? perguntei a Corrie. Onde poderá ser barrada essa inundação de amor cristão?

– Não sei, disse ela, e depois riu. Não sabemos o que nos espera adiante. Lembra-se? Não sabemos onde estamos indo, mas...

– Mas estamos alegres porque estamos indo juntos.

Juntos, nós dois. Nós doze. Milhares. Nenhum de nós sabe aonde esta estrada vai dar. Só sabemos que é a mais empolgante de todas as jornadas.

APÊNDICE

O que Está Acontecendo Agora?

Veza por outra duas perguntas são feitas a Tibby e a mim a respeito do trabalho do irmão André. A primeira é: “Como vão as coisas na ‘Cortina de Ferro’?” A segunda: “O que fazer para ajudar financeiramente?”

Na semana passada, recebemos a visita do irmão André aqui em Nova Iorque. Fizemos-lhe essas duas perguntas e aqui estão as respostas.

“Em muitos países da ‘Cortina’ as coisas mudaram... para pior. Um amigo meu regressou há pouco de uma viagem de quase dois meses pela China Continental. Relatou-nos que não encontrou mais igrejas funcionando ali. A Livraria Evangélica de Changai foi fechada. Não existe mais o seminário de Nanquim.

“A situação na Albânia ainda é muito difícil. O governo anunciou oficialmente, em declaração recente, que a Albânia é o primeiro Estado ‘verdadeiramente socialista’, querendo dizer com isso que instituições antiquadas, como a Igreja, foram suprimidas. Há algum tempo, em transmissão radiofônica, foi dito que o governo da Albânia desarraigou quase todos – só restam poucos – ‘aqueles indivíduos tão nocivos à sociedade, os crentes evangélicos’.

“Na Tchecoslováquia, é fácil de se imaginar. Hoje,

após a invasão russa, as condições estão piorando cada vez mais, à medida que a Rússia aumenta a pressão sobre os núcleos, dentro da sociedade tcheca, que não apóiam a política de linha dura do novo governo.

“A Rússia? Foi interessante notar a reação provocada pelo livro *O Contrabandista de Deus*. Durante algum tempo, foi impossível a carros procedentes da Holanda atravessar as barreiras da Rússia. Temos tido de utilizar outros recursos. Agora, por exemplo, estamos trabalhando entre as forças russas de ocupação, na Europa Oriental. Hoje, as centenas e centenas de rapazes que são mandados para a Europa Oriental, como parte do exército de ocupação, estão recebendo Bíblias e ouvindo testemunhos de pessoas da ‘Igreja remanescente’. Estamos constantemente em oração pedindo ao Senhor que pelo menos alguns desses rapazes retomem à pátria como missionários.

“Quanto ao trabalho em geral, está crescendo, mas ainda não chega para suprir todas as necessidades. A Igreja ainda é perseguida em todos os países comunistas que tenho visitado. Ainda há necessidade de que milhares e milhares de indivíduos do ocidente penetrem nesses países, em viagem de negócios, ou como turistas, levando palavras de ânimo e encorajamento e também literatura àqueles que estão famintos espiritualmente.”

Quando pedimos ao Irmão André para nos explicar como as pessoas interessadas em auxiliá-lo podem fazê-lo, ele nos mostrou uma carta. Era de um casal de idade e a letra estava tremida. Vinha de Phoenix, Arizona. Tinha sido reendereçada ao irmão André pela Sociedade Bíblica Americana, para onde tinha sido enviada. Dizia:

“Gostaríamos de enviar algum dinheiro para o ministério do irmão André. O que devemos fazer?”

“Cartas desse tipo sempre me emocionam”, disse André. “Eu informei a eles que podiam mandar o dinheiro para meu endereço da Holanda.

“Mas mesmo a parte financeira sendo tão importante, nossa necessidade básica é outra. Precisamos de um exército de milhares e milhares de indivíduos para levar Bíblias para dentro da ‘Cortina de Ferro’. Acima de tudo, porém, precisamos das orações fervorosas de nossos amigos ao redor do globo.”

A este pedido de oração, eu e Tibby desejamos acrescentar um pedido nosso. O irmão André não gosta de falar sobre sua saúde, mas amigos comuns nos informaram que seu coração não está bom. Os médicos aconselharam-no, várias vezes, a parar um pouco, tirar um bom período de descanso, e abandonar parte de sua pesada tarefa de contrabandear Bíblias e encorajar a outros. A isto, André balança a cabeça, como que para concordar, mas sua mente está longe dali: já está planejando outra viagem.

– *John e Elizabeth Sherril Chappaqua*
Nova Iorque

Apêndice da Segunda Edição

A JORNADA DO NOVO MILÊNIO

Em maio de 2001, o Irmão André mais uma vez veio à nossa casa, em Chappaqua, Nova Iorque. Agora a Liz e nossos outros filhos já se casaram e têm cada um o próprio lar. Hoje são os filhos deles que estão “brigando” com a ortografia da língua inglesa.

Desde a época em que *O Contrabandista de Deus* foi publicado, o mundo já mudou muito. O comunismo soviético implodiu; o muro de Berlim ruiu. E a missão “Portas Abertas”, que fora criada com a finalidade de dar sustentação ao Irmão André em sua tarefa de auxiliar os crentes que viviam por trás da “Cortina de Ferro”, ampliou bastante seus horizontes. Hoje essa organização – que conta com mais de trezentos obreiros de tempo integral, operando em quarenta países, e com voluntários e missionários que dão parte de seu tempo à obra – está assistindo famílias cujos chefes morreram por causa de sua fé. Ademais, providencia bolsas de estudo para seminaristas pobres; compra carros para pastores que não têm condições para isso; fornece impressoras para cristãos de países que antes eram fechados, para que eles mesmos imprimam suas Bíblias. O dinheiro para isso provém, na sua maior parte, de pequenas ofertas, doadas por milhares e milhares de cristãos comuns, pessoas “simples” como o Irmão André.

E a própria vida desse missionário também passou por

mudanças. Ele e Corrie, sua esposa, agora são avós. Embora André ainda conserve o mesmo corpo esbelto de quando o conhecemos, agora usa óculos e seu cabelo está grisalho.

Interiormente, porém, ele não mudou nada. Se a Sarah, filha da Liz, morasse perto de nós, muito provavelmente ele seria capaz de interromper uma conversa conosco para ir dar um passeio com ela. E ele continua com o mesmo espírito independente de sempre. Ele e a esposa se recusam a comprar uma lava-louças. O escritório dele é bem perto de onde ele mora, e muitas vezes ele larga o serviço e vai em casa trabalhar em sua amada horta. A sede da missão “Portas Abertas” na Holanda fica a uns cinco quilômetros de sua residência, e está equipada com todos os aparelhos que a tecnologia moderna oferece ao homem. Embora o Irmão André vá até lá de vez em quando, sua própria sala de trabalho é muito simples. Seu computador não está ligado na *internet*. Além disso, seu aparelho telefônico não dispõe de fax nem de secretária eletrônica.

“E também não vou instalar essa monstruosidade que é a segunda linha”, exclama ele. “Não gosto desse negócio de interromper uma conversa telefônica, com outra ligação.”

O Irmão André afirma que a tecnologia nos deixa muito vulneráveis às pressões e exigências do momento.

“Nossa prioridade maior deve ser ficar em silêncio, esperando pacientemente para ouvirmos a voz de Deus.”

E, de fato, em tudo que faz, André adota essa atitude de permanecer em oração na expectativa de ouvir o Senhor. E foi isso que o levou a assumir um novo objetivo em seu trabalho: alcançar o mundo islâmico.

Antes de entrar no assunto, porém, queríamos atualizar nossas informações sobre sua vida em geral. Como estava o problema da coluna? E era verdade que seu nome constava mesmo dos arquivos da KGB, que recentemente tinham vindo a público?

O Acidente

“Fui ao médico um tempo atrás”, explicou André, “e

ele me disse que eu tinha de parar de viajar. E depois falou: ‘É, mas eu já sei que você não vai me obedecer, vai?’ Respondi que não. ‘Pois então, não volte aqui quando sua coluna começar a doer.’”

E ao narrar isso, André sorriu. Compreendemos que ele, como nós, estava se lembrando de um acidente que sofrera, no qual, sem dúvida nenhuma, a mão de Deus estivera presente.

O Irmão André começara a ter problemas de coluna quando estava iniciando seus estudos no Colégio de Treinamento Missionário da CEM (Cruzada de Evangelização Mundial), em Glasgow, na Escócia. Ele tinha problemas nos discos cervicais, e sofria dores tão fortes que certo dia a esposa do diretor o encontrou caído no chão, desmaiado. E ele tentou de tudo para se curar. Tomou remédios, fez ginástica, parou a ginástica. Nada adiantou. Quando se formou, o diretor lhe disse que não precisava nem se apresentar a nenhuma organização para trabalhar como missionário. Estava claro que sua condição física não lhe permitiria viajar.

Mesmo assim, André acabou se tornando missionário, sem o suporte de nenhuma missão. E viajava o tempo todo, num pequeno fusca. Sentia tanta dor que geralmente precisava de ajuda para vestir o paletó, que gostava de usar sempre que falava em uma igreja. Por vezes, quando estava de pé, pregando, tinha de se firmar no púlpito ou no encosto de uma cadeira para manter a coluna reta.

Mais tarde, seus mantenedores conseguiram levantar dinheiro para ele comprar um Citroen. Esse carro tinha uma suspensão melhor, e ele podia viajar durante algum tempo com menos desconforto. Certa vez, quando viajávamos pela Hungria e Checoslováquia, fazendo pesquisa para o livro, André nos emprestou o veículo. Então constatamos que realmente, embora tenhamos passado vários dias rodando nele, quase não nos sentimos cansados ou doloridos.

Entretanto, apesar de as dores terem melhorado, elas eram constantes, e, em certos momentos, insuportáveis.

Alguns anos depois que o livro foi publicado, ele fez uma viagem ao Colorado, no oeste dos Estados Unidos. Na volta para a Holanda, ele planejava fazer uma parada em Nova Iorque. Deveria passar vários dias por aqui, para nos atualizar com relação ao seu trabalho, pois estávamos escrevendo um artigo para a revista *Guideposts*.

Então fomos ao aeroporto para esperá-lo. Todos os passageiros desembarcaram, mas André não viera. Ligamos para casa, e ficamos sabendo que pouco depois que havíamos saído alguém telefonara do Colorado. O Irmão André sofrera um acidente aéreo. Ele pegara um avião pequeno para ir do lugar em que estava para a cidade onde pegaria o vôo para Nova Iorque. Quando o aparelho se preparava para decolar, perdeu potência e embicou no solo. O piloto, temendo que se incendiasse, gritou:

“Salte e corra!”

André conseguiu saltar, mas, não, correr. Teve um sério problema nas costas.

Foi levado para um hospital em Salida, e ali lhe colocaram um colete de gesso. Afinal, quando removeram o colete, uma surpresa! Os problemas que ele tivera na coluna durante anos e anos simplesmente haviam desaparecido. A princípio, ele nem quis acreditar. Mas, lenta e cuidadosamente, ele foi aos poucos retomando suas atividades. A dor não voltou. O que houve foi que, com o violento solavanco que sofrera no acidente do avião, um velho desvio da coluna chegou ao lugar. Ele nunca mais teve o problema de disco.

“Obviamente”, explicou ele depois, “quando passo muitas horas sentado num avião, o que acontece com frequência, sinto dores como qualquer pessoa. E é por isso que meu médico vive me censurando. Mas quem já sofreu a verdadeira dor na coluna...”

Hoje André cuida de sua horta, joga tênis e, por vezes, até uma partida de golfe.

Os Arquivos da KGB

O Irmão André muitas vezes se perguntava o que

os russos realmente sabiam a respeito de suas atividades na União Soviética e nos países satélites. Ele só teve a resposta depois da *perestroika*.

Após a reunificação da Alemanha, o governo do país editou uma lei que dava a qualquer cidadão o direito de conhecer todas as informações antes consideradas secretas. E ele nos mostrou cópias de documentos que constavam dos arquivos da *Stasi*, o ramo germânico da polícia russa. Deles consta o verdadeiro nome do Irmão André (seu nome em holandês), e a informação de que ele era um “pastor muito rico”, que dava carros de presente para outros. E o pior é que a ficha trazia também suas atividades entre os crentes do lugar, dando o nome e endereço deles. Isso constituía um perigo para esses irmãos com quem tinha contato.

E depois de algum tempo, ele teve maiores confirmações do quanto a KGB sabia a seu respeito. Recentemente participou de um congresso sobre direitos humanos, no qual esteve presente uma delegação russa. A certa altura, André conversou com um ex-general que trabalhara nessa polícia, e ofereceu-se para arranjar-lhe um exemplar do livro *O Contrabandista de Deus*.

“Obrigado. Não precisa, não”, respondeu o homem. “Esse livro era leitura obrigatória na KGB. Quase todos os agentes possuíam um exemplar dele. Sabíamos bem o que você estava fazendo.”

Então foi nossa vez de perguntar.

– Se a polícia secreta sabia tanto, por que não o detiveram? Será que foi porque você, prudentemente, estava sempre mudando seus métodos de ação?

André concordou que, no que diz respeito ao lado humano da questão, sim. Isso foi um fator positivo.

– Contudo, quando olho para trás e penso em tudo aquilo, concluo que a KGB jamais poderia ter nos detido. Eles, literalmente, *não conseguiriam*. Deus “cegava” os olhos deles e os tornava “surdos”, para que seus filhos, que se achavam isolados do resto da igreja, pudessem receber nossa ajuda.

– E como foi, perguntamos, que a polícia secreta conseguira tanta informação?

Inicialmente, André relutou em responder. Os informantes da polícia tinham sido “amigos”, em quem ele confiara. Nisso tudo, porém, estava embutida uma lição importante que ele teria de aprender: o perdão. E ele crê que se trata de uma lição valiosa para todos nós. O que aconteceu foi o seguinte.

André logo ficara sabendo a identidade dos informantes. Ficou profundamente decepcionado e sofreu com o sentimento de ter sido traído. Contudo sua preocupação com a condição espiritual desses homens era ainda maior. Quantos anos eles ainda carregavam esse sentimento de culpa, sem se arrepender? Em várias ocasiões, ele quis visitar esses antigos amigos, estendendo-lhes o perdão. Eles se esquivaram a esses encontros.

– Eles não queriam receber o perdão, explicou André. Mas quando Jesus, na cruz, disse “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”, pedia perdão por gente que não o queria.

Então André insistiu em procurar aqueles homens, e afinal conseguiu vê-los. Confrontou-os, revelou-lhes o que já sabia a respeito deles, e por fim lhes perdoou. Eles não acolheram seu perdão.

– Mas isso é problema deles, concluiu.

Agora sentia o coração mais leve, reconhecendo que fizera o que Deus exigia dele. Com essa experiência, ele compreendeu que nossa obrigação é simplesmente perdoar, por mais difícil que isso seja, e não nos preocupar com o que acontecerá com a outra pessoa.

O Evangélico e o Patriarca Russo

Durante muitos anos, o Irmão André trabalhara contrabandeando centenas de milhares de Bíblias para os países comunistas. Quando o regime soviético ruiu, ele viu aí a oportunidade de enviar exemplares do Novo Testamento, com Provérbios e Salmos, para a Rússia, mas agora

de forma legalizada. Não havendo mais necessidade de fazer isso em segredo, a missão “Portas Abertas” passou a mandar para lá carregamentos de cem mil deles de cada vez, pois era o que um caminhão comportava. Um ano depois, chegaram à capital russa dez desses caminhões. Nessa ocasião, o Irmão André foi a Moscou para entregar pessoalmente ao patriarca Alexey, da Igreja Ortodoxa Russa, o milionésimo exemplar do Novo Testamento.

Então ali estava um holandês de formação protestante, que aprendera a rejeitar todas as formas de hierarquia e cerimônia religiosa, prestes a encontrar-se com o chefe da igreja mais hierárquica e cerimonial de todas.

“Gostei dele imediatamente”, relata André. “Tinha uma barba comprida e grisalha, e usava uma túnica longa e uma mitra branca. Teve para comigo uma atitude muito amistosa e franca. Eu lhe dei dois livros. Primeiro, entreguei-lhe o milionésimo exemplar do Novo Testamento, e depois *O Contrabandista de Deus*. Conversei com ele em alemão, a língua que ambos falávamos. Disse-lhe que tinha esperança de que nunca mais precisássemos contrabandear uma Bíblia para a Rússia.”

E aqui o patriarca disse “Amém”, num tom muito sincero.

“Eu gostaria muito”, disse o prelado, “que fôssemos orar em minha capela particular.”

Em seguida, ele conduziu o Irmão André a uma belíssima saleta, toda adornada de imagens brilhantes, que eles chamam de “iconóstase”.

“Vamos orar o ‘Pai Nosso’, cada um em sua própria língua”, sugeriu o patriarca.

E ali estavam eles, numa capela ortodoxa cheia de jóias religiosas, o patriarca de todas as Rússias e um filho de um ferreiro.

“Creio que aquela cena, por si mesma”, comentou André, “deve ter provocado alguns sorrisos no céu. Contudo o que se passou em meu coração causou júbilo. O patriarca começou a orar em russo e eu, em holandês.

Onze Vader... E numa fração de segundos, algo aconteceu. Assim que eu disse *Onze Vader* (Pai nosso) compreendi, bem no fundo do coração, que, se eu e Alexey tínhamos o mesmo Pai, obviamente éramos irmãos. Expressávamos nosso amor por Deus cada um à sua maneira, mas ambos éramos seus filhos amados. Achávamo-nos unidos para sempre na família divina.”

Isso representou a cura de uma ferida que havia no coração de um crente, infligida ao corpo de Cristo por anos e anos de guerras e dissensões.

Nós gostamos muito de ouvi-lo relatar essa experiência, por razões muito pessoais. É que em todos esses anos que nos relacionamos com o Irmão André, temos tido uma espécie de “disputa amistosa” com ele. Isso se deve à diferença entre a forma de culto de nossa igreja e a da dele. Nós pertencemos a uma igreja episcopal. E muitas vezes, quando ele vai a um de nossos cultos, acha-o muito formal.

“Vocês não têm espontaneidade!” afirma.

E quando nós vamos a uma reunião de sua igreja evangélica, sentimos falta de uma ligação com o passado histórico do cristianismo.

“Vocês não têm senso de história eclesial!” dizemos.

Contudo, no início da década de 1990, André foi ordenado sacerdote numa igreja anglicana do Paquistão, e nós chegamos a “cantar vitória”. Contudo a verdade é que ele não mudara de opinião. Explicou que fizera aquilo apenas para facilitar seu trabalho missionário. Fora uma solução que os crentes dali haviam encontrado para lhe dar maiores oportunidades em seu ministério. Mesmo assim, durante vários meses, ficamos a chamá-lo de “Padre André”.

Entretanto aquele encontro com o patriarca russo foi diferente. Pelo brilho que vimos nos olhos do Irmão André quando nos relatava o fato, entendemos que o que ocorrera ali fora a verdadeira união da igreja, pela qual Jesus orara pouco antes de ir à cruz. É verdade que as formas da fé não eram iguais. A união estava na essência dela. *O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros.*

O Projeto Pérola

O projeto recebeu esse nome por causa da “pérola de grande valor”, à qual Jesus compara o reino dos céus. O objetivo era contrabandear um milhão de Bíblias para a China, numa operação audaciosa.

Quando a missão “Portas Abertas” começou a operar na China, havia ali dois tipos de igreja cristã. O primeiro era o das igrejas aprovadas pelo governo chinês, que eram fiscalizadas pelas autoridades. Foi uma dessas igrejas oficiais que o Irmão André visitou em sua primeira ida a Pequim (hoje, Beijing). O segundo tipo, do qual ele não teve conhecimento nessa breve visita à China, eram as igrejas em lares. Tratava-se de grupos clandestinos, que operavam livremente.

As sementes da fé, que tinham sido plantadas por missionários estrangeiros durante vários anos, não foram tão estéreis quanto o Irmão André havia imaginado em sua primeira análise. Apesar da má fama do Ocidente na região, e a despeito do fato de muitos chineses associarem os cristãos com exploradores, a mensagem universal do evangelho criara raízes por ali. Então a missão “Portas Abertas” começou a enviar Bíblias para as igrejas em lares. A princípio, mandavam poucas para um lugar e para outro. Depois enviaram cerca de mil exemplares de uma vez, e mais tarde, dez mil.

Aí surgiu uma interrogação. Por que essas igrejas em lares queriam receber essas Bíblias contrabandeadas, se, como o Irmão André viu na primeira viagem que fez ao país, havia exemplares delas à venda em livrarias? Ele explicou que, depois que conheceu melhor a situação da China, entendeu que embora um crente pudesse de fato entrar numa livraria e comprar uma Bíblia isso ficava registrado ali. O mesmo acontecia com a assistência às igrejas “oficiais”. Como eles nunca sabiam quando as autoridades poderiam desencadear uma repressão aos cristãos, aos budistas e aos membros de outras religiões, ninguém queria se arriscar a ser tachado de “contra-revolucionário”.

Essas igrejas nos lares dispunham de tão poucas Bíblias que eles as dividiam em várias partes, e as distribuíam entre os crentes para que as memorizassem. Portanto estava claro que esses irmãos precisavam de mais Bíblias.

E de quantas eles necessitavam? O número que deram ao Irmão André refletia a dimensão da igreja cristã clandestina da China. Eles disseram:

“Precisamos de pelo menos um milhão de exemplares.”

E os próprios crentes chineses articularam a maneira como a missão iria entregar tal número de Bíblias. Descobriram uma praia deserta, nas proximidades da cidade de Swatow (hoje, Shantou), onde teriam uma balsa para receber o carregamento. Uma vez em terra, eles estariam ali com um pequeno exército de homens e mulheres que poderiam esconder as Bíblias.

“Então demos início a uma gigantesca operação de contrabando”, narrou o Irmão André.

Escolheram uma publicadora para imprimir as Bíblias, a Thomas Nelson, de Nashville, Tennessee. Compraram uma balsa, a que deram o nome de “Gabriella”, e um rebocador que chamaram de “Miguel”, em homenagem aos dois arcanjos.

“Achávamos que precisaríamos da intervenção celeste para concretizarmos nosso objetivo.”

Então, no dia 18 de junho de 1981, com maré alta em Swatow, puseram na balsa 232 pacotes de Bíblias, cada um pesando uma tonelada, e embalados à prova d'água, e os descarregaram na praia. Ali eles os abriram e distribuíram os livros entre os irmãos que já os aguardavam. A certa altura, o exército chinês recebeu o aviso de que havia um navio estranho naquele lugar. Contudo, quando chegaram àquele ponto remoto da costa, o povo já havia levado a maior parte das Bíblias. Os soldados recolheram as que restavam e as atiraram ao mar.

Dois dias depois, viram-se milhares de livros de capa preta secando no telhado de várias casas de Swatow.

Os Recursos

As operações de dimensões semelhantes à do “Projeto Pérola” envolvem grandes quantias em dinheiro. Esse, particularmente, foi da ordem de sete milhões de dólares. Como é que uma pessoa de origem pobre reage quando tem acesso a recursos de tal monta?

O Irmão André tinha se lançado ao trabalho missionário sem o apoio financeiro de nenhuma pessoa ou organização. Ele cria que já que estava obedecendo a um mandado particular de Deus para ele, o Senhor iria providenciar os recursos.

“Lembro-me de uma ocasião”, recordou ele, “no início de meu trabalho, em que saí para viajar com uma caixa de Bíblias no fusca, e o equivalente a quarenta dólares em dinheiro. E essa quantia era tudo o que tínhamos em casa no momento. Minha esposa insistiu em que eu o levasse para comer na estrada e pôr gasolina no carro. Disse que ela daria um jeito. ‘Deus vai mandar o que preciso’, afirmou. E ele mandou. Sempre tivemos o necessário para nossas necessidades básicas.”

E o Irmão André ainda vive com as “necessidades básicas”. A maneira como ele encara o dinheiro é a melhor possível. Ele e Corrie mantêm o mesmo estilo de vida que tinham quando iniciaram essa atividade. É uma casa, uma horta, um carro adequado, alimentação suficiente e o trabalho de sempre. Todos os cinco filhos, bem como os quatro netos, moram nas proximidades, podendo ir à casa deles a pé.

“O que mais alguém poderia querer?” indaga o Irmão André. “Será que a gente vai gozar mais satisfação, se ficar com uma parte do dinheiro com que lida?”

E é muito bom que André não tenha ficado infectado pelo vírus da ganância. É que ele teria inúmeras oportunidades de enriquecer, aproveitando-se do medo das pessoas.

Durante a “guerra fria”, muitas organizações conseguiram dinheiro dessa maneira. E grande parte dele aca-

bou indo parar no bolso de particulares. O Irmão André opera com base no mesmo princípio que adotou ainda em 1955. Ele não se coloca *contra* nenhuma ideologia; trabalha *por* Jesus. E relata:

“Certa vez o Dr. Norman Vincent Peale me perguntou o seguinte: ‘E se uma organização anticomunista lhe desse uma oferta de um milhão de dólares? O que você faria?’ Respondi que devolveria o dinheiro no dia seguinte.”

E realmente isso já aconteceu uma vez. Ele percebeu que o ofertante estava com motivações erradas.

O Maior Desafio Ainda Está à Frente

O Irmão André tem vencido muitos dos seus desafios. Tem atingido muitos objetivos que antes eram considerados inatingíveis.

“Entretanto”, diz ele, “nosso maior desafio, o maior de todos, ainda está por vir. É assim que vejo o islamismo.”

Quando o Irmão André estava estudando numa escola bíblica, meio século atrás, ele ouviu dizer que noventa e seis milhões de jovens iriam realizar uma marcha em favor de um mundo melhor, sob o regime comunista. E hoje os jovens estão sendo atraídos da mesma forma pelo islamismo. E essa religião está crescendo mais que qualquer outra no mundo, em todas as regiões da Terra, inclusive nos Estados Unidos. Atualmente, nesse país, existem mais muçulmanos do que judeus.

Em algumas cidades, é até difícil entrar numa mesquita, de tão lotadas que estão. No instante em que escrevemos, existem cerca de 2.300.000 mesquitas. E, todos os dias, no momento em que, no alto dos minaretes, soa o chamado à prece, ocorre um total de doze milhões de reuniões. No Cairo, esses templos ficam tão superlotados que a polícia precisa isolar vários quarteirões nas proximidades deles, para que cerca de dez mil pessoas cheguem ali para orar. E o Irmão André se pergunta: “Os cristãos hoje se igualam a esses fiéis?”

“O islamismo possui muitos aspectos que podemos

admirar”, diz ele. “A gente é obrigado a prestar atenção a uma religião que consegue conquistar tantos adeptos.”

Uma das razões disso, explica ele, é o fato de oferecer uma comunidade mais coesa. Eles alegam que essa é a solução para os problemas econômicos e sociais do mundo. Dão ênfase a uma vida mais reta, a comunidades sem álcool nem drogas, valorizando mais as orações, e tendo o pai como o chefe da família.

“Basta pensar nos milhões de muçulmanos do mundo que não são terroristas”, continua André. “São pessoas pacíficas e trabalhadoras. Vamos lembrar dos muçulmanos que estão trabalhando nas favelas, buscando os drogados, os sem-teto e os que sofreram abusos – para os quais, muitas vezes, a igreja nem olha. Cerca de um sexto da população da Terra é constituído de muçulmanos. E pelo que conheço deles, muitos são gente tranqüila, que ficou mal-afamada por causa dos poucos que são terroristas.”

O grande problema, explica o Irmão André, é o ramo extremista do islamismo, cujos líderes exigem uma obediência cega. E, nesse aspecto, essa religião se assemelha bastante ao comunismo. Contudo nem um nem outro é monolítico. Existem muitos lugares do mundo em que seus adeptos são liberais. E há outros em que eles são dogmáticos e totalitaristas. Nas repúblicas da Ásia Central, por exemplo, que antes constituíam a União Soviética – Turcomenistão, Usbequistão, Cazaquistão, Tadjiquistão, Quirguistão – existem grupos fundamentalistas islâmicos que estão lutando para assumir o controle. No Afeganistão eles já o assumiram. As condições que uma ditadura teológica dessas impõe ao cidadão comum são muito semelhantes às do regime comunista. Esses líderes querem controlar toda a vida do indivíduo – corpo, alma e espírito.

“E nesses países há alguns cristãos”, informa o Irmão André. “Não são muitos, mas conseguiram sobreviver sob o regime comunista. E assim que os fundamentalistas assumem o poder, começam a perseguir os cristãos, chegando até a matar alguns. Então compre-

endi claramente que temos aí um desafio maior do que o do comunismo. Um regime totalitário associado a uma religião exerce uma opressão ainda mais cruel. Entendi também que eu precisaria aceitar esse novo desafio. A questão era *como*?”

Ficamos a olhar para ele quase que de fôlego suspenso, esperando a resposta. Será que, nessa nova missão, ele poderia aplicar o princípio de “ressaltar sempre o lado positivo de tudo”? E nosso amigo disse exatamente aquilo que esperávamos que dissesse.

“É claro”, principiou ele, “que eu poderia levantar muito dinheiro, procurando alimentar o medo e o ódio nas pessoas. Mas nunca vou fazer isso. Minha posição não é *contra* o islamismo, mas *a favor* de Jesus.”

Entretanto ele está tendo dificuldade para convencer a outros desse fato.

“Como aconteceu no início de meu trabalho na ‘Cortina de Ferro’”, explica, “a igreja em geral tem tido uma atitude de desesperança e desalento. Muitos acham que todos os muçulmanos são terroristas, que vivem em comunidades fechadas, impossíveis de ser alcançadas...”

E a voz do Irmão André foi morrendo. Começamos a achar que ele devia estar se recordando da época em que parecia totalmente inútil tentar evangelizar os países comunistas. Ali, as portas se achavam fechadas para os de fora, e os crentes viviam se escondendo.

E, de fato, em seguida, André se pôs a fazer um paralelo entre as duas situações.

“Lembra-se de quando fiz a primeira viagem a um país comunista, em julho de 1955? Naquela visita à Polônia, tive uma experiência que me ensinou como vou realizar o trabalho no mundo muçulmano hoje.”

Em Varsóvia, o Irmão André pregara numa igreja batista, falando por meio de um intérprete. Fora seu primeiro sermão na “Cortina de Ferro”.

“O mais importante, porém, não foi a mensagem em si, mas algo que o pastor disse no fim.”

Rapaz, o mero fato de você estar aqui tem mais valor do que muitas palavras.

“Foi uma daquelas afirmações que nos fazem mudar, que transformam a vida da gente”, comentou ele. “Naquele instante, compreendi qual era o meu chamado, o que Deus queria que eu fizesse. E naquela hora nem sonhava onde isso iria terminar. Entendi que minha missão era simplesmente *estar ali*.”

Aquela palavra do pastor de Varsóvia bem como um texto de Mateus 15 acabaram se tornando a diretriz para o trabalho que o Irmão André agora realiza entre os muçulmanos.

“Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me... Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mt 25.35,36,40.)

Percebemos que o Irmão André estava profundamente comovido ao recitar esse texto.

“Está vendo?” indagou ele. “Para podermos dar algo a alguém temos de estar *ali*, ao lado da pessoa. Ninguém pode dar a outrem o que beber, nem roupas, nem visitar um doente ou encarcerado, se não estiver *ali*, junto dele.”

Desde o início do ministério com os muçulmanos, André sempre bate nesta tecla: além de trabalhar, temos de estar presentes. E ele exerce esse tipo de trabalho tanto junto aos moderados como aos fundamentalistas.

“Jesus falou: *Amai os vossos inimigos*”, diz ele, lembrando o mesmo que dissera muitos anos atrás, nesta mesma sala, em nossa casa.

E esse princípio – amar os inimigos – não tem nada de fraqueza ou sentimentalismo. Quando André falava sobre a perseguição que os extremistas muçulmanos impõem aos cristãos, em algumas partes do mundo, a voz dele tinha um timbre de dor.

“Mas quando Jesus disse para amarmos aqueles que nos perseguem”, continuou, “não estava meramente apresentando uma sugestão, mas dando uma ordem.”

Então André adotou como lema um acróstico que ele mesmo criou com a palavra “islã” (*Islam*, em inglês), e que para ele define o sentido de tudo. É o seguinte: *I Sincerely Love All Muslims* (Amo sinceramente todos os muçulmanos). As iniciais de cada palavra da frase formam a palavra *Islam*.

Portanto o plano para a missão “Portas Abertas” estava claro.

“Temos de alcançar os muçulmanos, onde eles estiverem, e atendê-los naquilo de que tiverem necessidade. Se não pudermos comunicar-lhes a mensagem de Jesus pela pregação, vamos comunicar pela vida.

“Todos os países muçulmanos estão com as portas abertas; nenhum deles se acha fechado. Quem quiser trabalhar, vai conseguir entrar em qualquer lugar: em bancos, hospitais, escolas, no campo da tecnologia ou do gerenciamento do tratamento de águas, etc. Vamos enfrentar esse desafio que é o islamismo praticando esse princípio de “estar lá”. Vamos ver centenas, milhares e dezenas de milhares de crentes servindo aos muçulmanos no mundo hoje. Vamos estar ali, silenciosamente, cumprindo o mandamento de Cristo de ir ao mundo todo. Vamos ser representantes dele para todos os povos sofridos da Terra.”

E, na verdade, nem temos necessidade de ir muito longe, como explicou o Irmão André.

“Já existem grandes grupos de muçulmanos em Nova Iorque, Londres, Amsterdã e Berlim, por exemplo. Em nossa rua mesmo, temos enormes oportunidades de praticarmos esse evangelismo que implica ‘estar presente’.”

Em que a missão “Portas Abertas” é diferente de outras organizações? A nosso ver, a diferença está no tipo de liderança que o Irmão André exerce. Sua principal função é cuidar para que o Espírito Santo esteja sempre

no centro da obra. Como ele leva uma vida descomplicada, dispõe de tempo para buscar uma visão mais ampla da situação. Tem tempo para conhecer as perguntas mais importantes e escutar as respostas.

“Obviamente”, explica, “eu não poderia fazer nada disso se não contasse com o resto do pessoal que cuida das chamadas telefônicas e das mensagens pela *internet*. E sou muito grato a todos pelo fato de deixarem que eu fique distante dessas atividades que constituem interrupções ao trabalho.

E o Futuro?

“Isso é o que está se passando no momento”, disse André sorrindo, no momento em que colocava sua mala no carro para ir para o aeroporto.

Iria pegar um avião para a Rússia. Contudo daria uma parada na Holanda, onde sua família se reuniria para comemorar seus 73 anos de idade.

“O futuro será ainda mais empolgante. Vamos iniciar o treinamento desses missionários que vão evangelizar apenas ‘estando lá’, o que é uma arte.”

Um aspecto dessa arte é justamente conhecer a situação de cada local. Em alguns países, a missão “Portas Abertas” tem de ser mais reservada do que em outros. Aí, eles terão de evangelizar pelo exemplo.

Nos outros, a missão tem conseguido operar com maior liberdade. Então tem fundado escolas e orfanatos, tem criado cursos de alfabetização, oferecido assistência médica e ensinado novas técnicas para a lavoura.

“Trabalhamos em parceria com outras organizações. Procuramos indivíduos com conhecimentos e habilitação em vários campos profissionais: nutricionismo, refino de petróleo, rotação de lavoura, tratamento de águas e mecânica de automóveis. Buscamos especialistas nessas áreas, que possam ingressar no universo muçulmano — seja num país do outro lado do mundo ou aqui mesmo em Nova Iorque.”

“E muitos missionários hoje”, observou André, “es-

tão indo para outros países para realizarem trabalhos de curta duração. Sabemos de alguns que se apresentaram para passar breves períodos na Indonésia, em países do norte da África, e em outros lugares onde grande parte da população é islâmica.

“Primeiro temos de conquistar a simpatia deles. Depois podemos apresentar Jesus, talvez até sem dizer nada, apenas com nossos atos. Quando nosso coração está nisso”, concluiu ele, “o trabalho acaba sendo uma gloriosa aventura espiritual. É que, onde estamos, Jesus também está.”

— *John e Elizabeth Sherrill*

ACERCA DOS AUTORES

O *Irmão André* vem de um lar cristão, em Witte, pequena cidade da Holanda. Aos dezessete anos, foi lutar na Indonésia, e a carnificina e crueldade de que ele participou, fizeram-no mergulhar em grande apatia espiritual. Só quando assistiu a uma reunião de avivamento em uma tenda, em um hospital de veteranos, foi que seu zelo religioso se reavivou.

André freqüentou um seminário heterodoxo de leigos, que não dirigia missões regulares, não propiciava sustento, e enviava os diplomados para campos de sua própria escolha. A missão especial do Irmão André foi-lhe revelada sob circunstâncias irônicas. Convidado pelos comunistas para uma concentração da mocidade na Polônia, André ficou conhecendo o isolamento e as necessidades dos cristãos dos países da “Cortina de Ferro”. Desde aquele momento, ele se tornou o “Contrabandista de Deus”, levando as boas-novas do evangelho para território proibido.

John e Elizabeth Sherrill casaram-se em Genebra, Suíça. Durante três anos, viajaram e escreveram por conta própria, depois entraram para o corpo redatorial da revista *Guideposts*, onde têm trabalhado durante os últimos dezesseis anos.

Foi quando estavam a serviço de *Guideposts*, que os

Sherrill conheceram o Irmão André. Suas revelações de atividade evangélica nos países comunistas eram tão emocionantes, e tão interessantes, que os Sherrill convidaram André para ir à casa deles. Ali, durante muitas semanas, reuniram as informações nas quais este livro está baseado. Mais tarde, eles visitaram André em sua casa, na Holanda, e acompanharam-no em uma viagem à Alemanha Oriental.

Os Sherrill, que são primordialmente escritores para revistas, têm escrito artigos para as seguintes publicações: *Seleções do Reader's Digest*, *The Saturday Evening Post*, *Better Homes and Gardens*, *Ladies' Home Journal*, e *Good Housekeeping*.

Escreveram mais livros, entre os quais: *A Cruz e o Punhal* e *Eles Falam em Outras Línguas*.

Recentemente regressaram de um trabalho editorial de um ano na América do Sul, e agora os Sherrill e seus três filhos residem em Chappaqua, Nova Iorque.

A MISSÃO PORTAS ABERTAS

Com a visão de servir à Igreja Perseguida em todo o mundo, a Missão Portas Abertas declara-se um ministério de resistência. Resistência à falta de fé, ao pecado e à perseguição.

Como tudo começou

Era o ano de 1955. André, um jovem evangelista holandês, é convidado para o Festival da Juventude Comunista na Polônia. Ao participar do evento, ele se impressiona com o entusiasmo e a devoção dos jovens poloneses por um credo sem deus. Naquele momento, André ouve o chamado de Deus para servir aos cristãos de países sob limitação e discriminação religiosas, fossem elas oficiais ou informais.

Aquele rapaz holandês iniciou um trabalho solitário, que consistia em atravessar fronteiras comunistas com um fusca azul repleto de Bíblias. Nasceu assim o ministério que hoje é conhecido como Portas Abertas com o Irmão André, ou, simplesmente, Missão Portas Abertas.

Atualmente a sede do ministério é na Holanda, mas possui escritórios de suporte em diversos países, tais como Brasil, Estados Unidos, Suíça e Nova Zelândia. Além disso, a Missão Portas Abertas conta com o apoio de milhares de cristãos de todo o mundo.

Declaração da Missão

Creemos que todas as portas estão abertas e que Deus capacita o corpo de Cristo a ir a todo o mundo e pregar o evangelho. Nós definimos o ministério do seguinte modo:

- Fortalecer o corpo de Cristo que esteja vivendo sob restrições ou perseguição, através da entrega de Bíblias, materiais, treinamento e outros itens.
- Treinar e encorajar o corpo de Cristo em áreas instáveis ou ameaçadas, a fim de preparar os cristãos para enfrentarem perseguição e manterem-se fiéis ao evangelho de Jesus.
- Motivar, mobilizar e educar a Igreja no mundo livre para se identificar e apoiar a Igreja Sofredora, crendo que *“se um membro sofre, todos sofrem com ele”* (1 Co 12.26).

Como participar

Orando: A oração é a maior contribuição que você, como cristão, pode oferecer.

Indo: Você pode fazer parte de uma equipe de mensageiros voluntários.

Contribuindo: Além de orar, você pode participar do trabalho de Portas Abertas sem sair de casa, ajudando a sustentar economicamente o serviço à Igreja Sofredora por meio de doações. Anualmente uma auditoria independente analisa a contabilidade da organização. Caso queira contribuir, entre em contato com o escritório de Portas Abertas.

Contato

Missão Portas Abertas – Brasil

Caixa Postal 45.371 – 04010-970 São Paulo, SP

Telefone: (11) 5181-3330 / Fax: (11) 5181-7525

E-mail: atendimento@portasabertas.org.br

Página de *internet:* www.portasabertas.org.br